

uma chave para a Aurifícia

UMA CHAVE PARA A AURIFÍCIA

Inês Carolina Gonçalves Rodrigues e Ribeiro Soares
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2011/2012
Sob Orientação do Arq.º Camilo Rebelo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, 1

PARTE I CONTEXTUALIZAÇÃO DO LUGAR, 4
. o crescimento associado aos Almadas, 5
. a localização geográfica como fomento da industrialização, 15
. a importância da industrialização para o crescimento populacional, 23
. as ilhas como consequência da falta de infra-estruturas, 31
. as ilhas como prova e vestígio da importância da industrialização, 37
. os vários pólos habitacionais na cidade, 39
. o associativismo como resposta à falta de condições, 43
. as consequências da transladação destas unidades para o exterior da cidade – o abandono do centro, 47
. a preservação destas instalações com duas mais-valias – a preservação da memória; trabalho e habitação continuam a estar relacionados, 51
. Companhia Aurificia no novo bairro burguês da cidade - a abertura da rua Álvares Cabral e a divisão da quinta em quarteirões, 61
. a Aurificia, 67
. Companhia Aurifícia e o seu reconhecimento no bairro, 73
. revitalização das instalações para dinamização da zona: habitação/trabalho, 77

PARTE II REFERÊNCIAS, 85
. da importância e imponência industriais: Matta Clark *vs* Parede branca/estrutura à vista, 87
0 . Nova Iorque como ponto de partida para o interesse no tema, 91
1 . Exposição vs Museu - como uma intervenção de baixo custo pode reabilitar uma zona com tendência ao abandono, 111
1 . Exposição vs Museu – a própria história como justificação para o investimento na preservação da memória física, 123
2 . O aproveitamento e melhoria de espaços devolutos através da ocupação espontânea, 137
3 . Mistura de programas que tiram partido do tamanho elevado das instalações industriais, 145
4 . Um sem número de programas que se inter-relacionam justificam a reutilização de grandes infra-estruturas, 151

ANEXO I DUAS PROPOSTAS GRUPAIS
. a Companhia Aurifícia para a disciplina *Reabilitação de Edifícios*, 161
. objectivos do projecto Aurificiando, 165
. apresentação 2º Projecto, o Masterplan da proposta individual, 183
. como este novo programa trará actividade diária à zona, 191
. a participação das pessoas envolvidas – os donos, os arquitectos, os engenheiros, as associações culturais, 193

ANEXO II UMA PROPOSTA INDIVIDUAL
. a importância arquitectónica do edificado, 197
. intervenção individual, 199
. desenhos rigorosos da proposta individual, 221
. imagens a três dimensões da proposta individual, 227

CONSIDERAÇÕES FINAIS, 237

BIBLIOGRAFIA, 241

CRÉDITOS DAS IMAGENS, 247

AGRADECIMENTOS

Ao Arquitecto Camilo Rebelo, pela sua orientação e confiança ao longo deste ano.
Aos meus pais, irmão e avós, pelo apoio incondicional de sempre e a todas as viagens que sem eles nunca teriam sido possíveis.
À Paola, Pascale, Andrea, Joana e Catarina, pela intensidade com que vivemos este ano, e à Marisa, por tudo.

A estas pessoas especiais e a todos os que me fizeram crescer durante o curso, Obrigada.

. RESUMO

A reabilitação do Património Industrial é um tema com débil e lento desenvolvimento em Portugal. Falando especificamente do Porto, é grande a quantidade de monumentos à era industrial desaparecidos durante a segunda metade do séc. XX. É elevado o número de edifícios icónicos que a cidade deixou desaparecer, substituindo–os, geralmente, por situações que vieram desfavorecê-la na sua vertente arquitectónica e urbanística.
A importância desta perda prende-se com a adjectivação que se dá ao Porto de representante da Revolução Industrial em Portugal, situação que influenciou sobremaneira o crescimento populacional da cidade e, por consequência, as fortes alterações sócio-culturais que ocorreram na época.

> *"O Porto tem um património arquitectónico ímpar em Portugal, nenhuma outra cidade tem uma arquitectura de tão boa qualidade e em tão mau estado de conservação, o que o torna incongruentemente num paradoxo de riqueza e pobreza."*[1]

Culpa-se a conjectura económica actual desta situação, mas a história mostra que já há mais de meio século é comum descurar o antigo e construir novo em terrenos de uma cidade que funcionava com fábricas e bairros a elas associados. Eram a força económica, cultural e social da cidade. Hoje as ruínas são tantas e de tal modo destruídas que já não se adivinha na cidade o que um dia a sustentou e a fez crescer.

Com a vontade de procurar a preservação do património industrial como tema relevante na arquitectura e entendendo a questão social deste tema no Porto, escolheu-se como objecto de estudo uma fábrica do séc. XIX no centro da cidade, com actividade cessada há quase 6 anos e uma consequente degradação galopante das instalações. O valor do património torna a sua venda quase impossível na actualidade. E ainda bem.
Nas proximidades destas instalações abundam serviços públicos e comércio o que viabiliza a sua abertura à comunidade como primeiro passo para a preservação do património.

O objectivo final e a conclusão a que se espera chegar, é a de como tornar um espaço privado económica, cultural e socialmente vantajoso para a comunidade, sendo esta constituída pelas pessoas beneficiárias do usufruto directo do espaço, pela vizinhança ou mesmo pelos habitantes da cidade.

1 Excerto presente numa fonte de material fotográfico (http://ruinarte.blogspot.com/) relativo ao abandono patrimonial em Portugal1 que expressa a urgência na recuperação deste património.

. ABSTRACT

The subject of rehabilitation of Industrial Heritage sites in Portugal has had a weak and slow development. Porto has bared witness in the second half of the 20th century to the disappearance of many industrial era monuments. The city left to abandonment a high number of iconic buildings while generally replacing them with projects that degrade its architectural and urban matters.
This loss relates to Porto as representative of the Industrial Revolution in Portugal, a situation that greatly influenced urban population growth, and subsequently the strong social changes at the time.

> *"Porto has a unique architectural heritage in Portugal, no other city has buildings of such good quality and in such bad condition, making it incongruously in a paradox of wealth and poverty."*[1]

We may blame this on the conjecture of the current economic situation, but history shows that for more than half a century it has been common to neglect the old and build from scratch in a city that was born from factories and their associated neighbourhoods. These factories were the city's economical, cultural and social strength.

With the will to seek the preservation of industrial heritage as a major subject in architecture, and to understand the social matter in how it relates to Porto, an object of study was chosen. This was a 19th Century factory in the city centre whose activity ceased almost six years ago and has suffered a consequent degradation of its facilities. Thankfully, the value of the property makes it almost impossible to be sold these days.
Around this building there are a lot of public services and shops that enable its openness to the community as a first step towards the preservation of heritage.

The aim and final conclusion expected to be achieved is how to make a private space into something economically, culturally and socially beneficial to the community, consisting of those directly receiving its rents, the neighbourhood and even by city dwellers.

1 Excerto presente numa fonte de material fotográfico (http://ruinarte.blogspot.com/) relativo ao abandono patrimonial em Portugal1 que expressa a urgência na recuperação deste património.

. INTRODUÇÃO

Numa cidade e país onde a arquitectura é uma disciplina reconhecida internacionalmente pela sua elevada qualidade, é irónica a reacção de quem visita Portugal – como pode o Porto (e Lisboa) estar aparentemente tão abandonado? Que regras existem contra os proprietários para proteger o património arquitectónico deste tipo de desastre social? Aos poucos a baixa portuense vai-se "refazendo", esquecendo as clarabóias e os detalhados estuques do interior das casas; preservando fachadas que pouco interesse apresentam em comparação com as caixas de escadas construídas com madeiras geralmente ricas; os miolos dos quarteirões desaparecem em favor de novas noções de espaço necessário e de praticabilidade de acessos. O público alvo é aquele que talvez participe numa melhoria económica de um sector da cidade, a curto prazo, mas que pouco ajudará no seu desenvolvimento urbano e social. Os perigos inerentes a uma cidade de luxo são os mesmos de um bairro fantasma devido à exigência de privacidade dos seus moradores. Perder-se-á assim, e lamentavelmente, a autenticidade da zona histórica do Porto como centro para o seu povo.

> "*O Porto conservou sempre alguns ingénuos costumes provincianos, e Deus queira que nunca os pérca para não destinguir o pinturesco da tradição.*"[1]

A ocupação do centro da cidade do Porto está associada a um forte êxodo rural durante o séc. XIX para as cidades em busca de trabalho e consequente melhoria da qualidade de vida. Era a indústria que apelava a este movimento, e o seu crescimento consequente foi tão rápido que impediu as cidades de efectuarem o devido planeamento. No Porto os bairros operários foram chamados de ilhas, espaços que ficaram na memória colectiva como antros de doenças, criminalidade e más condições de vida generalizadas.

> *"(...) A população das ilhas vivia num outro mundo em relação à cidade burguesa e comercial e como estavam escondidas da cidade logo foram chamadas de "Ilhas" (...) Por isso não é de estranhar que alguns autores considerem as ilhas como o subconsciente do Porto e nelas apesar da pobreza sórdida (ou por causa dela) se tenham criado laços de solidariedade social entre os seus habitantes que ajudaram a minorar as condições humilhantes de existência."*[2]

1 PIMENTEL, Alberto, *Memorias do Tempo de Camillo*, ob. cit., Pg. 55, in FARO, Rute Santos de Castro Lopo e, *O Porto na berlinda, Memórias de Alberto Pimentel*, Dissertação de Mestrado em Literaturas Românicas apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Fevereiro 2005, Pg. 46

2 SILVA, César Santos, *As Ilhas do Porto*, texto cedido na palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Existem, no entanto, casos de uma memória positiva relacionada com este acontecimento, como se vê na tranquila e prazeirenta comunidade do bairro Alexandre-Herculano. Este bairro, como outros pela cidade, foi construído para alojar trabalhadores. Chamamos-lhes ilhas, generalizando, mas algumas destas são bairros operários construídos para dar qualidade de vida a estes imigrantes rurais, colocando-os perto do seu local de trabalho. Analisando a quantidade de bairros dos quais temos conhecimento, onde estão as respectivas fábricas/unidades de produção?

Esta questão do alojamento para operários que tanto caracteriza o urbanismo da cidade mereceria coexistir com a memória da razão da sua existência. Grande parte dos edifícios que um dia funcionaram como fábricas já não existem no Porto, tendo sido substituídos na sua maioria por novos empreendimentos de habitação a partir dos anos 80 do séc. XX. Perdas grandes que entristecem quem habitou o Porto industrial.[3]

Os poucos exemplares dessa memória existentes estão abandonados, ainda que nas margens do rio Douro já se invista em habitação de luxo a ocupar edifícios que um dia aproveitaram a força da água e a localização geográfica estratégica para funcionar como unidades de produção industrial (Edifício *Douro's Place*). Há também distribuídos por toda a cidade armazéns que um dia foram pequenas unidades de produção típicas do Porto, hoje utilizados para espaços de *co-working* (*Opo-lab*), eventos (*Lofte*) e exposições (*604*). No entanto, aqueles que um dia foram os maiores centros de produção são ruínas ou para isso caminham. A informação apresentada e relativa a estes locais deve-se sobremaneira ao Historiador César Santos Silva que, na palestra Património Industrial no Porto, em Novembro de 2011, disse considerar necessária a partilha do conhecimento, passando, em seguida, toda a informação que possuía no momento sobre esse Porto a ele tão familiar. Esta conferência e a respectiva informação foram a confirmação de um mito – o Porto já foi uma cidade demarcadamente industrial.

Assim, tanto em termos arquitectónicos como históricos a perda é incalculável: estando estes edifícios localizados no interior da cidade, nunca foram simples armazéns mas sempre houve algum cuidado na sua estética, o que me leva ao objecto de estudo: as instalações da Companhia Aurifícia. Edifícios presentes no interior do quarteirão delimitado pela rua dos Bragas e pela rua Álvares Cabral, na freguesia de Cedofeita, Porto, é a entrada pela rua dos Bragas que tanto mistério envolve ao apresentar as portas fechadas há 6 anos. Conhecer o seu interior é como entrar num livro de fantástico.

3 Na palestra *Património Industrial no Porto*, realizada pelo Historiador César Santos Silva no Museu Militar do Porto em Novembro de 2011, uma senhora dirigiu-se a mim de forma emotiva comentando a tristeza sentida ao ver destruídas todas estas instalações. O motivo é serem estes edifícios os representantes do que fez crescer a sua freguesia, Bonfim, e deu trabalho à sua família e vizinhos: a indústria.

4 Edifício *Douro's Place*, uma reconversão do antigo Armazém Frigorífico na marginal norte do rio Douro, da autoria dos Arquitectos Carlos Prata e Rodrigo Coelho.

> "*Estes espaços quase nos dizem o que querem ser no futuro ou pelo menos durante este pequeno período de tempo, enquanto estão assim abandonados e esquecidos.*"[5]

Ao longo do ano desenvolvi com um grupo de colegas/amigos duas possíveis técnicas de preservação desta memória de finais do séc. XIX através da ocupação dos seus espaços. Uma que comprovava a possibilidade de o fazer sem outro investimento que a vontade dos intervenientes. Outro a pressupor um retorno do investimento monetário feito na possível compra destas instalações.
Estas duas vertentes têm em comum o objectivo final: preservação através do uso diário e quotidiano do que representa uma memória colectiva daquilo que mais caracterizou o crescimento do Porto como o conhecemos hoje – a Indústria. Com esta dissertação procuro entender e investigar as várias formas de o atingir, quer pelo entendimento da cidade onde se inserem as instalações, quer pela recolha de exemplos semelhantes como referência e fundamento.

5 SONZOGNI, Chiara, Entrevista efectuada pela equipa do (PARÊNTESIS) à arquitecta relativa ao seu projecto *reTornáveis, de* realização de hortas comunitárias em ruínas, Porto, 2011

PARTE I

CONTEXTUALIZAÇÃO DO LUGAR

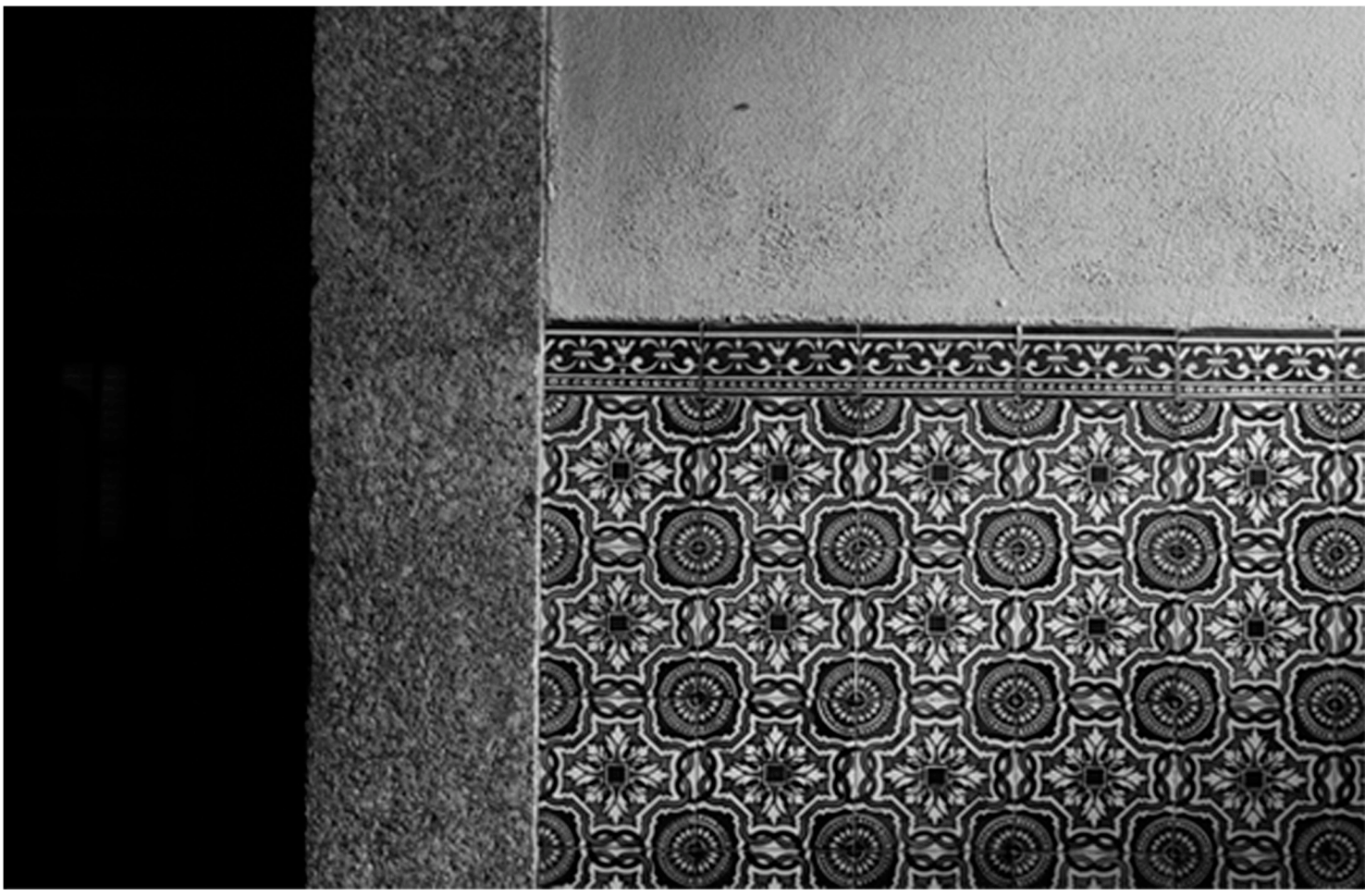




Fig. 1 - A ponte das barcas (1806), palco de uma das maiores tragédias da cidade, a Tragédia da Ponte das Barcas, onde cerca de 4 mil pessoas morreram ao fugir das tropas napoleónicas na direcção sul. Aqui foi construída mais tarde a ponte pênsil, que veio a ser substituída pela actual ponte Luiz I, represen-tante ir-repreensível da capaci-dade metalúrgica da cidade e comprovativa da sua tardia, ainda que nacionalmente impor-tante, industrialização[1]



Fig. 2 - Esta "Planta Redonda", desenhada por George Balck em 1813, é uma das primeiras plantas da cidade reconhecidas actualmente.
Indica já as vias de crescimento pós-Almadas, o sentido de crescimento que a cidade naturalmente tomou e que foi assumido pelo seu urbanismo. Esse crescimento que deu origem ao Porto com os limites actuais, foi consequência da aproximação dos seus diferentes povoados

. o crescimento associado aos Almadas

Conhecer e entender as origens da cidade do Porto mostrou-se sobejamente relevante para a execução deste trabalho. Sendo o seu tema o da preservação e respeito pela memória, assim como o entendimento da história como algo que se repete e que prova as necessidades e desejos do ser humano, entender o crescimento urbano da cidade tornar-se-ia quase uma bengala essencial para sustentar sugestões programáticas e de sentidos de desenvolvimento.

Sabe-se que a cidade, como muitas outras da Península Ibérica, já era base de assentamentos Romanos, Suevos e Visigodos aquando das Invasões Árabes, em 711. Já no séc. XIX, encontram-se documentados "dois pólos em formação, umbilicalmente unidos pelo traço inicial da via romana"[1] que vemos definidos até aos dias de hoje e que são ainda essenciais na definição e divisão da cidade por áreas e respectivos programas, com adaptação à actualidade. Formação herdada e notória ainda nos dias de hoje, o Porto está dividido entre a cidade baixa consolidada e a alta que continua à procura de métodos e motivos para crescer.

É na Reconquista Cristã que se encontra a origem das freguesias da cidade, pois aqui foi fomentada a "criação de novos e pequenos focos urbanos que estão, aliás, na origem da larga maioria das freguesias do noroeste português"[2], sendo que, no caso específico do Porto, "algumas remontavam já à época romana; outras, como Nevogilde, Ramalde, Gondarém, Requesende, Contumil, Godim, constituem topónimos de raiz germânica; de outras ainda, vestígios arqueológicos testemunham a sua existência nos sécs. IX-X, como é o caso de Cedofeita e Miragaia, ou mesmo construções datáveis, como sucede na igreja de Aldoar, fundada em 944."[2]

São estas origens da cidade que permitem imaginá-la como uma área de "caminhos e azinhagas" [3] entre distintos e pequenos povoamentos, onde "percursos atravessavam então áreas ainda agrícolas que a toponímia arcaica refere como matas, hortas e pomares, como pode depreender-se de algumas designações contemporâneas: Carvalhos do Monte, Souto, Olival, Faval, Loureiro, Hortas e Vimial".[3] Estes percursos explicam o seu

1 BROCHADO, José, fonte e mentor do projecto (PARÊNTESIS) no que respeita a histórias e mitos da cidade do Porto nos anos 2011 e 2012, Maio 2012

2 "desenvolvendo-se o burgo baixo numa perspectiva portuária e comercial e assumindo o núcleo alto, não só um carácter religioso como também um valor de posição, que os tempos que se avizinhavam justificariam plenamente." FERRÃO, Bernardo José, *Projecto e Transformação urbana do Porto na Época dos Almadas, 1758/1813, Uma contribuição para o estudo da cidade pombalina*, Porto, FAUPpublicações, 1997, Pg. 133

3 FERRÃO, Bernardo José, *Projecto e Transformação urbana do Porto na Época dos Almadas, 1758/1813, Uma contribuição para o estudo da cidade pombalina*, Porto, FAUPpublicações, 1997, Pg. 133



Fig. 3 - Gravura do Porto. Muralha do séc. XIV (fernandina)

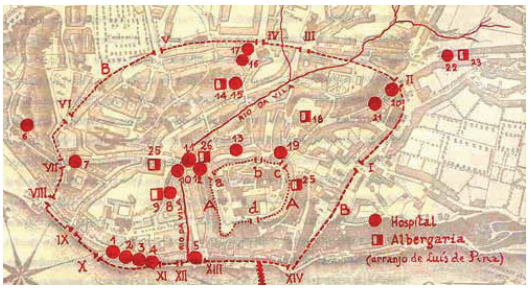


Fig. 4 - Representação das muralhas do séc. XII e XIV no Porto.

Uma planta da muralha chamada fernandina por ter sido concluída no mandato de D. Fernando apresenta as suas portas. A do Olival é o número V e a das Virtudes o número VI. A referida zona da Sé está no interior da muralha do séc. XII representada na imagem com a letra A.

crescimento natural onde, a determinado momento, as fronteiras destes núcleos se encontraram dando origem à cidade como a conhecemos hoje. É aí que se dá a necessidade de intervir.

No século XIII o "interior do burgo fortificado"[4] vê a sua construção densificada e a movimentação de bens e pessoas implica uma estrutura prática de acordo com a relação entre este e os núcleos exteriores em crescimento. O espaço público torna-se necessaria-mente mais amplo e mais inter-relacionado do que o privado e aparecem questões urbanísticas até aí pouco relevantes, com uma "expansão certamente caótica face ao significativo aumento populacional verificado na cidade entre o século XIII, estimado em 3 ou 4 mil pessoas, e o início do século XV, (...) entre as 8 mil e quinhentas e as 10 mil almas".[4]

O Porto como o conhecemos hoje é consequência de variadas e muitas vezes descontínuas intervenções urbanísticas por parte dos governadores da cidade e, pontualmente, do país. Como é sabido, D. Dinis dirige-se ao Conselho da cidade, em 1316, com "indicações normativas relativas à urbanização do aglomerado e reconhece da necessidade de o domínio público prevalecer sobre o privado" [5], o que demonstra uma preocupação emancipada pelo crescimento da mesma que já parecia afirmar-se como o centro comercial do país.

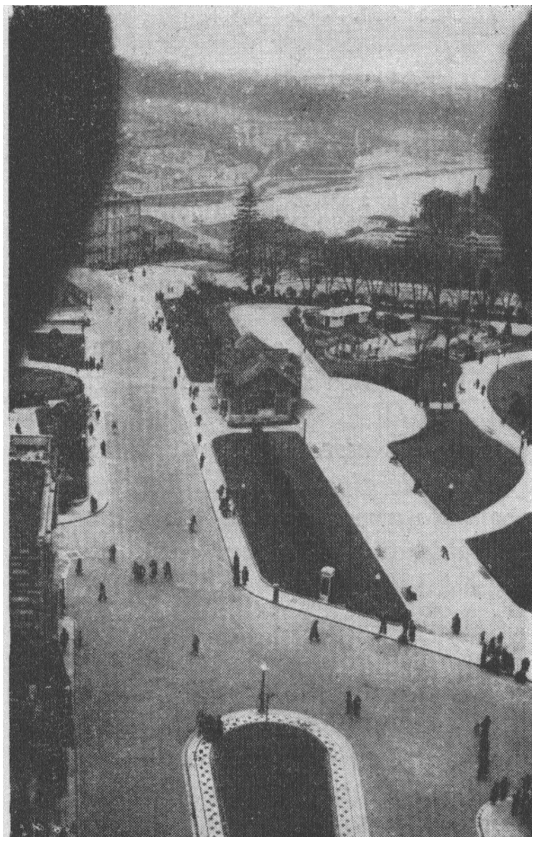
Esta origem da cidade é ainda perceptível tanto pela posição da Sé – a Catedral, um monumento representativo *per se* dos centros e origens históricas das cidades – como pelas próprias características arquitectónicas do espaço público e privado do centro histórico da cidade. Da mesma maneira que se reconhece no verde escurecido do mapa turístico da cidade qual é a localização do seu centro, isso é perceptível no local com a transição entre a cidade "nova" e a cidade intramuros, onde o tamanho e morfologia das ruas e casas se reduz exponencialmente, acusando a muralha que aí um dia existiu. A zona compreendida entre os locais onde existiam a Porta do Olival e a Porta das Virtudes é disto comprovante, já que possui ainda edifícios identificativos de diferentes épocas de intervenção. Ao mesmo tempo, o facto de a cidade consolidada se abrir repentinamente nesta zona a um amplo espaço de praça e jardim, Cordoaria, indica um planeamento de espaço público precoce para a época, já que "no Olival, no século XII fora já estabelecida uma cordoaria, com a criação de um rossio". [5] Esta zona da cidade é relevante para o tema pois é na sequência do seu crescimento que se encontra o objecto de estudo desta dissertação.

4 FERRÃO, Bernardo José, *Projecto e Transformação urbana do Porto na Época dos Almadas, 1758/1813, Uma contribuição para o estudo da cidade pombalina*, Porto, FAUPpublicações, 1997, Pg. 137

5 FERRÃO, Bernardo José, *Projecto e Transformação urbana do Porto na Época dos Almadas, 1758/1813, Uma contribuição para o estudo da cidade pombalina*, Porto, FAUPpublicações, 1997, Pg. 138







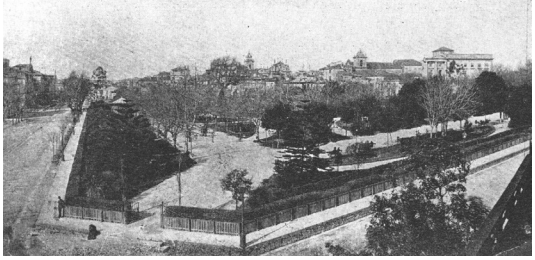


Fig. 5, 6, 7, 8 - Imagens cedidas pelo Historiador César Santos Silva.

São provavelmente a mais antiga documentação do espaço da Cordoaria e datam de 1866/67.
Duzentos anos depois dos planos iniciais, este espaço não se assemelha de forma alguma com uma Plaza Mayor madrilena mas é já o espaço público que se reconhece actualmente.

A cidade cresceu rapidamente após o séc. XIV, data da construção desta muralha, e nos testemunhos deste crescimento vê-se ter existido sempre para este lugar algum tipo de planeamento e orientação no crescimento - " (...)em 1527 (...) cerca de 15 mil almas (...) sobretudo pela criação de novo e importante pólo de desenvolvimento urbano intramuros localizado na desocupada eminência da Vitória".[6] Na sequência desta zona encontra-se o na época chamado Morro do Olival que, anos mais tarde, foi visto por quem de dever como perfeita localização para algo indicador indubitável de crescimento, desenvolvimento e planeamento, uma Plaza Mayor a fazer a rótula entre esta referida cidade consolidada e a cidade nova, a crescer em direcção ao norte da cidade. "Desde 1691, conversações entre a Câmara e a Sé (sobre um) amplo terreno sito a norte das muralhas entre as portas dos Carros e do Olival, a fim de ali se executar novo núcleo urbano (...) com que o Bispo-Governador sonhava, para realizar uma praça digna 'de rivalizar com o Plaza Mayor de Madrid'"[7]

O séc. XVII apresenta-se já com um crescimento populacional e urbanístico elevado, como se entende pelo referido anteriormente, devido ao trato comercial após a expansão para África, Índia e Brasil, quando "o país e o Porto atravessam um período de desafogo económico acentuado-se por outro lado, o papel da cidade como rótula comercial com o norte europeu".[8]

No século seguinte, este crescimento vai encontrar um maior reconhecimento e consequente intervenção por parte das autoridades competentes. A cidade não cresceu espontaneamente como se poderia imaginar, mas foi adaptada a uma tipologia difícil. Não se espalhou, também, mas cresceu apropriando-se das pequenas povoações ou povoamentos existentes à sua volta, correspondentes actualmente às distintas freguesias, de forma a alojar "as 30 mil almas em 1732, duplica(ndo) esse valor em 50 anos atingindo em 1781 (...) 60 mil habitantes".[9]

A fase dos Almadas corresponde já a este século XVIII, da cidade a crescer de forma descontrolada em termos populacionais mas com uma supervisão consequente nas questões urbanísticas. Se Lisboa foi construída de raiz após um grave e trágico terramoto, o Porto sofreu com isto duas consequências em seguida descritas que apresentam entre si uma dicotomia. A par com o crescimento comercial e económico que se viu acontecer na cidade em consequência do desastre na capital, a questão urbanística não pôde aqui ser posta como em Lisboa. Assim, qualquer intervenção implicaria a demolição de algo existente, quer de bens materiais quer da história comum às pessoas da cidade.

6 FERRÃO, Bernardo José, *Projecto e Transformação urbana do Porto na Época dos Almadas, 1758/1813, Uma contribuição para o estudo da cidade pombalina*, Porto, FAUPpublicações, 1997, Pg. 146

7 FERRÃO, Bernardo José, *Projecto e Transformação urbana do Porto na Época dos Almadas, 1758/1813, Uma contribuição para o estudo da cidade pombalina*, Porto, FAUPpublicações, 1997, Pg. 154

8 FERRÃO, Bernardo José, *Projecto e Transformação urbana do Porto na Época dos Almadas, 1758/1813, Uma contribuição para o estudo da cidade pombalina*, Porto, FAUPpublicações, 1997, Pg. 144

9 FERRÃO, Bernardo José, *Projecto e Transformação urbana do Porto na Época dos Almadas, 1758/1813, Uma contribuição para o estudo da cidade pombalina*, Porto, FAUPpublicações, 1997, Pg. 185



Fig. 9 - Planta do Porto e suas vizinhanças, mostrando as Linhas do Cerco (Arquivo Histórico Municipal do Porto)

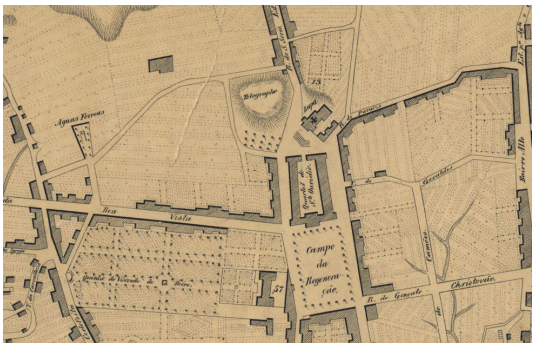


Fig. 10 - Boavista, Campo de Santo Ovídio, Séc. XIX
Legenda:
19 - Cemitério da Lapa
57 - Palácio Visconde de Beire



Fig. 11 - Vista geral do Campo de Santo Ovídio (actual Praça da República) no séc. XIX

Na segunda metade do século XVIII, o Marquês de Pombal exige por carta a demolição dos edifícios necessária para a execução de rasgamentos, ainda que contra a vontade dos proprietários, para facilitar relações entre os vários pontos da cidade. Tal como D. Dinis, o público impera sobre o privado, mas conta a história que o Marquês terá sido mais intransigente como se reconhece nos detalhes da perseguição aos Távoras.

> "Instrumento importante da acção pombalina do norte, conhecedor da complexa situação social da cidade e interessado no seu desenvolvimento e modernização, (...) Almada e Melo funda em 1758, sob a égide do Marquês de Pombal, e um ano antes da Casa do risco lisboeta, a Junta das Obras Públicas do Porto, organismo encarregado de pôr em prática os novos programas urbanísticos. (...) os trabalhos urbanos portuenses tenderem a antecipar-se às reais necessidades da cidade, uma vez que não decorrem, em geral, duma prosperidade já atingida pela urbe, pautando-se mais a acção da Junta pela criação de condições urbanísticas potencializadoras dum desenvolvimento futuro (...); assim se compreende (...) uma certa impopularidade dos programas almadinos."[10]

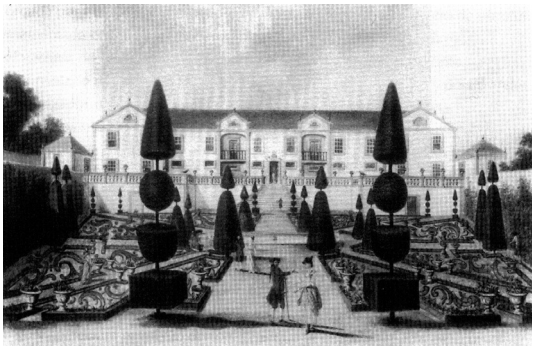
Com métodos como este foram efectuadas alterações na cidade sob a forma de novas ligações viárias a Braga, Guimarães e Penafiel, e também Foz e Bouças. Sendo estes rasgamentos reconhecidos na planta actual da cidade pela sua dimensão e importância como a rua do Almada, foi esta a primeira a ser aberta sendo a representante d'"o Porto almadino (que) resulta, como se disse, da coerência da política pombalina (...) integrando necessidades sócio-económicas e concepção urbana".[11]

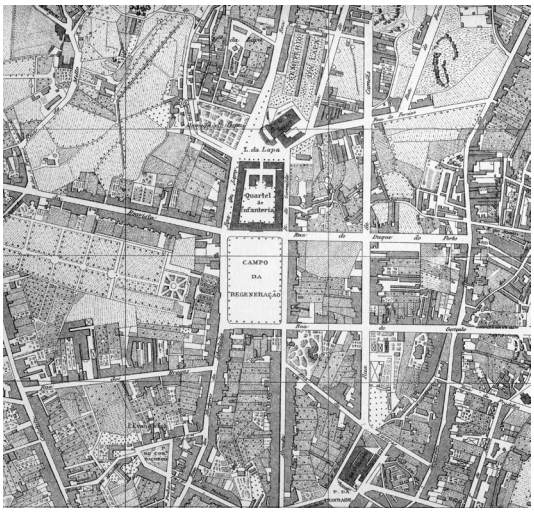
A rua do Almada, terminada em 1764, funciona como "elemento estruturador desta primeira fase de expansão" até ao Campo de Santo Ovídio, actual Praça da República e entretanto Campo da Regeneração, aberto em 1763 e limite Este da Quinta de St.º Ovídio (em 1833 esta já teria sido apelidada de Quinta de St.º Ovídio, da Boavista, dos Pamplonas e, mais tarde, dos condes de Resende)[12], que servirá de terreno para as instalações da Companhia Aurifícia após a sua divisão em lotes para a sociedade burguesa portuense.

10 FERRÃO, Bernardo José, *Projecto e Transformação urbana do Porto na Época dos Almadas, 1758/1813, Uma contribuição para o estudo da cidade pombalina*, Porto, FAUPpublicações, 1997, Pg. 187

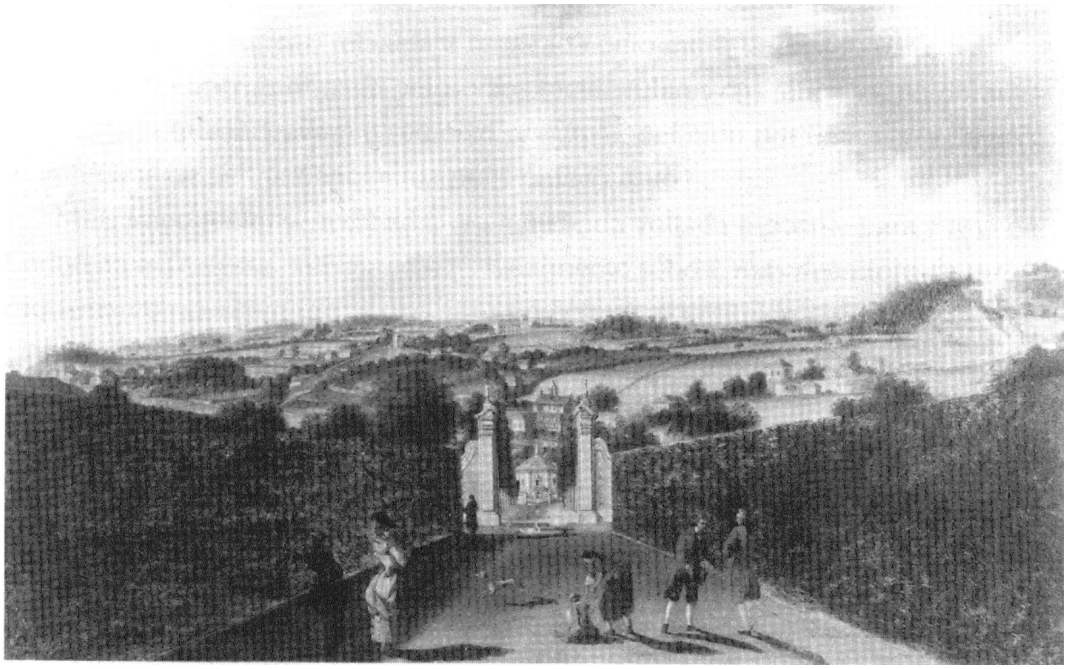
11 FERRÃO, Bernardo José, *Projecto e Transformação urbana do Porto na Época dos Almadas, 1758/1813, Uma contribuição para o estudo da cidade pombalina*, Porto, FAUPpublicações, 1997, Pg. 195

12 Pires, Maria do Carmos Marques *(Com)passos num espaço de nós.* A Rua Álvares Cabral*, *Revista da Faculdade de Letras CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO,* I Série vol. III, Porto, 2004, Pg. 217-235





Figs. 12, 13, 14 - A Quinta de Santo Ovídio no séc. XIX, antes da demolição da casa.
Na imagem inferior é notória a paisagem rural que a freguesia possuía



> "(...) em 1782, inicia-se o último eixo de desenvolvimento radial da urbe, pelo estabelecimento da rua de Cedofeita, sita a poente da rua dos Mártires da Liberdade, e que estabelecerá um novo acesso a Vila do Conde e Barcelos, dando continuidade a um percurso que interligava a porta e a alameda do Olival às praças do Carmo e de Carlos Alberto; o seu traçado apenas previsto inicialmente até à Torrinha, foi posteriormente ampliado por Almada e Mendonça."[13]

Transversalmente, dá-se a abertura da rua da Boavista (1784) e, posteriormente, da Gonçalo Cristóvão. O objectivo é o de unificar os novos eixos da cidade, constituídos pela rua de Cedofeita e rua de St.ª Catarina e, consequentemente, "os bairros de Sedofeita, Santo Ovidio e Bonjardim."[14], o que adivinha futuros eixos responsáveis pela definição final do quarteirão aqui em estudo e do interesse por parte dos fundadores de instalações industriais no seu interior. É importante realçar que além dos percursos terrestres que o valorizam, também o curso subterrâneo do fornecimento de águas da cidade passa nesta área, desde Arca d'Água até aos pontos de distribuição do centro da cidade.

> "Os bairros 'aformoseados' (foram) ocupados pela classe média, constituída essencialmente pelos comerciantes e industriais, que originaram 'aglomerados de habitações aprazíveis, elegantes e saudáveis, nos bairros modernos da Boavista, Carreiros, Duque de Bragança, Álvares Cabral, Santa Catarina (...)', associados à abertura de novos arruamentos, decorrentes de planos de expansão urbana promovidos pela Câmara, os quais disponibilizavam assim solo urbanizável (...). Acrescente-se ainda que tipos de intervenções urbanísticas semelhantes (fora das muralhas) tinham já ocorrido na cidade quando os Almadas se encontravam à frente da Junta de Obras Públicas, como por exemplo o projecto que se fez na sequência da abertura da Rua do Almada e que originou o Bairro dos Laranjais."[15]

13 FERRÃO, Bernardo José, *Projecto e Transformação urbana do Porto na Época dos Almadas, 1758/1813, Uma contribuição para o estudo da cidade pombalina*, Porto, FAUPpublicações, 1997, Pg. 210

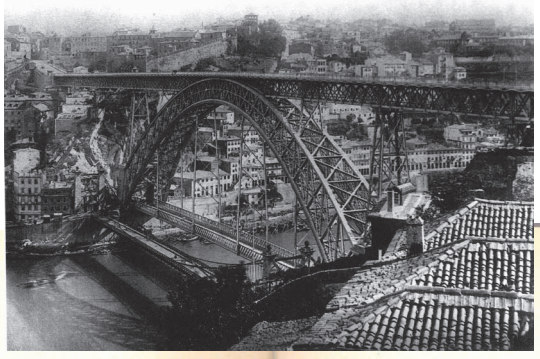
14 FERRÃO, Bernardo José, *Projecto e Transformação urbana do Porto na Época dos Almadas, 1758/1813, Uma contribuição para o estudo da cidade pombalina*, Porto, FAUPpublicações, 1997, Pg. 212

15 MATOS, Fátima Loureiro de, *Os bairros sociais no espaço urbano do Porto: 1901-1956, Análise Social, vol.xxix (127)*, Porto, 1994, Pg. 677 - 69



Fig. 15 - Gravura da Ponte das Barcas pelo Barão de Forester





Figs. 16, 17 - A ponte pênsil existiu de 1842 a 1896. Foi construída no local da desaparecida Ponte das Barcas e paralela ao espaço que albergaria a Ponte Luiz I. Os pilares da portagem existente na sua entrada ainda se encontram no local

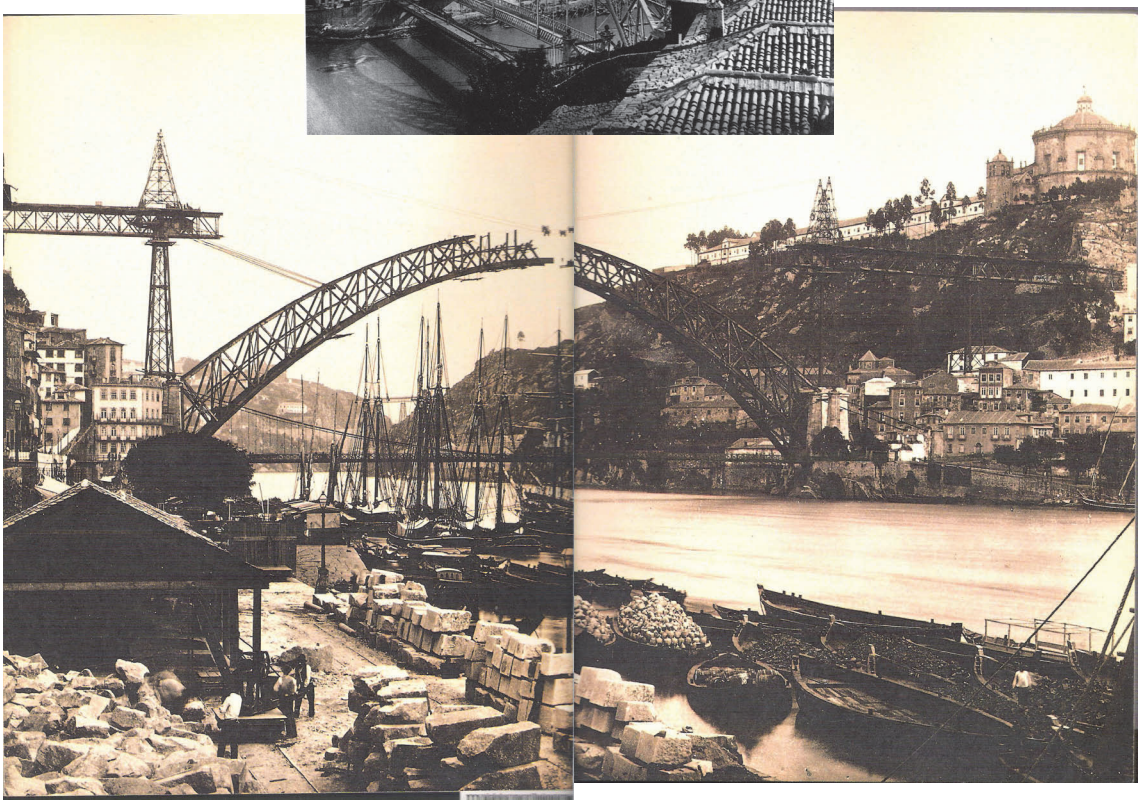


Fig. 18 - A ponte Luiz I foi construída em 1881 pelo engenheiro belga Teófilo Seyrig, que colaborou previamente com o escritório de Gustave Eiffel (sendo a autoria da ponte pontualmente e de forma errónea atribuída a este). A sua monumentalidade e a técnica da sua construção fazem desta um dos *ex-libris* dessa cidade um dia industrial, o Porto.

. a localização geográfica como fomento da industrialização

"A originalidade económica do Porto, além de derivar do seu crescimento oitocentista, da sua autonomia financeira e do esforço de independência relativamente a Lisboa, assenta nas relações especiais com o mercado inglês, com a colocação no Brasil dos seus produtos industriais, por este quase completamente absorvidos." [16]
Apesar de ser, como sempre foi, a segunda cidade portuguesa em termos de população e de produção (menor número de unidades industriais), o Porto é extremamente marcado por uma indústria que o fez desenvolver. Isto vem desde uma época mercantilista em que o crescimento da cidade desde o morro da Sé até à muralha Fernandina, concluída em 1370, e para fora dos seus limites no sentido oeste, onde se encontra o Monte dos Judeus, era apoiado e justificado pela relação com o rio no desenvolvimento da actividade comercial. Já "diziam os portuenses em 1466, 'a Cidade não são os muros nem as casas, mas a gente', que era como se dissessem: o Porto entende-se no comércio e na indústria."[17]

Se durante muito tempo o Porto era uma cidade dividida entre a Monarquia e o Clero, o crescimento económico do país ao longo destes dois séculos obrigou a cidade a descer do alto da Sé onde se encontrava protegida até à beira-rio: "(...) o caminho da Europa rica passava pela barra do Douro. O Douro-faina-fluvial de sempre desdobrara-se em faina marítima. De modo que o Porto desceu ao rio."[17]
A localização estratégica no ponto de encontro entre o Oceano Atlântico e o largo rio que atravessa o Norte do País – o Douro – fazem deste lugar um natural ponto de fixação para comerciantes e produtores desde sempre, já que assim facilmente escoam os seus produtos. "(...) o progresso prende-se directamente ao fomento viário, ao lançamento dos caminhos de ferro, etc. O Porto tira partido das vantagens da revolução dos transportes, virando-se, outrossim, para a civilização".[18]

16 RAMOS, Luís A. de Oliveira, *História do Porto*, 3ª Edição, Porto, Porto Editora, 2000, Pg. 35

17 RAMOS, Luís A. de Oliveira, *História do Porto*, 3ª Edição, Porto, Porto Editora, 2000, Pg. 124

18 RAMOS, Luís A. de Oliveira, *História do Porto*, 3ª Edição, Porto, Porto Editora, 2000, Pg. 33

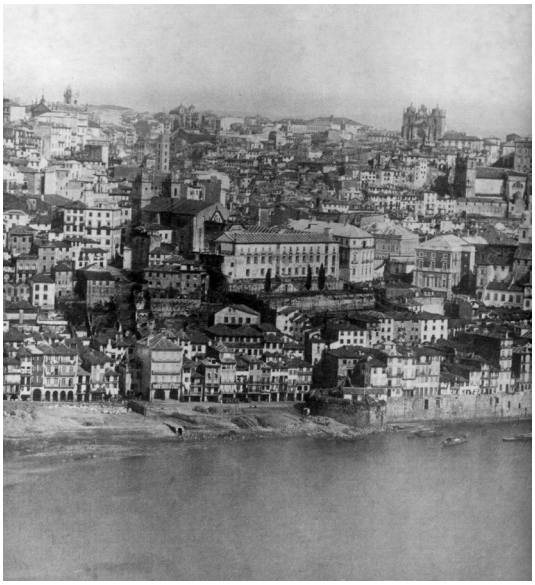


Fig. 19 - Miragaia. O que foi uma praia transformou-se com o tempo e por necessidade numa das vias de acesso mais qualificadas e rápidas da cidade



Fig. 20 - Rua Nova da Alfândega - Esta via foi construída aquando da construção do novo edifício da Alfândega

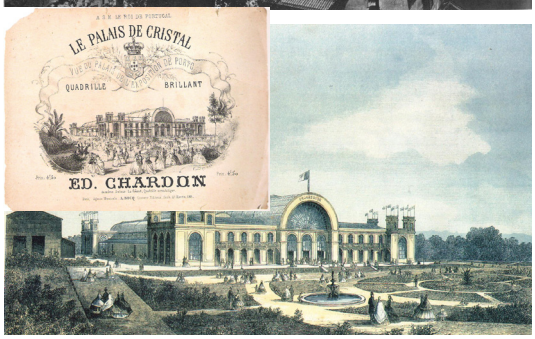
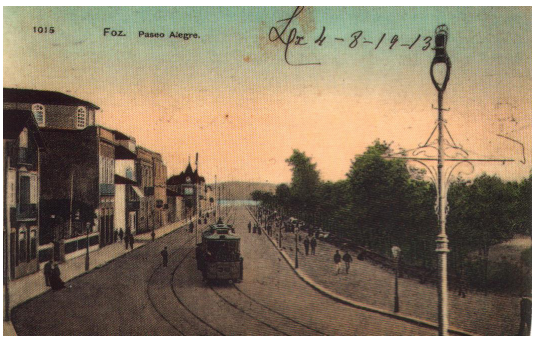


Fig. 21 - O desaparecido Palácio de Cristal





Figs. 22, 23 - A marginal da Foz

Facto popularmente relacionado com a presença de judeus até ao final do séc. XVI, data da sua expulsão, a cidade cresce como pólo de negócios e entra nas rotas comerciais, impulsionando um desenvolvimento que a vai mantendo sempre a par com a capital possuidora aproximadamente das mesmas características geográficas mas à qual outros poderes logísticos lhe serão maioritariamente associados. Apesar de existir menor capacidade produtiva no Porto do que em Lisboa, "A cidade conhecia então um desenvolvimento único no país: surgiam os primeiros indícios de industrialização, ampliava-se a exportação crescendo também o movimento da barra e aumentava o número de comerciantes da praça portuense"; com este desenvolvimento fortalecia-se e consciencializava-se a sua burguesia, como que assumindo uma lei de 1770 que considerava a actividade comercial "...profissão nobre, necessária e proveitosa..."[19]

A característica de porto comercial da cidade foi-se acentuando com o crescimento do país, com os Descobrimentos e com as rotas comerciais mundiais a crescerem e a alargarem relações. A "cidade (...) com a evolução dos tempos e das necessidades, que lhes são características pela própria situação e seu carácter marítimo e comercial, tende a expandir-se para a beira-mar" [20], justificando as diferenças notórias até aos dias de hoje entre a cidade baixa e a alta – a baixa, de trabalhadores, com as suas unidades de armazenamento e produção de fácil acesso pela via fluvial, situação visível através da análise da marginal a oeste e a este da muralha chamada Fernandina, onde ainda se reconhecem vestígios dessas construções para a indústria; a cidade alta é a residência de clero, governo e, mais tarde, quintas "dos ingleses", como se constata na imagem da Figura 20, onde apenas o monumento de homenagem à época industrial, construído para a Exposição Internacional do Porto de 1865, interrompe a paisagem verdejante da encosta portuense exterior à muralha no sentido oeste. A zona marítima tem já outro tipo de definição residencial como se vê nas imagens das Figuras 22 e 23, enquanto que a zona este da cidade começa a ver subir encosta acima novas unidades de produção e os edifícios residenciais associados.

19 FERRÃO, Bernardo José, *Projecto e Transformação urbana do Porto na Época dos Almadas, 1758/1813, Uma contribuição para o estudo da cidade pombalina*, Porto, FAUPpublicações, 1997, Pg. 194

20 MORAES, A. C. da Cunha, *Os melhoramentos da cidade do Porto*, Porto, Typographia Pereira, 1916, Pg. 11

Distribuição das novas fábricas pelas diferentes freguesias da cidade (1857-1899)

[QUADRO IV]

	1857-1859	1860-1864	1865-1869	1870-1874	1875-1879	1880-1884	1885-1889	1890-1894	1895-1899
Bonfim	–	8	12	24	6	8	9	7	5
Campanhã	–	2	4	11	1	3	9	2	4
Cedofeita	–	–	9	10	6	4	5	8	7
Foz	–	–	–	1	–	–	–	3	–
Lordelo	–	–	–	3	4	5	1	2	9
Massarelos	3	–	7	4	6	1	1	2	2
Miragaia	1	–	5	–	3	–	–	–	–
Paranhos	–	2	20	27	6	13	8	20	5
Ramalde	–	–	–	1	1	1	1	3	1
Santo Ildefonso	5	3	45	20	14	12	12	5	11
São Nicolau	–	1	4	2	2	1	–	5	1
Sé	–	1	12	7	5	2	2	2	3
Vitória	1	1	9	1	1	1	1	3	2

Fonte: AGCP, *Fábricas e estabelecimentos insalubres*, mç. M 1418 a M 1451.

Distribuição geográfica dos estabelecimentos industriais do Porto que requereram alvará no período de 1870-1879

[MAPA II]

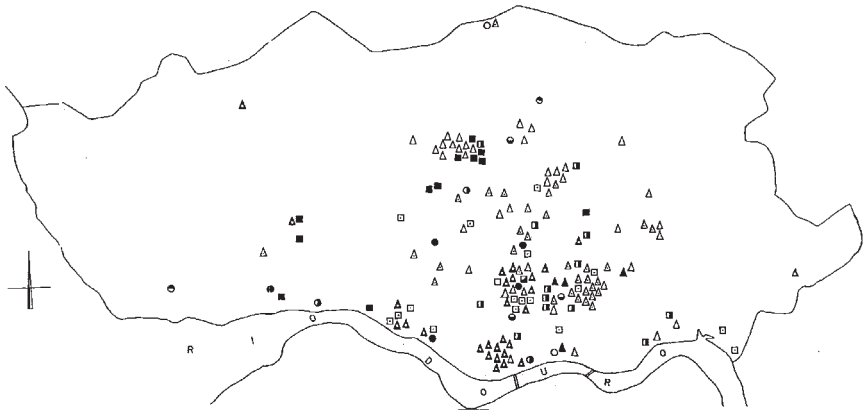


Fig. 24, 25 - A presença das várias instalações industriais identificadas neste mapa corroboram a conclusão do Inquérito Industrial de 1881 que denomina o Porto de "cidade fabril"

Assim, temos uma divisão nítida de industrialização por freguesias até meados do séc. XIX: "Individualmente é a freguesia da Vitória (no Centro) aquela que apresenta maior número de estabelecimentos em 1845 (68) e Bonfim (periferia) em 1852 (150). Em termos de operários, destaca-se Bonfim, com 720, em 1845, cerca de um quinto, e 2207 em 1852 (36%). É de facto a freguesia onde se concentraria a maior parcela da indústria do Porto, na época. Cedofeita, Massarelos e Lordelo, constituiriam um «2.° anel», muito afastado em termos relativos, onde nasciam importantes focos de concentração industrial."[21]

A página do Museu da Indústria do Porto na Internet conta-nos um pouco mais sobre esta nova invasão industrial:

"O Porto é uma cidade fabril, eis a conclusão retirada do Inquérito Industrial de 1881, com base no levantamento das pequenas, médias e grandes unidades industriais, relevando-se o facto de uma população numerosa trabalhar na indústria: 'É de quase um quinto a população industrial do distrito, mas a relação é muito maior, é de um terço no Porto, cidade que, por isso, merece o nome de fabril'.
A vocação industrial da cidade e do seu *hinterland* próximo podia buscar-se mais longe no tempo, quando os seus estaleiros navais fervilhavam na construção de veleiros que ligariam a cidade portuária ao mundo, criando as condições para um mais amplo comércio e, por arrastamento, a exigência de criação de produtos que permitissem as trocas. As indústrias históricas surgem daí, desde a produção de meios de transporte (construção naval, velame, cordoaria, tanoaria, ferragens) à transformação de produtos agrícolas exportáveis (linho, azeite, fumados de carne, biscoito) ou de criação de artefactos domésticos (couros, tecidos, loiças, cutelarias, ourivesaria e prataria, vidro).
Na viragem da revolução industrial oitocentista, algumas dessas actividades ficariam pelo caminho, outras prosseguiriam discretamente a sua trajectória declinante, algumas robusteceram-se em fábricas, e novas indústrias chegaram, a cavalgarem a onda da procura no mercado. A indústria portuense cresceu nos vários indicadores e depois fez-se sentir o movimento de desindustrialização."[22]

21 MAGALHÃES, Maria Madalena Allegro, *A indústria do Porto na primeira metade do séc. XIX, Revista da Faculdade de Letras GEOGRAFIA*, I Série, Vol. IV, Pg. 111 - 154, Porto, 1988

22 http://www.museudaindustria.org/conteudo.aspx?args=3,14



Fig. 26 - Armazém da Trefilaria, ao centro do quarteirão, com a maquinaria obsoleta disposta como se em exposição

Lista da Maquinaria – Companhia Aurifícia, S.A.
(Atenção de Julião Pinto Leite, 30 de Janeiro de 2012)

na Pregaria:
Prensa para fabrico de pregos de grandes dimensões (até 12 polegadas) – Alemã – Sistema de impulso de pancada por mola de madeira;
Prensa de fabrico de pregos (cópia das máquinas alemãs e fabricada em Portugal nas oficinas Jacinto Ramos e Irmão, no Porto, anos 30;
Prensa de fabrico de pregos (designada por "choca", por trabalhar devagar), de média/grande dimensão. Alemã, séc. XIX;
Tambores de polimento, fabrico nacional e alemão (os mais antigos).

na Parafusaria:
Máquinas de roscar, alemãs, A. G. Kayser. A última é Bendgens;
Máquina de remendar correia de couro (sistema de colchete, nacional e de agrafos, inglesa). Ambas centenárias;
Máquina de unir sulcos em peças de aço;
Máquina de furar correia;
Ermeril manual;
Máquina de crivar a limalha (Greif) – separadora dos parafusos dos resíduos;
Centrifugadora (secagem de parafusos).

na Trefilaria:
Prensas de fabrico de prego (séc. XIX) de pequenas dimensões (móveis e calçado). São de mola de madeira. Alemãs, Kayser;
Balancés para estampar diversas peças (moedas, pás, rebites, etc.) - Alemãs, Freef;
Balancé pequeno;
Máquina de cortar chapa;
Idem, manual;
Balancé vertical para fabrico de anilhas;
Máquina de furar horizontal;
Máquina de cortar chapa, Frey;
Máquina de amolar lâminas de grandes dimensões;
Torno mecânico, pequeno;
Torno mecânico de grandes dimensões (por rectificar os cilindros da máquina de laminar chumbo);
Máquina para fabricar aros de pipos;
Máquina de serrar metal;
Máquina de encabar;
Bigornas de ferreiro;
Forno de recozer, móvel.

na Carpintaria:
Máquina de afiar serras de fita;
Torno de carpintaria.

nas Caldeiras:
Máquina de elevação de água ("burrinho");
Geradores de vapor – caldeiras. Uma portuguesa e outra alemã.

Como aqui se entende, a vertente industrial da cidade ao longo do séc. XIX tem um forte carácter familiar - "Quando se olha a evolução industrial de 1814 a meados do século, vemos que as unidades raramente ultrapassam a escala doméstica. (...) Os capitais do comércio temem os riscos da indústria."[23] Os comerciantes fogem ao risco inerente a avultados investimentos, as famílias unem-se para aumentar os seus negócios de forma segura, facto visível até aos dias de hoje, havendo geralmente famílias que há 200 anos mantêm o negócio. Este é o caso do objecto de estudo que até à data de encerramento da actividade foi sendo um negócio herdado dentro da família directa ou indirecta que com orgulho refere nunca ter recorrido ao crédito para impulsionar as transacções.

Informam os dados que "na segunda metade do século, (...) O Porto configura uma cidade fabril, todavia marcada pela antiga tradição corporativa e por fortes ligações interfamiliares"[24], o que poderá ser analisado como um método de segurança no investimento, ajudado pela mão-de-obra barata e a facilidade de acesso às matérias primas pela relação com as colónias portuguesas. É, no entanto, visto por alguns autores como a causa de nunca se ter assistido, na cidade e no país, a um desenvolvimento industrial como na altura alguns imaginaram possível e até provável. É também aqui que se aproveita para realçar a importância dos edifícios em estudo pertencentes à Companhia Aurifícia.

A sua imponência e importância arquitectónica são irrefutáveis. É de salientar o tamanho das instalações ocupando tão grande área do interior de um quarteirão do centro da cidade, numa época em que esta já se encontrava consolidada (1869). Outro factor de extrema relevância é o trabalho artesanal efectuado na construção da sua estrutura que, para a época, poder-se-ia encontrar já em desuso devido à utilização frequente da estrutura metálica noutros países. Os espantosos vãos suportados pela elegante estrutura de madeira são trabalho de excelentes artesãos (comentário do Eng.º Jorge Silva aquando da sua visita às instalações) o que comprovaria este recurso à mão-de-obra barata e em elevada quantidade.
Ainda na Aurifícia, as máquinas utilizadas já contrariam esta noção uma vez que foram, como na época era comum, importadas de Inglaterra e Alemanha, informação presente na lista da página anterior, cedida por Julião Pinto Leite. Contrariamente à questão construtiva, artesanal e de qualidade, para técnicas mais desenvolvidas de crescimento industrial recorre-se às relações com países estrangeiros, facilitadas provavelmente pelas colónias ainda mantidas, cujos produtos seriam aqui utilizados como moeda de troca para o que representaria desenvolvimento.

23 RAMOS, Luís A. de Oliveira, *História do Porto*, 3ª Edição, Porto, Porto Editora, 2000, Pg. 33

24 RAMOS, Luís A. de Oliveira, *História do Porto*, 3ª Edição, Porto, Porto Editora, 2000, Pg. 40



Fig. 27 - Soc. Nacional dos Fósforos II



Fig. 28 - Soc. Aliança (antiga Villares)



Fig. 29 - Imagem com o título “Indústria no vão das escadas”



Fig. 30 - Bairro de Vilar

. a importância da industrialização para o crescimento populacional

No início do séc. XIX, a cidade será o mais importante núcleo industrial nacional, sendo que "entre 1780 e 1800 quadruplica a exportação de vinho do Porto, igualando o número de comerciantes da sua praça o terço da de Lisboa e, bem ainda, o arranque de sua industrialização".[25] Esta comparação deve, no entanto, justificar-se pelo atraso dessa industrialização na capital devido ao terramoto de 1755. A cidade do Porto soube, na área comercial e industrial, aproveitar-se desta situação na medida em que impulsionou o seu desenvolvimento. Funcionou como ponto de saída marítimo e terrestre para o que era produzido na cidade ou nas localidades mais pequenas do interior. Resta a dúvida se essa era a sua maior função ou se, como cidade produtora, apresentou uma força que a história tratou de apagar. Esta questão é o que vai decidir a definição do Porto como cidade comercial ou industrial, já que normalmente a dúvida anda entre as duas.

No entanto, um facto irrefutável comprova a situação produtora da cidade: a construção ilegal ou planeada de habitação para a forte imigração rural que se viu acontecer. Este panorama é mundial e tem a ver com a forte procura de mão-de-obra por parte dos grandes industriais e o consequente mito criado entre a classe trabalhadora relativo às supostamente melhores condições de vida. Hoje em dia o motivo é o mesmo e sempre terá sido: em zonas de grandes concentrações populacionais a oferta é maior e mais variada. Além disso, um importante factor é pertinente, o da estabilidade inerente à ideia de salário fixo e não sazonal como acontecia no trabalho da agricultura, causador do "(...) drama da monocultura – O rural do Douro que trabalha normalmente pouco mais de 200 dias por ano foge para a cidade na esperança de melhor vida."[26]

25 FERRÃO, Bernardo José, *Projecto e Transformação urbana do Porto na Época dos Almadas, 1758/1813, Uma contribuição para o estudo da cidade pombalina*, Porto, FAUPpublicações, 1997, Pg. 185

26 MARINHO, António Luís, *1961, O ano horrível de Salazar*, Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2011, Pg. 167



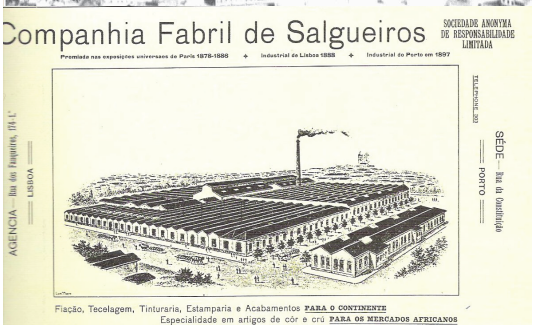
Fig. 31 - Campo 24 de Agosto

Fig. 32 - EFANOR





Figs. 33 - Companhia Fabril de Salgueiros



Figs. 34 - Companhia Fabril de Salgueiros. Gravura de final do séc. XIX



Fig. 35 - Antigo Gasómetro, no terreno actualmente baldio com bares e o barco de acesso à Afurada (Gaia) à porta

LONDON AND THE DOCKS "TWO NATIONS"

"say what you like, our Queen reigns over the greatest nation that ever existed."
"which nation?", asked the younger stranger, "for she reigns over two."
The stranger paused; Egremont was silent, but looked inquiringly.
"Yes.", resumed the younger stranger after a moment's interval. "Two nations, between whom there's no intercourse and no sympathy; who are as ignorant of each other's habits, thoughts, and feelings, as if they were dwellers in different zones, or inhabitants of different planets; who are formed by different breeding, are fed by a different food, are ordered by different manners, and are not governed by the same laws."
"You speak of -" said Egremont, hesitatingly, "THE RICH AND THE POOR."

A Revolução Industrial ocurrida no Reino Unido no séc. XVIII está nas origens do até aqui referido, apesar de se saber não haver repercussões em Portugal, nem em muitos outros países, até ao séc. XIX. "A Revolução Industrial na Europa não aconteceu da noite para o dia, espalhando-se pelo continente muito lentamente".[28]

No entanto, esse acontecimento redesenhou a cidade, construindo espontaneamente o Porto cuja autenticidade ainda hoje faz parte do nosso dia-a-dia, tanto ao nível do tipo de população e da sua habitação, como da alteração do aspecto da cidade através da construção de fábricas e correspondente alojamento.
"Uma vez que a máquina a vapor foi introduzida para aquecer os fornos mais rápido e efectivamente, os *skylines* das regiões de carvão foram rapidamente cobertos com torres das minas de carvão e chaminés das ferrarias".[28]

Apesar de ser sabido o Porto não estar incluído num destes referidos *skylines* alterados, a linha de horizonte da cidade foi também afectada, só que a uma escala diferente.
Actualmente, é proibido demolir as chaminés que resistiram à queda da era industrial portuense, o que deve servir como comprovativo de que estas já foram de elevado número e realmente significativas para a imagética da cidade; ou não seria necessária a protecção das restantes. Vemos algumas perdidas e descontextualizadas como a do centro de saúde da Rua do Breyner ou dos apartamentos de luxo na rua da Restauração. Sabemos que querem contar a história do que um dia aí aconteceu mas a sua envolvente não o recorda. A da Aurifícia aparece gloriosa mas desconhecida por detrás do parque de estacionamento da rua de Cedofeita. São poucas e solitárias mas fazem adivinhar a localização destas unidades industriais e a curiosidade da sua localização no seio da cidade consolidada. Ou talvez só aí consolidada.

27 MEYER, Han, City and Port – tranformation of Port Cities: London, Barcelona, New York, Rotterdam, International Books, Roterdam, 1999, Pg. 72

28 http://www.erih.net/industrial-history/europe.html



Fig. 36 - Imagem da Fábrica de Louças de Miragaia, possível espaço de trabalho para os habitantes do Bairro Ignez



Fig. 37 - Entrada do Bairro Ignez



Fig. 38 - Vista aérea da zona este dos jardins do Palácio de Cristal, na marginal norte do rio Douro.

O Porto cresceu assim. Simplificando, imaginá-lo antes da chegada da indústria e do consequente movimento de massas populacionais do campo para a cidade cria este cenário: até ao séc. XVIII havia a cidade intramuros, o monte dos judeus onde estes tratavam dos seus negócios, as quintas da realeza a norte de tudo isto e as dos ingleses a oeste. O resto era verde, sem isso significar existir aqui uma agricultura minimamente forte ou competitiva no paralelo internacional, mas apenas grandes campos, cultivados ou não.

Perto de cada uma delas existe uma ilha ou um bairro operário – o Bairro Ignez entre a Rua da Restauração e a zona de Monchique – onde talvez existisse nada mais que um logradouro, no primeiro caso, ou um jardim pertencente a uma qualquer "quinta de ingleses", no segundo. A localização próxima da habitação à fábrica faria a relação directa entre a alteração ao desenho do *skyline* feito por chaminés e grandes armazéns e as fortes alterações urbanísticas representadas nas cidades com a necessidade da construção de novas vias para estes novos bairros, ou novos equipamentos e serviços para ruas que sendo antes de habitação à sua face, têm agora maior número de pessoas cujas necessidades há que satisfazer.

> "Atendendo à evolução da população do Porto, verifica-se que é na segunda metade do séc. XIX que a situação habitacional da cidade se agudiza, ou seja, a partir do momento em que o desenvolvimento industrial, nomeadamente da indústria têxtil algodoeira, provoca um intenso afluxo de população à cidade, associado à expansão dos meios de transporte, quer rodoviário, quer ferroviário.
> Em 1864 existiam 90 391 habitantes, em 1890 atingia já a população da cidade as duas centenas de milhares, ou seja, um acréscimo de 64%.
> A expansão crescente que a cidade conhece no séc. XIX traduz-se por elevadas densidades populacionais no velho burgo central (freguesias da Sé, S. Nicolau, Vitória, Santo Ildefonso e Miragaia). Este aumento contínuo da população, associado a uma política orientada para os interesses da burguesia, originou uma subida vertiginosa do custo da habitação, devido à especulação de terrenos e imóveis, o que tornou a oferta de alojamentos inacessível aos estratos sociais mais baixos."[29]

29 MATOS, Fátima Loureiro de, *Os bairros sociais no espaço urbano do Porto: 1901-1956, Análise Social, vol. XXIX (127)*, Porto, 1994, Pg. 677 - 69



Fig. 39 - Ilha com entrada pelo Jardim do Carregal, Porto

"A Grã-Bretanha gozava de duas importantes vantagens: um sistema de agricultura extremamente produtivo e rico, e um número impressionante de inventores criativos. Por isto foi o Reino Unido a ditar o ritmo do progresso ao resto da Europa de 1750 ao século seguinte, aproximadamente."[30] Esta noção de progresso é, então, a responsável por um forte êxodo rural que atolou as cidades com uma nova população representante de mão-de-obra para as unidades fabris. "Lentamente mas de forma segura o foco de emprego começou a mudar do sector agrário para o industrial."[30] A população portuguesa foi também iludida por este novo significado de qualidade de vida e da sua estabilidade. A agricultura não possuía esta segunda característica devido à sua sujeição a intempéries, má qualidade do solo, falta ou exagero de água. A hipótese constante de falta de comida ajuda a entender a busca por um salário fixo a preceito de conforto, independência ou infra-estruturas de qualidade na habitação.

No entanto, não nos equivoquemos pensando que Portugal se tornou num forte concorrente internacional: "Os mercados eram reduzidíssimos: os estrangeiros eram inacessíveis, o interno pequeno e pobre, o africano inexistente. (...) Se a reduzida dimensão do mercado afectava a indústria em geral, afectava a metalurgia em particular, pois impedia que se conseguissem economias de escala, o que neste sector era essencial."[31] À escala do país era, no entanto, um momento de forte desenvolvimento, mais não seja no que toca ao rápido crescimento populacional e, consequentemente, urbanístico das cidades.

30 http://www.erih.net/industrial-history/europe.html

31 MÓNICA, Maria Filomena, *Indústria e democracia: os operários metalúrgicos de Lisboa (1880-1934), AnáliseSocial, vol. XVIII (72-73-74)*, Porto, 1982 - 3, Pg. 1268

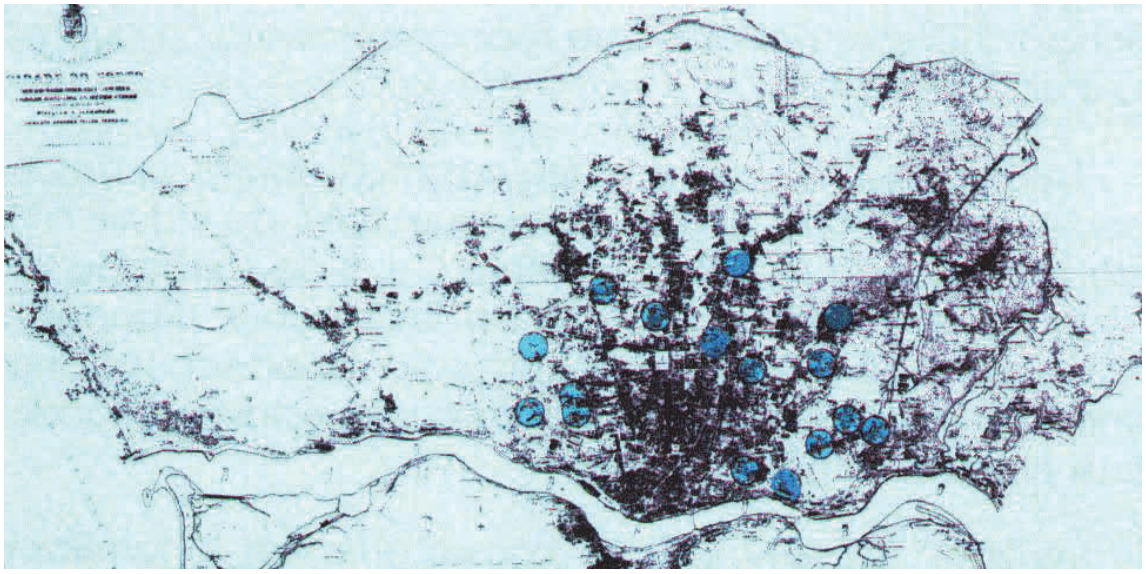


Fig. 40 - Mapeamento de algumas ilhas - a sua distribuição na cidade do Porto

. as ilhas como consequência da falta de infra-estruturas

A malha urbana da cidade é consequência das alterações socioeconómicas da época. Falando sobre a herança industrial no urbanismo das cidades contemporâneas, aparece a questão da habitação dos trabalhadores, quase mais relevante do que o próprio espaço de trabalho. Tal relevância pode dever-se à forma como nasceram novos bairros mas, mais rele-vante, provavelmente referir-se-á à forma como "Os trabalhadores foram derramados nos novos centros industrias e em poucos anos pequenas vilas explodiram tornando-se enormes cidades: aqui as massas populacionais viram-se obrigadas a viver sob condições terríveis em bairros lotados e caves húmidas".[32]

Relativamente às "condições de habitabilidade (...) em Inglaterra, estas tentativas surgem em 1836, altura em que são tomadas pela primeira vez medidas legislativas acerca das construções, no que toca às suas condições de higiene, enquanto em França vão ganhar forte impulso através dos trabalhos de Haussmann (1853-1869) desenvolvidos em Paris.
Em Portugal, no fim do século XIX, o urbanismo e a questão da habitação são interpretados à luz dos problemas sanitários (...).
Uma das primeiras leis sobre este assunto data de Dezembro de 1864. (...) No entanto, a aplicação prática é morosa e durante os anos 80 sucedem-se no Parlamento vários projectos de lei, sucessivamente rejeitados, que visavam medidas quanto à construção de habitações operárias com condições mínimas de higiene e salubridade.
Só em 24 de Dezembro de 1901 é criado o Regulamento Geral de Saúde, que irá instituir um sistema de vistorias e possibilitar ainda a expropriação e destruição de alojamentos insalubres.
Em 1904 são iniciados no Porto os primeiros trabalhos de sanidade, (...) em 1925 apenas 25 prédios particulares estavam ligados à rede existente, em 1928 o seu número era de 1776 e em 1933 ascendia já a 217818.
Com vista à melhoria das condições habitacionais dos operários urbanos, vão-se desencadear algumas medidas no campo da construção da habitação social. A primeira dessas acções na cidade do Porto foi realizada pelo jornal O Comércio do Porto em 1899, através da abertura de uma subscrição pública, com vista à construção de algumas colónias operárias.
(Posteriormente, a) (...) Fábrica de Fiação e Tecidos do Jacinto constrói o Bairro da Torrinha em 1848. (...) a mais importante (...) (pelo) Comércio do Porto: Monte Pedral (na Rua de Serpa Pinto), em 1906 (...); Lordelo, 1901 (...); Bonfim, 1904".[33]

32 http://www.erih.net/industrial-history/europe.html

33 MATOS, Fátima Loureiro de, *Os bairros sociais no espaço urbano do Porto: 1901-1956, Análise Social, vol. XXIX (127)*, Porto, 1994

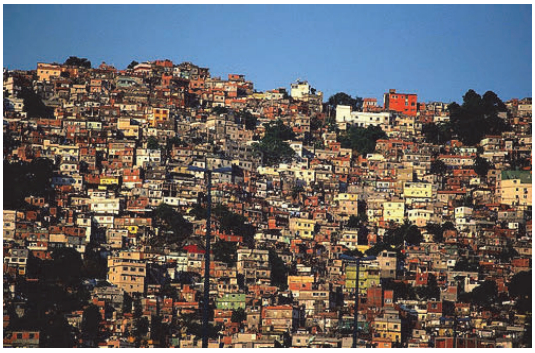


Fig. 41 - *Favela* da Rocinha, Rio de Janeiro



Fig. 42 - *Barrio* em Caracas, Venezuela



Fig. 43 - *Barriadas* em Lima, Perú



Fig. 44 - No Porto, o bairro de S. Vitor é dos melhores exemplares das consequências urbanísticas das ilhas

No Reino Unido encontra-se o protótipo, repetido por toda a Europa, e posteriormente pelo Mundo, até aos dias de hoje. Como descreve Eduardo Galeano, "Um organismo das Nações Unidas (104 Naciones Unidas, CEPAL, Estudio económico de América Latina, 1967, Nueva York-Santiago de Chile, 1968) estima que pelo menos a quarta parte da população das cidades latino-americanas habita em 'assentamentos que escapam às normas modernas de construção urbana', grande eufemismo dos técnicos para designar os bairros conhecidos como *favelas* no Rio de Janeiro, *callampas* em Santiago do Chile, *jacales* no México, *barrios* em Caracas e *barriadas* em Lima, *villas miseria* em Buenos Aires e *cantegriles* em Montevideo. Nas casas de lata, barro e madeira que surgem todos os amanheceres nos limites das cidades, acumula-se a população marginal atirada para as cidades pela miséria e pela esperança."[34]

Em Portugal isto reflectiu-se nas duas cidades mais importantes na habitação operária com condições precárias e morfologia típica: os pátios em Lisboa e as ilhas no Porto. Os pátios, posteriormente vilas, têm um lógica urbanística mais planeada e consequente da forte influência da arquitectura árabe no sul do país. Parecem no entanto as suas condições de uma mediocridade incomparável com esta influência.
Já no Porto, as ilhas ocupam um espaço destinado inicialmente ao lazer e vida familiar de uma sociedade burguesa que iniciou o crescimento do Porto através das suas actividades mercantilistas. Com o peso do êxodo rural foi necessário criar alojamentos para estas pessoas que vieram ocupar as traseiras da cidade, o seu miolo, já tomado por fábricas e, consequentemente, pelos bairros operários associados.
Para definir o "Porto como filho do Norte, Douro, Minho e Trás-os-Montes" compreenda-se que a cidade cresce em população de 54000 pessoas para 123493 em 34 anos.[35] O norte do país aglomerar-se-á no seu perímetro e surgem as ilhas, a habitação mais acessível para esta mão-de-obra abundante e barata.

As ilhas eram habitadas por "antigas pessoas dos campos" que daí traziam os seus hábitos. Isto com a vida acelerada de cidade típica desta época da industrialização resulta numa enorme falta de higiene, com consequências gravíssimas - "A tuberculose pulmonar é a maior praga do Porto (...) pertencem-lhe 13% dos óbitos observados em 1903."[36]

Apesar de tudo, sabe-se que o município apresentou respostas a esta questão, por muito que tenham tardado, com "(...) iniciativas mais ou menos pontuais, de cariz filantrópico,

34 GALEANO, Eduardo, *Las venas abiertas de America Latina*, Montevideo, Catálogos, 1971, Pg. 206

35 SILVA, César Santos, na palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

36 MATOS, Fátima Loureiro de, *Os bairros sociais no espaço urbano do Porto: 1901-1956, Análise Social, vol. XXIX (127)*, Porto, 1994



Fig. 45 - Colónia Viterbo de Campos, Massarelos (Campo Alegre), Porto



Fig. 46 - Bairro do Cruzinho, Massarelos (Campo Alegre), Porto



Fig. 47 - Bairro Alexandre Herculano, Porto

"Jung hace notar que las ciudades siempre han sido asimiladas a la Madre por el hecho de que contienen en su seno a los ciudadanos: por esa razón Cíbeles aparece coronada de torres, por el mismo motivo se habla de la madre pátria."
(Simone de Beauvoir)

É, assim, o tipo de habitantes presente nestes espaços que lhes concede a sua identidade e a sua característica de "ilhas" sociais relativamente aos restantes espaços da cidade onde estão inseridas

caso dos bairros de O Comércio do Porto, e mais tarde com medidas de maior impacto, quer pela Câmara, quer pelo Estado, e que se traduzem na construção de bairros sociais, primeiro, constituídos por alojamentos unifamiliares (as colónias operárias e as casas económicas) e, mais tarde, por blocos plurifamiliares (os bairros sociais das décadas de 40 e 50)."[37]

Como consequência, os problemas inerentes a este tipo de solução foram transportados até à década de 60 e 70: falta de identidade dos novos espaços, insatisfação da população. Aqui já o país se encontrava em óbvio subdesenvolvimento relativamente aos seus pares. A intervenção municipal para solucionar a questão da habitação social no Porto passou por várias fases: "(...) irradicação das 'ilhas' (...) originando, pelo menos, cinco gerações de bairros sociais por vezes de iniciativa privada (mas que passaram para a administração local) e sobretudo de iniciativa da administração central e local:

1º, os bairros de iniciativa d' O Comércio do Porto;

2º, os bairros da República (as Colónias) e o Bairro Ignez;

3º, os bairros de Casas Económicas e o Bloco de Saldanha;

4º, os Bairros do Plano de Melhoramentos 1956 - 66 e a sua continuidade;

5º, o SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local)"[38]

Está, aqui, a falar-se de uma época em que "a industrialização atrasou durante a ditadura"[39] – a mão-de-obra era muita e barata, não havia necessidade de investimento em maquinaria. Estudos posteriores confirmam este facto. As ondas de emigração sucedem-se pela insatisfação da classe baixa - a classe operária - causadas belos baixos rendimentos e pelos fortes contrastes socioeconómicos. A classe alta auferia rendimentos que em comparação relativa ao custo de vida significavam, em Portugal, "remunerações mais elevadas que as correntes nos países industriais".[39]

Esta divisão social teve fortes consequências no urbanismo do Porto como o conhecemos hoje. A "cidade das ilhas" cresceu em número populacional nas freguesias às quais se associam as entidades fabris. Cedofeita em primeiro lugar, seguida por Paranhos, Bonfim e Campanhã, são as freguesias que apresentam mais população. Já o centro histórico vai reduzindo gradualmente esse número à medida que as unidades produtoras mudam para os arredores da cidade e são substituídas por edifícios administrativos, financeiros, culturais e comerciais. Nevogilde e Aldoar seguem com um crescimento reduzido nos anos 50 e Lordelo e Foz do Douro com um crescimento normal. Sabendo que tipo de população ocupava, nesta altura, cada uma das freguesias, poder-se-á entender o porquê das suas significativas diferenças no plano urbanístico e arquitectónico.[38]

37 MATOS, Fátima Loureiro de, *Os bairros sociais no espaço urbano do Porto: 1901-1956, Análise Social, vol. XXIX (127)*, Porto, 1994

38 SILVA, César Santos, na palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

39 MARINHO, António Luís, *1961, O ano horrível de Salazar*, Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2011



Fig. 48 - Ilha no Bairro de Vilar, Porto - Frente de Rua



Fig. 49 - Ilha no Bairro de Vilar, Porto - Interior

. as ilhas como prova e vestígio da importância da industrialização

"As «ilhas», surgem, provavelmente nesta altura, como uma forma específica de alojamento para o operariado. Resultaram, em parte, do tipo de loteamento então definido para a cidade. Na base deste loteamento encontrava-se um lote com 25 palmos (5,5 m) e um comprimento podendo atingir 100 m, o que permitiu uma ocupação de fileiras de pequenas habitações, geralmente de um só piso, ao longo destes lotes estreitos e que abriam directamente para um corredor, o qual fazia a ligação para a rua, encontrando-se geralmente nas traseiras das habitações da classe média."[40]

As chamadas *ilhas* são uma das características consideradas actualmente mais pitorescas no Porto. Filmam-se, aconselham-se turistas a visitá-las, tiram-se fotografias à roupa pendurada nos caminhos centrais que elas possuem, quem aí entra delicia-se com a possibilidade dada às crianças de viver um pouco fora da cidade.

> "O esquema das ilhas é frequentemente associado às primeiras *back-to-back houses* (casas de costas com costas) em Leeds, em termos de morfologia, de promotores e em termos de intuito de construção.
> (...) Como o Código de Posturas Municipais de 1869 limitava a fiscalização camarária ao que era visível da rua (que neste caso eram as frentes de uma casa vulgar, normalmente a do promotor) e as ilhas acabavam por ser construídas no interior dos quarteirões, elas não estavam sujeitas ao controlo municipal, e à vista do cidadão. A uma primeira vista a cidade não mostrava aquela miséria. (...) O proprietário abria uma ligação por baixo da casa por um corredor até ao fundo do quintal, de 1 a 2 metros de largura, e de um lado e de outro construía pequenas habitações precárias."[41]

40 MATOS, Fátima Loureiro de, *Os bairros sociais no espaço urbano do Porto: 1901-1956, Análise Social, vol. XXIX (127)*, Porto, 1994

41 SILVA, César Santos, na palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

“Esta pergunta é um verdadeiro ponto de partida para a elaboração de um roteiro, mas (...) poderá encetar um mapa. Começa na freguesia do Bonfim e é complementada pela freguesia de Campanhã. Do lado ocidental da cidade deve centrar-se o nosso olhar nas freguesias de Lordelo e Massarelos, palcos da industrialização neste lado da cidade.
A marginal do Porto, desde o Freixo até Lordelo, também deveria fazer parte desse roteiro.
Passando por cima da fronteira do território portuense deveria falar-se nas conserveiras de Matosinhos, quase todas instaladas em Matosinhos Sul e em Gaia, as fábricas de cerâmica que marcaram de uma forma indelével aquele concelho.”, Historiador César Santos Silva no dia 11 de Março de 2012 (via correio electrónico) em resposta à pergunta: *Qual seria,no seu ponto de vista, o “roteiro industrial” do Porto, uma vez que a cidade é denominada cidade industrial?*

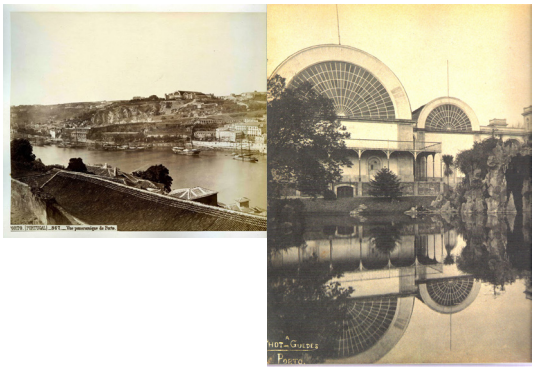


Fig. 50 - Imagem do Porto com o Palácio de Cristal de J. Laurent. Santos Silva, 1867

Fig. 51 - Traseiras do Palácio de Cristal Imagem cedida por César Santos Silva

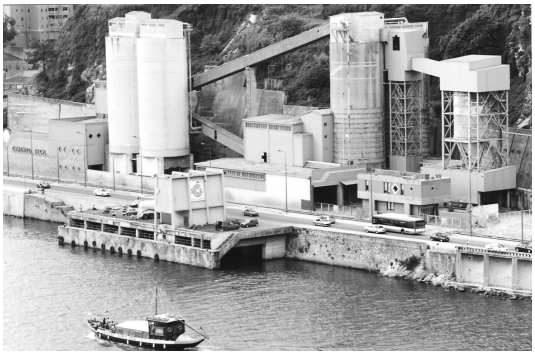


Fig. 52 - Instalações SECIL, demolidas em 2006 para execução de um projecto de 70 habitações



Fig. 53 - B & A - Campanhã



Fig. 54 - B & A - Campanhã na actualidade

. os vários pólos habitacionais na cidade

"Quanto à sua localização (das ilhas), elas surgem principalmente nas freguesias periféricas, onde se concentra a maioria dos estabelecimentos industriais, freguesias do Bonfim, Santo Ildefonso, Cedofeita, Massarelos e Lordelo, permitindo uma proximidade entre o emprego e a residência para as classes sociais menos solventes.
Na verdade, tratam-se das freguesias de maior dinamismo demográfico ocorrido nos finais de Oitocentos, concentrando 58% do aumento populacional então registado e os maiores valores da variação da população entre finais do século XIX e início do século XX."[43]

É praticamente imperceptível na cidade a localização destas indústrias que lhe concederam a definição de cidade industrial. Como já referido, reconhecem-se nela alguns elementos isolados, réstias de memórias indefinidas, que comprovam a forte mistura entre as unidades de produção e as unidades habitacionais ou de serviços. As ilhas e os bairros operários, no que toca ao seu tamanho e quantidade, ver-se-iam aqui como responsáveis pelo testemunho.
O bairro Ignez, que ocupa parte do Convento de Monchique, comprado por um particular para aí iniciar uma serralharia (prática comum numa época em que o clero perdia poder económico e os mosteiros e conventos eram comprados para a prática industrial principalmente pelas suas amplas áreas construídas) e os edifícios (alguns) restaurados da frente ribeirinha a oeste da muralha do séc. XIV de igual forma comprovam a ocupação deste espaço um dia efectuada. Uma imagem do Palácio de Cristal de finais do séc. XIX (destruído nos anos 50 do séc. XX devido à pouca utilidade encontrada no seu fraco isolamento térmico no Verão e no Inverno, e pela necessidade que os portuenses sentiam de um novo espaço de desportos, nomeadamente de hóquei em patins[44]) mostra uma encosta verdejante por este encimada com a cidade à sua direita e o mar lá longe em direcção a Oeste. É esta imagem que conta o desenvolvimento do Porto aquando desta Revolução Industrial portuguesa, crescendo para lugares onde não existia nada mais que hortas, quintas e campo.
A este dessa muralha, as ruínas de construções fabris e a Pousada no edifício reabilitado da fábrica da Moagens Harmonia são ícones da paisagem avistada desde a linha de comboio e, por isso, contam a história desse lugar facilmente adivinhando a sua origem.

42 http://www.jn.pt/paginainicial/interior.aspx?content_id=554288)

43 MATOS, Fátima Loureiro de, *Os bairros sociais no espaço urbano do Porto: 1901-1956, Análise Social, vol. XXIX (127)*, Porto, 1994

44 http://www.youtube.com/watch ?v=vnaDd_4Z86I&list=UU0uQkEAqx1uWEaJhHFnnHlw&index=106&feature=plcp)



Fig. 55 - Instalações da CUF projectadas pelo arquitecto Arménio Losa em 1934. Actualmente neste local estão os edifícios Mota-Galiza

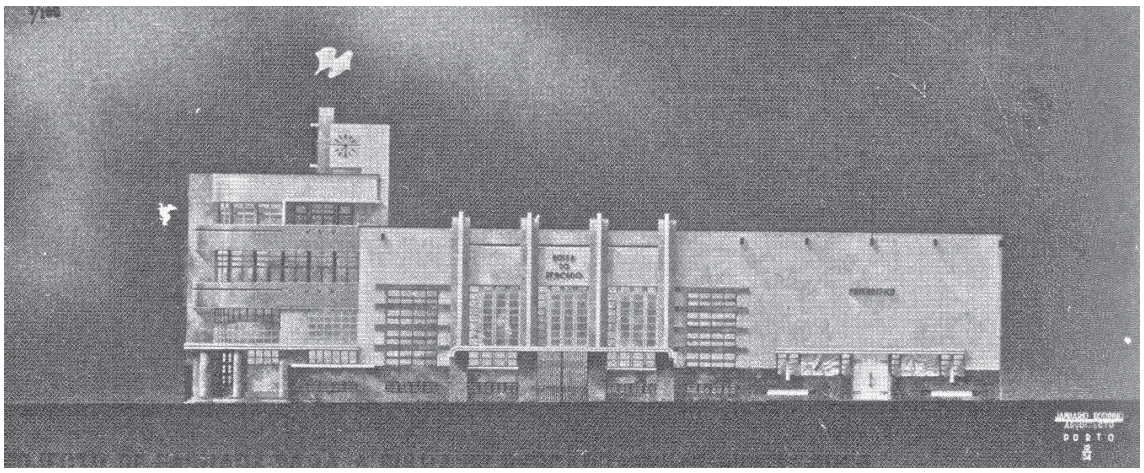


Fig. 56 - Os armazéns frigoríficos de 1936 com projecto do arquitecto Januário Godinho encontram-se actualmente em ruínas mas acusam na sua monumentalidade a importância para a caracterização dada à freguesia de Massarelos como industrial





Fig. 57, 58 - A ruína industrial nas traseiras da Residência Montepio Breiner, na rua do Breiner, Cedofeita

"Foram preservados elementos que comprovam e fazem história às passadas funções industriais do edifício, nomeadamente a fachada principal, que ficou voltada para a Rua do Breiner, e a chaminé que se encontra no interior do quarteirão, ao fundo"[45]

A zona da antiga fábrica de Salgueiros está ainda repleta de pequenos edifícios de habitação com um piso apenas que sugerem a dimensão do edifício e consequente produção que este um dia albergou.
A fábrica que existiu em Massarelos, onde estão agora os edifícios Mota Galiza, juntamente com a facto de o Palácio de Cristal construído para a Exposição Internacional do Porto ser seu vizinho, apresenta, pela sua dimensão, Massarelos como uma freguesia importante no campo industrial. Esta afirmação é corroborada, também, pelo tipo de habitação aí presente anexa ao bairro de Vilar.
No caso de Cedofeita, pelo aumento populacional (Quadro nº 1: (...) Periferia Central (...) Cedofeita (...) pop. 1878-1890: 4630; pop. 1890-1900: 6433; Variação da população: 3322; Fonte: INE, Recenseamentos Gerais da População)[46] e pela quantidade de chaminés perdidas na freguesia, foi no amplo interior dos quarteirões que se desenvolveram estas fábricas. Muitos dos seus "esqueletos" existem ainda da mesma forma que as pequenas ilhas criadas nos logradouros destes edifícios. No entanto, a característica de escondimento destas situações pontuais não confere à freguesia uma aparência industrial mas de uma vivência-mistério por detrás de muros. A Aurifícia atravessa todo um quarteirão, conectando duas das mais importantes artérias viárias da freguesia. Poucos dão por isso, e os que o fazem não adivinham a sua dimensão.
As freguesias da cidade têm, geralmente, pelo menos uma zona onde se reconhece a influência de unidades de produção e respectivo alojamento, sendo que estas não se concentraram apenas numa ou noutra freguesia. No entanto, é irrefutável a forte presença por motivos práticos na zona ribeirinha, assim como nas freguesias de Cedofeita, Paranhos, Bonfim e Campanhã, que antes seriam pouco mais que pequenas aldeias periféricas à cidade e que serviram assim de tábua rasa à instalação das valências necessárias. Este é, aliás, o método natural de tal acontecimento, da mesma maneira que as fábricas dos centros das cidades continuam a ver-se obrigadas a mudar para novas instalações quase sempre nos terrenos vazios, amplos e desocupados das periferias, onde poderão sustentar de melhor forma o aumento de produção, quando existente.

CEDOFEITA – 1864: 11828; 1900: 26337; 1940: 41835

BONFIM (freguesia com mais crescimento) – 1864: 10320; 1900: 26448; 1940: 41260.[47]

45 http://www.residenciasmontepio.pt/a-sua-residência- assistida/residência-monte- pio-breiner-(porto)/o-projeto. aspx

46 MATOS, Fátima Loureiro de, *Os bairros sociais no espaço urbano do Porto: 1901-1956, Análise Social, vol. XXIX (127)*, Porto, 1994

47 SILVA, César Santos, *A tradição industrial do Porto,* Texto cedido pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011



Fig. 59 - Revolta dos fabricantes de seda de Lyon em 22 Novembro de 1831



Fig 60 - Primeiros movimentos associativistas no Porto



Fig. 61 - Ruína na rua Miguel Bombarda, Porto



Fig. 62 - Cerro Concepción, Valparaíso, Chile

. o associativismo como resposta à falta de condições

A expressão "associativismo" pode sugerir situações de revelia contra um sistema instaurado, definir um grupo contestatário defensor daquilo que considera os seus direitos ou simplesmente revolucionário no seguimento dos próprios princípios. Assim, o associativismo no caso em estudo poderia ser útil no sentido de impedir a destruição da memória aqui defendida.
Não sendo esse o assunto mas encontrando um paralelismo, o associativismo apareceu inicialmente como resposta às más condições da sociedade que viveu a "Revolução Industrial". Esta fugiu do campo por aí não encontrar as condições de vida que lhe apraziam, deparando-se na cidade com condições frequentemente piores - de habitabilidade, de higiene, de horas laborais, etc. Um sem fim de razões levaram estes trabalhadores, muitas vezes conscientes do seu valor, a efectuar algumas exigências, como no exemplo de Lyon, onde estes iniciaram uma acção social nos anos 30 para exigir a introdução do salário mínimo.[48]

É na sequência deste pensamento que se transladam heranças dessa sociedade industrial para uma actual de conforto social onde a exigência nem sempre traz consigo algum esforço. Começou-se este tema com a referência histórica à "revelia" não por marchas ou revoluções, mas pela solução à qual esta parece estar a voltar (talvez nunca a tenha deixado) de encontrar no associativismo uma lógica de troca de ideias, iniciativas e conhecimentos que, quando apresentados entre si, poderão tornar-se úteis para a melhoria social (e, quem sabe, urbanística e arquitectónica) das cidades; cidades estas que esta juventude se vê na obrigação de cuidar, uma vez que representam a possível incubadora (expressão tão querida nos dias que correm) do seu futuro.

Vemos pela cidade alguns movimentos de pessoas a quererem combater este abandono aparente do seu edificado. A cidade aparece como um gueto à espera de ser um pouco mais abusado, não sendo um espaço cuidado pelos proprietários nem tão pouco por quem de direito se sente (geralmente falando) em decorar as suas paredes como de folhas de papel branco se tratassem. Em Valparaíso os belos desenhos que a coloram e enfeitam "cerros" acima são, finalmente, parte da cidade e característica máxima da sua identidade. Outras cidades consideradas tradicionalmente cinzentas e industriais como Glasgow mantêm o seu aspecto organizado e limpo, qual unidade de produção, transitando naturalmente de cidade de produção para cidade de serviços e produção cultural.

48 http://www.erih.net/industrial-history/europe.html



Figs. 63, 64 - Valparaíso, Chile





Fig. 65 - Glasgow, Escócia



Fig. 66 - Travessa de Cedofeita, Porto

Ambas as referidas cidades são cidades secundárias do Chile e da Escócia, respectivamente, e aparecem em comparação directa com a cidade do Porto por isso e pela sua situação original de cidades portuárias. A escolha deve-se ao facto de o Porto conter hoje talvez o pior de ambas. Com a forte aura cinzenta que assola a cidade como Glasgow, pelos materiais construtivos em comum, de diferente têm o clima e o abandono, pior o primeiro em Glasgow, flagrante o segundo no Porto. Já na comparação com Valparaíso, a ideia dos cerros como espaço de difícil acesso e por isso ocupado por quem de menores recursos económicos, torna esta cidade equiparável ao Porto. As condições de vida nesta não serão aparentemente tão degradadas como na primeira, mas outra forte característica em comum faz de Valparaiso um museu ao ar livre cujo estatuto o Porto dificilmente almejará. Os *grafitis* da cidade são obras de arte gratuita e a céu aberto que fazem da cidade um aprazível lugar. Os *tags* e toda a parafernália contestatária do Porto não tornam a cidade mais do que um espaço onde em cada esquina se sente o abandono. Glasgow como centro de produção cultural foi um fenómeno que começou com as primeiras bandas que de lá se deram a conhecer ao mundo, sendo actualmente uma das cidades europeias mais privilegiadas no que toca a agenda musical; Valparaíso fez-se arte por gerações jovens que aí cresceram e desenvolveram ideias em conjunto. Ambas as cidades foram muito provavelmente influenciadas pela forte e recente troca cultural consequente do seu estado de cidades portuárias. Porque não aproveitaram os grupos do Porto essa mesma questão é uma dúvida difícil de fazer dissipar. Por questões políticas, culturais, ou pelas duas, algo de funcionamento de grupo não foi apreendido (terá sido o coincidir da ditadura?), e nada mais restou à cidade que a esperança. Essa, amiga de D. Sebastião, que aguarda que os outros, os do sistema, consigam encontrar o remédio para a forte epidemia que o Porto infecta.

De qualquer forma, encontram-se na memória colectiva (de quem, no final de contas, não as viveu!) as histórias das revoltas portuenses. A dos taberneiros, do pão, o Cerco do Porto, são revoltas das quais a população portuense se orgulha concedendo-lhes o mérito pela alcunha da cidade, a Invicta. Seguindo-lhes os passos, conhecem-se organizações – tão embrionárias que seria quase presunção chamar-lhes isso – não-governamentais com propostas em curso no sentido de encontrar soluções para este problema generalizado. Se estas serão bem sucedidas não é possível ainda analisar. Parece, no entanto, crucial realçar o facto de esta nota ser relativa a projectos totalmente independentes de qualquer instituição, associação ou organismo público a estes princípios associados, uma vez que tais entidades trazem consigo, imagina-se, todos os problemas que os impediram já de funcionar.



Fig. 67 - Fontainhas, Porto



Fig. 68 - Bairro Alexandre Herculano, Porto



Fig. 69 - Uma tarde de 4ª-feira no bairro Monte dos Judeus, Porto



Fig. 70 - Vivenda em vias de alienação, Monte dos Judeus, Porto

. as consequências da transladação destas unidades para o exterior da cidade – o abandono do centro

Como dito anteriormente, ao longo da primeira metade do século XX o centro do Porto viu reduzido o seu número populacional. Entre outras razões, deve-se isto ao facto de as unidades fabris antes aí localizadas terem sido maioritariamente transladadas para outras freguesias (Cedofeita, Paranhos, Bonfim e Campanhã). Isto serve para justificar as diferenças urbanísticas e socioeconómicas que existem entre estas e outras partes da cidade, mas também se analisa este esvaziamento populacional através da nova ocupação administrativa, financeira e comercial que aconteceu contemporaneamente no centro histórico. O tipo de serviços traz consigo uma redução populacional que justifica a cidade que aloja vários e distintos programas como sinónimo de vida e movimento.
Sendo que actualmente as referidas freguesias já se poderiam considerar centro da cidade, a história repetir-se-á. O abandono destas unidades para novas, fora da cidade, grande parte das vezes por falta de espaço e pelos custos inferiores associados às periferias não é, neste caso, disfarçado pela nova ocupação que aconteceu no centro.
Em escala, esta ocupação espalhou-se por estas novas freguesias e chamando agora "centro" ao conjunto de todas elas vê-se que a sensação de abandono se torna mais intensa. Vemos diferentes tipos de bairros, de pessoas e de edifícios que contam a história do que um dia cada freguesia significou para a cidade mas que passa despercebida ao espectador que desconhece a influência industrial desta. Muitas das pessoas viram-se longe do seu emprego, a sua qualidade de vida mudou e muitas vezes ficaram sem ele.
A identidade das comunidades vai-se perdendo gradualmente e não houve uma preocupação programática em reestruturá-la ou mesmo reconstruí-la. Esses bairros ficaram isolados, com o seu estilo de vida e as suas pequenas casas nos interiores dos quarteirões "em vias de extinção". O bairro Alexandre Herculano é disso prova: a chamada "vida de bairro" está aí extremamente presente, na roupa pendurada por cima das ruas estreitas, nos tanques à porta das pequenas casas, nos grelhadores comuns (qual símbolo de modernidade ou festa popular!). Uma coisa mudou relativamente ao que foram, o espírito de vizinhança perde-se numa cidade que fica descaracterizada. Os novos veêm-se obrigados a sair e deixam os velhos a viver na sua memória, os vizinhos mudam muito e muito rápido, a cidade à volta é uma cidade da globalização, não tem função ou forma definida (a praça dos cineteatros ao lado tem apenas um em funcionamento!) e surge o que mais rapidamente arruína o estilo de vida de bairro – o medo. As pessoas não confiam em quem chega, criam ódios e desprezos e, no panorama actual, conseguimos imaginar o dia em que todos vão sair dali e o formoso bairrinho tornar-se-á num, magnificamente fiel às origens, hotel de charme...

A perda do sentido dos bairros habitacionais ao substituir unidades de produção por unidades de habitação

Na sequência do tema anteriormente desenvolvido encontra-se uma grave problemática, sendo esta a perda de sentido de pertença a um local por parte dos habitantes destes bairros adjacentes a unidades de produção. Não se poderá afirmar que todos os seus habitantes nelas encontravam ocupação, mas presume-se uma elevada percentagem já que muitas vezes estes bairros eram pertença dessas unidades. Em muitos casos estes moradores vivem a partir do seu encerramento de subsídios do Estado com acesso à habitação a rendas reduzidas, como é o caso dos antigos trabalhadores da Companhia Aurifícia ainda residentes em edifícios de habitação propriedade dos mesmos donos das instalações industriais.

Entre muitas outras questões subjacentes a este tema, uma que se torna relevante salientar é o problema do ócio. Estas pessoas encontrar-se-ão sem trabalho, sem objectivos a atingir a curto e médio prazo e possivelmente entrarão numa espiral de marasmo da qual dificilmente sairão já que, referindo aqui o centro do Porto, a sua vizinhança foi substituída por mais e outro tipo de habitação, que em termos sociais não trará grandes melhorias já que está carregada de elevado contraste socioeconómico. Como exemplo disto ter-se-á, então, o bairro de Vilar nas traseiras dos edifícios Mota Galiza.

Jamais se pretende aqui defender a divisão da cidade em grupos socioeconómicos, mas garantir mais pontos defensores da cidade dotada de variados e complementares programas, em detrimento do retorno económico rápido (que se pressupõe garantido na habitação) mas em prol do desenvolvimento social e urbano sustentado.

Porque hoje em dia é nisso que se encontra solução para o abandono do centro – no turismo. Que manutenção se poderá conceder a este turismo que não a que mais o atrai, a autenticidade da cidade? Neste, como noutros temas, aponta-se a destruição progressiva dos monumentos à história industrial desta cidade. Os bairros deixam de fazer sentido sem as relativas fábricas e, por consequência, serão eventualmente destruídos e substituídos por algo diferente. As pessoas representantes dessa "autenticidade" irão para outras paragens, cada uma para a sua, e ficaremos com o esqueleto do que um dia a cidade foi.
Com isto se crê funcionar a multiplicidade programática como método de preservação da memória colectiva. O ser humano é um animal adaptável e, em termos concretos, não será difícil imaginar novas ocupações e interesses para a população do bairro Alexandre Herculano. Interesses esses que respeitem o seu estilo de vida, que os agarrem ao bairro ao qual pertencem, que os façam sentir parte dele e com vontade de receber quem dele possa também fazer parte temporária ou definitivamente.

"La auténtica conservación requiere mucho más que la mera declaración de 'área a conservar' a que conduce la ley.

Desde finales de los años cuarenta, el proceso de cambio se há acelerado de tal modo que el abandono y demolición de edificios há sido un hecho habitual en los núcleos urbanos. Una aplicación equivocada de criterios urbanísticos he hecho salir del centro actividades industriales y comeciales para situarlas en zonas suburbanas o rurales en que se calificaba el suelo específicamente para tales usos. (...) Las entidades locales han permitido el crecimiento ininterrumpido de zonas residenciales en la periferia de las ciudades sin llevar a cabo una renovación de los inmuebles de vivienda de los centros históricos y, como consecuencia de esto, un buen número de iglesias y otros edifícios públicos han caído en desuso. Si queremos que nuestras ciudades vuelvan a ser organismos com vida, la planificación debe fijarse dos objectivos: combatir el incremento del precio del suelo y propiciar una mezcla equilibrada de usos y actividades en las áreas centrales. Esto significa, entre otras cosas, hallar nuevos usos adecuados a los inmuebles que antiguamente albergaban todo esse amplio espectro de actividades."[49]

49 CANTACUZINO, Sherban, *Nuevos usos para edifícios antiguos*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S.A., 1979, Introdução

Nota 1

" ...reforçar a percepção de que o património arquitectónico, urbanístico e paisagístico pode ser um poderoso factor de distinção e de identidade individual e colectiva, bem como um eficaz motor de qualificação e desenvolvimento de lugares e regiões."[50]

Nota 2

Das duas definições referidas, a primeira seria restauro: "restauro [derivação regressiva de restaurar]; s. m.; Ato ou efeito de restaurar. = RESTAURAMENTO; Conjunto de técnicas e operações para conserto ou reparação de uma obra de arte ou de uma estrutura, arquitetónica.; Recuperação de algo que está em mau estado de conservação." e a segunda reabilitação: "re- + habilitar; v. tr.; Restituir direitos e prerrogativas (que se tinham perdido por sentença judicial); Declarar que o sentenciado está inocente; Ajudar à reinserção social de; Reabilitar um toxicómano/toxicômano; Reparar, renovar (um imóvel, um bairro antigo); [Figurado] Restituir a estima pública, regenerar moralmente."[51]

. a preservação destas instalações com duas mais-valias – a preservação da memória; trabalho e habitação continuam a estar relacionados

Fernando Távora escreveu em 1989: "se alguma estrutura forte dá ainda consciência ao espaço urbano português contemporâneo ela vem, certamente, do nosso passado mais ou menos remoto". Referia-se a um problema urbanístico que nessa década se assumia de forma assustadora, consequência provável da liberdade política e económica que assolou o país, onde salientava: "Não existe assim, entre nós, actualmente, uma cultura de cidade enquanto obra de arte e o país vai-se destruindo a si próprio, com uma rapidez preocupante, no dia a dia da sua construção."[52]

A preservação da memória é um tema constantemente revisitado nas várias ciências. A memória espacial, ou arquitectónica, não é tão irrelevante como alguns podem imaginar. A reabilitação e o restauro não são, também, meros caprichos da sociedade contemporânea. Divagando um pouco sobre o tema, as consequências da globalização tornam uma sociedade onde o sedentarismo está mais que instaurado numa sociedade novamente nómada. Isso acarreta um grave problema social: a não pertença a um lugar afecta a definição de valores, princípios e relações sociais. Assim sendo, entende-se que o ser humano tem sempre necessidade de voltar a "casa", ao "lar", como espaço de reconhecimento do seu eu, e da sua personalidade - o ser humano e a sua necessidade de pertencer a algo, de sentir a história e a memória presentes no espaço que HABITA. Aqui se entende a necessidade de preservação da história como algo construído, da arquitectura como afirmação da origem, de pertença a algo, quase a justificação da existência.[Nota 1] Não será, então, um mero capricho.

É relevante no tema da preservação da memória colectiva definir de que formas pode isto ser feito. Frequentemente confundem-se as definições de restauro e reabilitação quando nos referimos ao melhoramento efectuado num edifício. A questão é decidir quando se deve intervir num edifício de forma mais definitiva ou efémera. Saber quando é melhor solução manter o existente, acrescentar algo novo ou acrescentar algo cópia do existente é um fenómeno que não pode ser analisado como uma ciência mas entendido cada caso na sua individualidade.[Nota 2]

50 *KIT03 – Património Industrial, Guia prático para a inventariação de património arquitectónico*, Direitos por: IHRU, IP e IGESPAR, IP, Novembro 2010

51 http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=reabilitação

52 FERRÃO, Bernardo José, *Projecto e Transformação urbana do Porto na Época dos Almadas, 1758/1813, Uma contribuição para o estudo da cidade pombalina*, Porto, FAUPpublicações, 1997, Prefácio

Recomendações internacionais:

. A Carta de Atenas (1931)
- Princípio da conservação
- Respeito por todas as épocas e abandono da reconstituição
- Aprovação do uso adequado de todos os recursos da técnica e materiais modernos
- Anastilose (recolocação dos elementos originais encontrados) e distinção da nova intervenção

. A Carta de Veneza (1964)

. A Carta Europeia do Património Arquitectónico (1975)

. A Carta de Cracóvia (2000)
- Investimento nas medidas preventivas
- Intervenção deve apoiar-se na investigação pluridisciplinar
- Ampliações devem ser reconhecíveis
- Reconstrução de ruínas só é válida pelo seu valor excepcional

(in VALE, Clara Pimenta do, *Reabilitação de edifícios - textos de apoio à disciplina homónima leccionada na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto no ano lectivo 2011/2012*, Porto, Faup, 2011, Pg. 30)

Terminologia

. Protecção / Salvaguarda

Manutenção
Conservação
Reparação
Consolidação

. Intervenção

Restauro (Preenchimento de lacunas)
Renovação
Reconstrução/Reedificação (Cópia, Reconstituição ou Anastilose)
Reabilitação
Translocação
Remodelação
Ampliação
Reinterpretação

(in VALE, Clara Pimenta do, *Reabilitação de edifícios - textos de apoio à disciplina homónima leccionada na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto no ano lectivo 2011/2012*, Porto, Faup, 2011, Pg. 80)

A ideia de que a reabilitação faz sentido quando o restauro não chega assume este como a irrefutável opção. Após uma conversa com o Arquitecto Manuel Saldanha (Lisboa), concluiu-se que reabilitar um edifício não é preguiça de fazer algo novo, é restaurar uma memória que está consolidada acrescentando-lhe algo que está de acordo com o tempo e o espaço onde esta está inserida. No entanto, e para que exista respeito por essa memória, o que é acrescentado ao edifício tem que ser efémero, isto é, o que se acrescenta de novo não pode alterar o edifício ao ponto de nunca se poder voltar atrás. "Há que restaurar e intervir de maneira a que se possa vir a retirar e respeitar sempre o que estava antes!"[54], porque uma memória deixa de ser apenas isso quando é alterada, passa de memória a afirmação com um contexto temporal e especial que a altera tornando por vezes demasiado dúbia a sua existência.
Em última instância, o restauro (ou recuperação) é aquela intervenção efectuada num edifício que procura, no mínimo, fornecer a este as suas características originais. Violllet-Le-Duc definiria o restauro intervencionista como o que "Procura devolver aos edifícios a sua estética original, recriando-a se necessário (Reconstituição)"[53]. Já a reabilitação de edifícios, tipo de intervenção a sugerir para o objecto de estudo, será uma acção que pretende sempre algo mais desenvolvido que voltar às origens do edifício, pois pressupõe uma reabilitação das suas qualidades no sentido de o "contemporanizar". Isto ver-se-á sempre acompanhado de alterações consideráveis nos edifícios em questão pois as noções de qualidade, estética e conforto são extremamente volúveis no tempo e que na reabilitação de edifícios implica a sua transformação.

Entende-se então a mais-valia do restauro como algo que respeita a memória e o interesse da reabilitação como a afirmação da efemeridade do novo em contraste com a preservação do antigo, adaptando este último e melhorando-o nas falhas típicas consequentes da disparidade temporal, social e cultural. Com isto não se deixa de parte a reconstrução do antigo através do recurso a técnicas contemporâneas ("Cópia, Reconstituição ou Anastilose são os possíveis tipos de Reconstrução/Reedificação"[53]), pois há casos onde se reconhece ser uma opção incontornável pela necessidade de corroborar os anteriores, ou seja, há restauros que não fazem sentido se não completo o objecto de trabalho onde partes por vezes se encontram em falta; do mesmo modo a reabilitação de um edifício com base no contraste novo/antigo por vezes não é viável devido a falhas nesse antigo que o tornam numa situação heterogénea e, por isso, confusa. Em situações como as referidas o antigo ver-se-á representado sob justificação do reforço da sua identidade. No entanto, este objectivo não é muitas vezes viável devido à diferença de meios e técnicas, podendo terminar a intervenção com uma descaracterização grave do edifício.

53 VALE, Clara Pimenta do, *Reabilitação de edifícios - textos de apoio à disciplina homónima leccionada na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto no ano lectivo 2011/2012*, Porto, Faup, 2011

54 *Conversa com o Arquitecto Manuel Saldanha*, Restaurante *A Estrela Marechal*, Rua Marechal Saldanha, Lisboa, Agosto de 2011

Nota 1

Sobre a intervenção executada por Carlo Scarpa (1706-78) no Castelvecchio (Verona, 1956-64), "A passagem do tempo é uma referência nesta intervenção, em que os materiais são propositadamente escolhidos e estudados, e depois dão forma a um conjunto em que não se pretende a mera compatibilização, ou amena conjugação, ainda que de carácter contemporâneo, mas uma acentuação das idades do edifício (Scarpa 'demolished a section of the fabric to expose the layers within'. (POWELL:1999:11))."[55]

Nota 2

"(...) Entenda-se, também, por património industrial o legado material e imaterial produzido pelos diferentes agentes sociais e económicos que perpetuam a memória colectiva."[56]

Nota 3

"Battersea Power Station will become one of London's great addresses for cutting-edge modern businesses, which will be attracted here by the opportunity to be associated with a world famous building and to benefit from the dynamic mix of uses."[57]

Assim, a nova intervenção num edifício a preservar deverá acontecer da forma o mais independente possível deste. Não é para isto necessário considerar todo o edifício como uma peça de museu inatingível, mas definir quais os seus elementos de importante preservação e garantir a sua protecção. Alguns autores defendem a existência de partes dos edifícios que deverão ser encerradas ao público, e partes fragilizadas que deverão ser cobertas ou protegidas por elementos de fácil remoção.[Nota 1]

Como planear a intervenção?
Pôr o novo a par com o velho e tornar isso a mais-valia do edifício. É sabido que a especialização programática dos edifícios traz possível abandono e desactualização das instalações. Numa época caracterizada por maior oferta que procura, as técnicas utilizadas para aliciar possíveis clientes já não se ficam por preencher unicamente as necessidades específicas do tipo de programa mais procurado no momento. Hoje em dia é necessário conquistar o futuro utilizador, analisar as suas necessidades e caprichos e tentar colmatá-los.

Como o fazer?
É imperativo acrescentar área e variedade programática que o torne um investimento rentável.[Nota 3]

Objectivamente referindo edifícios industriais[Nota 2], não é recente a preocupação em conceder-lhes, quando considerados inúteis, novas funções. Um livro dos anos 70 intitulado "Nuevos usos para edificios antiguos" de Sherban Cantacuzino[58] acusa a larga idade destas preocupações, confirmando a crescente sensação ao longo da investigação aqui apresentada de que o Porto apresenta um grave e alarmante atraso na resolução arquitectónica dos seus espaços industriais, na origem da sua história e causa do seu crescimento.
Segundo este livro, poder-se-á falar de 50 anos de atraso durante os quais já demasiado se perdeu na cidade do Porto: "...el libro de Sir James Richards, com fotografías de Eric de Maré, "The Functional Tradition in Early Industrial Buildings (Architectural Press, 1958 y 1968)" ... puso de relieve por vez primera el valor de edificios industriales tales como almacenes, talleres de producción de tejidos y fábricas de cerveza, y subrayó la urgente necesidad de descubrir nuevas utilidades a los mismos y evitar así la pérdida irreparable que supondría su demolición.", Sherban Cantacuzino , Londres, Fevereiro de 1974.

55 RAMOS, Ricardo, *Reabilitação de Edifícios Industriais como Museu*, docente orientadora Doutora Maria Calado, Lisboa, FAUTL, Novembro 2011, pág. 75

56 *KIT03 – Património Industrial, Guia prático para a inventariação de património arquitectónico*, Direitos por: IHRU, IP e IGESPAR, IP, Novembro 2010

57 http://www.buildington.co.uk/new_developments/london_sw8/188_kirtling_street/battersea_power_station/id/497

58 CANTACUZINO, Sherban, *Nuevos usos para edifícios antiguos*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S.A., 1979

Exemplos pela estética do restauro, pelo programa frequentemente aplicado e pelos lofts.

220 Water, Dumbo, NYC[59]:

Roof deck with fireplace and two barbecue grills
Fitness and yoga facilities
Children's playroom
On-site parking
Bicycle storage



Fig. 71 - *220 Water*, Dumbo, NYC

Monarch Lofts, Lawrence, Massachusett's[60]:
"eco-conscious and eco-stylish living"

fitness center (gym with bikes, a bouldering rock wall, cardiovascular and free weight equipment, and yoga room)
green roof
Underground parking
Community room with catering and parties open kitchen, billiards, media room (films, broadcast events and presentations) and conference room (meetings or social gatherings)
Pet- friendly
Studio - 80,64 m2 (min); T1 - 111,58 m2 (min); T2 - 138,8 m2 (min)

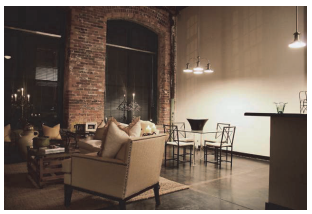




Figs. 72, 73 - *Monarch Lofts*, Lawrence, Massachusett's

The Lofts of Greenville, South Carolina:





Figs. 74, 75 - *The Lofts of Greenville*, South Carolina

São, no entanto, as reabilitações nova-iorquinas as que mais imagens cedem ao Mundo no que toca ao tema. Através de uma pequena análise ao programa presente em alguns casos estudados, chega-se à conclusão que os edifícios habitacionais têm como valências de apoio à habitação mais frequentes, que funcionam como aliciante ao futuro utilizador, o ginásio, o parque subterrâneo e espaços comuns de ocupação de tempos livres interiores e ao ar livre (pressupõem elevada proximidade de serviços). A informação ao cliente é feita de forma directa e objectiva: "The 88,000 sq ft residential building includes an exercise room, community rooms, art gallery, basement parking and a new cafe."[61]
Já no caso dos escritórios e comércio, programas que seguem a habitação como ordem de preferência provavelmente pelo retorno económico subjacente, reconhece-se nesta análise à publicidade efectuada pelas imobiliárias um exagero de marketing como "até o café que servimos é orgânico".

Tudo isto mostra o cuidado em assegurar às pessoas interessadas que o sítio que lhes dão a conhecer corresponde às preocupações contemporâneas - saúde, ecologia e respeito pela memória colectiva – através de pequenos detalhes de marketing como áreas de desporto, os espaços verdes/exteriores, a história do que já esteve no edifício como mote para enfatizar a sua história, etc.
Outro ponto a salientar é a futura utilização destes espaços, nem todos de luxo como os representados, por um variado leque de pessoas. A não conversão destes num hotel ou pousada de luxo abre outras possibilidades à sua manutenção e respeito por parte da comunidade onde se insere.

A ideia de que está tudo construído ou de que pouco está por inventar acompanha toda esta tendência da recuperação da memória como metodologia para a valorização de um espaço, somando-se a isto o romantismo associado aos espaços vazios.

Empresas imobiliárias como a Green Desk (http://green-desk.com/) ou a Two Trees (http://twotreesny.com/) encarregam-se da divulgação e promoção destes espaços, sendo por elas perceptível os tipos de programa que mais rapidamente garantirão o retorno do investimento efectuado na recuperação dos edifícios:

Residencial:
- Arrendamento
- Vendas

Comercial:
- Escritórios/estúdios para artistas
- Espaços de Galeria
- Armazéns (não há necessidade numa cidade como o Porto)

Retail (lojas)

59 http://www.220water.com/amenities.html

60 http://www.monarchlofts.com/?page_id=28

61 http://inhabitat.com/campstreet-lofts-is-an-artsy-adaptive-reuse-of-a-1920s-factory-in-san-antonio/



Figs. 76, 77 - High Line, NYC





Fig. 78 - Promenade Planté, Paris



Fig. 79 - Projecto *Horta Comunitária* de Chiara Sonzogni, Vitória, Porto



Fig. 80 - *Exposição de Ricardo Gritto*, Convento de Monchique, Massarelos, Porto

Isto não se fica pela habitação, mas também em espaço público e de lazer. A *High Line*, na zona oeste de Manhattan, NYC e o *Promenade Planté* em Paris, são situações em que o abandono não é merecedor de destruição mas de cuidado e preservação pela sua estética. Em ambas as cidades o facto de já não haver necessidade de uma linha de metro de superfície serviu de mote a um novo e interessante espaço público dois pisos acima do nível da rua. Nas duas pode-se caminhar em zonas que naturalmente não veriam aí colocados miradouros de raiz. São zonas pouco agradáveis, de habitação e algo de industrial – quase periferia! Agora há gente que aí passeia, corre, pára num banquinho a ler o livro e o mais interessante é experimentar-se o que tanto encanta nessas cidades – o mistério de saber como é viver aí, o que há nelas além da Estátua da Liberdade e da torre Eiffel. Porque os espaços públicos são de todos, o visitante quer conhecê-los como um local. E a diferença é o que, hoje em dia, faz destes espaços locais apelativos. E funciona. Tanto numa cidade como na outra o que menos se vê são turistas, o que indica um hábito de uso, uma real necessidade de espaço público no local onde antes existia algo e onde dificilmente se imagina agora existir um "típico" espaço público que apenas seria viável recorrendo à destruição de ruas ou edifícios das referidas áreas, extremamente consolidadas. A não esquecer, a beleza de caminhar a um nível diferente do normal, a um passo do dia a dia da vida real, a memória colectiva a reconhecer algo como esteticamente agradável e socialmente importante.

No Porto fazem-se hortas em ruínas de casas na freguesia da Vitória, exposições nas ruínas do convento aparentemente abandonado de Monchique. Em armazéns nas traseiras das casas (nos logradouros) onde um dia funcionaram pequenas unidades industriais, constroem-se espaços de *co-working* (LOFTE) e exposições com *workshops* (604) mas estes são, aparentemente, iniciativas pontuais e com uma escala, por consequência, pequena que acaba por não afectar sobremaneira a cidade. Espaços maiores e com uma coerente mistura programática concordante com as necessidades da cidade seriam necessárias para que isso apresentasse maior impacto. Em NYC, a High Line é utilizada e faz todo o sentido porque está incluída num *masterplan* de melhoria da zona oeste da cidade. Talvez seja a falta dessa coordenação que leva o Porto industrial ao abandono actual.

"Deve ser um trabalho executado por um grupo de intervenientes misto, envolvendo-se nesta abordagem, arquitectos, engenheiros, historiadores, arqueólogos industriais, técnicos de património. as câmaras, a Junta Metropolitana do Porto, a CIP (Confederação da Industria Portuguesa), Serralves, os investidores imobiliários.. em suma existe toda uma realidade que deveria trabalhar em rede para poderem preservar algo que vai fazer muita falta ao futuro, o passado...", Historiador César Santos Silva no dia 11 de Março de 2012 (via correio electrónico) em resposta à pergunta: *No caso de recuperação do património industrial da cidade, qual é o sector a envolver que julga ser mais adequado? Público, privado ou ambos?*



Figs. 81 e 82 - Mercado de Sábado à tarde na Praça Carlos Alberto Fotografia de Inês Soares Julho 2012





Fig. 83 - Rua de Cedofeita



Fig. 84 - Real capella de Nossa Senhora da Lapa (Porto), Litografia, S., 1868

. Companhia Aurificia no novo bairro burguês da cidade - a abertura da rua Álvares Cabral e a divisão da quinta em quarteirões

"(...) Noutros tempos o centro da cidade era a rua Chã, o qual se deslocou para a Praça Nova. E não virá longe o dia em que o centro citadino tenha de ser a actual Praça Carlos Alberto ou as suas proximidades; como num futuro (...) o será qualquer outro lugar mais além e no sentido do mar."[62]
Esta citação provavelmente não adivinharia 100 anos passados até à sua concretização mas ter-se-á este momento como actual. A praça Carlos Alberto e a sua envolvente são actualmente centro da vida social e boémia da cidade, a meio do percurso entre aquele já chamado por alguns como "o bairro das artes" e o centro da vida nocturna nos arredores da entrada do túnel de Ceuta e nas proximidades da rua Galerias de Paris. Espaço de movimento ou de estar, apenas a rua de Cedofeita continua com o tipo de ocupação que mantém há já alguns anos – comércio e restauração para os locais. Ainda assim, com este novo *boom* de turismo que vemos acontecer na cidade, esta rua encontra-se agora com um novo tipo de frequentadores: turistas em busca deste "típico" tão autêntico na cidade, passeiam a par com as peixeiras do cruzamento com a rua Miguel Bombarda.

As origens do quarteirão onde se inserem as instalações da Companhia Aurifícia são as mesmas que justificam o crescimento burguês da cidade do Porto ao longo do séc. XVIII e XIX. Como já referido, o Porto dos Almadas já incluía na sua malha a actual Praça da República – "(...) Espaço localizado na zona rural e urbana envolvente que integrava o Campo de St.º Ovídio, a rua do Almada já rasgada e com um considerável conjunto de habitações edificadas, numa época que antecedeu a ampliação da praça [1783/85], a abertura da rua da Boavista e a edificação do Quartel General [1790]. (...) A rua da Boavista iria também ser aberta à custa de terrenos (Norte) da Quinta."[63]

62 MORAES, A. C. da Cunha, Os melhoramentos da cidade do Porto, Porto, Typographia Pereira, 1916, Pg. 5

63 PIRES, Maria do Carmo Marques, *(Com)passos num espaço de nós. A Rua Álvares Cabral) Revista da Faculdade de Letras CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO,* I Série vol. III, Pg. 217 - 235, Porto, 2004

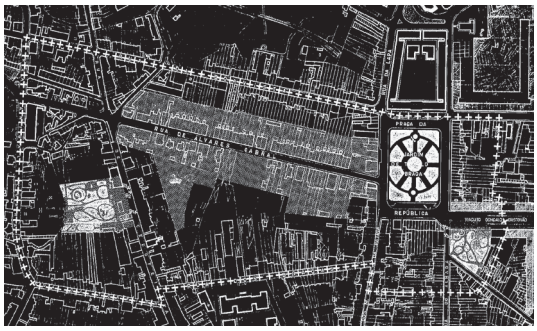


Fig. 85 - A rua Álvares Cabral



Fig. 86 - A rua Álvares Cabral



Fig. 87 - A rua Álvares Cabral - Clínicas privadas ocupam alguns edifícios



Fig. 88 - A rua Álvares Cabral - O interior de uma casa do séc. XIX (*Contagiarte*)

Em 1839 planeava-se já uma rua a atravessar a Quinta de St.º Ovidio e a ligar o Campo da Regeneração (Praça República) à rua de Cedofeita. A rua foi concluída em 1898, oferecida por um particular, o Conde de Resende, à Câmara, através da alienação da Quinta dos Pamplonas ou dos Condes de Resende.[64] "Em 30 de Junho de 1898, a rua encontrava-se concluída e denominada por rua Álvares Cabral a pedido da Junta de Paróquia de Cedofeita, em 18 de Maio de 1898, substituindo assim a anterior de-si-gnação de rua nova ou dos Pamplonas."[65]. A abertura da Companhia Aurifícia com essa designação deu-se mais cedo, como explica a historiadora Mª da Luz Sampaio[66]: "escritura em 1864, transforma-se, dois anos mais tarde, por razões financeiras, numa Sociedade Anónima por acções. Em 25 de Março de 1869, data considerada pelos administradores e ope-rários como a da fundação, adopta a designação de Companhia Aurifícia."

A rua Álvares Cabral é reconhecida ainda hoje por todos os portuenses como a representante de uma classe economicamente favorecida da cidade. Isto deve-se ao tipo de profissões exercidas pelos seus futuros habitantes:

"Este quadro humano que investiu na compra de um ou mais lotes, naquela que viria a designar-se como Rua Álvares Cabral, constituía uma elite económica e social da cidade de oitocentos. Maioritariamente composto por proprietários, comerciantes, negociantes, capitalistas, este grupo detentor de elevados/médios rendimentos ou exercendo funções de relevo, comprou, edificou e criou uma zona de prestígio da cidade e contribuiu para o 'agravar das distâncias físicas e sociais entre o espaço e os homens que coexistem na cidade'.

Os lotes que definiram a rua foram aumentados por sujeitos cuja posição hierárquica se pautava pela riqueza. Desde a sua arrematação se foi definindo a futura orientação imobiliária deste traçado. Num lote ou num agrupamento de terrenos ir-se-iam edificar, preferencialmente, residências unifamiliares onde os ideais burgueses de privacidade, intimidade doméstica, segurança e estabilidade eram assegurados e resguardados do espaço público. As fachadas que barricavam o 'lar' defendiam-no do espaço exterior, mas permitiam o acesso a uma sociabilidade desejada."[64]

64 PIRES, Maria do Carmo Marques, *A Rua Álvares Cabral (1895-1940), Formas de Habitar*, Porto, FAUP, 2000

65 PIRES, Maria do Carmo Marques, *(Com)passos num espaço de nós. A Rua Álvares Cabral*, in *Revista da Faculdade de Letras CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO,* I Série vol. III, Pg. 217 - 235, Porto, 2004

66 SAMPAIO, Maria da Luz, *Arqueologia Industrial,* IV Série, Vol. II, nºs 1-2, 2006



Fig. 89 - A rua Álvares Cabral - Azulejos nas fachadas da rua



Fig. 90 - A rua Álvares Cabral - A clarabóia de uma das casas abandonadas da rua



Fig. 91 - A rua Álvares Cabral - O jardim das traseiras de uma das casas abandonadas da rua

O edificado desta rua acusa o enriquecimento desta fatia da sociedade local no séc. XIX e como estes interpretavam o acto do habitar. As fachadas representam ainda a homogeneidade da época, salvo algumas excepções referidas por alguns autores e associadas a programas excepcionais. Na sua generalidade denota-se a existência da habitação unifamiliar de, considerar-se-ia actualmente, grande envergadura, com amplos e variados compartimentos. A cada um destes ser-lhe-ia atribuída uma função já inútil na distribuição espacial da habitação como hoje a conhecemos, e detalhes como a sala de fumo para os do sexo masculino ou os quartos de dormir da criadagem são ainda reconhecíveis nestas casas burguesas. O pormenor da decoração é o que, provavelmente, mais interesse no sentido do mistério associado trará a estes edifícios, exemplificando o habitar típico desta classe nessa época e que poderá ajudar a entender porque no Porto a aparência exterior do espaço "casa" é raramente o primordial. "O estreito lote impor-se-ia na maior parte das edificações, o logradouro, parte da parcela fechada, seria ocupado por jardins, pomares, estufas, anexos vários, lugar separado do espaço público pelo corpo do edifício e onde a vida familiar se desenrolava longe do olhar de estranhos."[67]
Estas casas de extrema riqueza apresentam fachadas relativamente discretas, todas elas iguais e destacando-se pouco entre si, salvo raras excepções como as dos "lotes 28 a 30, vendidos para edificação pela Companhia Aurificia, em finais dos anos 20 e inícios dos 30 - três habitações, duas das quais de leitura predominantemente vertical, de igual cércea e com decoração exterior arte déco."[68] É no seu interior que se encontrará a sua maior riqueza, com os estuques do tecto, as madeiras e mármores dos lambris da parede, a carpintaria dos vãos interiores e exteriores e, por fim, o logradouro com uma flora no geral densa e rica que nesta rua específica não foi aparentemente ocupado pelas já referidas ilhas, mas posteriormente por armazéns e garagens.

67 PIRES, Maria do Carmo Marques, *(Com)passos num espaço de nós. A Rua Álvares Cabral*, in *Revista da Faculdade de Letras CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO,* I Série vol. III, Pg. 217 - 235, Porto, 2004, Pg. 229

68 PIRES, Maria do Carmo Marques, *A Rua Álvares Cabral (1895-1940), Formas de Habitar*, Porto, FAUP, 2000



Fig. 92 - A laranja as instalações da Companhia actualmente em desuso que o grupo pôde visitar cortesia do Sr. Julião Pinto Leite

A verde as instalações arrendadas a privados (garagens)

A cinzento o espaço de quinta cuidado pelos caseiros que ainda aí habitam

A vermelho as vias e espaços públicos mais relevantes para a definição do quarteirão

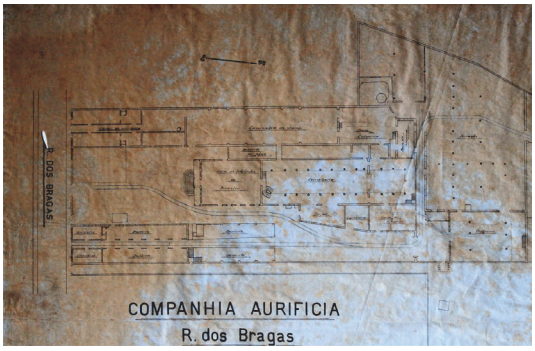


Fig. 93 - Planta emoldurada e pendurada no escritório das instalações.

O pavilhão representado no canto superior esquerdo já não existe e era o antigo armazém de madeiras



Fig. 94 - Imagem emoldurada e pendurada no escritório das instalações.

O armazém das madeiras era a cobertura representada no lado esquerdo da imagem

. a Aurificia

A definição do quarteirão como actualmente existe dá-se, então, com a abertura da Rua Álvares Cabral. A rua dos Bragas já existia desde a década de 60 do séc. XIX, tendo começado os seus planos já na década de 10[69], enquanto a rua de Cedofeita era já um dos mais importantes eixos da cidade desde 1782, com o objectivo de criar um novo acesso a Vila do Conde e a Barcelos, intervenção devida à época dos Almadas na cidade do Porto. A Praça da República perde a importância até aí mantida como frente de entrada da quinta, mas vê aumentada a sua importância como espaço urbano de intersecção entre todas estas ruas ainda hoje de extrema importância para a circulação portuense: rua do Almada, Boavista, Gonçalo Cristovão (posterior à anterior) e Álvares Cabral.
É, então, entre esta praça e a actualmente importante rua comercial de Cedofeita que se situam as instalações desta que seria uma das mais importantes unidades produtivas da cidade, aproveitando também os recursos naturais aí existentes: "Quando a Companhia Aurificia, (...) arrematou os 22 terrenos (nº 22 a 43) localizava-se nestes terrenos a mina com nascente no interior da Quinta."[71]

Esta importância deve-se tanto ao seu nível de inovação com a qual se consegue a "conquista de uma posição prestigiada nos mercados nacional e estrangeiro, mantendo sempre a utilização de uma tecnologia própria e característica dos primórdios da revolução industrial (...) notável exemplar de uma unidade produtiva do sector metalúrgico oitocentista"[72], como do tipo de comércio efectuado, uma vez que a Companhia foi pioneira na importação de determinadas madeiras do Brasil e do norte da Europa (armazenadas no pavilhão entretanto demolido na ala Oeste do pátio à Rua dos Bragas), assim como capacidade empregadora ("1868 - 100, em 1881 - 99: estabilidade da força laboral e, provavelmente, não introdução de novas máquinas para a dispensar). Trabalhavam como cobradores, contabilistas, pregoeiros, parafuseiros, torneiros, serralheiros, carpinteiros, mestres, aprendizes e serventes de várias artes"[72], que actualmente se poderá apresentar de pouca relevância mas que é ainda reconhecida na vizinhança, descendente de trabalhadores nestas instalações.

69 LOPES, David F. O., *Relações entre o Processo Urbano e o Processo de Industrialização no Porto - A rua dos Bragas e a Companhia Aurifícia*, Porto, FAUP, 1988

70 FERRÃO, Bernardo José, *Projecto e Transformação urbana do Porto na Época dos Almadas, 1758/1813, Uma contribuição para o estudo da cidade pombalina*, Porto, FAUPpublicações, 1997, Pg. 212

71 PIRES, Maria do Carmo Marques, *A Rua Álvares Cabral (1895-1940), Formas de Habitar*, Porto, FAUP, 2000

72 SAMPAIO, Maria da Luz, *Arqueologia Industrial*, IV Série, Vol. II, nºs 1-2, 2006



Fig. 95 - O orgulho na história da Companhia. Imagens da chegada da máquina a vapor às instalações, desenhos dos edifícios originais e fotografias/ retratos dos directores ao longo da sua existência decoram as paredes

O nascimento desta Sociedade numa altura em que a industrialização portuguesa se consolidava, é devido ao "empenhamento de um grupo de 'homens bons' da cidade do Porto - Joaquim Rodrigo Pinto, Pedro Augusto da Costa, José Dias d'Almeida, Augusto Alberto Corrêa e Miguel Gonçalves Corado e Silva. São eles os impulsionadores deste significativo investimento, que contou com a aquisição de maquinaria inglesa e alemã, além da nacional, sendo esta em grande parte proveniente da fábrica de Jacinto Ramos. Nos seus primeiros anos de vida, contou ainda com operários especializados vindos de Inglaterra, que montaram grande parte da maquinaria, assim como o saneamento da fábrica, transmitindo os seus conhecimentos e contribuindo, desta forma, para a própria formação dos operários portugueses."[73] Esta informação torna-se de extrema relevância quando se reconhece que apenas "a partir dos anos 50 do séc. XX o Porto está invadido por fabriquetas" devido às relações comerciais com o Brasil e pelo vinho do Porto[74], sendo que no início do séc. XX, talvez pelas alterações nas relações económicas pós-guerras, muitas das instalações industriais até aí em funcionamento nas zonas do Bonfim, Campanhã e Torrinha/Cedofeita se viram extintas.

Ora, estes homens de elevada capacidade financeira pertenciam já a esta mesma classe que veio a habitar a rua Álvares Cabral, sendo curiosa a localização das instalações nas suas proximidades, algo impensável actualmente por questões de conforto acústico. No entanto, a sua elevada ocupação no quarteirão em que se insere e o facto de apresentar de raiz duas frentes para duas das ruas mais importantes do séc. XIX portuense adivinham a capacidade financeira dos envolvidos: "De facto, para além de a estrutura industrial da cidade ser essencialmente marcada por pequenas unidades, estas instalavam-se — na sua grande maioria — nas residências dos próprios industriais ou, como era frequente, num barracão instalado no quintal. Deste modo, grande parte da indústria portuense não apresentava visibilidade externa, traduzida na existência de edifícios industriais próprios — a fábrica moderna, instalada num edifício de raiz — e de quarteirões preenchidos por grandes concentrações fabris, o que é também um testemunho das limitações financeiras com que os industriais se defrontavam."[75]

73 SAMPAIO, Maria da Luz, *Arqueologia Industrial*, IV Série, Vol. II, nºs 1-2, 2006

74 SILVA, César Santos, na palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

75 CORDEIRO, José Manuel Lopes, *Empresas e empresários portuenses na segunda metade do século XIX, Análise Social, vol. XXXI* (136-137), Porto, 1996, Pg. 324



Fig. 96 - Exposição do Palácio de Cristal, em 1876

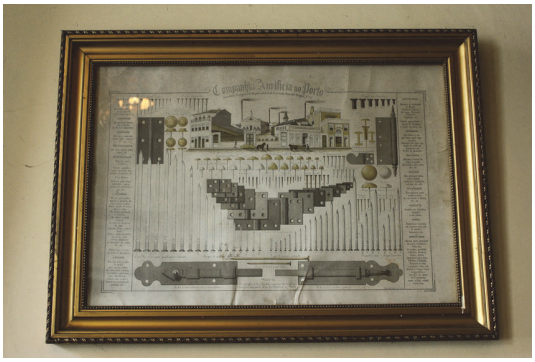


Fig. 97 - Mostruário do tipo de produção metalúrgica presente nas paredes do escritório



Fig. 98 - Mostruário de pregos nas instalações
Fotografia de Inês Soares
Outubro 2011



Fig. 99 - Material presente no Armazém de "retém"
Fotografia de Inês Soares
Outubro 2011

A Companhia Aurifícia nasce então numa época em que "(...) o Porto foi marcado pela atracção dos seus mercados, das suas fábricas. Ao findar o século, configura a primeira cidade operária do Reino (português)."[76] É esta a sua importância histórica, como elemento relevante de uma espécie de movimento que deu a segunda nomenclatura à cidade, a de industrial depois de Invicta. Individualmente, a sua importância tem repercussões óbvias na questão da comercialização dos produtos: "(...) não se encontra nenhuma fábrica na região norte com as características da Aurificia (Inquérito Industrial de 1881 (...) na rua de Campo Lindo, no Porto, uma pregaria pertencente a José Vieira de Carvalho, fundada em 1867(...); serração mecânica, na Fundição do Bolhão.), o que lhe permite desempenhar, durante vários anos, um papel singular no sector metalúrgico.
A qualidade e os níveis de produção (conferem-lhe um) bom lugar nos mercados nacionais e estrangeiros, recebendo encomendas de vários países, sobretudo de Inglaterra, (...) premiada em vários certames nacionais e internacionais. (Na) Exposição do Palácio de Cristal de 1876, (é) premiada pelo seu "Silver Service"."[77]

As imagens da chegada da caldeira às instalações e o facto de ainda alojarem em propriedade sua antigos trabalhadores demonstra o interesse dos proprietários originais (não únicos) deste espaço na sua história, o que a torna de fácil acesso e, por isso mesmo, de necessária valorização. Aqui ver-se-ia acontecer uma situação de oposição no sentido em que esta memória é localizada e representa para a cidade uma pequena percentagem da sua população não se podendo, por isso, denominar esta de memória colectiva. Assim, a preservação dos espaços como intactos não se poderá ver justificada pela memória mais que pelo seu interesse estrutural e estético.

76 RAMOS, Luís A. de Oliveira, *História do Porto*, 3ª Edição, Porto, Porto Editora, 2000, Pg. 38

77 SAMPAIO, Maria da Luz, *Arqueologia Industrial,* IV Série, Vol. II, nºs 1-2, 2006

. Companhia Aurifícia e o seu reconhecimento no bairro

"O mais antigo documento sobre a Companhia Aurifícia que encontramos e que nos descreve, com algum pormenor, as suas instalações e equipamentos, data de 1868. Nele, encontramos dados não só sobre a produção da Companhia, mas também sobre a arquitectura das instalações fabris, a maquinaria existente, as ferramentas utilizadas, etc."[78]
É de salientar o já referido cariz de inovação que a Companhia trouxe para as indústrias onde se incluía e para a cidade, reconhecido historicamente pelo historiador César Santos Silva no texto *As tradições operárias do Bairro da Fontinha*[79] onde este assinala: "A 12 de Maio de 1876, os pregueiros das oficinas das Musas e da Fontinha deram início uma greve exigindo aumentos salariais. Este movimento grevista coincidiu com a inauguração, na rua dos Bragas, da Companhia Aurifícia, uma unidade industrial moderna, apetrechada com a mais moderna maquinaria que na época existia para o fabrico de pregos a partir do arame. Estes dois acontecimentos estiveram na origem da extinção da velha indústria artesanal do fabrico de pregos de ferro forjado."

Como uma cidade pertencente ao continente europeu, onde "a forma das cidades europeias é ainda fortemente determinada pela tradição e história, contrariamente às metrópoles em rápido crescimento na Ásia e América Latina"[80], no Porto a história da cidade e do país é sentida nos seus espaços públicos e privados. Lamentavelmente, grande parte daquilo que contaria a sua história industrial e, por consequência, do seu mais rápido crescimento, encontra-se em ruínas ou é inexistente

Falando especificamente da Companhia Aurificia, essa memória é recente pela recente data de cessação da actividade. A família em questão ainda é reconhecida no bairro e parte ainda frequenta a zona. O espaço como espaço de trabalho de família e amigos está ainda no pensamento dos vizinhos quando se deparam com as instalações.

78 SAMPAIO, Maria da Luz, *Arqueologia Industrial,* IV Série, Vol. II, nºs 1-2, 2006

79 SILVA, César Santos, *As tradições operárias do Bairro da Fontinha,* Texto cedido pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

80 http://www.convertiblecity.de/konzept_en.html, texto *Cities. Architecture and Society* - The 10th International Architecture Exhibition, Venice, 2006, directed by Richard Burdett

Dados curiosos da relação entre patrões e funcionários corroboram esta afirmação: "Cada operário era, à entrada na Companhia, baptizado com um nome atribuído pelos companheiros (...). Cooperativa Aurificia (...) constituía um órgão social dos operários, que se quotizavam com vista à organização de um armazém de mercadorias para os respectivos familiares, (possuía) centro de apoio a doentes, e chegando mesmo a custear funerais (que) desapareceu há alguns anos.
(...) eles próprios organizavam uma grande festa dentro do refeitório e nos pátios anexos, no 1º de Maio, com bandas de música e boas merendas. Aí conviviam com os administradores, (prestaram) homenagem em 1964 com Julião Gouveia Pinto Leite. Actualmente, o número de operários tem vindo a decrescer, em virtude da adopção de nova maquinaria."[81]
Isto, adicionado às conversas com os vizinhos, sugere uma fácil abertura e apoio por parte da população envolvente no caso de lhe ser apresentada uma nova função para os edifícios da Companhia. Estas pessoas têm ideias quanto ao que poderiam realizar nas ditas instalações, assim como terão os estudantes da faculdade de Direito e Farmácia que ao longo do curso se questionam sobre o que se passará por detrás daqueles portões. Aproveitar isso poderia significar aproveitar o que já aqui foi falado – a autenticidade da cidade e, por sua vez, do bairro, para atrair novas pessoas. Imparciais e com ideias novas, ver-se-iam como úteis e parte de um processo de reconstrução e interpretação da memória da colectividade aí ainda residente.

"A reestruturação da sociedade industrial assim como as alterações demográficas (...) apresenta distintos desafios à arquitectura e ao planeamento urbano (...)"[82], como seja o entendimento do espaço em quanto a sua utilidade original já não é aí compreendida. O abandono destes espaços descaracteriza a zona, não sendo a sua destruição a única solução mas, em muitos casos, a mais económica. Apresenta-se, no entanto, urgente a mudança desta mentalidade tanto pelo interesse histórico como arquitectónico e, consequentemente, urbanístico destes espaços que proporcionam às cidades aquilo do qual estas são feitas – o conjunto de diferentes características fortemente demarcadas é o que lhes dá a identidade que as difere entre si.

81 SAMPAIO, Maria da Luz, *Arqueologia Industrial,* IV Série, Vol. II, nºs 1-2, 2006

82 http://www.convertiblecity.de/konzept_en.html, texto *Cities. Architecture and Society* - The 10th International Architecture Exhibition, Venice, 2006, directed by Richard Burdett



Fig. 100 - Reabilitação do edifício da Alfândega, no Porto, pelo arquitecto Eduardo Souto Moura

A pedra das paredes não foi rebocada e a cobertura, com travejamento em madeira de Riga, não foi revestida

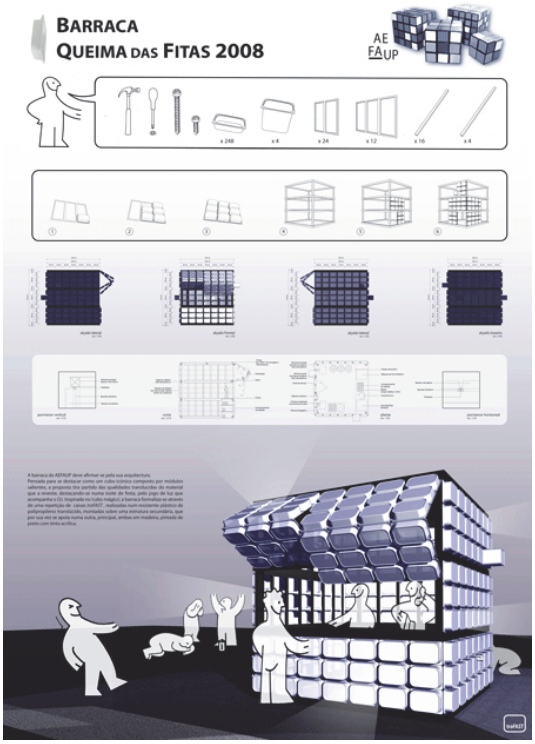


Fig. 101 - 1º lugar no concurso da Barraca da Queima de 2007 lançado pela AEFAUP: "*Temporary Bar* de Diogo Aguiar e Teresa Otto Parque da Cidade, Porto, Portugal, 2007 (construído e demolido)

. revitalização das instalações para dinamização da zona com a dupla habitação/trabalho

O espaço é ocupado de acordo com a relatividade do tempo, de acordo com a apropriação que o ser humano faz dele. O nome que lhe atribuímos está mais subjacente à função que lhe associamos do que ao seu desenho, sendo este consequente das necessidades dessa função. Quando se fala de arquitectura industrial ou fábrica, é efectuada uma referência à actividade aí executada, sendo que muito frequentemente este espaço nem aparenta essa função.
Assim sendo, facilmente se adivinha que o mesmo espaço pode adquirir outra função, e outro desenho espacial, consequentemente, que lhe concederá outro nome. A Alfândega é um complexo de salas de exposição e conferências. Quem desconhece a quantidade e tipo de produtos que um dia aí tiveram que passar pode dar largas à imaginação e associar o edifício a diversos tipos de funções.
Esse é provavelmente um dos desafios mais interessantes que pode apresentar um exercício de reabilitação. A possibilidade de interpretar um espaço destinado a um tipo de função que em determinado momento foi necessário com essas características. Noutro tempo, e de acordo com as necessidades do mesmo, esse espaço será o responsável pela decisão da sua nova função devido ao seu tamanho, estética e nível de conforto. Estas características redefinem-se ao longo da vida do edifício pelo que a elas este terá sempre que se adaptar.

Este pode ser talvez um dos motivos pelos quais a arquitectura toma cada vez mais o sentido do efémero. A durabilidade dos componentes de um edifício do séc. XVIII não é comparável com a de um edifício da era moderna. Inconscientemente ou não, a ideia de que um edifício não poderá servir eternamente a função para o qual foi executado pode atrair a ideia de que os edifícios podem ser efémeros como a sua função em vez de adaptáveis à mudança dos tempos. Actualmente vive-se um período onde este efémero ga-nha relevância. A arquitectura como instalação surge frequentemente em espaços públicos, algo temporal, com data de destruição. Realizam-se concursos como os das barracas da Queima ou de quiosques de verão em praças públicas com equiparável relevância ao executado para um Museu Municipal. Nisso não há crítica a efectuar já que, tratando-se de diferentes tipos de estudo para o arquitecto, este apenas tem a ganhar com o resolver das diferentes abordagens. No entanto, dever-se-á interpretar este acontecimento como algo oposto ao definitivo do edificado? As grandes instalações industriais do passado nunca se voltarão a ver repetidas na sua imponência e cingir-nos-emos aos inestéticos armazéns de materiais pré-fabricados?

Como curiosidade relativa a este assunto, existe a questão da forte emigração que se vê acontecer no país. Pareceu ao grupo do projecto em seguida apresentado que este pode ser visto como uma das novas oportunidades concedidas a esta população portuguesa que se vê numa espécie de obrigação de abandonar um barco há muito a afundar.
De 1869 a 1969 muito mudou no país, referindo-se aqui algo tão presente na memória colectiva como os anos de ditadura (1926-1974). Se em 1869 a cidade e o país apresentavam um crescimento que adivinhava uma sociedade (minimamente) em desenvolvimento, em 1969, com a questão do Ultramar a fazer decair o estado social do país desde 1961, a emigração apresentava números assustadores. Isto ainda contando que grande parte desta era ilegal. Como destinos de emigração, apesar do incentivo do Estado a partir de 1961 relativamente às colónias africanas, o "povo" escolhia o Brasil, principalmente, e França. Assim, falamos de "Mais de 40 mil em 1962, 74 mil em 1964, 104 mil em 1966, 150 mil em 1969 (...). Embora a emigração para África tivesse aumentado, a verdade é que, em 1974, viviam mais portugueses em França do que na totalidade dos territórios africanos que integravam o Ultramar Português."[83]
Esta demonstração indica apenas que o tema da emigração não é novo e conta aparentemente com um forte e comum incentivo governamental. Não é objectivo aqui fazer qualquer tipo de análise política, mas indicar que neste estudo nunca a participação de algum e qualquer tipo de Estado foi uma hipótese. Apresentar-se-ão, simplesmente, ideias de relações programáticas com o papel de incentivar possíveis utilizadores. Pensou-se que estas trariam um efeito de contágio a uma vizinhança que, por enquanto, se apresenta demasiado dependente de situações específicas, com programas individuais e pouco relacionados que, aquando da falta da sua necessidade, encontrar-se-ão os seus espaços em desuso.
Vemos então nesta demonstração uma grande oportunidade para pôr em curso uma interpretação do que foi para este grupo um curso de arquitectura, onde o nosso papel poderá ir até uma proposta de desenho de uma nova sociedade com capacidade de travar picos da sua degradação como o elevado número de emigração que estamos novamente! a atingir: 2011 - "O Diário de Noticias revela que em 2011 saíram do país, para trabalhar, 150 mil portugueses. Nos últimos 5 anos, meio milhão de pessoas procurou emprego fora do país.
Além dos destinos tradicionais como França, destacam-se agora outros países como Angola, Brasil e Inglaterra."[84]

83 MARINHO, António Luís, *1961, O ano horrível de Salazar*, Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2011, Pg. 125

84 http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2012/03/23/emigracao-em-portugal-em-2011-aproximou-se-da-registada-nos-anos-60-e-70

"Y esta gente que había construido la comuna cuando nosotros llegamos quería expulsar a todos los pobladores "sin casa". Para eso habían dictado un decreto (...). Era una cuestión impuesta por este segmento social que no quería que esta clase más baja viviera aquí y entonces construyeron pequeños muros de Berlín. Fernando Castillo no admitió esto pues sabía lidiar con la gente como un arquitecto que tiene que entenderse con un cliente y con otro cliente..."[84]

El Fin (la muerte) de la Arquitectura [85]

En una época donde "Las necesidades sociales tienen un fundamento antropológico: opuestas y complementarias a un tiempo" (Henri Lefebvre), el arquitecto se da cuenta de los limites de su profesión en ese tiempo. Los define Superstudio: "(...) diseñar es meramente incrementar el consumo; los objetos son símbolos de status, la expresión de los modelos propuestos por la clase dominante. Su progresiva accesibilidad a las clases proletarias es parte de una estrategia de "nivelación", tendente a evitar la configuración de una lucha de clases; la posesión de objetos es la expresión de una motivación inconsciente." (Destrucción, Metamorfosis y reconstrucción del Objeto – 1971) Esta percepción burguesa de las necesidades humanas, "ambición ética-estética, de su imposibilidad de ser auténtica y servir al hombre." (Viaje al Fin de la Arquitectura – Piero Frasinelli - 2002) le quitan cualquier libertad innovadora a la profesión que, originalmente, satisface lo básico - el abrigo. Entonces el arquitecto se encuentra con la necesidad de repensarlo, de darle un nuevo sentido "(...) reconociendo en si mismo y en su trabajo connotaciones cosméticas (...) de mero consuelo de las aflicciones(...)"(Superstudio, "Introducción a los actos fundamentales" – 6 de julio de 1973.) y da un nuevo sentido a las cuestiones que se hace: "No se excluyen proposiciones relativas al estilo de vida, la manera de vivir en la ciudad, el desarrollo de "lo urbano" en este plano" (Henri Lefebvre). La idea no es estudiar el urbanismo como tema académico entendible hasta ahí, pero estudiar las relaciones sociales en la ciudad. Como "(...) último intento de salvación, (el arquitecto) se concentra en la re-definición de los actos primarios, para examinar, en última instancia, las relaciones entre la arquitectura y esos actos." (Superstudio, "Introducción a los actos fundamentales" – 6 de julio de 1973.) Y ahí Superstudio llegan a la conclusión que "la arquitectura es sin arquitectos", que debemos de volver a las necesidades primarias (propuesta de Superface, no hay nada!) para rechazar la arquitectura como consecuencia de modelos/dividiones sociales podridos y injustos. Volviendo a las orígenes, huyendo del "dulce peso de la cultura de masas" quizás se puede encontrar una "Nueva Arquitectura."

O que aqui se procura não é criar uma linha de oposição à emigração, mas tão só demonstrar uma dos milhares de possibilidades que para além dela se encontram e das quais o Porto actual parece saber tirar partido. Defender isto como papel do arquitecto não chega a um extremo político mas encontra o seu fundamento em casos que o fazem, como seja o do antigo presidente da comuna de La Reina, Santiago do Chile, Fernando Castillo Velasco: "Tanta planificación como sea necesaria y tanta libertad como sea posible. Yo digo: Lo verdaderamente utópico es tratar de actuar sin planificar. Solo actúa en forma realista quien planifica"[86]

Assim, a extrema necessidade de criar novos pólos de atracção, albergues de diferentes e numerosos programas nas cidades não é algo recente. A cidade é feita de todas as componentes que dela fazem parte e sem qualquer uma delas o seu todo não funciona.
É nisto que a preservação da identidade das suas partes, ainda que a sua utilidade já nelas não se reflicta, encontra a sua justificação: "Goldman comprou 18 edifícios no Soho em 1977. Talvez uma das chaves para o seu sucesso seja o facto de lutar para manter a tradição, tanto filosoficamente como profissionalmente. (...) Uma chave estratégica de Goldman tem sido procurar únicos e distintos inquilinos comerciais como sejam boutiques ou restaurantes, tal como introduzir um novo estilo de vida e ambiente que criarão um redesenvolvimento residencial no bairro.
(...) Já que o nome Soho evoca imagens de grandes *lofts*, muitas imobiliárias fora de Nova Iorque puseram este nome aos seus projectos. Crêem que os prováveis compradores destes apartamentos em condomínio privado vão acreditar na existência de casas grandes e espaçosas, exactamente como no Soho de Nova Iorque. Acreditam, também, ser uma técnica de marketing eficiente a de convencer os compradores de que um investimento ao estilo 'Loft do Soho' vai atrair uma população sofisticada e consciente de tendências para os seus projectos."[87]
A tradição e a memória apresentam uma forte relatividade de acordo com as necessidades e a definição da noção de conforto por parte de cada sociedade na época em que está inserida.

84 Entrevista realizada por Inês Soares, Camila Diaz e Cristian Hurtado ao arquitecto Eduardo San Martín, Maio 2011

85 Texto realizado para a disciplina *La Década de los Paradigmas Truncados, el mundo de la Arquitectura en los años 60*, leccionada pelo arquitecto Francisco Díaz na Pontificia Universidad Católtila de Chile, Santiago de Chile, 16 de Junho 2011

86 VELASCO, Fernando Castillo, *Un ejemplo de labor municipal: La Reina. Gobierno, municipio y pueblo: Integrados en la acción*, Santiago do Chile, MINVU, 196-?, Pg. 6

87 http://www.soho-lofts.com/

A memória de um edifício é, finalmente, o que esse lembra às pessoas que reconhecem a sua imagem, isto é, quem o utilizou ou por aí passou diariamente tem inconscientemente uma memória que à sua imagem lhe está associada. A nível arquitectónico, no entanto, nem tudo pertence a esta memória. O que há a preservar prende-se mais com o seu valor real e construtivo do que com a memória associada, tornando-se esta de alguma forma irrelevante ao encontrar-se já no esquecimento. De um edifício com 150 anos de idade, poucos se lembrarão da história do artesão que de forma inimitável construiu as asnas de madeira maciça, da mesma forma que poucos saberão quem foi o hábil autor daquelas paredes de alvenaria de granito. É impossível, apesar disso, negar o valor destes desconhecidos pela obra que até aos dias de hoje se mantém e é essa "memória arquitectónica" do edifício a que maior relevância de preservação apresenta. E essa são os artesãos, arquitectos, engenheiros,... em suma, quem a reconhece, que obrigação tem de a dar a conhecer e a conservar.

Outro ponto ressalta nesta questão das pessoas a envolver no processo e porquê. A questão ecológica, tema em voga nos dias que correm e de extrema relevância. Sem que tenha sido esse o objectivo, mas simplesmente por facilidade financeira, as referidas construções satisfazem estes princípios ao recorrer ao uso de materiais locais e duradouros. A sociedade contemporânea já não se encontra agarrada a princípios estilísticos como os das convenções modernistas. Actualmente, um outro tema, o da ecologia, surge como primordial. O edifício sustentável, amigo do ambiente, auto-suficiente, é a nova grande meta do arquitecto que recorre ao aproveitamento e utilização de energias renováveis, à implantação de sistemas de eficiência energética e à reutilização e consequente poupança de materiais. A atenção dada à escolha de novos materiais é extremamente valorizada, assim como à proximidade destes relativamente à sua origem para a poupança no custo do edifício e da sua manutenção. Assim, voltam a ser utilizados materiais regionais nos edifícios, tal como se volta a valorizar a construção típica cujos autores ingenuamente recorreram aos referidos materiais pela simples razão da facilidade de transporte.

O *Anexo 1*, com início na página 161 desta dissertação, é de imprescindível análise como aplicação prática dos temas postos em análise neste capítulo.
Neste anexo estão presentes dois possíveis *masterplans* para a totalidade das instalações da Companhia Aurifícia.

PARTE II

REFERÊNCIAS





Fig. 1 - Pink Floyd, "Animals", um porco entre as chaminés da Battersea Power Station, Londres. Álbum lançado em Janeiro de 1977, é considerado uma crítica social à Britânia dos 70's [1]

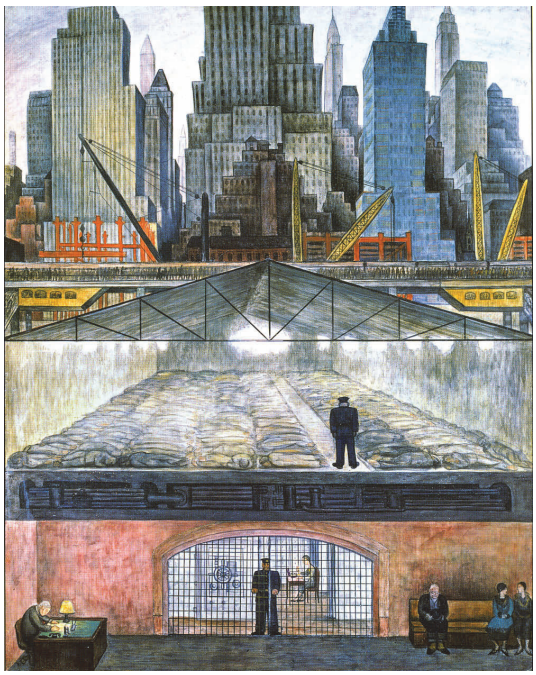


Fig. 2 - Diego Rivera "Frozen Assets", 31-32

"Rivera trouxe aqui o seu apreço pela distinta arquitectura vertical de Nova Iorque com uma crítica potente às desigualdades económicas da cidade. (...) na secção média, um abrigo de vidro e metal serve como protecção para filas de homens adormecidos, apontando para o trabalho que tornou possível tão extraordinário crescimento. A visão chocante que possui Rivera da cidade - na qual as massas marcham para o trabalho, os sem-abrigo são armazenados, e os ricos levam o seu dinheiro - atingiu um ponto fraco em 1932, no meio da Grande Depressão."[2]
MoMA, NYC, Janeiro 2012



Fig. 3 - Diego Rivera "Electric Power", 31-32

"Rivera tirou a pele da fachada da planta de energia objecto do seu desenho, para trazer os trabalhadores - no fundo do interior da sua maquinaria - para o espaço do observador, expondo o trabalho humano que reforça a cidade moderna. O trabalho capta a excitação de Rivera ao testemunhar em primeira mão a industrialização dos Estados Unidos."[3]
MoMA, NYC, Janeiro 2012

1 http://en.wikipedia.org/wiki/Animals_(Pink_Floyd_album)

2 http://www.moma.org/interactives/exhibitions/2011/rivera/content/mural/frozen/detail.php

3 http://www.moma.org/interactives/exhibitions/2011/rivera/content/mural/frozen/detail.php



Fig. 4 - Two Hardwood floors - Light or Dark, Ana Antunes (decoradora)



Fig. 5 - Cd8OQ



Fig. 6 - Gordon Matta--Clark, Day's End (Pier 52), 1975

. da importância e imponência industriais:
Matta Clark *vs* Parede branca/estrutura à vista

De diferentes formas se poderá apresentar e justificar a intervenção mais adequada a um determinado edifício em determinado momento. A ideia já apresentada da existência de duas soluções diametralmente opostas, o restauro e a reabilitação, pode ser levada ao extremo em âmbitos já quase não pertencentes ao tema "arquitectura".
Estes extremos podem ser exemplificados na seguinte comparação: ter-se-á o restauro mais comum em edifícios estruturalmente estáveis, onde o simples pintar de paredes, estrutura e tecto, geralmente de branco, traz ao espaço toda a contemporaneidade que quem o vai ocupar procura geralmente. São aqui referidos casos em que o espaço "armazém" é o necessário não havendo necessidade da sua alteração, como se vê acontecer no Porto em antigas pequenas unidades produtivas como o LOFTE ou o 604, espaços de exposição, eventos, workshops e co-working; já outro extremo é o apresentado por Matta-Clark, que encontra na intervenção escultórica e irreversível de edifícios obsoletos a forma de lhes dar a última palavra antes do seu já sentenciado desaparecimento.

"As if to pose the visual translation of an obvious question about a communitarian allocation of space, Matta-Clark's strategy of forcing open structures that are neglected or derelict physically marks an aesthetic inflection on the internal space, which with its new opening now lets the world in, and external space, which now has an explicit relation of entrance into the formerly closed locale. (...)
This is again made evident in Day's End (Pier 52), (...) which also involves a dialogue not only with the materials of the situation but with the situation of the materials, given that the city of New York was adamantly resistant to the use of this abandoned pier for public use, a prohibition that Matta-Clark found in need of being addressed directly."[4]
Este princípio de intervenção que cuida o edifício como elemento escultórico é o primeiro impulso ao conhecer as instalações aqui em estudo. O efémero consequente é o risco a evitar em prol da garantia de um prolongamento da vida dos seus edifícios, sustentado pela opção por uma intervenção que seja atractiva pela diferença que lhe confere uma forte identidade.

4 RICARDO, Francisco J., *Framing Locative Consciousness*, disponível em http://dichtung-digital.mewi.unibas.ch/2009/Ricardo/index.htm [Consultado em Maio 2012]

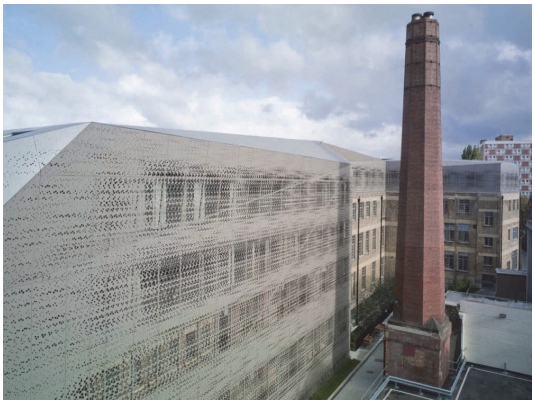


Fig. 7 - A Imagem:
Town Hall Hotel
rare Arquitects
Antigo Bethnal Green
Town Hall, Londres



Fig. 8 - A Habitabilidade:
Tribeca warehouse loft,
Nova Iorque

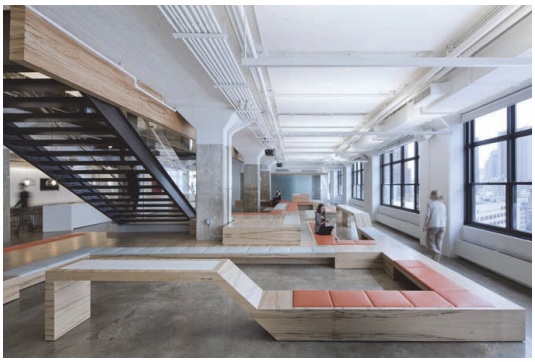


Fig. 9 - A escala do
espaço:
Horizon Media Office,
Nova Iorque
a+i Architecture



Fig. 10 - O efémero do
novo:
"Kunsthülle LPL"
Instalação temporária
numa antiga fábrica de
Liverpool
OSA (Office of Suversive
Architecture)

É na procura de exemplos mais facilmente considerados exequíveis que se baseia o fundamento da escolha programática e projectual aqui apresentada, no sentido em que esta se deve apresentar como lucrativa, pela diferença, mas de uso versátil e acessível, pelo reconhecimento e habituação por parte dos futuros utilizadores relativamente aos espaços e suas funções.
Como já referido, o restauro pressupõe, no mínimo, a volta do edifício às características que possuía na sua origem. Pelo contrário, a reabilitação prevê uma alteração do mesmo tendo como limite a adaptação ideal às necessidades dos tempos em que é efectuada. Não prolongando o tema, os exemplos destas duas situações no que toca a edifícios de origem industrial são vastos e na generalidade de uma estética atraente o que os torna facilmente elegíveis. Assim, a escolha foi efectuada primordialmente pela comparação e paralelismo de programas nos vários casos apresentados, assim como pelo nível de conhecimento pessoal ou documentado relativamente aos mesmos.
Os exemplos em seguida apresentados procuram fundamentar as escolhas efectuadas grupal e individualmente, pois foram inspiração de grande parte delas.

"No segundo capítulo do livro Greenwich Village 1963 (pág. 36), Banes disserta sobre a "factory" do Andy Warhol e afirma que havia gente que realmente vivia ali, enquanto outros apareciam a "passar o tempo"[5]



Fig. 11 - Andy Warhol's Silver Factory



Fig. 12 - "The Gunther Building's spacious cast-iron lofts were designed in 1871 and built by Griffith Thomas"[6]

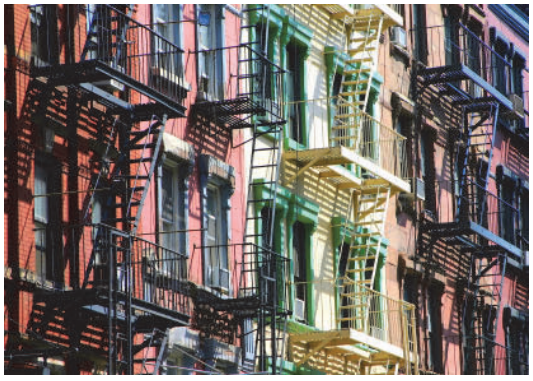


Fig. 13 - *Lofts* coloridos na zona de Soho, NYC

0 . Nova Iorque como ponto de partida para o interesse no tema

A ORIGEM

Pensa-se em *Lofts*[7] e a imaginação voa para Nova Iorque e imagens dos anos 60 com um Andy Wahrol fascinante a passear as suas beldades no Factory, tal como a origem do conceito.

Nos anos 60/70 a comunidade artística nova-iorquina surgia em força "contra-corrente" e, ao contrário do que até aí os artistas tinham como relativamente seguro, a esta falta-va- lhe dinheiro. Sabe-se que estas ocupações artísticas das cidades são cíclicas e nesta época foi o Soho (um jogo de palavras com a expressão "South of Houston") a área eleg-ida. Esta zona de Manhattan foi escolhida pela classe pelas rendas baratas nos edifí-cios anterior-mente ocupados por armazéns e fábricas: "(...) Optando pela combinação residencial e comercial nos lofts dos edifícios do Soho, como o histórico Gunther Build-ing, estes artistas poderiam viver nos seus espaços de trabalho. Não apenas poupavam dinheiro, mas foram também responsáveis por construir uma comunidade ecléctica e vanguar-dista no que o Governo da cidade chegou a considerar uma praga urbana. Estes artistas encontraram rendas baratas nos edifícios comerciais do Soho, grande parte de-les antigos armazéns e fábricas comerciais. (...) Nesse tempo, no entanto, os lofts do Soho não estavam legalizados para serem apartamentos residenciais. A Câmara e a As-sembleia da cidade criaram posteriormente leis para abrir excepções no Código de Con-strução de Nova Iorque."[8]

A associação do Soho aos referidos Lofts é antiga e tem uma razão de existência. Desde o séc. XVII que esta zona de Manhattan tem uma forte presença de edifícios relacionados com a indústria e o comércio. No entanto, durante a Revolução Industrial esta parte da cidade altera-se sobremaneira com o número populacional a "explodir pela imigração, e o Soho já não era um subúrbio da baixa de Manhattan".

"São populações que procuram não só as características pitorescas dos centros mas também a mobilidade que lhes proporciona. (...) Agora, as áreas centrais onde apenas habitavam populações de baixo rendimento são vítimas de um processo de movimentação por estratos de maior poder económico, classes jovens, artistas e intelectuais como no caso do Soho de Nova Iorque."[9]

5 http://www.nyc-architecture.com/MID/MID025.html

6 http://www.soho-lofts.com/gunther-building.html

7 "(palavra inglesa) Espaço, geralmente para habitação, com pé direito alto e um espaço amplo quase sem divisórias.", in www.priberam.pt [Consultado em Junho 2012]

8 http://www.soho-lofts.com/



Fig. 14 - Bairro de Bushwick, Brooklyn, Nova Iorque

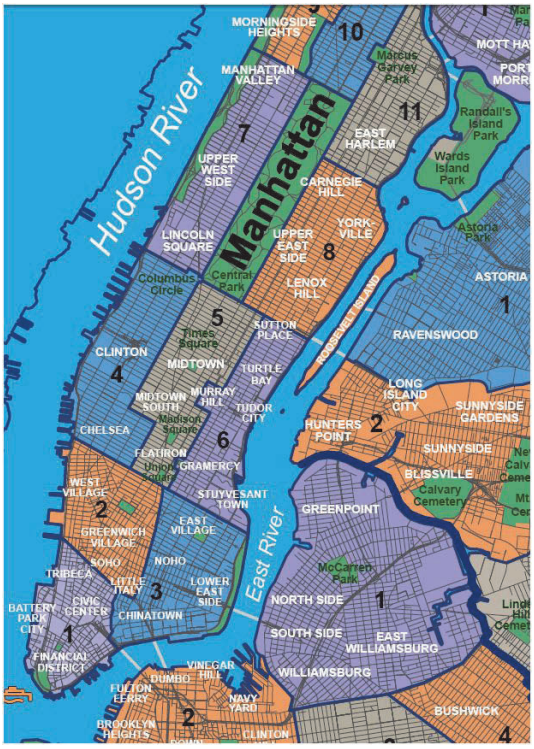


Fig. 15 - Bairro de Manhattan, em Nova Iorque

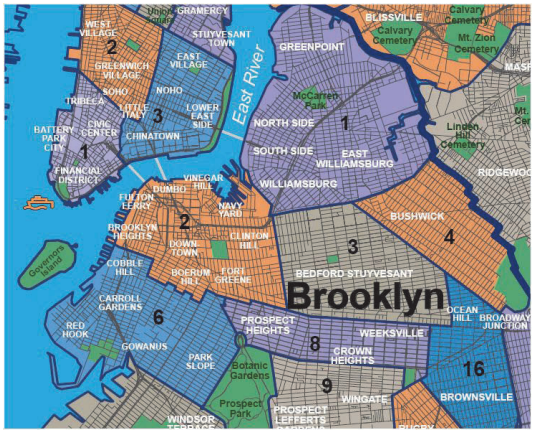


Fig. 16 - Bairro de Brooklyn, em Nova Iorque

É interessante afirmar aqui a razão pela qual surgiram estes lofts em antigos edifícios industrio-comerciais. Em primeiro lugar, a sua escala é facilmente adaptável à escala da habitação, através de uma simples compartimentação do espaço originalmente amplo. O edifício fábrica é quase um terreno vazio que simplesmente está já coberto por algo susceptível de ser alterado.
É importante fundamentar que na altura da contestação mundial da década de 60 do séc. XX havia todo o tipo de preocupações mas já existia uma naquela cidade que no nosso país parecia estar longe de ser respeitada ou ser relevante. Aparentemente, a "maior colecção de edifícios de ferro fundido do mundo" teria desaparecido se não fosse por este "movimento contestatário e de luta política" levado a cabo pela comunidade (preservacionistas, arquitectos, historiadores e outros residentes do Soho) devido à sua preocupação em preservar esta memória colectiva. "(...) trabalhando em conjunto nos meandros dos anos 60", proibiram a abertura de uma estrada por parte da Câmara de NYC desde o Holland Tunnel, Hudson River, até Williamsburg Bridge, East River.[9]

Esta ocupação feita por artistas e não só aos vários bairros de Nova Iorque é geralmente associada ao seu crescimento – chegam, ocupam, desenvolvem cultural e socialmente uma área. Uma classe mais alta é atraída à cidade por esta nova vida, o que termina num encarecimento exponencial da compra ou arrendamento de imóveis nestas áreas. Estes artistas que começaram pela sua ocupação acabariam por não ter como sustentar esse estilo de vida de um certo bairrismo de classe alta e ver-se-ão na obrigação de procurar algo mais acessível à sua condição económica.
Já nos anos 70 a zona de Bushwick estava nesse patamar, situação que estagnou, ou até piorou, após o apagão energético que em 1977 se deu em toda Nova Iorque com consequências desastrosas para este bairro. "This neighborhood, it was really good... And then 3 days...people robbed...people left. The neighborhood went bad!" Este testemunho, na primeira pessoa de um construtor civil de 47 anos habitante desde o seu nascimento em Bushwick, tem um seguimento interessante pela sequência em que este, afro-americano, se dirige a dois músicos de cabelo loiro e olhos claros a tentar a sorte na terra das oportunidades que é Nova Iorque acusando-os de serem parte da razão para que as rendas da habitação aí tenham subido tanto e tão rápido, "But I like you. Glad it happened, it is safe now."

9 http://www.nyc.gov/html/loft/html/home/home.shtml

"The Lower Manhattan Expressway (LOMEX) was part of Robert Moses' re-envisioning the landscape of the city. In the 1960s, Moses proposed building an expressway to connect the Holland Tunnel, Williamsburg Bridge, and Brooklyn Bridge. Had Moses succeeded large swaths of lower Manhattan would have been destroyed. Community activists led by Jane Jacobs stopped the expressway from becoming a reality."[10]

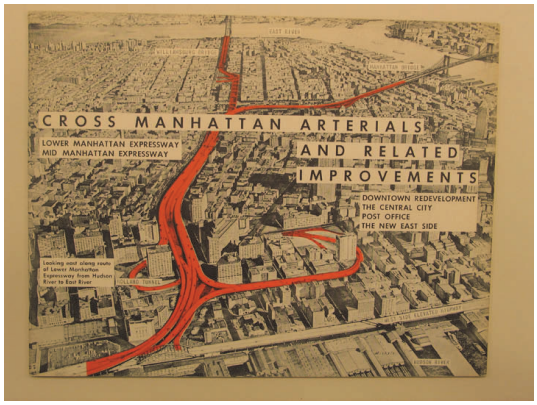


Fig. 17 - "Renderings of the proposed Lower Manhattan Expressway"

"First put forth in the 1930's, the idea for the Lower Manhattan Expressway, or LOMEX as it was known, which was to run the length of Broome Street, gained support in the 1950's and 1960's and would have razed most of what is now SoHo and Little Italy. However, community opposition to the proposed highway connecting New Jersey and Brooklyn (via some of the most historically significant areas of New York City) killed the project, and the highway was never built."[11]

Fig. 18 - "Wythe Hotel started with the discovery of an old factory on the Brooklyn waterfront. Built in 1901 as a cooperage, we have preserved, renovated, and turned our historically industrial building into a place where people feel welcome."[12]



"(...) Depois de abandonado o projecto da LoMEx, grande número dos edifícios históricos não eram atractivos para o tipo de manufactura e comércio da cidade dos 70. Muitos destes edifícios, especialmente os últimos pisos que se tornaram conhecidos como lofts, atraíram artistas que valorizavam os espaços pelas suas elevadas áreas, grandes janelas permitindo uma elevada iluminação natural e rendas baixas. Muitos destes espaços também foram utilizados ilegalmente como espaços habitacionais, não sendo localizados ou equipados para uso residencial, mas isto foi ignorado pois estes ocupantes estavam a usar espaço que provavelmente estaria abandonado nas pobres condições económicas da era.
(...) Os artistas viviam em lofts do Soho ilegalmente. Os crus lofts comerciais eram baratos, espaçosos. Pressionada por todos os lados, a cidade acabou por desistir de manter o Cast Iron District como espaço industrial, e em 1973 este foi designado bairro histórico pela New York City's Landmark Preservation Comission (comissão criada em 1965 pelo Presidente da Câmara Robert Wagner para controlar a preservação das propriedades 'historicamente e arquitectonicamente significativas de Nova Iorque')."[13]

Pensar nas necessidades das cidades e no que lhes faz falta, tendo em conta a relatividade da questão estética: passear em Nova Iorque[14] é ver as consequências (boas ou más) desta necessidade somada ao sentido de oportunidade, causada pela falta de habitação em Brooklyn, por exemplo, a par com o seu património industrial abandonado e inútil, rapidamente posto em aproveitamento.
Foi criado em 1982 o New York City Loft Board para "regular a conversão legal de certos lofts na cidade de uso comercial e de manufactura para residencial"[13], o que demonstra o entendimento por parte das unidades legislativas da necessidade desta preservação da história e memória comum como mais-valia para a criação de uma identidade e reconhecimento locais. São as suas características que tornam uma cidade atractiva ou assumir a sua origem é com certeza o que mais agrada à população contemporânea. Trazendo o tema para o Porto, esta possui um certo reconhecimento de cidade predominantemente habitada por uma classe trabalhadora. Não mereceria uma homenagem no sentido em que continuariam a ser criados novos e diferentes postos de trabalho e residência nas instalações que sempre foram de e para o "povo"?

10 http://newyork.untappedcities.com/2011/07/13/the-new-york-city-that-never-was-part-iii-roadways-and-railways/

11 http://sohomemory.com/tag/lomex/

12 http://wythehotel.com/

13 http://www.nyc.gov/html/loft/html/home/home.shtml)

14 Nota pessoal de viagem em Janeiro de 2012



Fig. 19 - Domino Sugar Factory desde Dumbo, Brooklyn



Fig. 20 - Domino Sugar Factory desde Williamsburg Bridge



Fig. 21 - Navy-Yard, Brooklyn, Nova Iorque

A receita funcionou no Soho e noutras partes da cidade de Nova Iorque. Dos vários bairros que esta possui com uma forte identidade de antigo bairro industrial, outro relevante exemplo é o da Domino's Sugar Factory. Belo e imponente edifício nas margens do rio Hudson, as suas letras amarelas vêm-se a larga distância e o seu aspecto abandonado faz perguntar que ali se passará. A proximidade ao Navy Yard e aos edifícios com traços de antigos armazéns existentes em Dumbo tornam toda a área o paraíso da época industrial e o gigante fantasma ali adormecido é já tema de estudos como este em apresentação, de notícias, manifestações e, claro está, projectos economicamente compensatórios e atractivos para investidores de alta capacidade.[15]

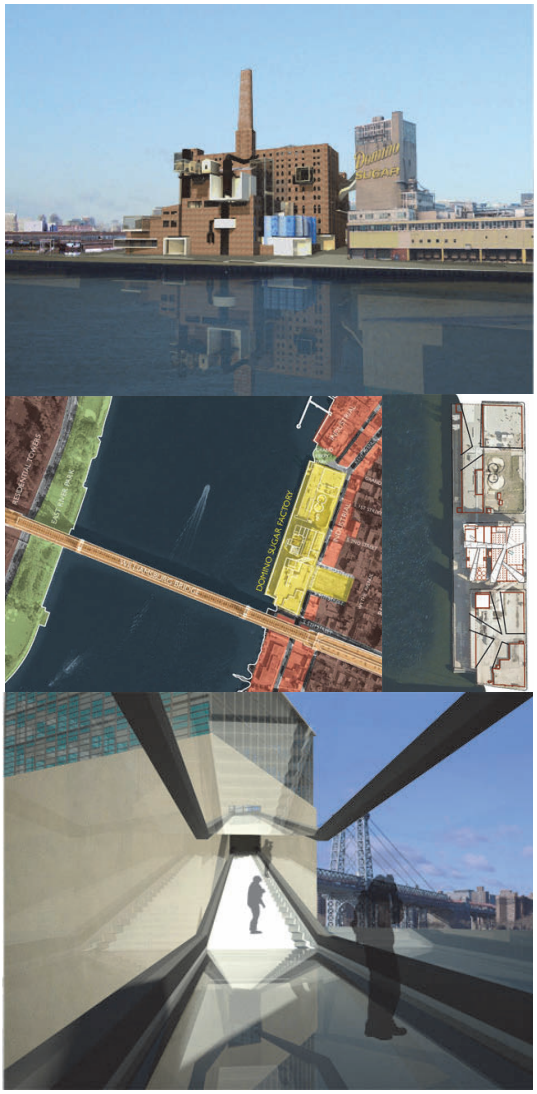
Elise DeChard, arquitecta, seleccionou este edifício como tema para a dissertação com a qual terminou o curso. Descreve nela a existência de um determinado grupo de pessoas que gosta de descobrir espaços, deambular neles, apropriar-se individualmente dos seus momentos.

> "The new architecture will be constructed within the existing structures, inhabiting the abandoned spaces of the past and the spaces newly created by decay and degradation. By making changes and cuts into the existing, the architecture creates spaces that read through the layers of space and time. The architecture participates in the decay process by creating holes and opportunities for decay to seep in or accelerate.
> The spaces that inhabit this actively decaying building will expose and emphasize decay and history through program as well, allowing for a participatory archaeological endeavor that compiles a "library" of documentation and artifacts through the contributions of those who chose to explore these instances of decay. The "library" will be built up through the contributions of users, who will compile documentation and artifacts that record moments in time, in contrast to the actual library spaces which allow for a viewing of the continuum of time and the process of decay."[16]

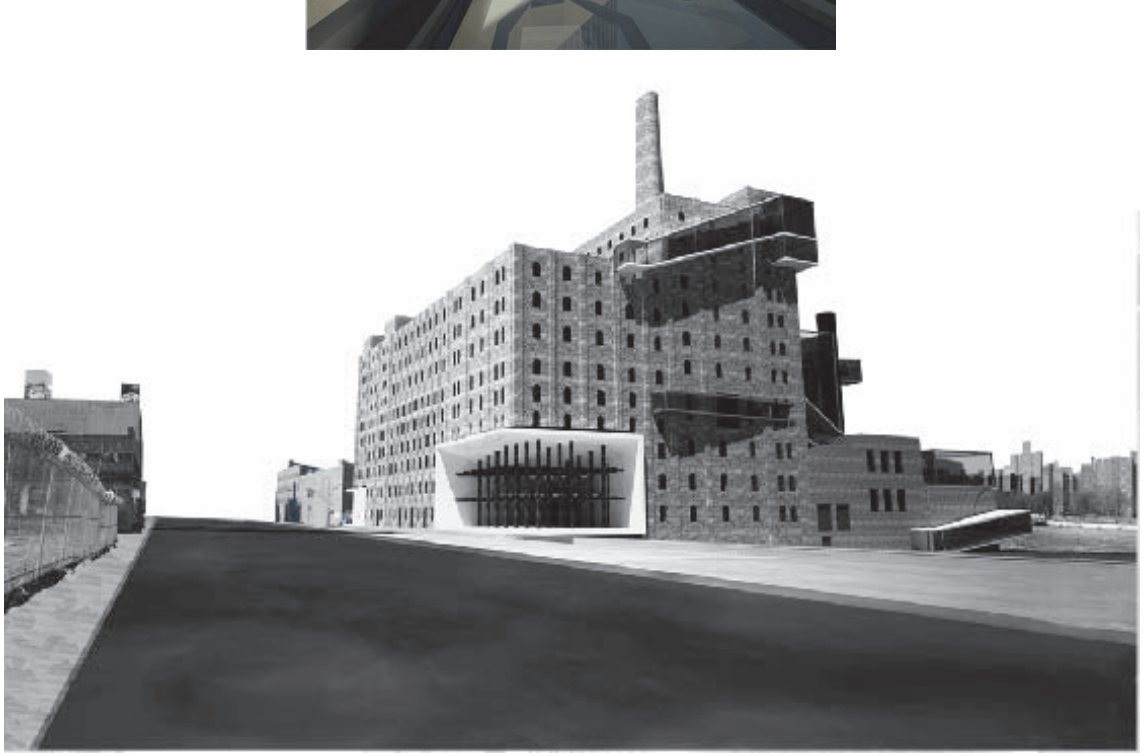
Na sua descrição entende-se uma aproximação ao existente no sentido de lhe conceder a interpretação de um Museu, mas em que o próprio edifício é a escultura a apreciar. É interessante realçar a participação da comunidade interessada na execução da proposta, no sentido em que sem essa comunidade de "arqueólogos industriais" a intervenção deparar-se-ia com uma ausência de sentido.

15 O exemplo mais à frente apresentado do projecto executado pelo escritório Rafael Viñoly Architects

16 http://www.elisedechard.com/intervention.html



Figs. 22, 23, 24, 25 - Imagens da proposta de Elise de Chard para o grau Bacharel em Arquitectura, Rensselaer Polytechnic Institute School of Architecture,Troy, NY, 2004 - 2009



Aproveitando o edifício como caso de estudo, a autora chega a uma conclusão: "As I attempted to entice people to explore, the restrictive potential of the architecture we create became more and more evident." Este tipo de análise é viabilizado pelo tipo de edifício em estudo. A ideia da arquitectura industrial como de infinitas possibilidades pela sua envergadura é aqui de extrema utilidade para entender os limites que o arquitecto impõe ao utilizador daquilo que cria. Em oposição, a ideia do edifício industrial como o de maior possibilidade de interpretação é comprovada no sentido em que este é utilizado como análise social: "The architectural language for understanding the decay of the site structure employs techniques of transgression, moving through the previously solid boundaries of the spaces of the building, allowing an inhabitant to conceive of the building as a construction and definition of space. This technique creates a sectional experience of the building, which traditionally only can be seen by an architect."[17]

Outra aproximação ao edifício como experiência será a relação esperada deste com o tempo, o envelhecimento que se espera do que é existente e do que é agora acrescentado: "The model to simulate decay attempted to understand the effects of the passing of time as they affected the existing and inserted architecture, however, the two architectures in the model remained too disconnected to interact with each other over time. (...)
The only way to truly understand the experience of viewing decay through architecture would be to actually construct it and experience it through the passing of time." Construir o novo para que este, apesar da sua natural decadência, aprecie o arruinar mais acelerado do antigo. Uma postura relativamente ao significado e importância do existente quase tão extremista como Matta-Clark sendo, no entanto, mais chocante pois este prevê uma destruição próxima que aqui se vê acontecer lenta e dolorosamente.

> *"Of course, since the specific paths, frames, intersections, edges, and cuts are designed, the architecture cannot remain neutral. But the architecture makes no overt judgments, only suggests movement and provides juxtaposition. The inhabitant creates the perception from the sensory experience."* [17] *- Elise deChard na Conclusão da sua tese.*

17 http://www.elisedechard.com/intervention.html



Figs. 26 - 37 - Imagens da proposta de Elise deChard para o grau Bacharel em Arquitectura, Rensselaer Polytechnic Institute School of Architecture,Troy, NY, 2004 - 2009

Esta proposta é diametralmente oposta ao projecto que se encontra em curso para o edifício e que se prevê executado dentro em breve. Michael D. Lappin, chefe executivo da Corporação pela Preservação da Comunidade, um grupo sem fins lucrativos, e do Fundo CPC, o seu subsidiário, conta a sua origem: "Vimos isto como uma oportunidade para criar o que Nova Iorque tem de melhor: uma comunidade de pessoas com diferentes rendimentos, com muita habitação acessível e arquitectura interessante, numa frente de água que esteve fechada ao público durante 150 anos."[18]

Este grande investimento imobiliário com projecto do gabinete de arquitectura Rafael Viñoly Architects é, ainda assim, facilmente contestado. Ao contrário de outras ideias de ocupação deste espaço, esta pressupõe uma taxa de ocupação extremamente elevada que inevitavelmente destruirá e descaracterizará o espaço, deixando a sua história submersa sob um devastador investimento imobiliário à semelhança do projecto existente para a Battersea Power Station em Londres (na página seguinte). Aqui a metodologia é igual. Uma antiga estação energética de grande envergadura semelhante à do edifício utilizado para as instalações do Tate Modern, também uma estação energética, ocupa uma área privilegiada de frente de rio em Londres. A área envolvente é já ocupada por habitação e escritórios de rendas elevadas e do lado oposto do rio habita uma classe alta da cidade na zona de Chelsea. O terreno onde se insere o edifício da Battersea é, então, valioso pelas questões referidas e pressupõe um grande investimento seja qual for o programa aí colocado. Assim, recorre-se à fórmula habitação/escritórios/comércio como investimento lucrativo à semelhança do proposto para a Domino Sugar Factory, vendo-se em ambas as propostas o afogamento dos grandes edifícios sob um mar de vidro e metal com os traços dos edifícios de habitação que rodeiam o Tate Modern.
Compreende-se aqui a necessidade de rentabilizar o investimento efectuado, mas está subjacente uma margem de lucro exponencialmente superior ao respeito pela vertente arquitectónica e social do projecto.

18 http://www.nytimes.com/2010/01/05/nyregion/05domino.html?_r=2

19 http://www.rvapc.com/works/785-the-new-domino

20 http://www.buildington.co.uk/new_developments/london_sw8/188_kirtling_street/battersea_power_station/id/497



Fig. 38 - Manhattan Bridge e o edifício da Domino Sugar Factory (limite esquerdo da imagem)

Construção nova abafa o existente:

Williamsburg, NYC, Domino Sugar Factory:

"turn the vacant 11-acre industrial site into a $1.5 billion residential complex, reusing the refinery and installing the historic, 40-foot-tall Domino Sugar sign (now on a separate building) on top."[18]



"Rafael Viñoly designed the transformation plan
. 2,200 apartments
. waterfront esplanade
. a set of new glass and brick buildings that would range from 6 to 40 stories
. apartments: 30 percent (or 660 units) set aside for low- and moderate-income families and distributed throughout the project.



The architectural firm plans to convert the 12-story refinery building into:

. 241 apartments
. shops
. a community center
. a multilevel rooftop structure that would rise as high as four stories.
. cultural uses"[20]





Figs. 39, 40, 41, 42 - A proposta do gabinete de arquitectura Rafael Viñoly Architects



Fig. 43 - Battersea Power Station (Sul)



Fig. 44 - Battersea Power Station (Norte) - A relação com o rio Tamisa

Construção nova abafa o existente:

London, England, Battersea Power Station

". Turbine Halls A and B (...) event areas giving public access to the many different uses in the building
. A modern conference centre including one of the largest ballroom in London
. A green energy plant at foundation level - a zero-carbon energy plant for the adaptive reuse of the power station itself
. Business, Offices: office space together with many other uses
. Retailing: New commercial centre for London
. Residential
. Hotel
. Leisure: public open space
. Community uses: a gym, health facilities, a nursery and library
. Cultural facilities: Arts, culture and entertainment"[20]







Figs. 45, 46, 47 - A proposta do gabinete de arquitectura Rafael Viñoly Architects



Fig. 48 - Aspecto da página "Save Brooklyn's Industrial Heritage"



Fig. 49 - Edifício vizinho ao BLDG 92, Navy Yard, Brooklyn, Nova Iorque



Fig. 50 - Restaurante Al-Mar, Dumbo, Brooklyn, Nova Iorque, onde os funcionários salientam a existência na parede de peças usadas na fábrica que aí existiu



Fig. 51 - Aspecto da página "Meatpacking District Improvement Association"





Figs. 52, 53 - Áreas comerciais do Meatpacking District, Manhattan, Nova Iorque

Surge em Nova Iorque como resposta a este tipo de projectos a iniciativa "Save Brooklyn's Industrial Heritage", qual representante do associativismo da época industrial adaptada aos dias de hoje. É um projecto que mostra a visão vanguardista nova-iorquina relativa ao tema. Os responsáveis pela preservação da história nacional lançaram o alarme com declarações das quais é exemplo a de Wendy Nichols do Fundo Nacional para a Preservação Histórica que numa conferência disse estarem as valências históricas da beira-rio "a desaparecer mais rápido do que se pode dizer Domino Sugar". Na mesma conferência, Kent Barwick, presidente da Sociedade Municipal da Arte, afirmou que "os lugares onde as pessoas trabalharam são tão significativos para a história de uma nação como a Guerra Revolucionária ou a Constituição" enquanto alertou a Comissão para a Preservação do Património a "actuar antes que seja tarde."[21]
Como consequência, no dia 18 de Dezembro de 2007[22] a Comissão para a Preservação do Património designou como Bairro Histórico a área de Brooklyn denominada Dumbo[23]. E essa será provavelmente a razão pela qual a zona tem a aura industrial apreciada por todos, que a tornou numa área tão elitista e de difícil acesso para outra classe sócio-económica que a alta.

Compreender-se-á que os Estados Unidos, pela reduzida idade que apresentam, têm uma necessidade maior de se identificar com a história que os fez ser a potência reconhecida hoje em dia – a industrial. No entanto, esta preocupação e consequentes trabalhos no sentido de preservação da memória colectiva nacional fazem com que surjam projectos como este ou o "Meat-packing District" (e até o High Line!) onde websites muito bem organizados explicam a história dos referidos bairros, apontam os edifícios em risco de perda, relatam o que de novo se faz aí e todos seguem orgulhosamente o mesmo sentido para o crescimento e desenvolvimento.
No entanto, estas são iniciativas e projectos respeitadores da história do local e, geralmente, que o aproveitam para outros efeitos, no sentido de desenvolvimento de novos programas sem a introdução de novos elementos que abafam o existente.

21 "On June 14, 2007, the National Trust for Historic Preservation and the Municipal Art Society declared Brooklyn's industrial waterfront as one of the 11 Most Endangered Places in the United States for 2007", in http://saveindustrialbrooklyn.org/index.html

22 http://saveindustrialbrooklyn.org/index.html

23 Mapa na 8ª página deste capítulo



Fig. 54 - Londres desde a margem do Tamisa do lado do Tate Modern





Figs. 55, 56 - Londres na vizinhança do Tate Modern e a promessa de vistas desde os novos edifícios



Fig. 57 - Puerto Madero, Buenos Aires, Argentina



Fig. 58 - Brick Lane, Londres

Apesar de, como em todas as cidades, parte da sua marginal ter sido um dia ocupada pela indústria, isso não é algo que se compreenda tanto em Londres pela força de toda a nova arquitectura (com forte recurso à utilização de vidro) que aí se encontra; no entanto, o Puerto Madero, em Buenos Aires, é disto exemplo totalmente oposto. As paredes de tijolo burro foram só uma maneira de tornar uma marginal desinteressante em algo que recorde Nova Iorque ou a sua aura industrial. Por fim, conseguiram fazer uma marginal descaracterizada, destacando-se na sua aparência as paredes escuras de tijolo burro que tão-pouco conseguem por si só contar a história do local. Principal razão para isto é, provavelmente, o tipo de ampliação em metal e vidro feita na cobertura dos edifícios e que parece existir à imagem das margens do Tamisa; além disso, e de maior relevância, o programa escolhido. Cafés e espaços de comércio são, sem dúvida, adequados a tornar atraente um espaço, mais ainda quando o terceiro programa aí existente é habitação. São programas seguros, que não envolvem grande risco para os investidores. Apresentam-se, no entanto, insuficientes para a reabilitação social de uma área tão elevada numa cidade.

Londres é uma cidade onde a influência industrial se sente enquanto são percorridos os seus variados bairros. As palavras "warehouse" ou "wharf" estão ainda escritas em muitos dos edifícios de grande envergadura espalhados pela cidade sendo-lhes atribuídas actualmente funções que a essa definição pouco devem. Locais frequentados por turistas como o Borrough Market nas proximidades do Tate Modern estão rodeados por estes armazéns que actualmente funcionam como restaurantes ou espaços comerciais considerados "fancy". Já zonas como Shoreditch não se encontram tão utilizadas pela vertente turística da cidade como o são por uma nova geração que ocupou a cidade no sentido de aproveitar a sua oferta cultural e artística. Este acontecimento encontra um paralelo no exemplo nova-iorquino. As cidades que foram potências industriais encontram no seu existente o alojamento que a heterogeneidade cultural a elas associada necessita. Crescem de forma cíclica aproveitando esta melhoria sociocultural como elemento atractivo para quem da mesma forma procura um ambiente que proporcione um forte contacto intercultural - "London's Shoreditch turns into Williamsburg".[24]

24 http://www.urban75.net/forums/threads/london's-shoreditch-turns-into-williamsburg-circa-2005.265612/



Fig. 59 - “Union pool”, um bar em Williamsburg, Brooklyn, Nova Iorque Janeiro 2012



Fig. 60 - Brick Lane, Londres



Fig. 61 - “Village Underground was born of the need for affordable, environmentally stable studio space for artists in central London”[25] e construído num viaduto de 1848, abandonado há 20 anos



Fig. 62 - A marginal do Regent’s Canal em Shoreditch, London, é agora palco de habitação e actividades de ocupação de tempos livres saudáveis

Este paralelismo entre as duas cidades é então apresentado no exemplo de duas das suas zonas hoje em dia representantes do *hype*[26] jovem e alternativo das duas cidades, apesar de quase todos os seus bairros serem consequência do mesmo acontecimento social. Assim, aqui utilizam-se os exemplos de Brooklyn, Williamsburg e Dalston, Shoreditch para exemplificar em larga escala o que poder-se-ia ver acontecer no eixo Cedofeita/Bragas, na cidade do Porto. É este efeito cíclico da criação de situações urbanas e programáticas heterogéneas através de uma ocupação contrastante com o existente que se quer apoiar. Com isto espera-se uma maior garantia de crescimento e desenvolvimento de espaços da cidade para a melhoria desta como um todo no sentido social, económico e cultural. Na zona referida de Londres não há um Tate Modern responsável por este acontecimento, não apresentando também Williamsburg uma situação semelhante. São simplesmente locais de duas cidades mundialmente reconhecidas pela variedade de oferta cultural e por isso objectos de desejo mundial como espaços de habitar, viver e trabalhar. Reaproveitar os espaços de cidade existentes é, então, imperativo pela raridade dos mesmos como livres. O Porto não é comparável nas suas características culturais com as duas cidades referidas, mas algo no seu crescimento está naturalmente a seguir este sentido. O estrangeiro que chega ao Porto fica agora espantado e é agarrado pela sua oferta cultural em crescimento e de elevado interesse pela sua variedade e fácil acesso. Esta característica da cidade é algo de pertinente manutenção e preservação pois esta dificilmente manterá estável o crescimento da vertente turística com que se depara hoje em dia se assim não acontecer.

À semelhança de Londres e Nova Iorque, habitação, restauração e comércio poder-se-ão justificar como sendo o primeiro impulso para garantir o atractivo de cidades com forte vertente turística. Estes apenas terão que ser incluídos no existente dessa cidade, tirando partido dela e do enfatizar dos seus elementos e características originais em detrimento de técnicas que aparentemente procuram exemplos externos de sucesso como método a repetir, caindo por vezes na destruição dessa parte da cidade.

Exemplo flagrante desta situação é a já referida zona de Puerto Madero, em Buenos Aires. Os antigos armazéns do porto da cidade foram concedidos à exploração a um tipo de comércio e restauração em grande parte pouco coerente com o resto da cidade. Aparece como um tipo mal conseguido de área "fancy" londrina pela quantidade de vidro, ou nova-iorquina pelo tijolo à vista preservado, que contrasta com a elegância intrínseca ao resto da capital, conhecida como a Paris da América Latina. Estes espaços encontram-se descaracterizados, são novos e não têm história, pelo que o programa aí incluído em conjunto com habitação, tudo isto de luxo, se parece apresentar como uma ilha em relação à cidade.

25 http://www.villageunderground.co.uk/about

26 "Slang n. Excessive publicity and the ensuing commotion", in http://www.thefreedictionary.com/hype



Fig. 63 - Le Centquatre, Paris



Fig. 64 - Dia Beacon Foundation, Beacon, Nova Iorque

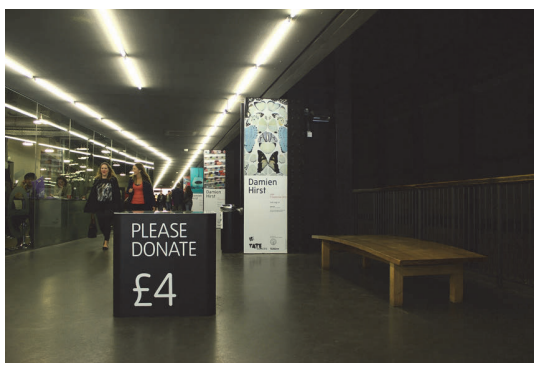


Fig. 65 - Tate Modern, Londres

1 . Exposição vs Museu - como uma intervenção de baixo custo pode reabilitar uma zona com tendência ao abandono

Espaços de grandes dimensões como são unidades de produção industrial sofrem, após a mudança já referida da sociedade industrial para uma de serviços, um forte abandono. Este tem duas soluções, onde a primeira e mais frequente na cidade do Porto seria a demolição para construção de algo novo e acordante com as necessidades de cada época sem grande lógica visionária; a outra, aqui não tão frequente, prende-se com a criação de novas valências para estes espaços que justifiquem o manter das suas dimensões. Espaços de exposição e museu são, geralmente, o que primeiro ocorre para ocupar estes grandes armazéns, que diferem da situação de Lofts exactamente porque estes se encontram normalmente no que um dia foram pisos de edifícios de produção em altura e não em amplos armazéns isolados e independentes.

Como exemplo de tipos de aproveitamento, ter-se-ão aqueles transformados em espaços de exposição e de museu, já que serão espaços com utilizações distintas ainda que, hoje em dia, ambos procurem uma forte interacção diária com o público; provavelmente porque ocupação significa razão de existência. Esta ocupação é feita sob o motivo de workshops, aulas de agenda contínua/constante, restaurantes e bares independentes dos espaços de exposição, lojas, etc.

Ter-se-iam como exemplo de casos de exposição o Centquatre, em Paris, o Dia Beacon, em Nova Iorque e o Tate Modern em Londres. A situação geográfica destes espaços relativamente às cidades associadas e o próprio programa que albergam são diferentes nos três exemplos, mas todos eles ocupam antigas instalações industrias sendo que a sua amplitude exigiu uma nova definição programática e a sua estética e história impediram a sua demolição.



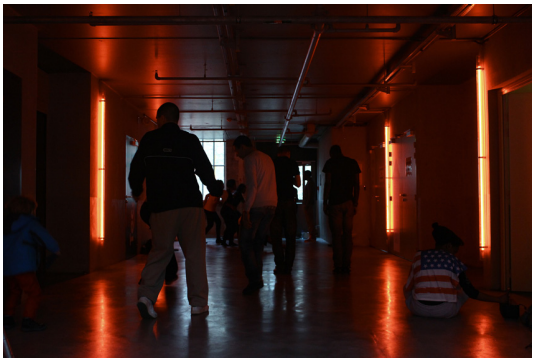


Figs. 66, 67 - Le Centquatre, Paris.
A relação entre os dois pisos das instalações



Fig. 68 - Le Centquatre, Paris
O centro cultural como parque de diversões





Figs. 69, 70 - Le Centquatre, Paris
Em todos os recantos são praticadas diferentes actividades

O Centquatre está situado na periferia de Paris, uma zona considerada perigosa e onde o típico turista desta cidade nunca entraria, pois a sua visita é justificada primordialmente pelo deslumbramento com a cidade iluminista dos postais. Construído como edifício para os Serviços Municipais de Cerimónias Fúnebres, a sua localização exige que o programa cultural seja algo de gratuito além de adaptável às várias culturas e hábitos característicos da periferia desta cidade, assim como passível de sofrer constantes mudanças.

"Espace de programmation et de création, d'expériences et d'innovations, perméable aux vibrations du monde contemporain, le CENTQUATRE se doit d'être un véritable lieu de vie et de convivialité pour les artistes et les publics."[27]

Assim, encontra-se um espaço amplo, com áreas centrais de elevada dimensão e pequenos recantos de acesso livre subentendendo uma ocupação sem regras estabelecidas e em constante mutação o que obriga o espaço a ser facilmente adaptável. Os compartimentos que delimitam estas áreas centrais e recantos naturais são, finalmente, caixas que poderiam ser qualquer coisa e que agora alojam o típico programa deste género de centros culturais – a livraria, algumas lojas, um restaurante/bar, um espaço de ocupação dos tempos livres para crianças e salas de espectáculos. No piso inferior existem salas de exposição temporária encerradas cuja morfologia lhes permitirá uma fácil e rápida alteração a qualquer outro programa. Existe, também, uma continuação dos espaços amplos do piso de entrada em direcção ao piso inferior que tanto poderão ser espaços de exposição, como de espectáculos ou de qualquer outro algo. Esse piso de entrada está dividido entre dois grandes pavilhões, com acesso directo entre ambos e a mesma disposição dos espaços, mais controlados e reduzidos nas laterais das naves, amplos e com relação visual entre ambas as pontas do recinto nas centrais.

> *O Centquatre, visitado num Domingo, faz lembrar o Dia Beacon. Crianças e adultos contentes por ter um espaço amplo e seguro abstraído do rebuliço da cidade. A cultura de "street dance" francesa concede uma vivência a este espaço que em Portugal talvez não acontecesse tão espontaneamente. Pessoas em qualquer esquina praticam break-dance e fazem lembrar os skaters da Casa da Música, mostrando como são apropriados estes espaços públicos livres e indefinidos. Estes grupos considerados irreverentes por parte da sociedade encontram o seu espaço em novos centros culturais que para isso lhes concedem a abertura necessária, provando que esta arte por rebelia pode surgir espontaneamente em toda a parte e não apenas com motivos contestatários em espaços a nada destinados.*[28]

27 http://www.104.fr/centquatre/qui-sommes-nous/centquatre.html

28 Nota de viagem de Arquivo Pessoal, 19 Março 2012



Fig. 71 - La Ferme du Boisson, Paris
Biblioteca



Fig. 72 - La Ferme du Boisson, Paris
Planta do espaço identifica os seus diferentes espaços e funções



Fig. 73 - Dia Beacon Foundation, Beacon, Nova Iorque
A relação com o rio



Fig. 74 - Dia Beacon Foundation, Beacon, Nova Iorque
É possível visualizar o espaço de um extremo ao outro em determinados pontos do edifício conforme este é percorrido



Fig. 75 - Dia Beacon Foundation, Beacon, Nova Iorque
O novo e o existente na intervenção

O Dia Beacon Foundation, numa localidade de nome Beacon a norte da cidade de Nova Iorque, distingue-se do Centquatre na medida em que este vem dar vida a uma periferia próxima mas abandonada, enquanto Beacon é já outra cidade ao estilo de dormitório da grande metrópole. Antes da inauguração do espaço como centro de exposições e eventos, a zona seria, aparentemente, de pouca actividade. Tem paralelo em Paris a nível de localização no Ferme du Boisson; antiga fábrica de produtos farmacêuticos e de chocolate construída em 1825[29], actualmente encontra-se dotada de biblioteca, salas de teatro, cinema, restaurante/bar e espaços de aulas e espectáculos. Ao contrário deste, o Dia tem uma forte vertente monoprogramática, onde a livraria e o café existem por apoio à exposição mais do que como unidades independentes.
Tanto o Dia como o Ferme são projectos para um público com necessidade de sair dos ambientes cosmopolitas de Nova Iorque e Paris, respectivamente. Não sendo de esquecer o desconto e interpretação necessariamente dados à palavra distância em cidades europeias ou americanas, a larga distância que separa Beacon de Nova Iorque não impede a visita deste Dia por parte das pessoas das redondezas, habituados à necessidade do recurso ao transporte público ou privado para movimentar-se. Já na Ferme, a escola ao lado e a quantidade de habitação nas redondezas pressupõem uma utilização também, e principalmente, por parte dos locais. Isto poderá justificar a maior amplitude programática e menor área de exposição.

De volta a Londres e à razão para a discrepância de tamanho do exemplo que aloja relativamente aos anteriores, no séc. XIX novas docas foram construídas afirmando Londres um desenvolvimento como uma cidade moderna. A industrialização que o mundo reconhece como do Reino Unido está nesta cidade representada nos seus *warehouses* nas proximidades do rio Tamisa e dos canais.
"Until the late eighteen century, London's port activities were concentrated within the small section of the Thames between London Bridge and the Tower."[30] – São as suas margens a acusar uma cidade que soube aproveitar a força concedida pela água que a atravessa: *"Docks and wharves played an important part in this evolution, not only as places of employment but also, and especially, as the spatial poles of new, 'modern' forms of social and cultural activity, of community life.*
The explosive growth of harbor activities and shipbuilding drew people from all corners of Great Britain."[31]

29 http://www.lafermedubuisson.com/L-histoire-de-la-ferme.html

30 MEYER, Han, *City and Port – tranformation of Port Cities: London, Barcelona, New York, Rotterdam*, International Books, Roterdam, 1999, Pg. 70

31 MEYER, Han, *City and Port – tranformation of Port Cities: London, Barcelona, New York, Rotterdam*, International Books, Roterdam, 1999, Pg. 77



Fig. 76 - Battersea Power Station, Londres



Fig. 77 - Tate Modern, Londres - A torre



Fig. 78 - Tate Modern, Londres - A proposta



Fig. 79 - Tate Modern, Londres
Espaço público a oeste do edifício do Museu



Fig. 80 - Tate Modern, Londres
Espaço público a norte do edifício do Museu

As docas de St. Katherine nas proximidades de uma zona actualmente turística como é a da Tower Bridge, os armazéns do Regent's Canal transformados em lofts de um bairro tranquilo e o edifício assombroso da Battersea Power Station, imponente no seu abandono, são alguns dos pontos excepcionais da cidade de Londres na relação desta com a água. Já o concorrido Tate Modern, enobrecido pela simplicidade da sua fachada, na frieza do paredão de tijolo distingue-se positivamente de todos os seus vizinhos próximos, onde cada um procura um destacamento relativo ao outro.

Construído entre 1947 e 1963 para funcionar como central eléctrica, este edifício encontra-se ainda hoje imponente como representante dessa que foi a história portuária e comercial da cidade de Londres, ainda que no caso a referência seja de uma história recente. A alta torre central é a sua imagem de marca e é a intervenção executada pelos arquitectos Herzog & de Meuron que faz deste edifício um marco na Londres contemporânea mais do que um fantasma do passado como se poderá interpretar actualmente o edifício da Battersea Power Station. Pela sua semelhança estética e programática, pressupõe-se cada um servir energeticamente o bairro onde se encontra, respectivamente Southwark e Battersea.

Uma pequena exposição num dos átrios do edifício mostra o projecto da sua ampliação com pequenos textos explicativos. Um destes, intitulado "Closer to the community" e da autoria do gabinete, descreve as consequências da intervenção na vizinhança pelo papel importante do Museu na reabilitação em curso na zona de Southwark, onde o edifício se insere com forte presença física:

"O novo desenvolvimento continuará a reforçar o crescimento do município. Uma passagem pública vai facilitar o acesso directo através do edifício desde a City até ao coração de Southwark. Duas praças públicas de elevada qualidade vão flanquear o edifício. Em direcção a sul, uma movimentada praça com um café, um bar e uma loja nova Tate Modern terão adjacente a ondulante paisagem de árvores e relvados. A área aumentada a oeste oferecerá uma área mais tranquila onde visitantes e locais poderão sentar-se e relaxar. Para este, uma nova área plantada será criada para o uso da comunidade local e os funcionários do Tate."

32 LEVENE, Richard; Cecilia, Fernando Márques, Herzog & de Meuron : 1981-2000, Madrid, El Croquis, 2005, Pg. 91



Fig. 81 - Tate Modern, Londres
A varanda da zona de bar



Fig. 82 - Tate Modern, Londres
O grande *Hall* do edifício



Fig. 83 - Tate Modern, Londres
Zona da bilheteira

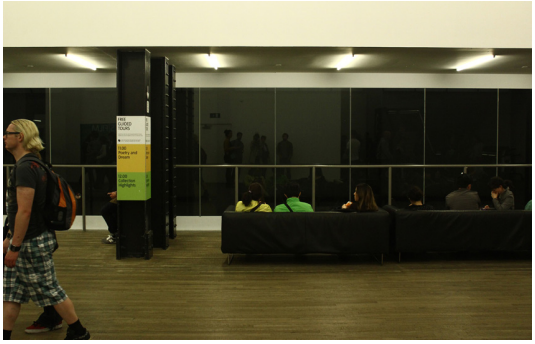


Fig. 84 - Tate Modern, Londres
Zonas de estar nas caixas que surgem para o alto
Hall principal

Na descrição da intervenção efectuada pelos arquitectos, é salientada a não-demolição do edifício mas a sua transformação em centro de Quarteirão. O ponto de vista é ainda ressaltado pela comparação com a Catedral de St. Paul, na margem oposta do rio, equiparando ambos os edifícios já que o "impressionante edifício em tijolo" consegue atingir com a sua chaminé quase a altura da dita catedral.
Os princípios da intervenção são aqui exemplares – "they first of all exhibit the monumentality of the building. The brick façade is preserved; later additions that disturb the picture are removed." - Acrescentam o topo da chaminé e os dois pisos de vidro no edifício, mas "The large ventilation grids embedded in the gallery floors look as though they have always been there. But wherever new elements were added, they can be clearly distinguished from the old substance due to the selection of glass and steel as materials."[32]
Este contraste é afirmado em todo o conjunto, concedendo-lhe uma contemporaneidade que o enriquece e o distingue numa marginal já cheia de tentativas de excepção. O interior do edifício é algo de arrebatador com o pé direito equivalente a seis pisos no *hall* principal para o qual todos os corredores têm visibilidade; a luz natural para este espaço é filtrada de diferentes maneiras mas sempre débil – é Londres, afinal. Os corredores de acesso às salas de exposição e auditório, assim como os respectivos acessos verticais, fazem-se num percurso sem luz natural como é normalmente desejado num Museu, talvez pela necessidade de abstracção relativamente ao mundo exterior que neste convém atingir. As aberturas para o espaço exterior e consequentes entradas de luz natural são efectuadas nos espaços de cafetaria e restauração, respectivamente a meio e no topo do edifício. A cafetaria tem acesso a dois espaços de varanda, um de cada lado da torre central imagem de marca do edifício. Já o espaço de restauração possui uma parede em vidro, a mesma que se reconhece como ampliação nova executada durante a reabilitação, com a mesma vista de miradouro privilegiado sobre Londres mas de um ponto mais elevado. A meio deste percurso, a mesma "caixa de vidro" acrescentada ao edifício original abrir-se-á também no sentido sul numa varanda mas para um compartimento com o sinal informativo "members only" ao qual o visitante comum não tem acesso. Isto em contraste com a esplanada no exterior do edifício entre este e o rio, em conjunto com todas as pessoas que à sua volta simplesmente "estão", são situações de extremo interesse na análise dos diferentes tipos de ocupação para os quais o edifício está vocacionado.

32 LEVENE, Richard; Cecilia, Fernando Márques, Herzog & de Meuron : 1981-2000, Madrid, El Croquis, 2005, Pg. 91

Tal como o Dia Art de Beacon, o Tate não é um museu que dê relevância à sua história ou ao que a sua função prévia implicou e influenciou na vizinhança. Ambos são entendidos como edifícios de extremo interesse na estrutura a manter, substituindo a ideia da demolição, e onde as suas grandes áreas poderão encontrar imensa utilidade. Assim, com exposições temporárias ou permanentes estes dois museus justificam o reaproveitamento do edifício utilizando este mesmo como peça de interesse. O problema do programa único na reabilitação de uma zona da cidade aqui não parecerá aplicar-se provavelmente devido ao tamanho excepcionalmente grande das instalações que as tornam em algo de recorrente visita numa cidade estabelecida nos circuitos turístico e cultural.



Fig. 85 - Tate Modern, Londres
A parede norte do restaurante é envidraçada, com um balcão a todo o seu comprimento



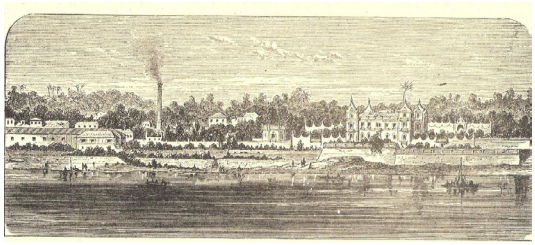
Figs. 86, 87 - Tate Modern, Londres
O novo na intervenção; O soalho é carvalho nórdico



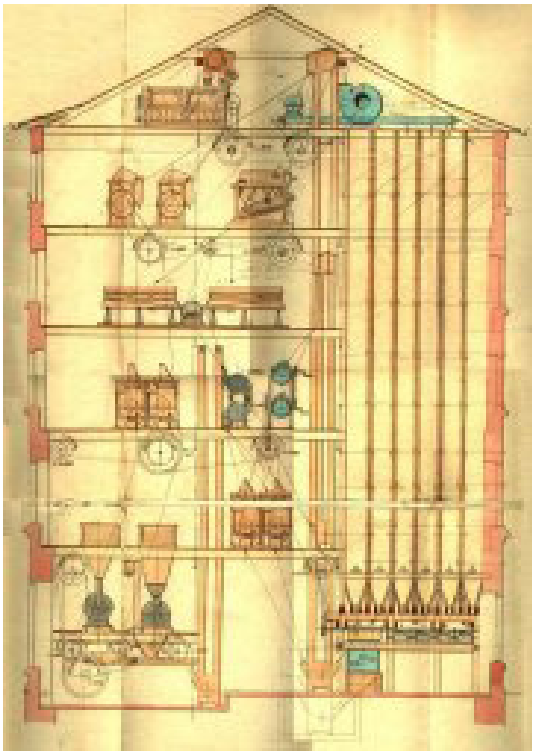
Fig. 88 - Dia Beacon Foundation, Beacon, Nova Iorque
A simplicidade do restauro

Quanto ao tipo de reabilitação efectuada, o Dia Art Beacon aparenta um custo de reabilitação consideravelmente inferior. Já no caso do Tate, o que de novo existe não tem em si um carácter tão efémero e possui áreas de apoio à função de museu maiores que a reduzida cafetaria/livraria do Dia Art. A existência até de um auditório adivinha já um tipo de clientela esperada bem diferente da do outro, assemelhando-se este tendencialmente ao Centquatre de Paris nesse tema.
O facto de se encontrar em curso uma ampliação do edifício do Tate acusa a probabilidade do projecto ter atingido os objectivos propostos e ser este agora um local incontornável de Londres, quer para locais quer para, e principalmente, visitantes.

No Porto temos uma oportunidade quase inédita de intervir no centro da cidade com um programa e princípios de intervenção arquitectónica acima referidos mas com uma mais-valia no sentido da compensação do investimento efectuado – nestas instalações a sua distância relativamente aos centros das cidades associadas limita sobremaneira a sua utilização diária e pontual. Já no Porto, a localização central das instalações da Aurifícia faria deste espaço algo facilmente ocupado pontual e continuamente, tanto por locais como visitantes. Para isto, dever-se-ia apostar na diversidade do seu programa, já que numa cidade com tão poucos habitantes um espaço deste tamanho não é viável para um programa apenas. Parece assim mais indicado dotar estas instalações de programas fortes para muitos e diferentes tipos de pessoas criando relações de dependência e parceria entre eles, ou seja, uma área de exposições já não seria apenas isso com uma loja de merchandising associada. Propor-se-ia toda a linha programática associada a um espaço de exposição, desde o ateliê de produção, fornecido pela loja ou armazém de materiais presentes nas instalações. Ao mesmo tempo, a residência do artista, a mercearia onde se alimenta, o bar onde vê os amigos... Tudo pode existir numa área destas dimensões numa cidade onde "todos são bairristas", esperando-se, como consequência máxima e positiva, o alastramento de todas estas valências interdependentes ao quarteirão e, posteriormente, ao bairro e cidade.



Fáb. 89 - Fábrica da Harmonia e Palácio do Freixo



Fáb. 90 - Fábrica da Harmonia



Fáb. 91 - Fábrica da Harmonia como Pousada



Fig. 92 - Instalações provisórias do Museu da Indústria

1 . Exposição vs Museu – a própria história como justificação para o investimento na preservação da memória física

O Porto carece de um Museu da Indústria. Existe uma associação (AMIC, Associação Promotora do Museu da Ciência e Indústria do Porto), informação adquirida após a visita à suposta página de Internet[33] do museu que informa "O MUSEU ENCONTRA-SE TEMPORARIAMENTE ENCERRADO". Esta informação consta de uma das categorias do referido, sendo que noutra o utente é informado da sua actual morada (temporária) e da previamente exis-tente: "O Museu mudou de instalações em Fevereiro de 2008, encontrando-se actualmente instalado na Rua Engenheiro Ferreira Dias, n.º 1095, na freguesia de Ramalde – Porto.; A antiga fábrica da Companhia de Moagens Harmonia, situada na margem direita do rio Douro, no Freixo, freguesia de Campanhã, foi a primeira morada do Museu." Como conclusão da página "O MUSEU ENCONTRA-SE ENCERRADO". Para que não haja dúvidas.
Este Museu aparenta no website um ponderado plano, exercício e desenvolvimento - "O seu acervo é constituído por centenas de objectos museológicos, alguns produzidos em finais do séc. XIX (em especial os que representam o sector moageiro), mas a grande maioria data do século XX (anos 20 e 30), sendo sobretudo oriundos de Inglaterra, Alemanha, Suiça e Estados Unidos da América", o que enfatiza a importância da sua não existência e a grande perda para os portuenses e seus visitantes.

O "Museu da Indústria afirma-se como um dos agentes promotores do estudo, conservação e construção da memória industrial do Porto"[34], o que demarca fortemente a gravidade do seu desconhecimento como organismo estável e consolidado.
Segundo a comunicação social de Março de 2010, o presidente da Câmara do Porto, queixar-se-ia à data das exigências por parte do IMC (Instituto dos Museus e da Conservação) para inaugurar as instalações deste Museu na morada já referida como provisória. O IMC terá respondido afirmando que para poder credenciar o espaço este teria que, pelo menos, estar aberto ao público.
Após uma primeira análise, que razões estão realmente por detrás do impedimento da sua abertura? E que tipo e quantidade de público esperam os responsáveis políticos da cidade atrair para um Museu com tamanha relevância perdido algures no meio de pavilhões pré-fabricados e, por isso, pouco atractivos para os visitantes?

33 http://www.museudaindustria.org

34 http://www.museudaindustria.org/conteudo.aspx?args=2,12

Actualmente qualquer possível existência de um museu da actividade industrial da cidade seria para esta e sobre esta de extrema importância. Tendo a questão industrial na cidade do Porto funcionado como mote e origem do seu crescimento e desenho urbanístico, tornar-se-á quase tão importante distingui-la e reconhecê-la como o é identificar os limites de ambas as muralhas quando se fala nas várias fases da cidade a um visitante. Mais que nada, o forte crescimento populacional da cidade dever-se-á sobretudo à ocupação de áreas muitas vezes vazias e à sobrelotação daquelas já consolidadas o que a faz de todo o interesse em explorar, quer seja por razões nacionais de entendimento da cidade e do valor das suas partes, quer seja por razões turísticas. Esta necessidade relativa à existência de um elemento explicativo deste crescimento deve-se à impossibilidade de adquirir este entendimento pelo simples reconhecimento da cidade: "A crise que a indústria portuguesa atravessou em finais dos anos 70 / inícios dos anos 80 do séc. XX, o posterior desaparecimento das grandes áreas industriais da cidade do Porto e as transformações sociais daí decorrentes"[34], sendo que nestas se incluem também transformações urbanísticas devidas ao desaparecimento destas áreas industriais muitas vezes através da demolição.

No Porto do séc. XXI o turismo é o fundamento da realização de projectos maiores ou menores, mais ou menos consequentes. No entanto, termina como motivo e justificação para a sua execução. Se aqui já várias vezes foram referidas as problemáticas da cidade onde é sentida a falta de diversidade programática, há que ter em conta o turismo ser mais do que dormir e comer com umas serpentinas de objectos "típicos" levados pelas pessoas para sua casa e para os seus. É necessário prender o turista mais tempo na cidade e pela cidade. Os museus são, frequentemente, o motivo dessa longa estadia pelo que têm que ser diversificados no tema que representam dentro de cada um e entre os vários das cidades, assim como se apresenta necessário involucrar os locais na sua construção como prova da sua veracidade.

> "(...) a complexidade e mistura de grupos:
> As quatro condições que Jacobs identifica como referentes da cidade tradicional e geradores de diversidade são a conjugação de funções num mesmo distrito, a concentração alta de pessoas, incluindo residentes, a existência de edifícios de diferentes épocas e estados de conservação, e possibilidade de variação de percursos."[35]

34 http://www.museudaindustria.org/conteudo.aspx?args=2,12

35 RAMOS, Ricardo, *Reabilitação de Edifícios Industriais como Museu*, docente orientadora Doutora Maria Calado, Lisboa, FAUTL, Novembro 2011, Pg. 56

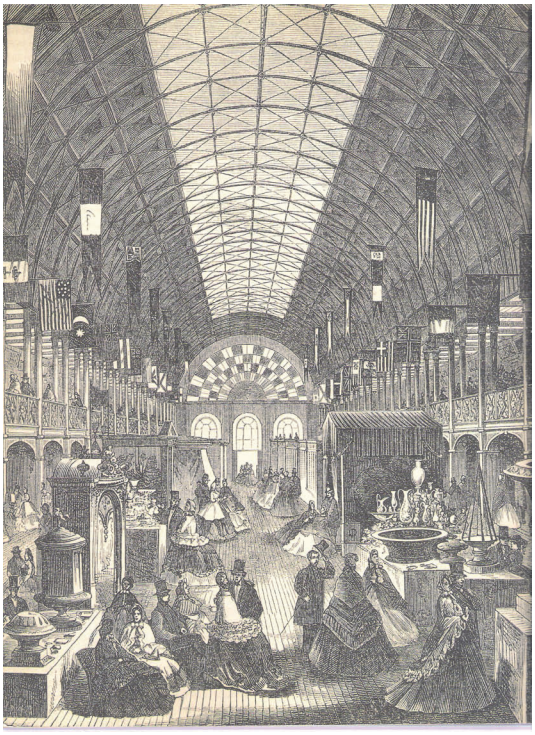


Fig. 93 - Exposição Universal 1865 no Palácio de Cristal



Fig. 94 - Castelvechio, Verona, Itália
Carlo Scarpa, 1958

A intervenção é mundialmente reconhecida e apreciada pelo constraste assumido entre o novo e o existente



Fig. 95 - Dia Beacon Foundation, Beacon, Nova Iorque

Instalação de Richard Serra

No entanto, a vida cultural e de aprendizagem dos utilizadores dos museus deve ser facilitada no que toca à sua praticabilidade de acessos, estética do edifício que alberga a informação e relação com a cidade em si (termo de complexa definição mas que, no caso do Porto, pode ser simplificado pela expressão "centro histórico" ou "cidade consolidada"). É neste sentido que se tenta dissuadir qualquer tipo de defensor da permanência do Museu da Indústria no local onde este supostamente se encontra. O edifício referenciado não satisfaz qualquer um dos pontos atrás referidos, nem pretende reabilitar alguma área em iminente abandono, situação tão frequente na cidade do Porto. Estar localizado na actual zona industrial da cidade não se quer ponderar ser o motivo final...

Por outro lado, a questão do edifício que aloja o Museu é algo que ao longo da história se apresentou de diferentes abordagens. Torna-se importante a relação entre o exposto e o que o alberga devido, entre outras coisas, ao "aparecimento de uma vida urbana em que os museus vão funcionar como local de socialização e aparecem com um ênfase na sua vertente educativa, como agentes regeneradores da sociedade e dos seus vícios. Os salões e as Exposições Universais surgem em simultâneo como cenário alternativo a um museu que ainda não estava universalmente aberto e democratizado"[35], como foi o caso do Palácio de Cristal, no Porto, casa da vida social da burguesia portuense da época.
Assiste-se também mais a outras abordagens ao tema da museológico, como seja a de Carlo Scarpa no Castelvecchio (Verona, 1956-64), importante pela utilização de um edifício originalmente construído para outros efeitos, e ainda mais pelo tipo de restauro que reforça a oposição materiais novos/antigos e investe no seu desenho no sentido de fazer pertencer as peças expostas ao edifício que as alberga. As demolições e o tratamento da luz efectuadas nesta reabilitação são de uma estética apreciada até aos dias de hoje.
Por fim, "A utilização de edifícios existentes vai ser uma alternativa ao museu pós-moderno. A partir dos anos 60 muitos artistas vão utilizar espaços fabris para elaborarem obras não tradicionais, com escalas diferenciadas, do tipo performances/instalações. Estas vão ter lugar em fábricas, barracões, armazéns, que lhes proporcionam a par de uma informabilidade e baixo custo de renda, uma flexibilidade para trabalhar e apresentar que o museu convencional não garante."[36]

35 RAMOS, Ricardo, *Reabilitação de Edifícios Industriais como Museu*, docente orientadora Doutora Maria Calado, Lisboa, FAUTL, Novembro 2011

36 RAMOS, Ricardo, *Reabilitação de Edifícios Industriais como Museu*, docente orientadora Doutora Maria Calado, Lisboa, FAUTL, Novembro 2011, pág. 87

"A preservação da memória, o ter-se a noção da importância que algumas unidades industriais, e não só, veja o caso das pontes que são do período da implantação do ferro no Porto, portanto de 1877 até aos inicios do século XX, tiveram para as comunidades. A assumpção que a história das cidades também é feita com aspectos que à primeira vista não serão tão importantes quanto a macro-história, as linguagens arquitectónicas adoptadas na construção de algumas fábricas dizem-nos bastante sobre o modo como se pensava a arquitectura e a engenharia naquele tempo. Em relação à situação quase moribunda em que se encontra o Museu da Indústria é a prova escandalosa da falta de sensibilidade das autoridades competentes em relação a esta temática. O museu nunca deveria ter ido para Ramalde, o sítio indicado para se instalar o Museu da Indústria era no decadente Matadouro (também ele um símbolo da industria portuense) sito em Campanhã.

Era uma forma de se valorizar um espaço que aquando da inauguração era considerado um dos mais avançados do mundo e também uma forma de se revitalizar uma zona urbana bastante deprimida...",

Historiador César Santos Silva no dia 11 de Março de 2012 (via correio electrónico) em resposta à pergunta: *Quais serão as fábricas mais interessantes e melhor preservadas em Portugal (e no Porto) no sentido de património visitável?)*

Mil e desconhecidas razões empatam o desenvolvimento do Museu, e nem esses são conhecidos o que torna difícil a tentativa de solução do problema. Situações como aquela em que uma máquina de elevadas proporções se encontra em exposição num centro comercial apenas porque o seu proprietário um dia trabalhou nas instalações que originalmente a alojavam, parecem acusar algo. Isto quando as pessoas que por ali passam diariamente dificilmente reconhecem a sua importância e significado.
O livro[37] que disso informa foi patrocinado pelo mesmo proprietário e refere outros estabelecimentos importantes para a cidade. O leitor desse livro, se mais quiser compreender sobre a distribuição destas unidades industriais pela cidade, terá que visitar a página de internet do suposto Museu da Indústria. Este não existe há mais de seis anos mas possui a explicação procurada de uma forma bastante objectiva. Talvez por isso não existam as esperadas instalações para o Museu, uma vez que vivemos numa época digital em que o analógico não é mais que desprezado...

> Não existe "praticamente nenhuma valorização do património industrial. O Norte Shopping ainda fez um trabalho meritório ao colocar no seu interior algumas das máquinas que estavam na EFANOR, a famosa fábrica dos carrinhos, e isto porque o Eng. Belmiro de Azevedo começou a sua vida profissional naquela unidade industrial senão... As fábricas vão morrendo e nada está no local a perpetuar a sua existência.", Historiador César Santos Silva no dia 11 de Março de 2012 (via correio electrónico) em resposta à pergunta: *Que tipo de programas de valorização do património industrial existem na nossa cidade?*

37 CUSTÓDIO, Jorge, *A Máquina a Vapor de Soure; um património industrial da Fundação Belmiro de Azevedo*, Porto, Edição Fundação Belmiro de Azevedo, 1998

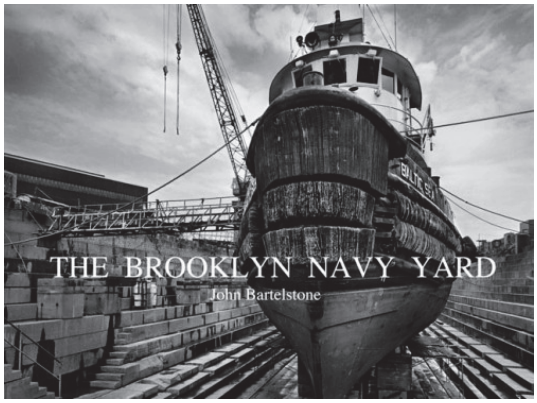
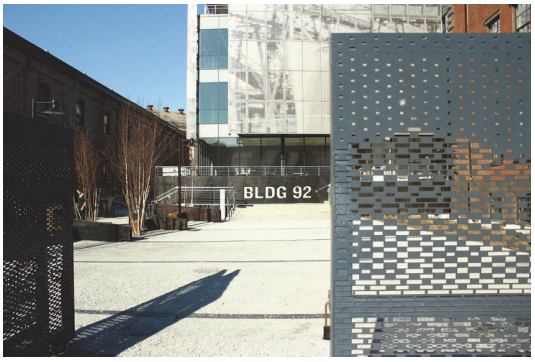


Fig. 96 - Capa do livro "The Brooklyn Navy Yard" de John Bartelstone, publicado no início de 2010

"Architectural Photographer John Bartelstone recently published his book, The Brooklyn Navy Yard, and is available at powerHouse Books. His 91 duotone images show the relics of a time when the Brooklyn Navy Yard was a thriving shipyard complex between the Manhattan and Williamsburg Bridges. New York City's largest and oldest industrial facility, the Brooklyn Navy Yard still repairs great ships, but also has reinvented itself with various manufacturers and businesses, such as furniture makers, movie sets, and new media companies."[38]







Figs. 97, 98, 99 - "BLDG 92", a casa-museu do Navy Yard em Brooklyn, Nova Iorque

Museums in a changing world, onde tudo é mais rápido, urgente, de fácil acesso, sobretudo prático para que nunca seja interpretado como uma perda de tempo. São muitas as adaptações e alterações exigidas ao espaço "Museu". Eventos como "a Noite Europeia dos Museus", a acontecer dia 19 de Maio de 2012 e desde 2005, data do seu início em França, por toda a Europa são iniciativas de louvar numa altura em que a cultura tem que funcionar quase como *fast-food* na concepção e consumo e provavelmente está no disco rígido do indivíduo. Não sendo esta a única, uma solução de museu apresentar-se-á actualmente como uma intervenção objectiva nas razões da sua existência e relativamente àquilo que pretende dar a conhecer.

Neste contexto, entram como referência exemplos que oportunamente e de forma souberam tirar partido das próprias instalações, sendo estes o Navy Yard[39], em Brooklyn, Nova Iorque, e a Guiness Factory, em Dublin. Sendo ambos os casos de forte relevância económica para as cidades onde se inserem e co-responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento das mesmas, a uma escala diferente têm o "direito" a um Museu a si próprios. Para a sua execução os dois aproveitaram o património arquitectónico existente que, por si só, é já um contador da história. As duas situações não são originadas pelo abandono, mas principalmente pelo sentido de oportunidade ao reavivar o espaço não simplesmente com trabalhadores mas com as visitas efectuadas ao mesmo.

No caso do Navy Yard, mais do que de um edifício fala-se de um conjunto deles. Sendo que parte pertence ainda à Marinha, é privado e ocupa uma considerável frente ribeirinha, a construção de um edifício novo como complemento a uma área de edifícios em ruínas reaviva uma rua-fantasma e é sinónimo de melhoria financeira, na medida em que para ter acesso às visitas guiadas que contarão ao visitante a história do sítio e o porquê da sua existência é necessária a compra de um ingresso de custo relativamente elevado. Estas podem ser efectuadas em caminhadas, de autocarro ou em bicicleta pois abrangem uma área elevada após uma pequena explicação gratuita exposta no edifício da entrada para visitantes, de nome BLDG 92. Este conta de forma cronológica o nascimento e crescimento deste grande porto e situa-se numa zona da cidade que de visitável pouco tem. É a prova da capacidade histórica de um elemento da memória colectiva, ao qual se associam outros programas que o usam como atractivo.



38 Publicado em 11 de Janeiro 2010, in http://dumbonyc.com/category/brooklyn-navy-yard/

39 No mapa da 8ª página deste capítulo



Fig. 100 - O reconhecido logotipo da marca Guinness na parede do edifício

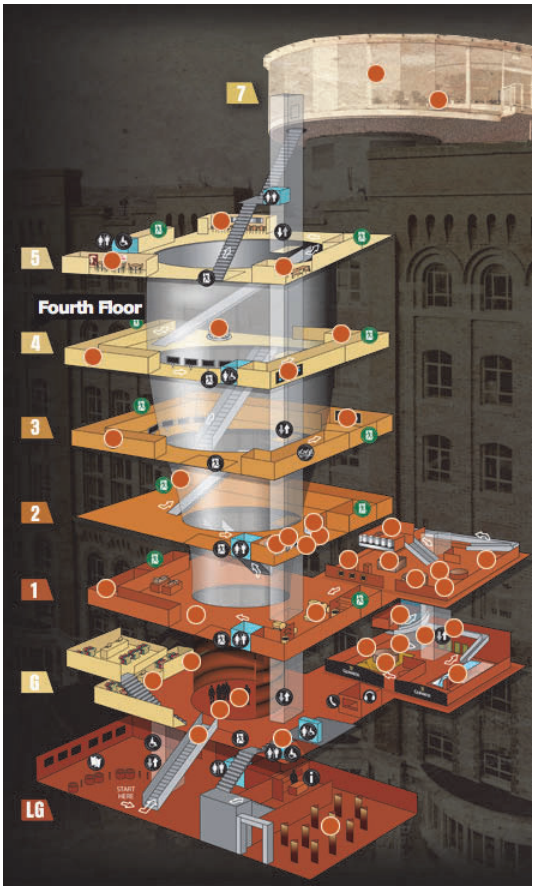


Fig. 101 - O sítio oficial da Guiness é interactivo e possibilita a visão dos vários compartimentos.

Os diferentes pisos aparecem assinalados nesta imagem que identifica o que alberga cada um deles

A página oficial explica as funções e objectivos do Museu: "The mission of the Brooklyn Navy Yard Center at BLDG 92 is to celebrate the Navy Yard's past, present and future, and to promote the role the Yard and its tenants play as an engine for job creation and sustainable urban industrial growth. By providing access to exhibits, public tours, educational programs, archival resources and workforce development services, BLDG 92 reinforces the Yard's unique bonds with the community and inspires future generations to become industrial innovators and entrepreneurs."[40]
O BLDG 92 é denominado Centro de Exposição num complexo de diversas valências que ocupa o já não necessário Brooklyn Navy Yard: "movie studios, furniture manufacturers, ship repairers, architectural designers, electronics distributors and jewelers, the Brooklyn Navy Yard isn't just filled with a storied past. It's also filled with a promising future."[41]

Já no caso da Guiness Factory, o conjunto de edifícios não tem de forma alguma uma dimensão comparável. Sendo ainda o local de produção da cerveja, fazer dele um Museu teve muito provavelmente razões económicas, e ainda bem.
Toda a página oficial de Internet relativa à fábrica funciona em torno do aproveitamento deste espaço como turístico sendo referido como "a atracção turística número um da Irlanda" e não ficando por isto muito longe da verdade – uma visita a Dublin pressupõe uma passagem nestas instalações. Sendo desde a sua fundação uma fábrica de cerveja que nunca deixou de funcionar, em oposição ao exemplo anterior este é um que encontra na função de Museu outro método de lucro e de marketing para o produto que comercializa.

A relevância dada à história da empresa será a mesma que em todas as outras igualmente antigas e destacadas na economia do país onde se inserem. No entanto, esta página joga com o facto através do apelo à participação de locais e visitantes que podem incluir o seu testemunho nesta página interactiva, assim como pela exposição que faz de toda esta história na apresentação dos pequenos vídeos que "documentam as memórias da comunidade local relativamente a crescer na vizinhança da famosa cervejaria Guinness".[42]

40 http://bldg92.org/about/

41 http://www.brooklynnavyyard.org/about.html

42 http://www.guinness-storehouse.com/en/MemoirsOfGuinness.aspx

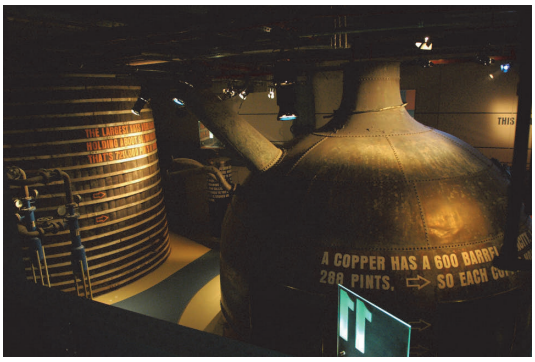


Fig. 102 - DUB Dublin - Guinness Storehouse and Brewery museum; cubas de fermentação



Fig. 103 - O exterior do edifício



Fig. 104 - O último piso



Fig. 105 - As características da cerveja

A loja de merchandising da marca possui de igual forma os seus produtos à venda em linha, assim como acontece com os elementos de publicidade por ela utilizados até agora, uma possível visita ao Gravity Bar (acrescento contemporâneo das instalações) ou a história do que aqui é mais importante – a cerveja e uma descrição dos nove passos que levam à sua execução. Sem dúvida pela técnica e qualidade do produto é isto o que alguns personagens literários bebem, mais que uma simples cerveja. É flagrante, no entanto, a ajuda dada ao produto por todo este mediatismo criado pela própria marca, desde a autodenominação relativa ao seu interesse turístico até à forma como a ele se refere como algo de excepcional.

Por último, alguns vídeos dão a conhecer o interior deste edifício num separador intitulado "What's Inside" que leva o visitante a conhecer o local como se no seu interior se encontrasse, desde o interior da loja, aos espaços de exposição com a descrição do processo de realização do produto, o restaurante e o bar da cobertura, um ovni de ferro e vidro "pousado" sobre o edifício original, com vistas privilegiadas sobre a cidade de Dublin. Para que nada fique por conhecer um modelo do interior do edifício com fotografias associadas apresenta todos os espaços e o seu nome.
O edifício em boas condições sofreu pequenas alterações para incluir os referidos programas possuindo, agora, detalhes contemporâneos como quem analisa o passado. O sentido da existência do Museu será algo de semelhante com as caves de vinho portuguesas, onde o objectivo é conhecer o método produtivo e provar o resultado final. A intervenção efectuada no espaço fortaleceu-o com o paralelismo fábrica/intervenção contemporânea e vale a pena visitá-lo por si só. A cerveja, essa, pode beber-se em qualquer parte da cidade.









Figs. 106, 107, 108, 109 - LX Factory, Lisboa



Fig. 110 - Uma página de internet interactiva permite ao utilizador seleccionar os campos que são do seu interesse conhecer nas instações do LX Factory, compreender perfeitamente onde se encontram na planta do edifício e fazer uma posterior pesquisa relativa aos mesmos

2 . O aproveitamento e melhoria de espaços devolutos através da ocupação espontânea

Existe mundo fora um sem número de instalações industriais que, grande parte das vezes pela localização pouco vantajosa, chegaram ao fim da época industrial sem nada justificativo do seu mantimento. Aqui são referenciados não apenas edifícios pontuais, cuja solução passa por remodelar ou reconstruir de acordo com as necessidades da época do seu flagrante abandono. São de relevante importância situações que sem grande planeamento, e muitas vezes ganhando sobre este, conseguiram revitalizar áreas de elevadas dimensões encontradas ao abandono.
Não sendo esta uma alínea de apoio ao movimento "ocupa"[43], nem a museus a céu aberto e sem qualquer tipo de curadoria como é a cidade de Valparaiso, o interesse destes antigos bairros industriais é a sua transformação de forma espontânea e natural em bairros culturais, não se referindo ainda a expressão "bairros industriais" à questão da habitação associada mas aos espaços de trabalho e produção.
Pequim, Lisboa e Lyon são cidades com nada de semelhante entre elas onde estes bairros surgiram e têm nas respectivas cidades forte presença.

O LX Factory, em Lisboa, surgiu numa área industrial em desuso. As suas ruas escuras e o facto de estar quase sob a Ponte 25 de Abril, um desses monumentos à capacidade do ferro e aos deslizes orçamentais dos governos portugueses, com um custo a duplicar o seu orçamento inicial[44], caracterizam este espaço de uma mística industrial interessante. Ainda que nunca a metalurgia tenha sido aí praticada (inaugurada neste local em 1846 a Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense[45]), não é difícil imaginar o ferreiro com o seu martelo. O local tornou-se um centro de design e cultura para a cidade sem para isso ter sido planeado. A página oficial da zona refere-a como "Uma ilha criativa ocupada por empresas e profissionais da indústria (que) também tem sido cenário de um diverso leque de acontecimentos nas áreas da moda, publicidade, comunicação, multimédia, arte, arquitectura, música, etc."[45]
Originalmente haveria para este sítio um plano urbanístico de desenvolvimento residencial. No projecto da empresa para o local estão previstas zonas de habitação, comércio e serviços, mantendo a faceta industrial nos três edifícios principais, para não descaracterizar a zona, e não se perder parte da história da cidade."[46]

43 "(...) pessoa que se apodera de coisa ou lugar abandonado ou ainda não apropriado sem ser o seu legítimo proprietário (...)", in http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/ocupa [Consultado em Julho 2012]

44 MARINHO, António Luís, *1961, O ano horrível de Salazar*, Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2011

45 http://www.lxfactory.com/PT/lxfactory/

46 FERREIRA, Sofia Afonso, *MODA&LIFESTYLE*, Edição Nº50, Novembro, 2009





Figs. 111, 112 - LX Factory, Lisboa



Fig. 113 - Peter Zumthor na Experimentadesign Lisboa 2009. O ecletismo dos eventos que o LX Factory alberga tornam-no num espaço de fácil conhecimento e de utilização heterogénea



Fig. 114 - Capa do Panfleto de propaganda do Open Day de Maio de 2012, no LX Factory. No interior há informação relativa ao programa e horário de iniciativas que se pretendem com um sentido didáctico, participativo e interactivo. O tema desta edição era "mudança, mas também lançar o debate quanto a uma necessidade tão premente da sociedade actual, a de mudar." (excerto da apresentação do panfleto) No programa destes dias encontram-se: exposições, workshops, performances/ instalações, concertos e outras iniciativas

No entanto, é um caso protegido pela casualidade, pois, sem dinheiro para executar o investimento necessário, o espaço foi cedido aos poucos para uma ocupação temporária com programas de comércio, escritórios, restauração e ateliês de trabalho.
"Na antiga fábrica há de tudo um pouco como na farmácia: agências de publicidade, produtoras de cinema, moda e audiovisuais, ateliês de design e arquitectura, ateliês de artistas, músicos, uma escola de dança, restaurantes, esplanadas e até uma livraria. (...) O espaço, englobado no plano Alcântara XXI da Câmara Municipal de Lisboa, aguarda a aprovação do plano de pormenor para os terrenos e edifícios do antigo complexo fabril num processo que tem sido mais demorado do que o previsto inicialmente. Há males que vêm por bem. Enquanto a renovação não acontece, os 23 mil metros quadrados são temporariamente devolvidos à cidade numa explosão de criatividade por um tempo indefinido. Os contratos têm sido realizados pelo período de cinco anos mas poderá ser menos tempo. Para quem está a ponderar alugar um espaço fica aqui a informação que o metro quadrado custa entre 6 e 9 euros."[46]

Se inicialmente isto poderá ter acontecido por rendas acessíveis devido à localização relativamente distante do centro da capital, com o tempo este lugar tornou-se num novo e diferente centro de visita obrigatória. Os referidos programas em conjunto com eventos pontuais como o festival de artes digitais OFF, exposições exclusivas como a de Peter Zumthor ou os Open Days com os diversos espaços acessíveis aos visitantes tornaram este num local onde sempre se espera acontecer algo e que é, por isso, visitado sem necessidade de confirmação antecipada da agenda.
Outras intervenções semelhantes foram efectuadas na capital, mas de cariz pontual, como seja a Fábrica do Braço de Prata (Fábrica de Projectos de Artilharia em 1908, tranformada num centro cultural privado em 2007) e Estação Elevatória de Água dos Barbadinhos (1880, transformada em Museu da Água da Epal em 1987). No entanto, o tamanho, diversidade e tipo de programas presentes no LX Factory tornaram-no um local de referência. Este vive e é alimentado pelas modas contemporâneas de voltar ao artesanato, novos supermercados e restauração de comida orgânica e saudável, feiras de diversas temáticas, exposições, escritórios ocupados pelas "novas gerações"... A rua principal do complexo tornou-se num agradável espaço público para se estar ao final da tarde, "Em LXF, a cada passo vive-se o ambiente industrial. Uma fábrica de experiências onde se torna possível intervir, pensar, produzir, apresentar ideias e produtos num lugar que é de todos, para todos."[47]

46 FERREIRA, Sofia Afonso, *MODA&LIFESTYLE*, Edição Nº50, Novembro, 2009

47http://www.lxfactory.com/PT/lxfactory/



Fig. 115 - Imagem extraída de “La Sortie de l’Usine Lumière à Lyon (1895).” Conversão por Garnet Hertz em 2008



Fig. 116 - Festival Nuits Sonores



Fig. 117 - “Nuit 4 - Marché Gare” Festival Nuits Sonores



Fig. 118 - Le Transbordeur, Lyon Já foi palco do Festival Nuits Sonores



Fig. 119 - “Biennale d’art contemporain” no pavilhão denominado “la Sucrière”, parte do conjunto de pavilhões “Port Rambaud” Já foi palco do Festival Nuits Sonores

Semelhante aura de mistério industrial tem o festival Nuits Sonores, em Lyon. Realizado no ano de 2008 num não tão antigo complexo industrial também em desuso, este fez lembrar o cenário das imagens do filme "La Sortie de l'Usine Lumière à Lyon" que os irmãos Lumière realizaram à saída da fábrica homónima, em 1895, projectando-o no mesmo ano no Salão Indiano do Grande Palácio de Paris.[48]
O festival é um dos mais reconhecidos no circuito europeu de música indie e electrónica e recorre nas suas edições anuais a diferentes espaços[49], sendo os industriais os que lhe dão a imagem. Isto é em Lyon de elevada importância pela história industrial da cidade, que até de mote a um filme[50] serviu. Espaços como o Le Transbordeur, na mesma cidade, já serviriam de palco para o festival mas mantêm de igual forma uma ocupação semelhante ao longo do ano. Outros, como La Sucrière, serviriam a mesma função de palco, mas são neste momento sala de exposições para a bienal de Lyon. Também *Les anciennes usines Brossette* (antigas fábricas Brossette) foram utilizadas, com "um aspecto de fábrica abandonada semelhante à Marché Gare ou à fábrica SLI de Vaise, espaços muito habilmente investidos nos anos anteriores pelo festival. A ideia é manter a identidade urbana do evento."[51]

A ambivalência destes espaços é o que os torna tão interessantes. Estes espaços "crus", que não se encontram destinados a nenhum programa em específico, ficam, à noite, com um ambiente imponente quando completamente lotados. Os armazéns, por si só, não são de grande relevância mas é na quantidade de gente que se move entre os vários pavilhões que se sente a transposição de espaço de produção industrial para espaço de produção cultural comprovando como estas duas facilmente se tocam.

48 http://www.institut-lumiere.org/francais/films/1seance/accueil.htm

49 "We took it as a trademark to transform these locations into something different and turn the city into a giant playground. Each year, Nuits sonores welcomes 80 000 festival goers, 250 artists and 1000 professionals. during 5 days and 5 nights.", in http://www.residentadvisor.net/promoter.aspx?id=1719 [Consultado em Junho 2012]

50 "La Sortie de l'Usine Lumière à Lyon" que os irmãos Lumière realizaram à saída da fábrica homónima, em 1895

51 http://www.rue89lyon.fr/2012/02/29/nouveau-lieu-pour-nuits-sonores-les-anciennes-usines-brossette/

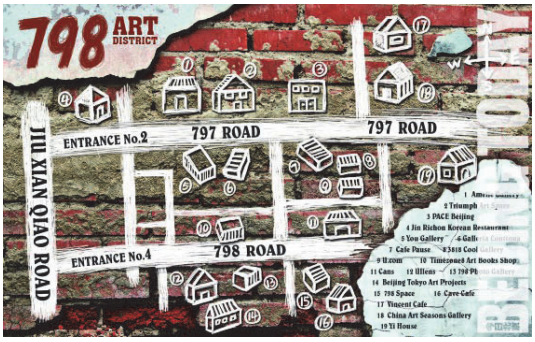


Fig. 120 - Mapa do bairro “798 Art District” incluído num sítio de nome“Warehouse District”[52]

Como legenda (do dia 14/02/2011):

OLD FACTORY + COMMUNITY OF ARTIST
= ART DISCTRICT

CONTEMPORARY ART + LOCAL ART
= UNIQUE EXPOSITIONS

REUSE OF FACTORY=REVIVAL OF THE AREA

LOCAL ARTISTS + FOREIGN ARTISTS
= GLOBAL TOURISM



Fig. 121 - “798 art district”



Fig. 122 - “798 art district”

Fala-se de diferente cultura quando se refere o "798 Art District", em Pequim, inserido na "Vila das Artes", o local onde muitos artistas residem. (...) Dentro dela, "798" (nome com origem na palavra *art*) é uma antiga fábrica transformada por artistas, "22 Court Street" é uma rua de arte na área, e o Kwan-yin Hall é a galeria construída pelo governo."[53] Esta maneira de pôr a questão mostra como surgiu o 798, o único espaço que é considerado criado por artistas e não por alguém externo ao tema, como políticos ou capitalistas (independentemente da conotação negativa atribuída a estas categorias). "A fábrica, comunista, foi criada em 1950 com o propósito de gerar modernidade industrial através da utilização de materiais construtivos inovadores e para criar um impacto social através da arquitectura."[54] Este espaço é comparado nesta reportagem com referências internacionais como o SoHo e Greenwich Village em Nova Iorque. É definida a sua ocupação por mais de 400 organizações culturais internacionais em 2008, o que o caracteriza como um autêntico *melting pot*. O programa do sítio é variado, transformando-o num "laboratório experimental e plataforma de intercâmbio cultural": galerias e centros de arte, estúdios para artistas, ateliês de design, restaurantes, bares, etc. "Os artistas converteram um cemitério industrial num harém cultural".
Isto é consequência provável da facilidade com que estes espaços, pelas suas características construtivas, se adaptam a funções expositivas, já que minas e espaços industriais têm capacidades boas para preservação de obras de arte pelos níveis de temperatura e humidade atingidos[55]. Isto, presumindo a sua necessária protecção a intempéries, ou seja, de ventos e chuvas. Caso contrário a rapidez de deterioração destes espaços é galopante e derradeira como aconteceu nos 6 anos de não funcionamento das instalações da Companhia Aurifícia.

Esse harém cultural revitaliza bairros e cidades, inspira artistas aí moradores ou não, atrai visitantes que por vezes se tornam mais que isso... São estes, como muitos outros, exemplos do que um espaço abandonado, ainda que por vezes esse abandono seja apenas aparente, pode fazer concretizar; provas da capacidade do ser humano em frente a uma folha branca, ainda que um pouco enrugada, onde a impossibilidade tem menor peso pois onde nada há, pouco deveria ser impossível.

52 http://celladdition.wordpress.com/2011/02/14/798-art-district/

53 http://english.people.com.cn/90001/90782/90873/6646558.html)

54 http://revistaorigama.com.mx/web/noticias/item/made-in-china)

55 Comentário da autoria do Eng.º Rui Póvoas aquando da sua visita às instalações da Companhia Aurifícia com o objectivo de analisar a sua estrutura



Figs. 123, 124 - Panfleto de propaganda para o empreendimento "Monarch Lofts" em Lawrence, MA, EUA

3 . Mistura de programas que tiram partido do tamanho elevado das instalações industriais

Todos os exemplos anteriormente referidos salientam, de alguma forma, a necessidade de misturar variados tipos e tamanhos de programas para justificar a utilização das tradicionalmente grandes instalações para fins de produção industrial. A beleza destas instalações faz-nos facilmente cair na tentação de as atribuir a funções consideradas "nobres" como o museu ou a exposição. Naturalmente se anexa a estes um espaço de livraria e restaurante/bar pois são valências de apoio aos primeiros e na sequência deste enobrecimento. Em tudo isto, falamos dos grandes armazéns e galpões industriais típicos da grande indústria, sendo que a pequena é associada naturalmente aos lofts nova-iorquinos, como se vê passar no Porto nos T0's que parecem ocupar o que pode ter sido até uma pequena produção têxtil (produção esta que voltou ao centro da cidade, na rua José Falcão, sob a forma de tecidos para estilistas italianos. Ou assim diz o povo, orgulhoso do regresso das suas tradições e do que valorizava o centro da cidade até há 3 ou 4 décadas).
Voltando aos espaços de amplas dimensões, estes parecem, por enquanto, sofrer de falta de oportunidades quando as referidas não são para eles necessárias. Estas oportunidades referem-se à difícil aceitação de novos programas pela falta de noção relativa à sua rentabilidade. Daí grande parte dos exemplos mais interessantes estudados para esta dissertação terem sido concretizados em espaços em total abandono.

Um título de jornal de 4 de Novembro de 2010 anuncia "Contemporary Dance/Fort Worth discusses odd upcoming show in poultry barn"[56], jogando com a improbabilidade do espaço utilizado para este efeito quase como se de uma técnica de marketing se tratasse. Metodologia aplicada na área, vende o que é diferente e inovador. Do mesmo modo, os agentes imobiliários dos Estados Unidos, não se satisfazendo com a existência dos *lofts* e espaços de *co-working* em antigas fábricas porque a diferença desse simples facto já não se aplica, publicitam o café orgânico que fornece os tais espaços de escritório.

Após uma pequena análise à promoção feita por estes agentes relativamente a estes espaços, conclui-se que os programas mais rentáveis como apoio a edifícios de *lofts* sejam o ginásio, o parque subterrâneo (porque de fácil acesso) e espaços comuns de ocupação de tempos livres interiores e ao ar livre (pressupõem elevada proximidade de serviços). No que toca a que programas incluir num investimento imobiliário de reabilitação de edifícios industriais de forma a torná-lo rapidamente rentável a opção parece unânime, sendo essa habitação, escritórios e comércio.

56 http://www.pegasusnews.com/news/2010/nov/04/contemporary-dance-fort-worth-barking-moon-barn/



Fig. 125 - “Matadero Madrid y Madrid Río, Ginés Garrido (team leader), Burgos & Garrido / Porras La Casta / Rubio & Álvarez-Sala / West 8.
Puente pasarela con intervención de Daniel Canogar.”



Fig. 126 - “Nave 16.
Matadero Madrid
Arquitecto Iñaqui Carnicero.
Imagen: Paco Gómez/ NOPHOTO 2”



Fig. 127 - “Nave 16.
Matadero Madrid
Arquitecto Iñaqui Carnicero.
Imagen: Paco Gómez/ NOPHOTO 2”



Fig. 128 - “Matadero Madrid.
Entrada Legazpi.”

Assim, no que toca à inclusão de programas culturais neste tipo de intervenções há, simplificando, duas metodologias: uma que não pressupõe um elevado investimento inicial, como os já referidos 798 Art District em Pequim ou o Centquatre em Paris, espaços que vivem de uma certa vida cultural alternativa, e outro que compensa o investimento efectuado pela amplitude do projecto e por técnicas de valorização da intervenção do qual é exemplo o Matadero de Madrid, efectuado por iniciativa pública mas conseguido pelo planeamento consequente por detrás da sua existência.

Uma instituição para criadores contemporâneos que se afirma em permanente construção, é o exemplo de como um organismo público se soube aproveitar destas referências internacionais. Não recorrendo ao espaço Museu como chave para a sua existência, é da diversidade programática que vive o atractivo deste espaço. Sendo que a cidade de Madrid tem por si só um elevado interesse cultural, arquitectónico e social, é perspicaz a iniciativa de lhe criar novos centros de interesse para os locais e para os visitantes.

> "Matadero Madrid es un ejemplo de colaboración institucional. A los espacios de gestión municipal de Matadero (Naves del Español, Intermediae, futura Cineteca e Invernadero), se han sumado, y seguirán haciéndolo en los próximos años, otros promovidos por distintas entidades, públicas y privadas."[57]

Em funcionamento como matadouro e mercado desde 1911 com projecto do arquitecto municipal Luis Bellido, foi transformado nos anos 80 pela primeira vez pelo arquitecto Rafael Fernández-Rañada para "actividades de índole sóciocultural" no edifício originalmente para a administração. Já nos anos 90, a criação nos estábulos da sede do Ballet Nacional de España e da Companhia Nacional de Dança ficou a cargo do arquitecto Antonio Fernández Alba. A partir da criação de um plano especial de intervenção a 26 de Setembro de 2005, o uso cultural do local sobe a 75% do total e o projecto ganha identidade de centro cultural.[58] Intitula-se como um espaço de promoção à criatividade, com preferência dada a propostas transversais, as que tocam a formação, a produção e a difusão.

56 http://www.pegasusnews.com/news/2010/nov/04/contemporary-dance-fort-worth-barking-moon-barn/

57 http://www.mataderomadrid.org/entidades-asociadas.html

58 http://www.mataderomadrid.org/una-nueva-arquitectura-para-los-nuevos-tiempos.html

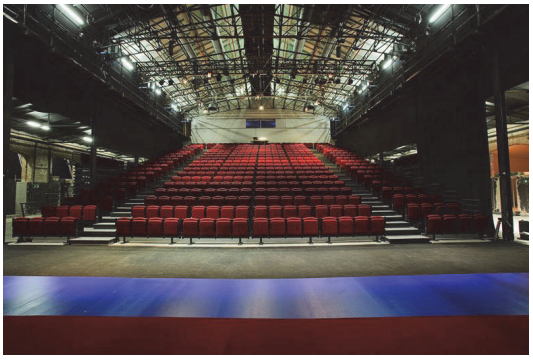


Fig. 129 - “Sala 1 Naves del Español. Trabajo conjunto de Mario Gas, el escenógrafo Jean Guy Lecat, el técnico escenógrafo Francisco Fontanals y el arquitecto municipal Emilio Esteras.”

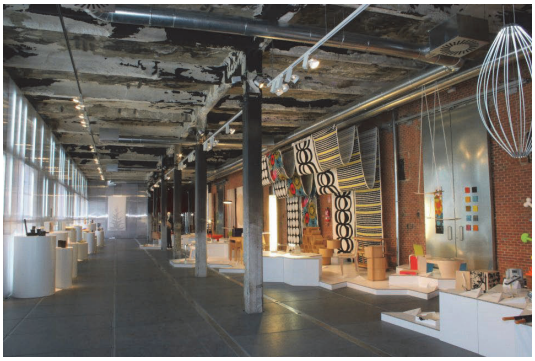


Fig. 130 - “Central de Diseño. Arquitecto José Antonio García Roldán.”

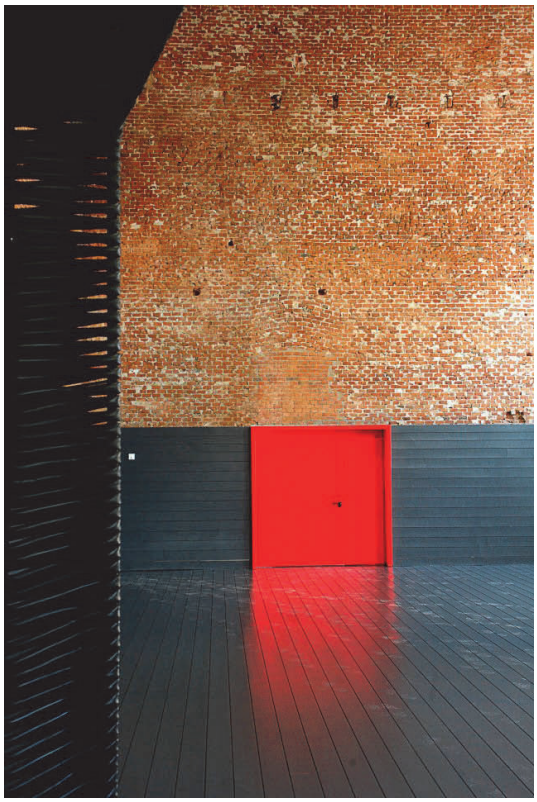


Fig. 131 - “Cineteca. Vestíbulo. JM Churtichaga.”

“Actualmente, Matadero Madrid está en contacto con otros centros internacionales de creación: el recientemente inaugurado espacio de creación parisino Le 104, Les Abbatoirs de Toulouse, Lieu Unique de Nantes, el Matttatoio de Roma, o la Delfina Foundation de Londres; son algunos de los centros con los que se trabaja en la actualidad. Las instituciones asociadas al proyecto Matadero Madrid estarán, asimismo, en permanente contacto con los centros especializados en los distintos campos creativos, a través de una política de intercambio.”[59]

A intervenção apresenta no geral uma forte consciência histórica e da sua mais-valia para o sucesso da iniciativa: "La línea maestra que ha guiado las intervenciones es la reversibilidad, de modo que los edificios pueden ser fácilmente devueltos a su estado original. (...) Para ello, se ha buscado el equilibrio entre el respeto máximo al espacio, y una dotación específica, que lo distinga, a través del uso limitado de materiales industriales directos y que, al mismo tiempo, dé servicio a los diferentes usos que pueda albergar."[60]
É de destacar a referência feita na página oficial do chamado Centro de Creación Contemporánea aos arquitectos responsáveis por cada um dos edifícios reabilitados, as denominadas "novas arquitecturas", assim como aos materiais por estes escolhidos, e aos arquitectos responsáveis pela reabilitação dos espaços exteriores de conexão entre esses edifícios.[60] Demonstra-se aqui a força do princípio "relação entre todas as artes" pois a informação vai ao detalhe de nomear as parcerias efectuadas entre arquitectos e os especialistas nas áreas de cada um dos novos programas propostos para que estes sejam realizados da melhor maneira possível.
Assim, esta recuperação atingiu gradualmente uma elevada abrangência programática no sentido cultural, social, de lazer e educativo. Destes programas fazem parte: arquivos, oficinas, locais de exposição, jardins, espaços de espectáculo exteriores e interiores, uma cinemateca, etc. O objectivo é conseguir um espaço heterogéneo e versátil com "opciones que van desde un gran espacio diáfano en la Nave 16, de casi 5.000 metros cuadrados, a otros perfectamente habilitados como el Café teatro de las Naves del Español, especialmente equipado para presentaciones y eventos de relaciones públicas, además de uno de los mayores espacios al aire libre de la ciudad, la Plaza Matadero."[61]
A sua proximidade a uma frente ribeirinha que nunca se assumiu como uma das características mais relevantes de Madrid (mas que os madrilenos se orgulham de referir) e o facto desta se encontrar também em vias de reabilitação com a tendência ecológica do projecto "Madrid Rio", fazem deste espaço um *must-see* da cidade que comprova a ideia da eterna capacidade de reinvento das cidades consolidadas.
Curiosa a relação estabelecida com o centro cultural aqui já referido, Le 104, e outros semelhantes, mostrando uma abertura de cariz internacional desta iniciativa que assegurará o seu futuro.

59 http://www.mataderomadrid.org/red-internacional.html

60 http://www.mataderomadrid.org/una-nueva-arquitectura-para-los-nuevos-tiempos.html

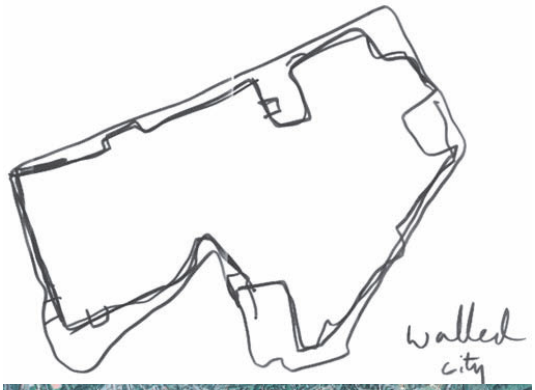
61 http://www.mataderomadrid.org/alquiler-de-espacios.html)





Figs. 132, 133 - “A Miniature models in scale 1:715 makes it easy for the visitors to locate and to estimate the distances.”









Figs. 134, 135, 136, 137 - Zollverein Masterplan, Oma, Alemanha, Essen, 2002

4 . Um sem número de programas que se inter-relacionam justificam a reutilização de grandes infra-estruturas

SESC Pompeia, Lina Bo Bardi - reúne teatros, quadras desportivas, piscina, bar, restaurante, espaços de exposições, cervejaria, oficinas e internet livre, entre outros serviços

Zollverein Mining Complex Masterplan, Rem Koolhaas OMA – Museus, empresas de design, arquitectura, construção, publicidade, marketing e comunicação, escola de design (SANAA), novas empresas e empresas start-up

Mais ambicioso do que os exemplos até aqui referidos é o "Masterplan for a former mining and coal refinery area" de Rem Koolhaas, OMA, para o Zollverein Mining Complex em Essen, na Alemanha, que inclui um vasto leque de programas. Estes são, por fim, complementares não sendo esta relação tão directa, talvez pela liberdade concedida pelas suas dimensões, como na intervenção de menor envergadura explicada em seguida pela arquitecta Lina Bo Bardi no SESC Pompeia em S. Paulo.

Este complexo no oeste alemão, uma antiga refinaria de carvão encerrada em 1988, foi considerado património industrial da Alemanha 10 anos depois.
"Em 12 de Dezembro de 2001, a UNESCO adicionou o Zeche Zollverein à lista de património mundial de monumentos industriais, parcialmente com base no plano mestre dos OMA, que respeita a identidade oficial do local". Este consiste numa cinta de percursos que funciona como fronteira entre o existente a reprogramar, aquilo que é património, e o novo a colocar no seu exterior.
"A colocação de novos programas na periferia permitem aos edifícios antigos manter a sua grandiosidade e impacto no visitante (...) O programa definido para os novos edifícios e para reutilizar os antigos vai conter muitas funções, a maioria das quais relacionadas com arte e cultura."[62]
Apesar de no seu investimento estarem envolvidos públicos e privados, a diversidade e inovação programática de raiz a par com os nomes dos arquitectos envolvidos tanto no Masterplan (OMA) como no projecto de edifícios individuais (SANAA) indicam uma consciência de lucro por detrás do avultado investimento. O programa consiste em:
". 2 museus: Red Dot design museum e Coal Washing Plant;
. 1 escola de Gestão e Design " Zollverein School of Management and Design", cujo projecto é da autoria do escritório de arquitectura SANAA;
. 10 000 m² do edificado para companhias das áreas do design, arquitectura, exposição, publicidade, marketing e comunicação;
. uma área denominada "Creative Village" com espaço para empresas novas e start–ups.
. numa área de 100H, 60 000 m² são de parque comercial e 100 000m² de novos programas"[62]

62 http://oma.eu/projects/2002/zollverein-masterplan



Fig. 138 - “The Zollverein School of Management & Design (SANAA), inaugurated on July 31, 2006, is the first new building on the historical coal-mining Zollverein site” (em 7 Agosto 2006)[63]



Fig. 139 - SESC Pompeia; A esplanada da cafetaria na entrada do antigo complexo industrial



Fig. 140 - SESC Pompeia; Os espaços de convívio



Fig. 141 - SESC Pompeia; Vista aérea da fábrica Pompeia antes do restauro
Foto de Peter Sheier

Sugere este programa uma iniciativa muito pouco modesta, por isso demorada na concretização, mas garantia segura da melhoria de um espaço dotado ao abandono durante mais de 10 anos pela limitação causada a qualquer investimento pelas suas elevadas dimensões. É uma intervenção oposta às duas anteriores referidas, espontâneas e sem grandes custos iniciais, que utiliza a função de museu como parte necessária mas não principal, sendo que todos os outros programas, desde a escola ao elevado número de escritórios e ateliês, ocupam tão elevada área do empreendimento. Assim sendo, concluir-se-á ser a multiplicidade de programas de elevado porte e forte identidade o que justifica o atractivo do investimento e não apenas um em específico.

Assim se vê um dos *ex-libris* da cidade de S. Paulo, Brasil, e lugar de inevitável visita como é o SESC Pompeia. Este poderá ser conhecido pelo reconhecimento internacional da autora, Lina Bo Bardi (em parceria com Marcelo Carvalho Ferraz e André Vainer), pela agitada vida cultural atractiva para turistas que aloja nas suas instalações, pelas valências na área do desporto para os locais mais jovens ou pelos espaços de estar para os mais crescidos, mas uma característica tem intrínseca e esta é a utilização simultânea de todas as partes destas instalações por todo o tipo de pessoas. Uma pequena "praia" sem areia mas apenas um estrado de madeira no exterior da piscina sem manter com esta qualquer relação indica a liberdade de ocupação deste espaço.
O SESC (Serviço Social do Comércio) surge em 1946 como projecto cultural e educativo. Na página oficial refere-se desde "a década de 1980, a educação como pressuposto para a transformação social. A concretização desse propósito deu-se por uma intensa actuação no campo da cultura e suas diferentes manifestações, destinadas a todos os públicos, em diversas faixas etárias e estratos sociais."[64] É de referir a existência de 32 unidades com funcionamento de centros culturais e desportivos pertencentes a esta organização no estado de S. Paulo, as quais o SESC Pompeia integra.
Este foi inaugurado em 22 de Janeiro de 1982 numa área de 16 573m^2, com uma área construída total de 23 571 m^2, dos quais 12 211 m^2 são fábrica e os restantes 11 360 m^2 pertencem ao conjunto desportivo. A capacidade de atendimento diário é de 5000 pessoas.[64]

63 http://www.arcspace.com/architects/sejima_nishizawa/zollverein_school/zollverein_school.html

64 http://www.sescsp.org.br/sesc/quem_somos/index.cfm?forget=14





Figs. 142, 143 - A relação das novas torres com o existente

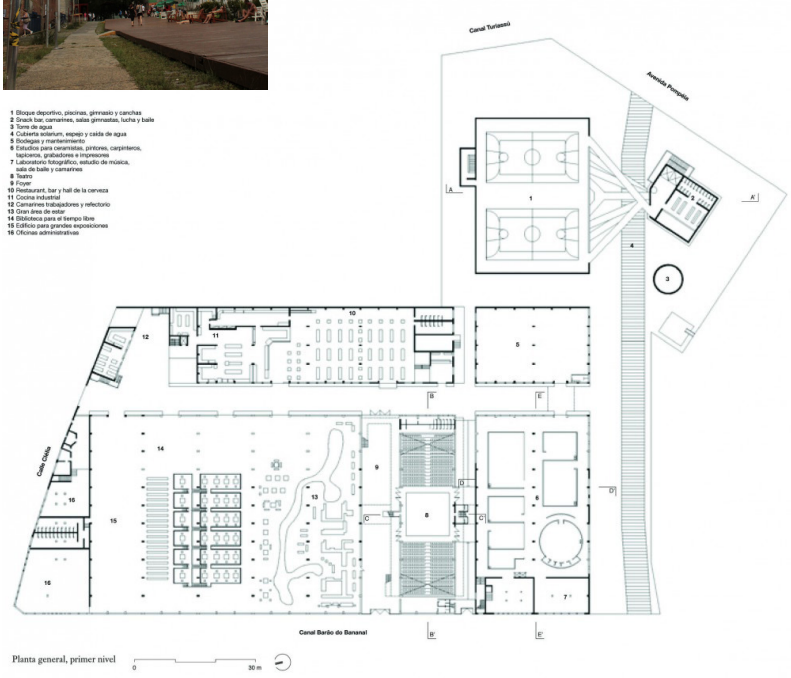


Fig. 144 - Planta de Lina Bo Bardi para o complexo do SESC Pompeia em S. Paulo

Esta fábrica era a antiga fábrica de tambores dos Irmãos Mauser, cuja estrutura a autora preservou salientando essa iniciativa na escolha dos materiais – o tijolo da fábrica original e o seu piso único de pé-direito elevado típicos de armazéns industriais contrastam com a construção nova projectada a partir de 1977 das torres em betão: "O projecto de Lina é modelo para a cidade que queremos e merecemos. Do diálogo entre a antiga fábrica e o novo edifício nasce o espaço da multidão: da criança à terceira idade. A família e a inclusão de todos os seus membros sempre foi uma característica brasileira. A miscigenação é seu alimento. As pessoas juntas é mais gostoso. Da convivência, há-de se produzir uma cultura nossa, mestiça."[65]

Supostamente durante a sua primeira visita à fábrica em vias de demolição Lina Bo Bardi ter-se-á encontrado com crianças, jovens e famílias inteiras que já o utilizariam como forma de ócio. Terá dito: "Tudo isto deve continuar, com toda esta alegria"[66]. É então nos espaços livres entre o existente e o acrescento que se supõe a criação da vida deste projecto como de outro qualquer, a sua utilização como espaço de estar confortável. O espaço rua tornar-se-á aqui de elevada utilização enfatizando a relação que se quer conseguir entre os vários programas incluídos.

Estes são bastante heterogéneos, sendo relevante referir a não existência do tão usual Museu típico neste tipo de reabilitação. Na realidade, não há em todas as instalações a noção de qual foi o tipo de fábrica que aí um dia funcionou, apenas é óbvia à vista desarmada a existência de instalações industriais prévias ao funcionamento do espaço como centro cultural. As instalações têm então na sua nova vida as seguintes valências: teatro com 800 lugares; restaurante; "choperia; áreas de convivência; galpão; biblioteca; área de vídeo; 7 oficinas de artes; 1 laboratório fotográfico; 1 piscina aquecida com deck solário; 1 ginásio; 3 ginásios com 6 quadras polidesportivas; 4 salas de ginástica e dança; 5 consultórios odontológicos; bar-café (com preços acessíveis para a cidade onde está localizado."[67]

Nas duas torres da nova intervenção estão instaladas as áreas desportivas, onde "A mais esguia se destina a circulação e vestiários e a outra concentra as quadras e piscina. Ao lado fica a torre de caixa d'água."[68] É neste jogo de torres e relações de passadiços entre elas que se reconhece a intenção de manter na nova intervenção a aura industrial no local.

As cores incluídas nesta intervenção nos buracos das paredes, os materiais utilizados e a forte presença pela assumida preservação da pré-existência das instalações industriais são todo um conjunto relativamente controverso para a arquitectura do final da década de 70.

65 ZEIN, R. V., Fábrica da Pompéia para ver e aprender, in Revista Projeto, 1986, p. 56

66 http://www.plataformaarquitectura.cl/2011/05/24/clasicos-de-arquitectura-sesc-pompeia-lina-bo-bardi/

67 http://www.sescsp.org.br/sesc/quem_somos/index.cfm?forget=14

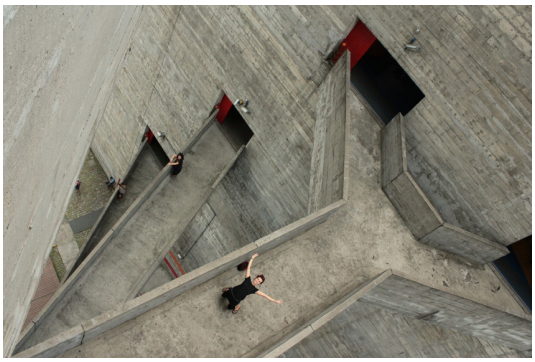


Fig. 145 - As pontes entre as duas torres novas



Fig. 146 - Área de descanso. Do lado direito vislumbram–se os módulos de estudo e lazer no piso superior



Fig. 147 - A sala de exposição temporária

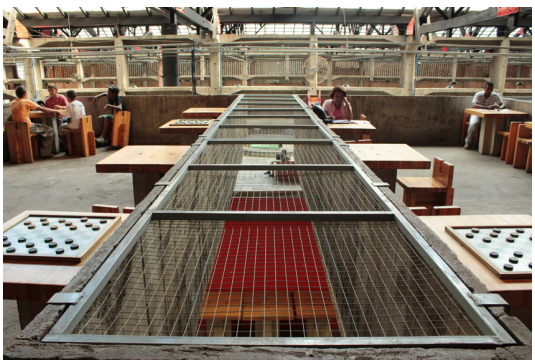


Fig. 148 - Módulos de estudo e lazer encontram-se um nível acima daqueles de convívio e descanso



Fig. 149 - O espelho de água

Isto é também notório na intervenção de reabilitação efectuada sobre os edifícios existentes onde, em termos construtivos, "Lina, com olhar arguto e culto, descobre que a velha fábrica possui uma estrutura moldada por um dos pioneiros do concreto armado no início do século XX, o francês François Hennebique. Talvez a única conhecida no Brasil até esse momento.
Essa descoberta dá ao conjunto um valor especial. Tem início, então, um processo de desnudamento dos edifícios a la Matta-Clark, com a retirada dos rebocos e a aplicação de jactos de areia nas paredes, em busca de sua essência de sua tectónica."[69]
Estes pavilhões que originalmente abrigaram as instalações industriais transmitem agora uma tranquilidade nada típica das funções para as quais foram edificados. Um grande armazém transitável desde a sala de exposição, através dos módulos de estudo, recreio e leitura, até ao espelho de água de desenho curvilíneo (qual terapia de relaxamento!) apresenta-se totalmente solucionado nos programas que pretende albergar sem que para isso aparente ter sofrido alguma intervenção irreversível. O novo é efémero mas está adequado ao existente como se lhe pertencesse. Da mesma forma acontecem os espaços de estúdio, laboratórios, ateliês, teatro, bar e restaurante. Toda esta permeabilidade espacial é sentida ao longo de todas as instalações, desde espaços de percurso a espaços de estar, passando pelos programas que as incluem com a excepção das áreas desportivas, as únicas encerradas e, provavelmente não por coincidência, as únicas inseridas no novo edificado.

"É impressionante no SESC Pompeia o quão vivo se encontra o edifício. Cheio de gente; alguns a ler, outros a praticar desportos, ou a ver alguma exposição, a jogar com puzzles murais, a caminhar, olhando-se. Muita gente ocupa o edifício em todos os seus recantos e funções"[70] é o comentário de Karina Duque para a página Plataforma Arquitectura ao terminar a apresentação deste "Clássico de Arquitectura". Mais impressionante ainda é ter a noção de que tudo isto foi executado nos anos 70, porque alguém soube responder a uma necessidade social com a noção de que a preservação da identidade de um local fará dele pertença dos seus utilizadores e vice-versa.

68 CORRÊA, Leandro Leonel, in http://ensaiosfragmentados.blogspot.pt/2011/11/grandes-obras-sesc-pompeia-lina-bo.html, Novembro 2011

69 VIEIRA, Perpe Jorge, in http://teoriacritica13ufu.wordpress.com/

70 http://www.plataformaarquitectura.cl/2011/05/24/clasicos-de-arquitectura-sesc-pompeia-lina-bo-bardi/





Figs. 150, 151 - Canal Square, Washington, D.C., por Arthur Cotton Moore Associates

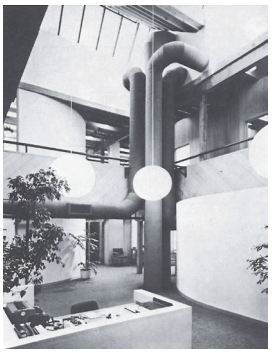


Fig. 152 - Armazém em São Francisco, Califórnia, por Bull, Fiel, Volkmann & Stockwell



Fig. 153 - Imprenta, Hannover, Alemanha, por Friedrich Spengelin and Horst Wunderlich



Fig. 154 - Estação ferroviária, Brunwick, Alemanha, por Hannes Westermann

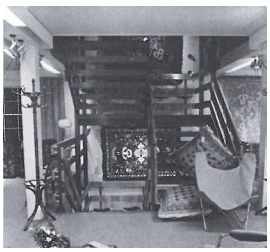


Fig. 155 - Armazém do grão, Norwich, por Michael and Sheila Gooch

De todos os exemplos anteriormente referidos não se poderá dizer haver uma receita para o restauro/reabilitação de edifícios industriais. Destes foram recolhidas ideias para programas e novas interpretações dos espaços. Relativamente às intervenções efectuadas nestes, cada um apresenta algum tipo de especificidade de acordo com o programa que vai satisfazer mas, no geral, a reabilitação de espaços industriais segue os mesmos parâmetros desde sempre, como se retira da análise do livro "Nuevos usos para edifícios antiguos"[71].

Muitos dos exemplos aí presentes são em São Francisco. Antigos armazéns de grande porte transformam-se em amplos espaços de ambiente cómodo pela grande entrada de luz devida ao elevado número de janelas frequente neste tipo de edifícios pela recorrente utilização da luz natural como fonte de iluminação[72] (Figs. 150, 151).
Pontuais aberturas novas, às vezes zenitais, possibilitam a compartimentação destes espaços que são geralmente de elevada área, mostrando a sua capacidade para além dos já conhecidos e referidos "lofts open-space" (Fig. 152). Nesta imagem vê-se, também, o recurso à utilização das infra-estruturas como elemento escultórico do espaço que o suporta sem qualquer choque imagético devido às suas elevadas proporções espaciais. É notório este recurso à exposição da estrutura original, quer seja a estrutura em madeira dos tectos ou a total altura das paredes em pedra ou tijolo-burro, assim como o conforto inerente a estes materiais.
Entre escritórios, habitação, exposição, auditórios, etc., numerosos programas ocupam estes amplos espaços nestes exemplos executados até aos anos 70 encontrando-se ainda actuais as suas funções vendo de uma perspectiva de 40 anos passados.
O que nestes exemplos é novo e acrescentado ao existente é óbvio pelo recurso a materiais que com ele contrastam. Os panos de vidro em estrutura metálica presentes em acrescentos de fachada ou de cobertura têm intrínsecas as diferenças nas épocas de intervenção, servindo assim de separação entre estas (Figs. 153, 154), do mesmo modo que se reconhece a leveza dos novos elementos verticais, as escadas, pelo recurso a materiais simples e ao desenho menos pesado da época da intervenção (Fig. 155).

É de todo este capítulo que surge, então, a inspiração, justificação e fundamento para a proposta individual apresentada no Anexo II.

71 CANTACUZINO, Sherban, *Nuevos usos para edifícios antiguos*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S.A., 1979

72 http://www.rbpropertiesinc.com/Office-and-Retail/Canal-Square

ANEXO I

DUAS PROPOSTAS GRUPAIS



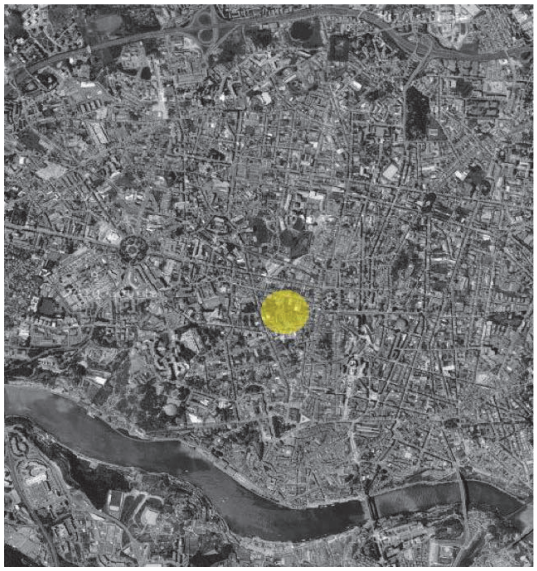


Fig. 1 - Localização na cidade do Porto (grande escala)



Fig. 2 - Localização na cidade do Porto (escala de quarteirão)

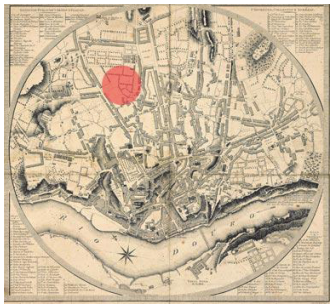


Fig. 3 - Carta Militar da Cidade do Porto 1813

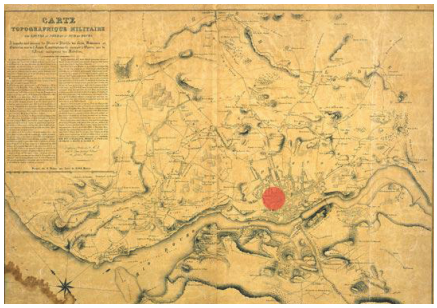


Fig. 4 - Carta Topográfica Militar da Cidade do Porto 1833



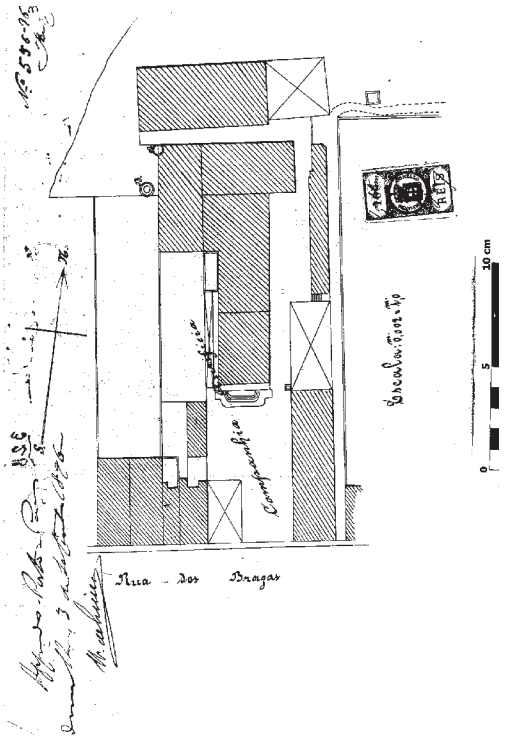
Fig. 5 - Carta Topográfica Militar da Cidade do Porto 1839

Companhia Aurifícia

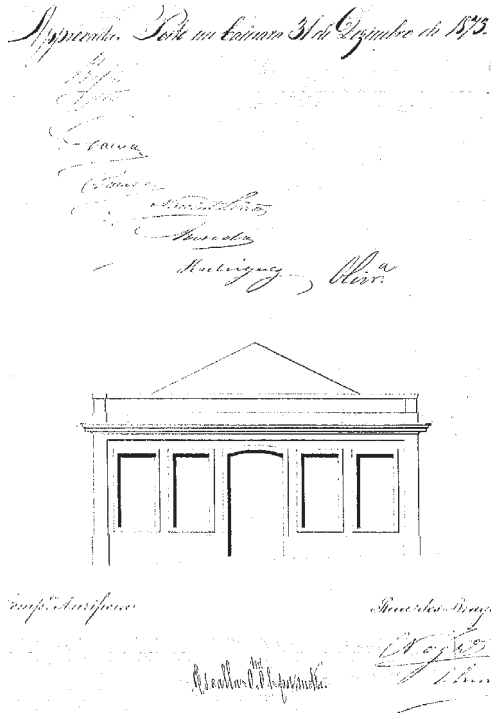
Fundada em 1869, a Companhia Aurifícia, é um dos maiores exemplos da industrialização portuguesa, surgindo numa época em que Portugal começava a dar os primeiros passos nessa direcção, e em que o trabalho era ainda desenvolvido com características oficinais de pequena produção e manual. Localizada na Rua dos Bragas, faz parte da história de desenvolvimento desta rua. O terreno em que se instalou era dividido em vários lotes que foram sendo comprados e que se inseriam no plano urbanístico deste local. Apesar da Companhia não ter influenciado o desenho da rua, a sua localização neste ponto foi um catalisador importante para, não só a urbanização, mas também a sua ocupação habitacional

A Companhia surge como uma fábrica pioneira nas industrias de ourivesaria, laminagem e estampagem de metais preciosos. Pontualmente a Companhia desenvolveu-se noutras áreas industriais, como a electroplase, a carpintaria e a marcenaria, a fundição e a laminagem de chumbo com alto teor de pureza.

A escritura da fábrica é feita em 1864 e a 9 de Setembro de 1869, por razões financeiras, passa a Sociedade Anónima com divisão por accionistas. O desenvolvimento da fábrica deve-se ao empenhamento e vontade de Joaquim Rodrigo Pinto, Pedro Augusto da Costa, José Dias d'Almeida, Augusto Alberto Corrêa e Miguel Gonçalves Corado e Silva. Nos seus primeiros anos de desenvolvimento, a Companhia adquire maquinaria alemã e inglesa, e integra na sua equipa laboral operários especializados vindos de Inglaterra que montaram grande parte da maquinaria e os saneamentos da fábrica, e transmitiram conhecimento aos restantes operários.



- O quarteirão da fábrica estende-se desde a Rua dos Bragas, por onde é feito o acesso principal, até á Rua Alvares Cabral.



Nos primeiros anos, a Companhia tinha dimensão e características para produção em grande escala, sendo afirmado em 1868 que estaria preparada para fornecer todo o território nacional e o território brasileiro. Apesar do aparecimento de um foco de concorrência no sul do país, não havia na época, nenhuma outra industria na região norte com as características da Companhia, permitindo-lhe desempenhar um papel de destaque e singular na indústria metalúrgica. A qualidade e os níveis de produção conseguidos conseguiram um lugar de destaque também a nível internacional, recebendo várias encomendas de outros países, sendo de destacar a exportação para Inglaterra.

Durante vários anos a Companhia manteve uma estabilidade operacional, empregando 100 operários entre 1869 e 1909, e só com a evolução da maquinaria é que se verifica uma diminuição do pessoal, tendo registado na data do seu fecho 60 trabalhadores.

Em 2006, após uma diminuição da produção e do tipo de produtos que produzia, a Companhia Aurifícia vê-se obrigada a sessar actividade, deixando para trás uma história de sucesso, no inicio da revolução industrial até ao sec. XX, recebendo ao longo do seu período de existência vários prémios internacionais e o reconhecimento do rei D. Luís. Resta o edificio em que outrora funcionou uma das industrias metalúrgicas mais importantes do país, com uma qualidade arquitectónica reconhecível e de valor histórico incontornável

1869 - Criação do armazém do lado Norte da Rua dos Bragas

1873 - Modificação do armazém construído em 1869

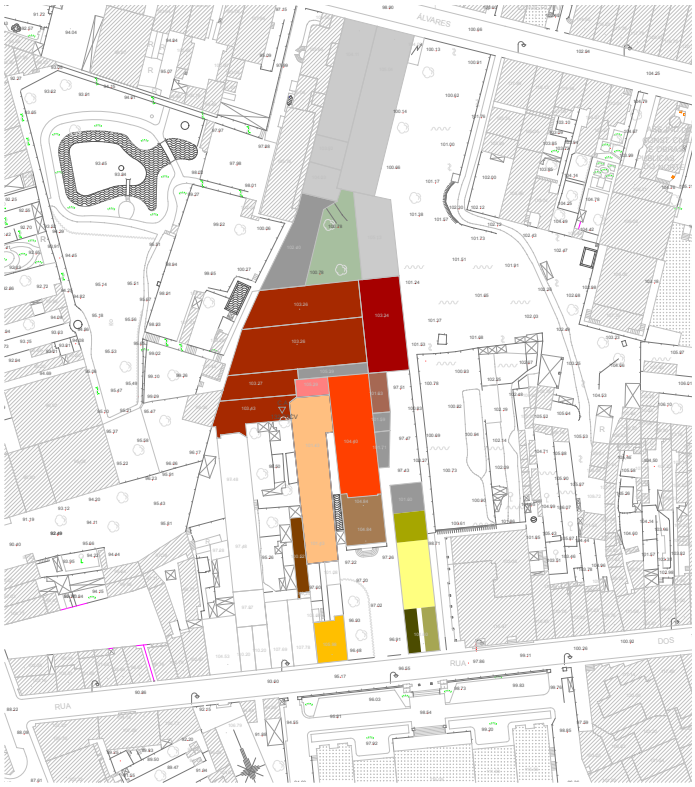
1878 - Construção do barracão adjacente á casa de operários (actualmente inexistente)

1886 - Construção do portão principal (Rua dos Bragas)

1896 - Construção da chaminé da fábrica

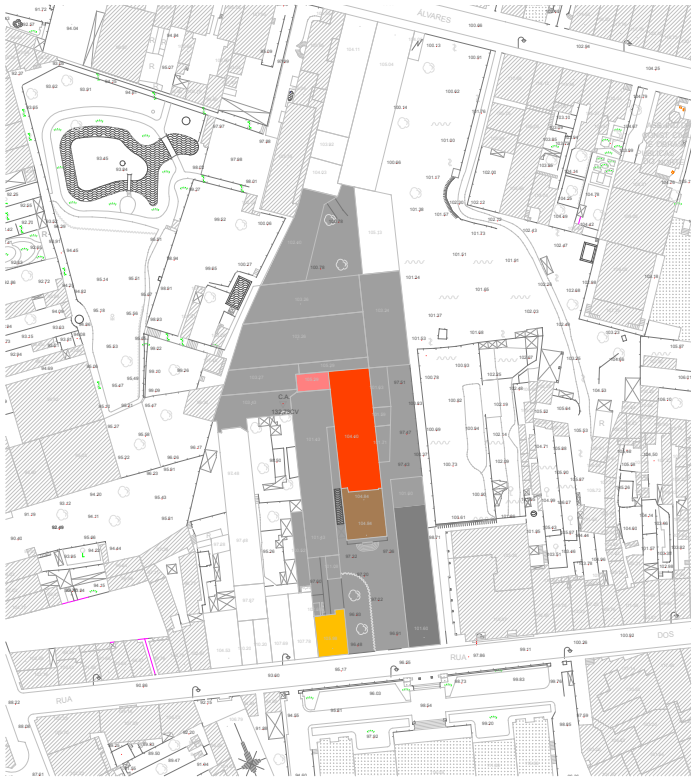
1904 - Construção do armazém de madeiras com acesso pela Rua Álvares Cabral

Figs. 6, 7



RÉS DO CHÃO

- terreno pertencente á fabrica
- garagens
- horta do director
- trefilaria
- pregaria
- polidores
- casa do director
- vestiários femininos
- vestiários masculinos
- serralharia
- laminagem de chumbo
- casa de operários
- cobertura
- empacotamento
- armazém de retém
- sala de reuniões
- escritório



1º PISO

- arquivo
- parafusaria
- casa do director
- refeitório

Figs. 8, 9

"Estes espaços quase nos dizem o que querem ser no futuro ou pelo menos durante este pequeno período de tempo, enquanto estão assim abandonados e esquecidos."

Arq. Chiara Sonzogni para o (Parêntesis) sobre as suas hortas comunitárias em ruínas da cidade do Porto

Apresentação aos proprietários por pontos

Como tudo começou...

.Preocupação com o abandono do edificado na cidade do Porto. 70% de edifícios devolutos
.Entendimento do valor patrimonial incalculável da Companhia Aurifícia no contexto industrial da cidade
.Importância do uso quotidiano das instalações por parte da comunidade
.A geral inviabilidade de manutenção do património por parte dos proprietários

O conceito do projecto:

.Preservação do espaço arquitectónico e da memória industrial
.Obras de baixo custo pela minimização das intervenções
.Intervenção que faça jus à memória dos espaços e das vivências de outrora na fábrica
.Reabilitação faseada
.Abertura gradual dos espaços à comunidade

O Programa:

.Espaços que propiciem a interacção da comunidade
.Diversidade programática: âmbitos social, cultural e criativo
.Vínculo entre os vários programas

. as metodologias de intervenção

. objectivos do projecto Aurificiando

O conhecimento da existência das instalações da Companhia Aurifícia deve-se à busca de edifícios industriais em iminente abandono na cidade do Porto com possibilidade de virem a ser utilizados como caso de estudo para o trabalho individual de dissertação. As instalações apresentaram-se então ideais pelas temáticas histórica e arquitectónica, sendo, no entanto, de difícil análise individual devido à sua elevada dimensão. Apresentou-se aqui necessária a existência de um grupo de trabalho para a sua compreensão e execução de uma proposta de plano director para a sua generalidade.
O levantamento das instalações, das suas patologias e a execução da proposta de reabilitação foram efectuados em grupo na disciplina de Reabilitação de Edifícios, leccionada pela professora Clara Vale cujo apoio foi de extrema relevância. Os membros deste grupo que comigo efectuaram a proposta são: Andrea Gomez, José Mendanha, Joana Trindade, Marta Gullen e Teresa Catarina Pires. *Ver proposta nas páginas seguintes.*

Com a Joana Trindade e a Catarina Pires tentou-se pôr em prática o estudo efectuado.

Apresentação 1º Projecto
"Como tudo começou

O abandono do edificado na cidade do Porto é um dos seus mais graves problemas pelo que se torna urgente travar esta tendência, quer seja pela preservação da memória comum quer seja pela triste aparência que isto confere à cidade; por outro lado, a manutenção do mesmo edificado pelos seus proprietários muitas vezes não é viável, o que é justificado pelos custos que isso acarreta, pela dificuldade de organização nesse sentido ou simplesmente pela falta de oportunidades para o fazer.
Consideramos que, actualmente, as políticas de intervenção na cidade pecam pelo enfoque excessivo no turismo, muitas vezes negligenciando o interesse patrimonial dos seus edifícios. No âmbito do fortalecimento da vida no centro histórico, são estas preocupações que nos servem de mote à utilização da Companhia Aurifícia, cujas instalações têm um valor incomensurável ao nível do património industrial da cidade. Acreditamos que a sua preservação através do uso quotidiano será capaz de integrar este espaço na memória dos portuenses.
Na conjectura actual, apresenta-se uma nova metodologia de preservação do património que consiste em redefini-lo no seu programa de modo a que uma ocupação a curto e médio prazo lhe conceda a devida manutenção. O novo programa pressupõe uma ocupação dos espaços existentes sem alterar significativamente a sua configuração actual. Com isto, propõe-se uma reabilitação que, para além de ser exequível a baixo custo, faça jus à memória dos espaços e das vivências de outrora na fábrica.
Algumas opiniões descrevem o factor que alterou a sociedade ocidental, no sentido em que passou de industrial a uma sociedade de serviços, 'o escritório substitui o local de produção como um centro de processo criativo e tem-se tornado num mercado do conhecimento'[1]. É um espaço onde as pessoas trocam informação e trabalham em conjunto, o que justifica a reutilização dos amplos espaços criados originalmente para o primeiro objectivo referido, ou talvez o segundo seja apenas disso consequência.

1 http://www.egodesign.ca/en/article.php?article_id=512&page=2

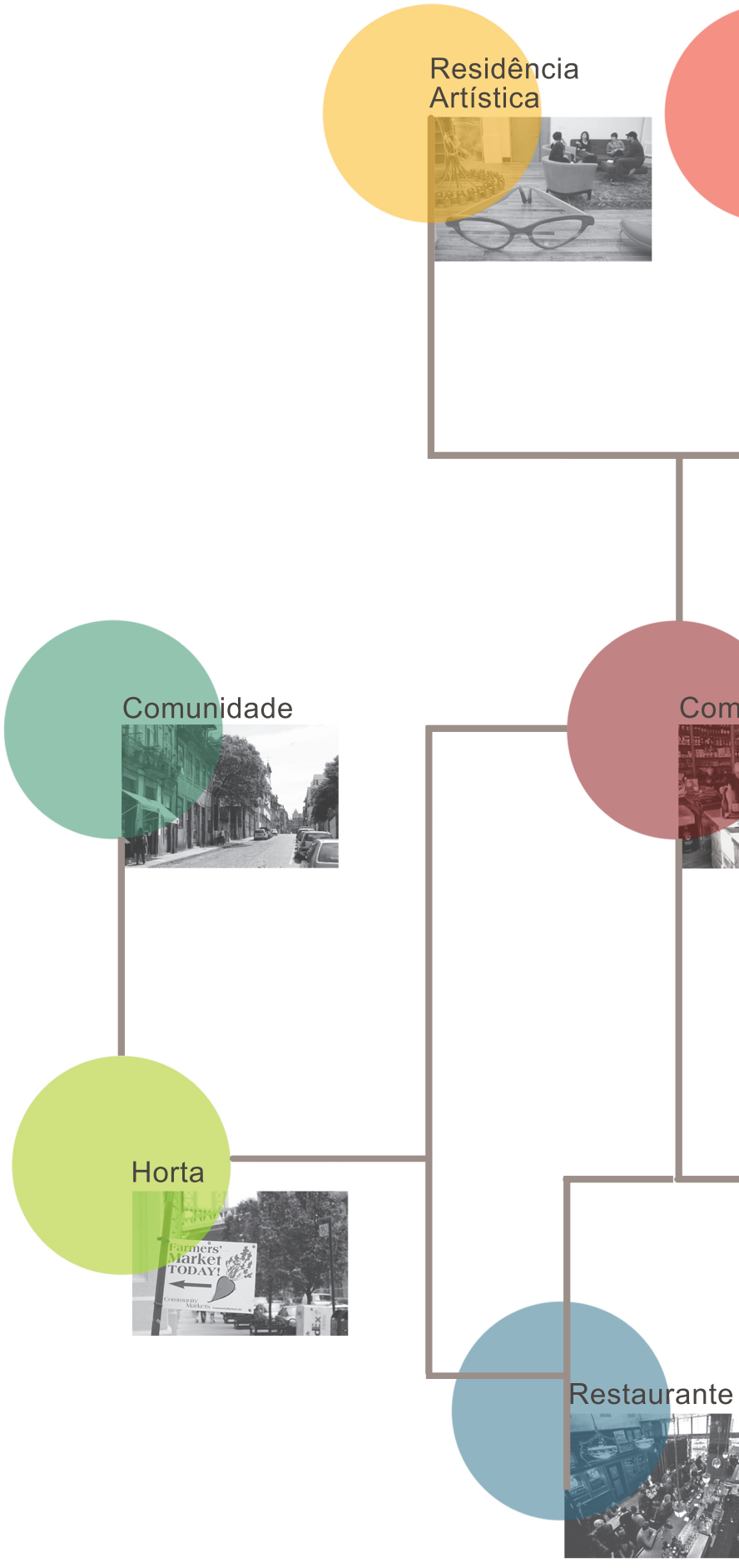
Organigrama de relações

Como primeira análise procurámos programas cuja falta seja sentida nesta zona da cidade.

Esses teriam que ser variados e diferentes para garantir a ocupação do espaço em diferentes momentos ou situações. Para garantir este uso constante e seguindo o modelo de várias intervenções de reabilitação contemporânea, a proposta tem como objectivo a criação de espaços a ocupar de forma complementar. Assim, os programas relacionam-se entre si de forma directa ou indirecta, sendo cada um deles de alguma forma atractivo ao utilizador do outro.

Cada um dos programas propostos tem, também, uma forte relação com o edificado existente. Uma vez que apenas situações pontuais da sua estrutura são de mais complicada intervenção, este edificado serviu de mote a grande parte do programa já que a ele se adapta de forma bastante acessível o que confere ao projecto a devida viabilidade.

Em última análise, em todo este esquema de relações será a comunidade a mais priveligiada. Nesta comunidade incluimos os vizinhos, os habitantes da freguesia, da cidade ou mesmo os visitantes a curto e médio prazo.



Ateliês



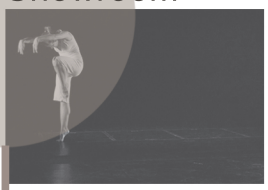
Escritórios



ércio



Showroom



Exposições



Museu



Bar





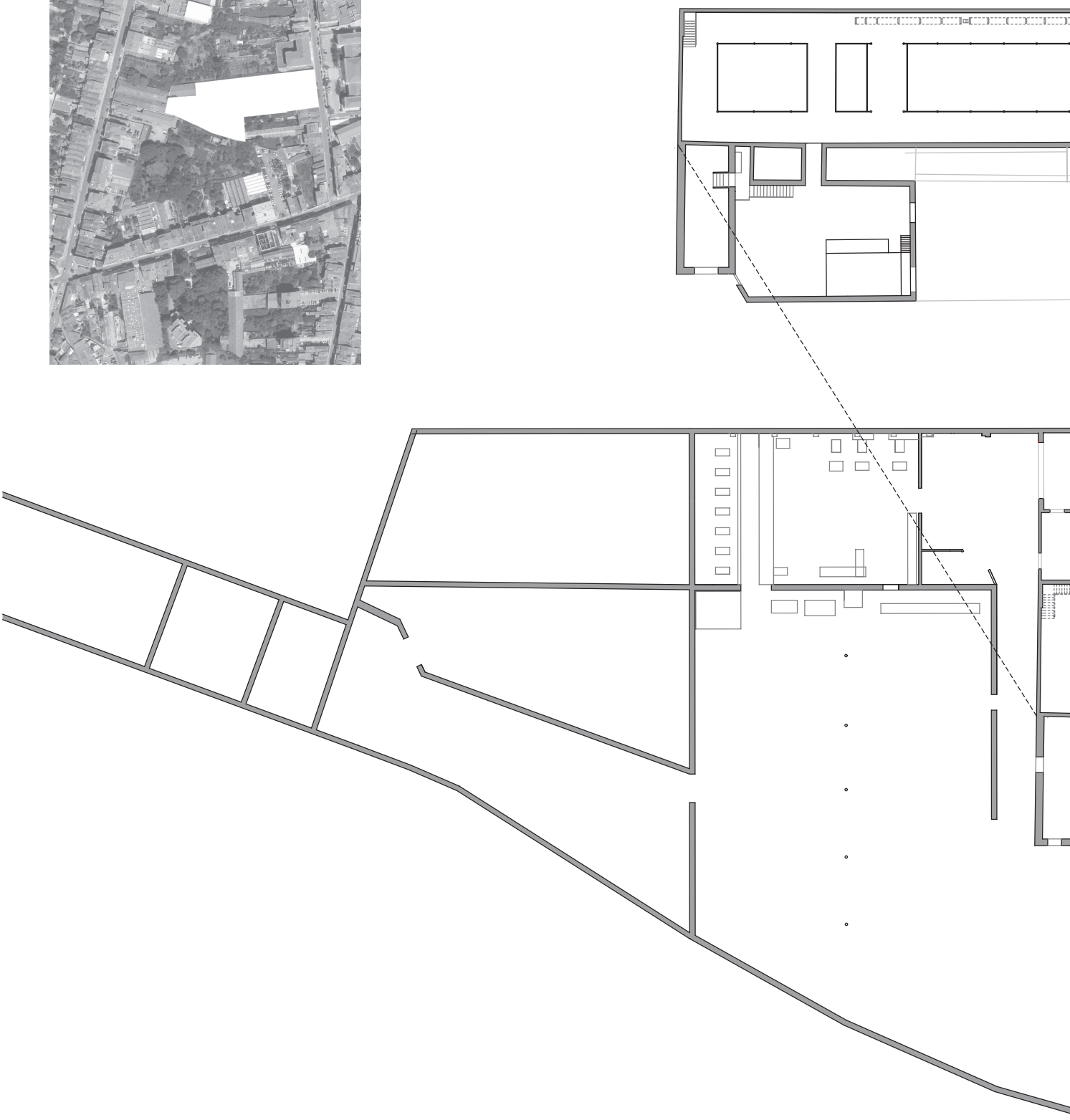


IDENTIFICAÇÃO DE USOS



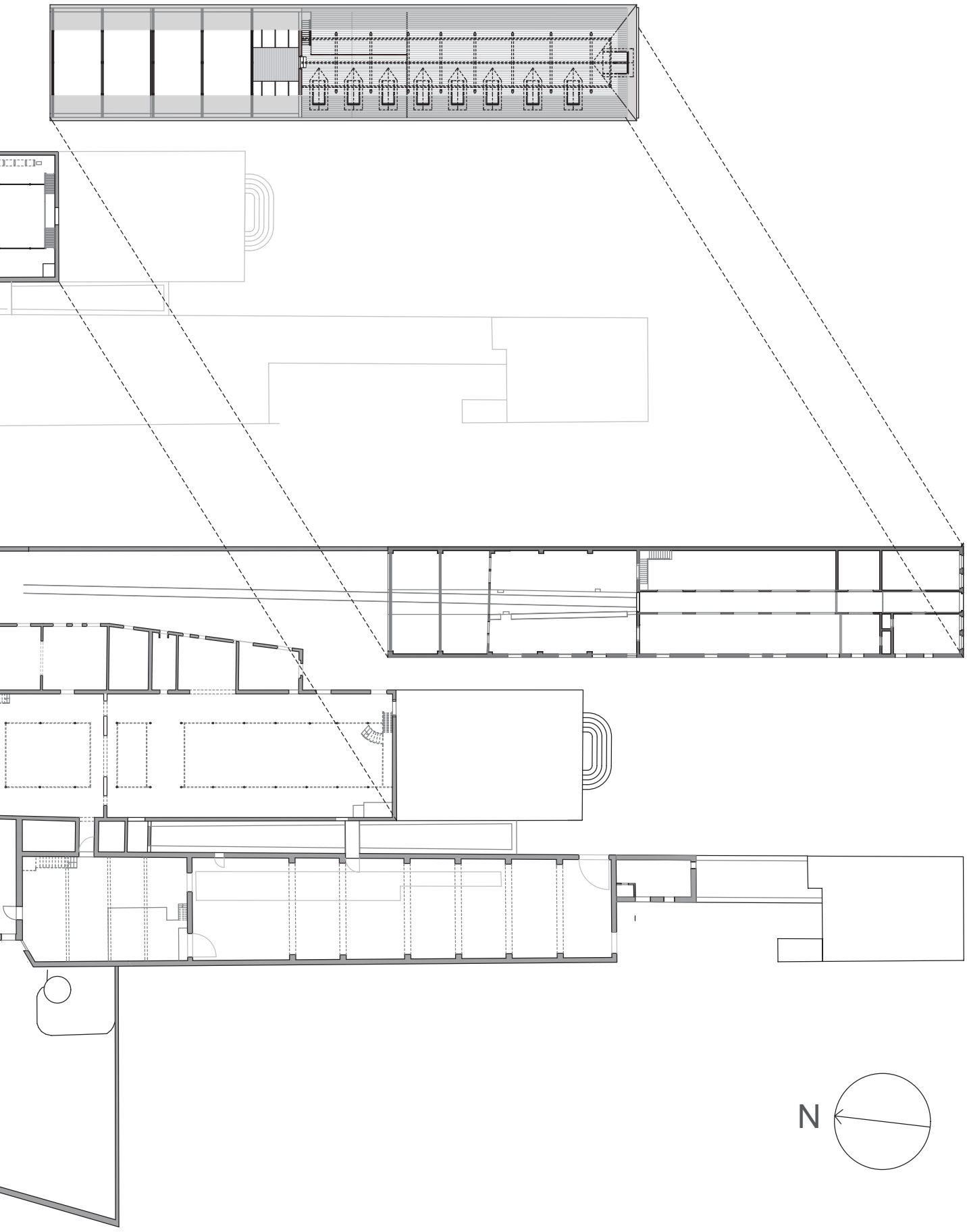
- Escritórios Utilização das divisões existentes e criação de novos espaços open-space de trabalho (co-working)
- Ateliês Open-space de trabalho; aproveitamento da divisão espacial do local e da luz natural para
- Residência Artística Residêncial de curta e média duração para quem vai trabalhar, actuar ou expôr nas instalações da fábrica
- Museu Manter a maquinaria preservada reunindo-a toda neste mesmo local; história da importância da Aurifícia para a cidade
- Exposições Espaço de exposição de obras produzidas nas instalações da Aurifícia; artistas emergentes da cidades
- Showroom Dança, desportos, exposiçoes, etc; espaço lúdico-recreativo de grande porte - open-space para aulas e mostras
- Showroom Dança, música, teatro, etc; espaço com palco e sistema sonoro de apoio
- Comércio Venda de produtos locais ou produzidos nas próprias instalações da Aurifícia
- Bar Aproveitamento do balcão de trabalho existente e da diferença de cota; apoio ao comércio, Museu, Salas de espectáculos e exposição
- Restaurante Aproveitamento do antigo restaurante e caldeira; apoio ao referido anteriomente
- Horta e Laranjal Reabilitar“Horta do Director” e aproveitar a estrutura para estufa; laranjal constiguamente ao restaurante - esplanada
- Estacionamento Lugares de estacionamento público e privado na quinta adjacente às instalações; servirá as Aurifícia

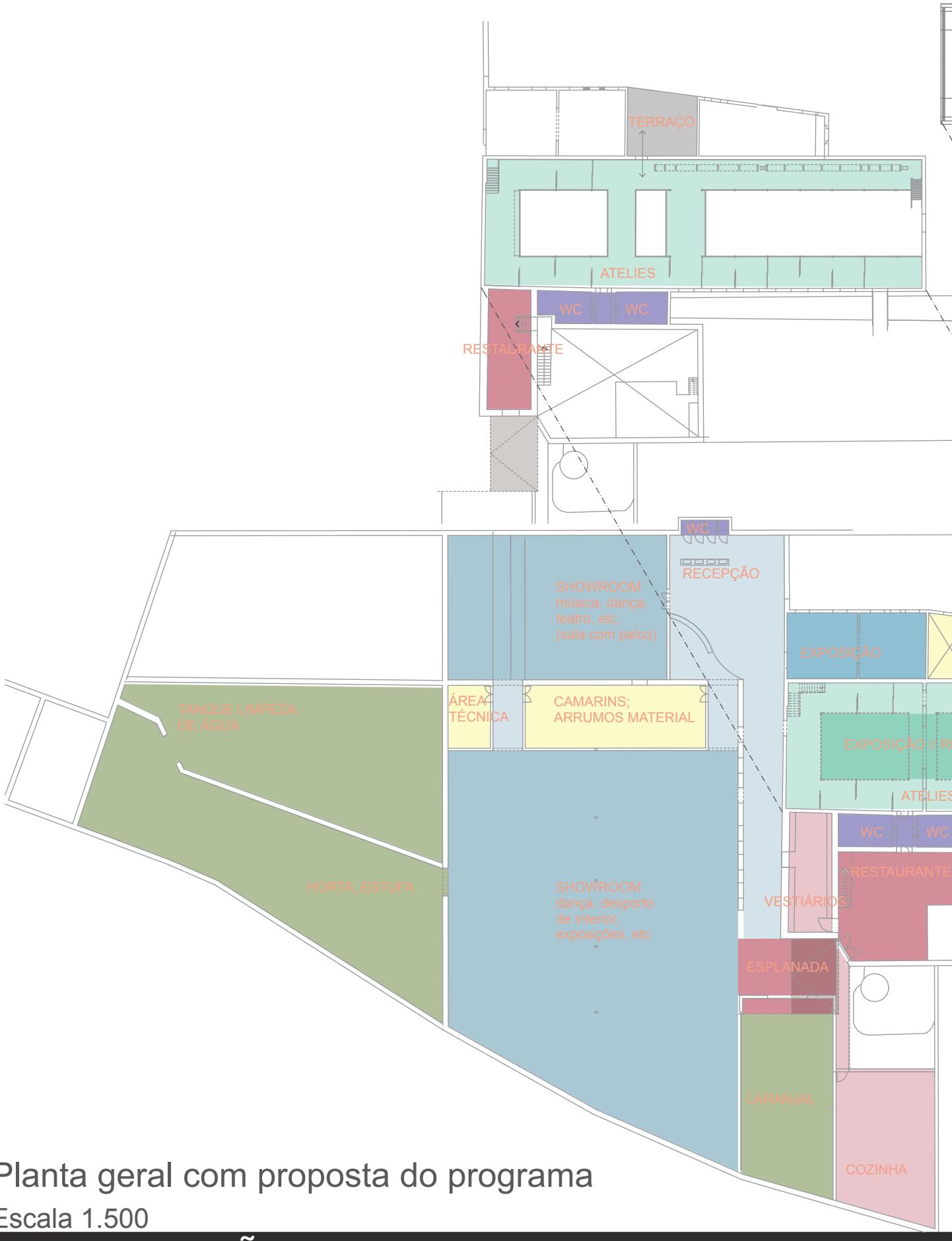




Planta geral actual // Esc. 1/500

PLANTA ACTUAL (LEVANTAMENTO)

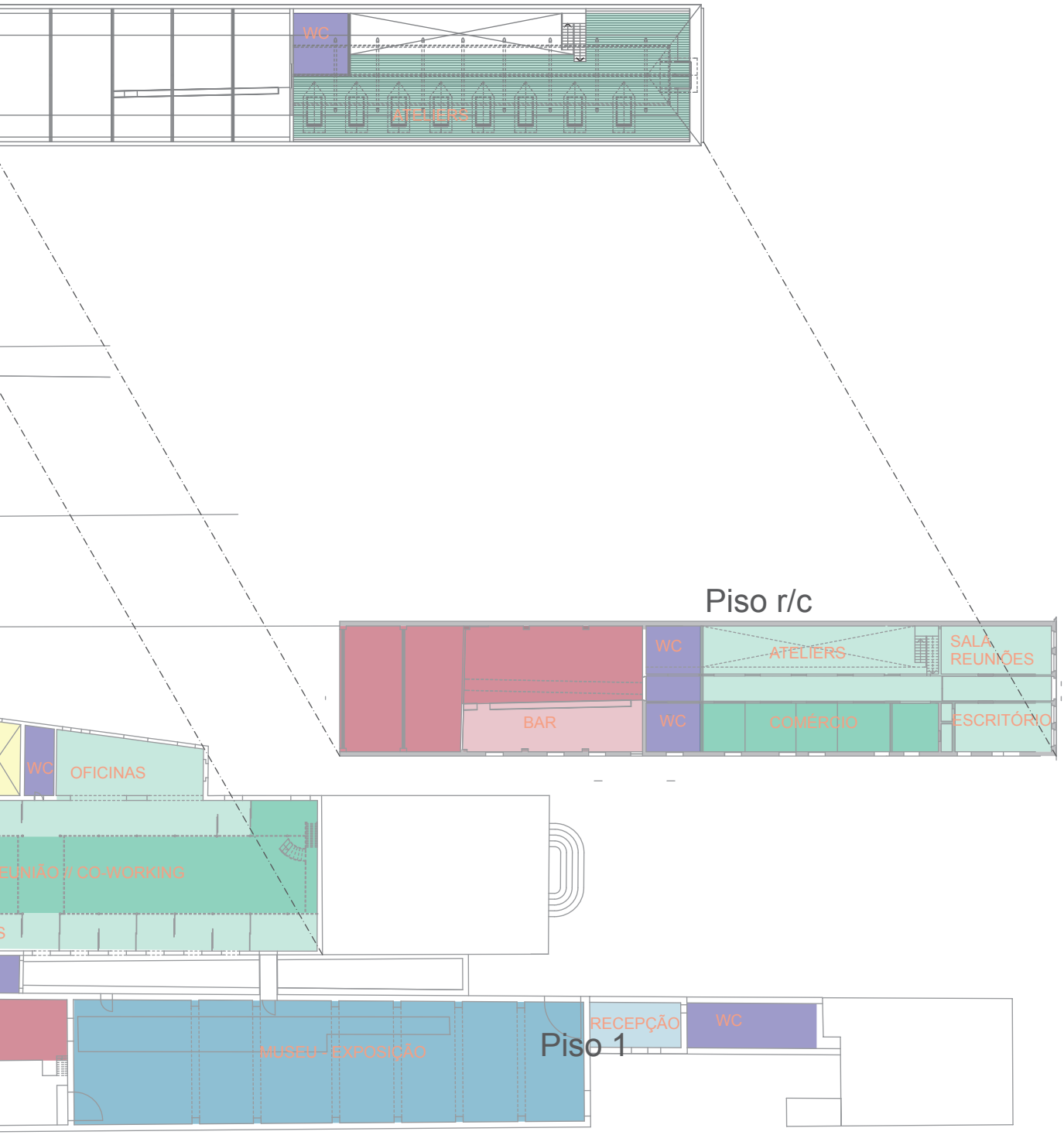

N



Planta geral com proposta do programa

Escala 1.500

IDENTIFICAÇÃO DE USOS

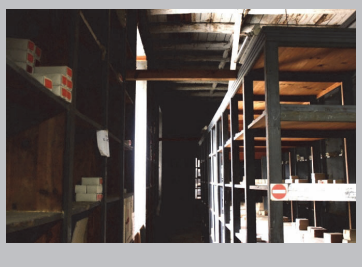

WC
ATELIERS
Piso r/c
WC
ATELIERS
SALA REUNIÕES
BAR
WC
COMÉRCIO
ESCRITÓRIO
WC
OFICINAS
// CO-WORKING
MUSEU - EXPOSIÇÃO
Piso 1
RECEPÇÃO
WC

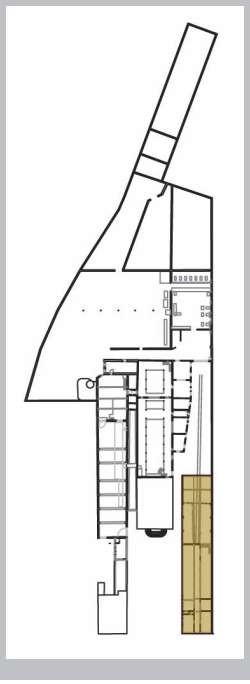
O Programa

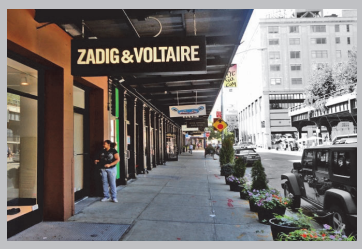
Comércio



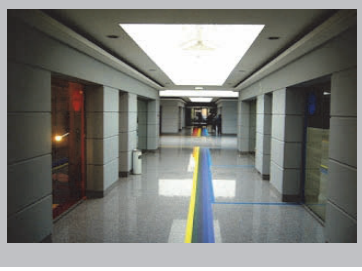










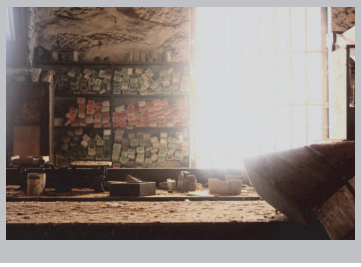


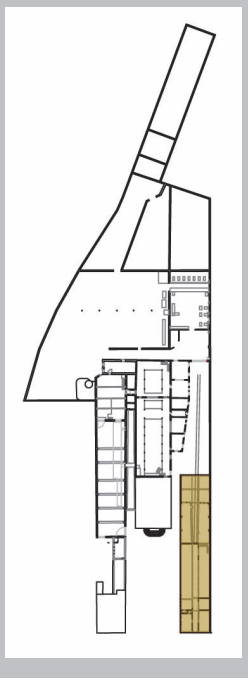
O Programa

Bar













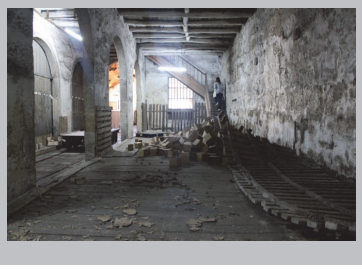


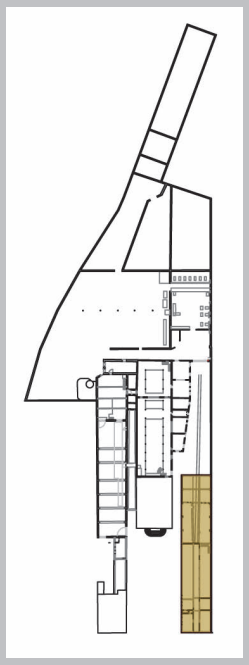
O Programa

Ateliês



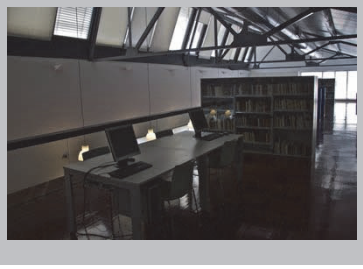








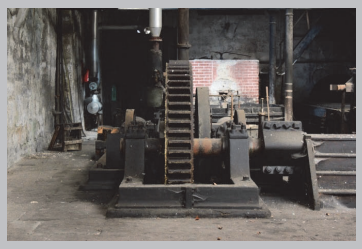




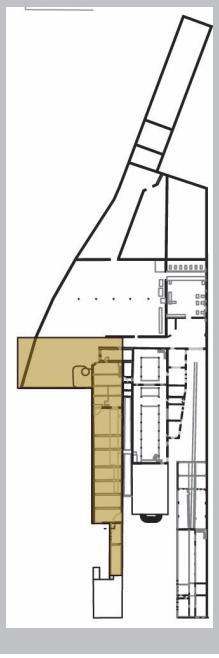
O Programa

Museu













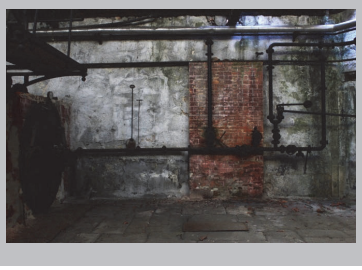


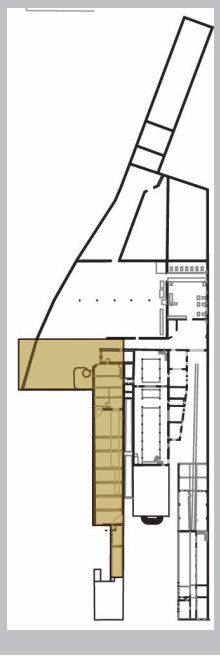
O Programa

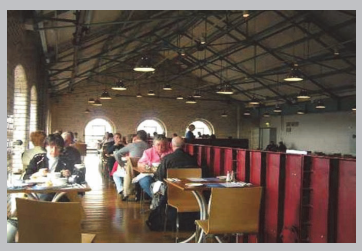
Restaurante













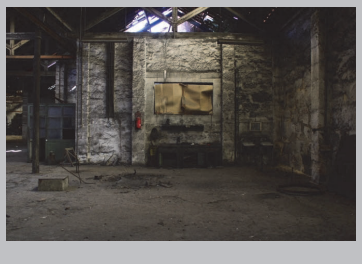


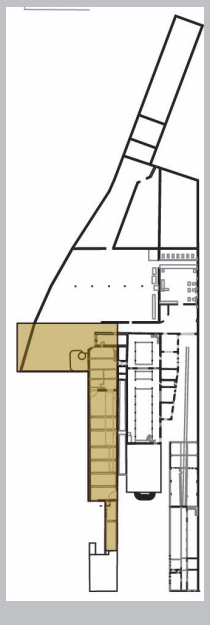
O Programa

Cozinha e Laranjal











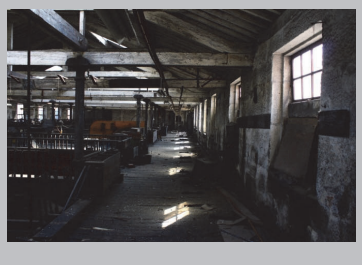


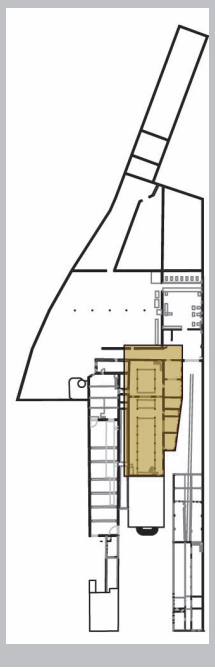


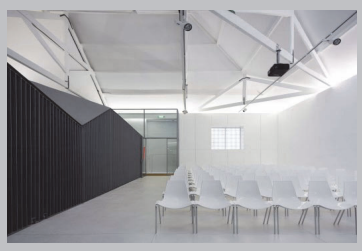
Oficinas



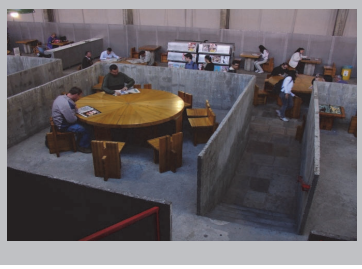










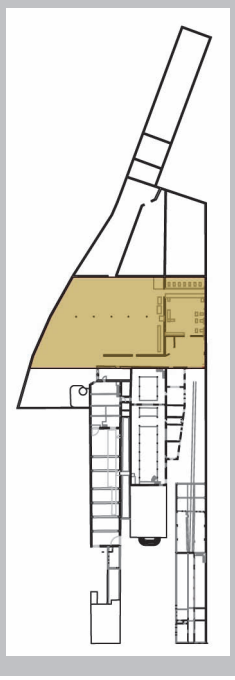


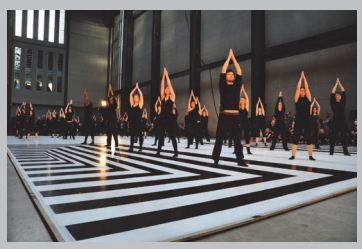
Open-space









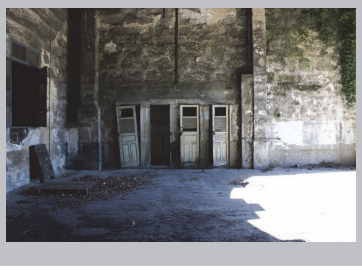
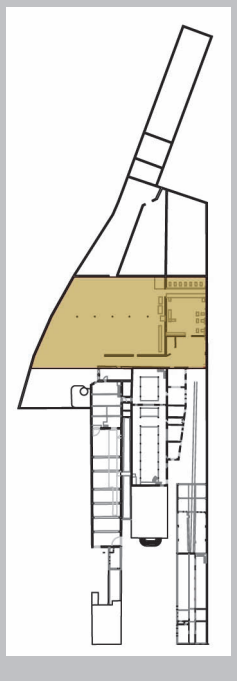






Espectáculos






Legenda dos slides:

Slide Comércio:
Meatpacking District, NYC, USA
Livraria LX Factory, Lisboa
C. C. Bombarda, Porto

Slide Bar:
Cantina LX Factory, Lisboa
Cafetaria Bedford St, NYC, USA
Cantina LX Factory, Lisboa

Slide Ateliês:
LX Factory, Lisboa
Club Workspaces, London, England
Museu de Portimão, Portimão

Slide Museu:
Bldg 92 Brooklyn Navy Yard, NYC, USA
Museu da Água - Estação dos Barbadinhos, Lisboa
Museu Portimão Casa do Descabeço, Portimão

Slide Restaurante:
Guinness Museum Restaurant, Dublin, Irlanda
LX Factory, Lisboa
La friche de la Belle de Mai, Marselha, França

Slide Cozinha e Laranjal:
LX Factory, Lisboa
Schornstein cervejaria, Santa Catarina, Brasil
Antiga Fábrica de Manteiga, Calheta, Madeira

Slide Oficinas:
Escritório Estratégia Urbana, Matosinhos
Lofte, Porto
SESC Pompeia, São Paulo, Brasil

Slide Open-space:
Michael Clark at Tate Modern, London, England
Dia Art Beacon, NYC, USA
SESC Pompeia, São Paulo, Brasil

Slide Espectáculos:
Festival "Nuit sonores", Lyon, France
SESC Pompeia, São Paulo, Brasil
"The spider" at Tate Modern, London, England

Todas as imagens nas colunas da direita retiradas da internet para a apresentação da proposta aos proprietários no dia 6 de Março de 2012

. o projecto

A proposta que aqui apresentamos traduz-se num plano de acção que consiste na organização de eventos cujo lucro seria reinvestido em obras de manutenção do edificado. Assim, de forma gradual, este poderá ser aberto à comunidade sob a forma de arrendamento (pontual ou a médio e longo prazo). O lucro proveniente dos arrendamentos permitiria aos proprietários executarem, por fases, a preservação deste magnífico património da história da cidade do Porto, fazendo-o funcionar como foco revitalizador da mesma.
Esperamos, também, conseguir um efeito de contágio nas áreas adjacentes, através da criação de um parque de estacionamento na quinta contígua dos mesmos proprietários e de acontecimentos esporádicos nos jardins do Lar de Estudantes Universitárias de forma a conseguir de igual forma a manutenção destes.
Após a visita à fábrica com especialistas (arquitectos e engenheiros, professores da FAUP), deduzimos que a manutenção das instalações não acarretaria um investimento inicial de grande porte.
Assim, a primeira fase do plano de acção consiste na organização dos eventos abaixo apresentados, cujo lucro seria aplicado directamente na recuperação dos espaços menos degradados da fábrica (dos quais são exemplares os casos do Museu que, encontrando-se em boas condições de conservação, necessitaria, essencialmente, de limpeza e organização das máquinas para exposição; do Bar e das Lojas)".[2]

A metodologia proposta (ou apresentada) para este projecto não é de todo original ou inovadora. Em casos apresentados neste estudo ver-se-ão situações onde isto aconteceu de forma espontânea. Há também exemplos mais antigos, de um tempo onde a reabilitação de edifícios industriais não era ainda tema, como conta Sherban Cantacuzino referindo-se às obras numa fábrica de malta em Farhan, Surrey, nos anos 60: "Mientras se hacen planes para hacer frente a la formidable tarea de reunir los fondos necesarios para llevar a cabo las obras, la asociación propició que los edificios se usasen para una serie de actividades tales como mercados y fiestas populares, gracias a lo cual se obtuvieron unos ingresos que se emplearon para pagar las primas del segu-ro, los trabajos de mantenimiento, etc. La limpieza corrió a cargo de voluntarios (...)."[3] Voluntários que se unem em prol de uma mesma causa da qual nenhum tirará algum proveito individual, mas onde todos encontrarão um novo espaço para utilizar em conjunto com a mais-valia da preservação de alguma memória colectiva. Foi o que se tentou, sem êxito, nas instalações da Companhia Aurifícia, devido à falta de garantia de proveito económico a curto e médio prazo para todos os envolvidos.

2 Texto efectuado por Inês Soares, Joana Trindade e Teresa Catarina Pires

3 CANTACUZINO, Sherban, *Nuevos usos para edifícios antiguos*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S.A., 1979, Pg. 187

Apresentação aos proprietários por pontos:

. A manutenção das instalações não acarreta um grande investimento
. Pequenos consertos tornarão viável parte do programa proposto
. Plano de acção: organização de eventos de angariação de fundos
. Lucro dos eventos aplicado directamente na recuperação de um espaço
Parte das instalações pode ser aberta ao público;
Obtenção de renda fixa a reinvestir no edificado;
A longo prazo, o edificado encontrar-se-á reabilitado e todas as rendas significarão lucro.
. A mais-valia do arrendamento constante
. Gradual valorização do edifício

O plano de acção:

. Museu (antiga laminagem de chumbo)
- Boas condições de conservação; limpeza e organização das máquinas para exposição.

. Bar (antigo armazém de retém)
- Efectuar as devidas limpezas não ocupará muita gente e é um evento que despertará consciências.

. Concurso módulo a arrendar
- Primeira, e mais significativa, renda fixa; ocupação edifício antiga Serralharia.

. Leilão de desenhos
- Desenhos do espaço criados ao vivo por artistas de renome na cidade, em seguida leiloados.

. Mercadinho Aurifícia
- Feira de venda de usados. As pessoas pagam x para ter espaço de venda durante 1 dia.

. Concurso de pregos (exemplo do trabalho de Alexis Peskine, autor da imagem anexa)
- Depois deste e das limpezas, preparar a sala que virá a ser bar e abri-la a exploração.

. Taina d'Ouro
- Com o lucro, preparar os salões maiores para arrendamento pontual; abrir a Horta aos locais.



Figs. 10 a 15

Explicação dos eventos

. Concurso módulo
As instalações começam a ganhar a vida e utilização diária necessárias para a sua recuperação.

Materiais
Disponibilização prévia dos materiais necessários por parte de empresas patrocinadoras (ex: Pladur, Cin e Jofebar)

Montagem
Não se prevê ajuda especializada.

Prémio
Construção do projecto vencedor - Portfolio.



Fig. 16 - Museu de Portimão
Imagem no site no dia 11 de Março de 2012

. Concurso de pregos
Oportunidade
Todos os pregos não comercializáveis como material a utilizar em obras de arte.

Função da Companhia
Ofereceria o material (x pregos/pessoa) e cederia as instalações durante 1 dia para a realização do mesmo.

Marketing para obter futuras rendas
Os participantes podem interessar-se nas instalações;

Os objectivos
. Apoio a novos artistas com a divulgação do seu trabalho.
. Elevado valor a angariar através da divulgação da causa inerente, Preservação do Património Arquitectónico e Industrial da cidade do Porto.
. Percentagem da venda dirigir-se-á a obras de manutenção.



Fig. 17 - Obra de Günther Uecker, 1962

. Taina d'Ouro
Origem no festival da produtora Lovers&Lollypops, o Taina Fest.
Venda de comida típica em
grande quantidade + Concertos

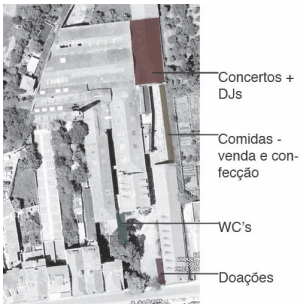
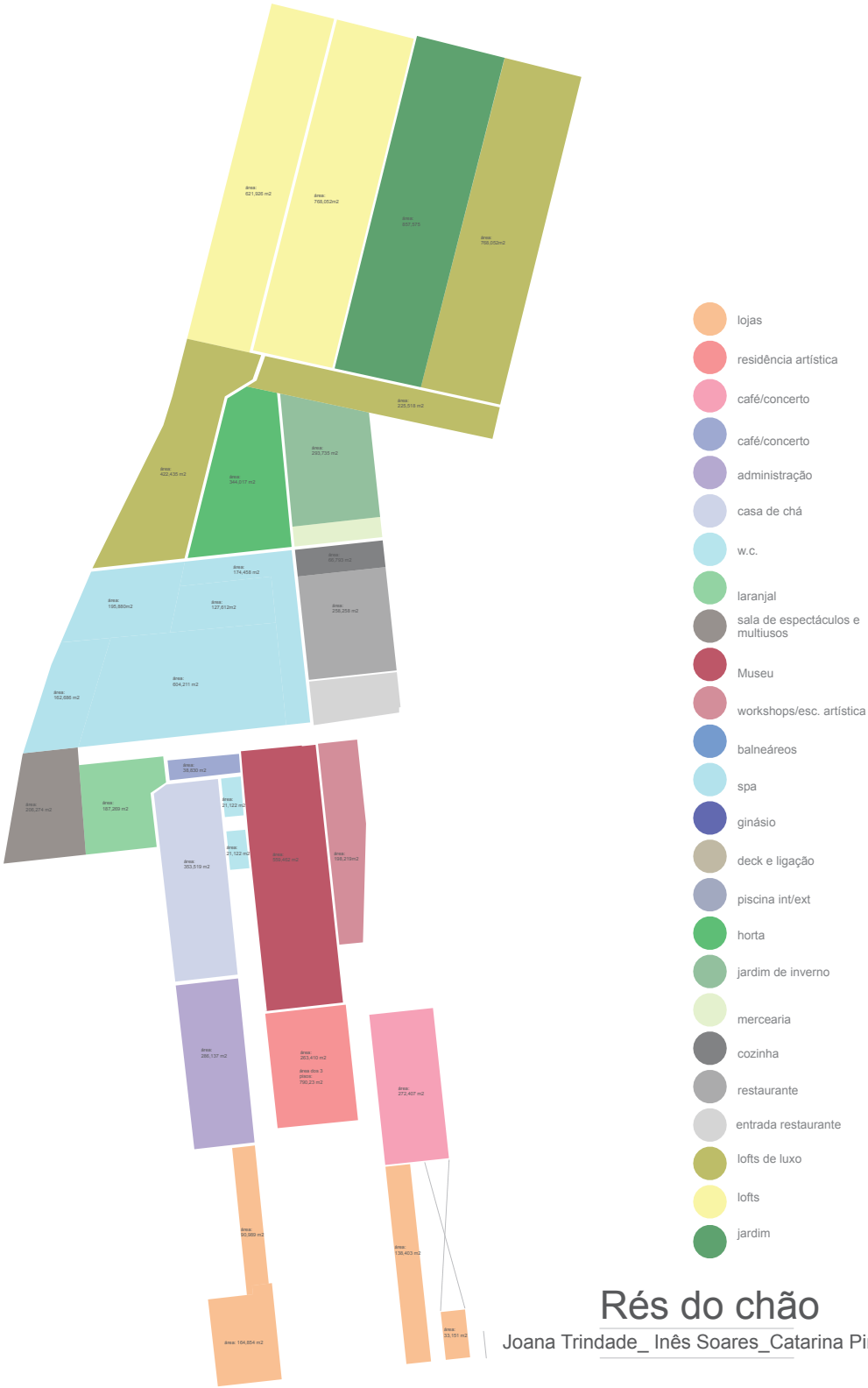


Fig. 18 - Planta da disposição do Festival



Rés do chão

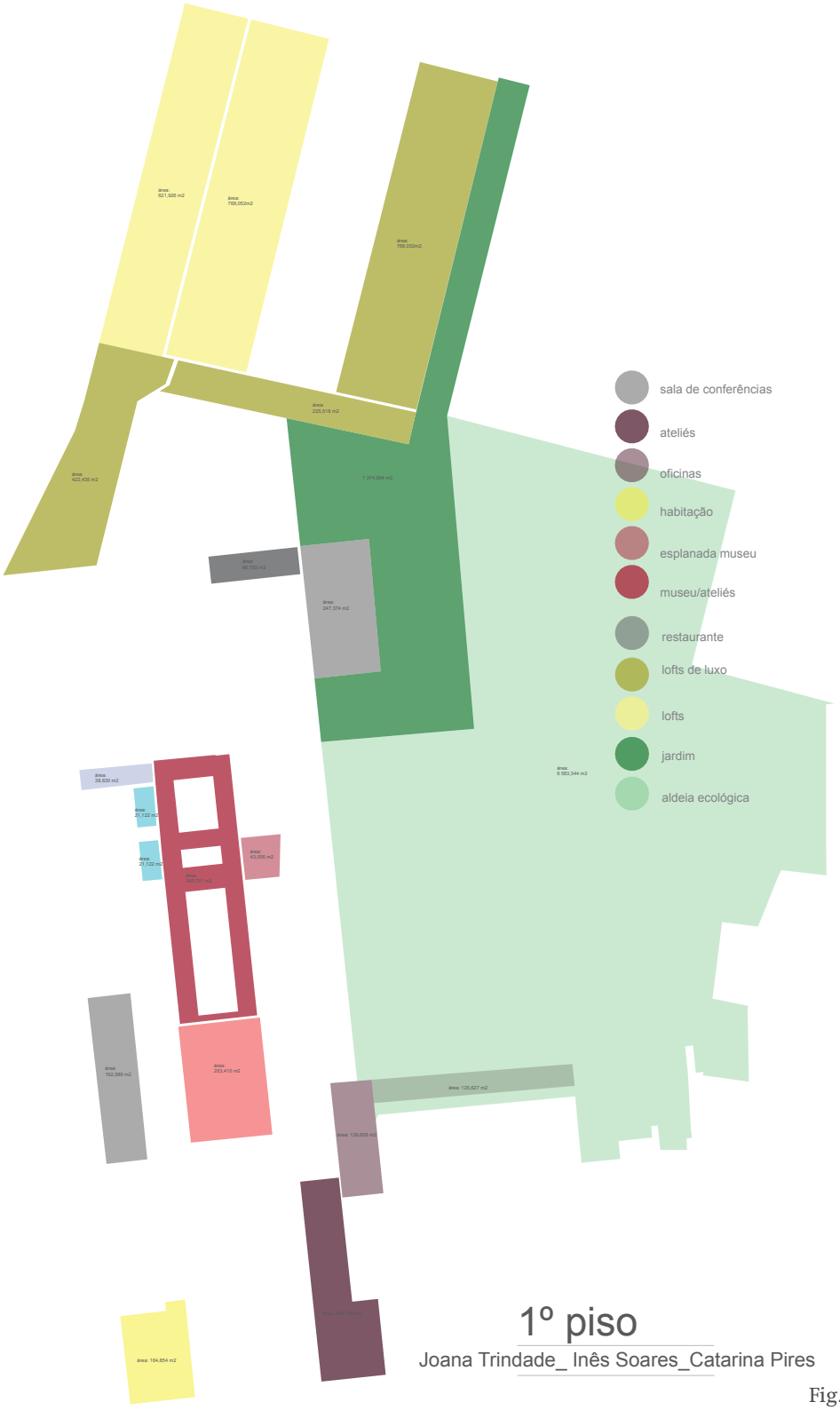
Joana Trindade_ Inês Soares_Catarina Pires

Fig. 19

Foi necessária outra aproximação ao tema, com maior necessidade de investimento e posteriormente mais lucrativa, como princípio de não deixar desaparecer qualquer possibilidade de impedimento da demolição destas instalações.
Assim, parte do mesmo grupo, constituída por mim, pela Joana Trindade e pela Catarina Pires, definiu novas directrizes de intervenção neste espaço. Isto mostrou-se de incomensurável interesse pela dualidade intrínseca à proposta – os princípios pelos quais nos baseamos, em oposição ao lucro que nos foi indicado esperar-se em 10 anos. Esta questão financeira foi-nos explicada por um gabinete de consultadoria, com quem em parceria se definiram inicialmente os primeiros rasgos programáticos.

. apresentação 2º Projecto, o Masterplan da proposta individual

Nesta segunda fase houve a necessidade de abranger outro tipo de razões e motivos económicos. Se até agora o edifício representava um património adquirido cuja rentabilidade era bem-vinda mas não essencial, surge agora a ideia de uma proposta de realização de um programa que compensasse economicamente um possível investimento na compra e restauro do edifício.
Foi interessante o desafio de manter os princípios de "ocupação para preservação" mas agora para outro tipo de clientela, aquela que quer luxo e conforto - A mesma que no centro histórico parece justificar a demolição do interior dos quarteirões em benefício de espaços de habitação ou comércio correspondentes aos actuais parâmetros de conforto e qualidade de vida. A palavra conforto é algo susceptível de forte discussão e, indubitavelmente, de difícil consenso no que toca à sua definição. Em tentativas de a criar surgem discussões que confrontam duas questões relevantes nesta matéria – até onde são a memória e a estética temas primordiais relativamente ao conforto do habitante do edifício reabilitado? E até que ponto se poderá definir este conforto? São apenas as questões térmicas e acústicas que lideram esta definição ou estará a estética a ser esquecida quando muito deste conforto dela advém?



1º piso

Joana Trindade_ Inês Soares_Catarina Pires

Fig. 20

Em discussões semelhantes surgiria um tema de comparação relativo aos edifícios da baixa portuense. Como primeira impressão o que mais incomoda na reabilitação que vemos acontecer é a destruição efectuada a alguns dos elementos mais relevantes da arquitectura típica do séc. XVIII, como sejam as caixas de escadas, os trabalhos de estuque e as clarabóias. Estes não são compatíveis com as chamadas "necessidades contemporâneas" de elevadores e outras comodidades nos acessos, assim como não satisfazem o tipo de habitante nos centros das cidades que raramente pode sustentar a típica casa unifamiliar como sejam as da rua Álvares Cabral, já do séc. XIX, vendo-se assim como essencial dividir estes edifício por pisos de apartamentos de menores dimensões. Entendendo-se estas problemáticas, interpretam-se as intervenções efectuadas actualmente no centro da cidade, de mais fácil resolução.

No entanto, o tema do conforto é sobejamente mais vasto e prende-se com detalhes ainda mais exíguos. O Prof. António Madureira chama a atenção para a questão das janelas destas referidas casas e da execução ou não do seu restauro. Os vidros originais destas eram ondulados reflectindo para a rua uma luz natural com um certo movimento, com desenhos projectados nas fachadas opostas cuja origem provavelmente poucos reconheceram. Compreendendo a questão do conforto como algo que fornece à casa uma certa estabilidade térmica e isolamento acústico, estes referidos vidros pouco mais fariam que proteger de intempéries pelo que a sua remoção aparece como indispensável. Perde-se uma estética de rua sem disso se ter, provavelmente, consciência, mas será isto de facto sentido como em falta por alguém? Ou será apenas um fundamentalismo infundado e desnecessário como tantos outros que a sociedade contemporânea enfrenta ao perder a noção de praticabilidade na projecção do seu futuro?

Com o objectivo de não cair nesta ratoeira de dúvidas existenciais na interpretação do conforto, procurou-se uma técnica que chamaria a atenção desta classe alta com poder económico para investir num projecto deste género. Geralmente com maior acesso à informação, esta classe tem duas preocupações que o nosso grupo tenta satisfazer: por um lado, a ecologia; por outro, uma visão da reabilitação não apenas no seu sentido prático mas também estético.

Com isto propomos uma reabilitação com os princípios da primeira em termos de sustentabilidade da construção, procura de eficiência energética, agricultura orgânica e garantias de qualidade de vida com espaços verdes e de desporto e cultura, mas com um mais vasto leque de opções para a realizar.

Levantamento Programático Pessoal do quarteirão em 10 de Maio de 2012:



Comércio (43)

Comércio Vivo (15)

Restauração (10)

Garagens (8)



Habitação (138)

Habitação vazia (20)

Hotel/Hospedaria (8)



Serviços públicos (5)

Serviços de saúde (3)

Escritórios (8)

Cultura/Educação (5)

Desporto (3)

Religião (2)

O programa definido prende-se com as actividades presentes nas ruas que definem os limites e acessos ao terreno em questão. Para a rua dos Bragas, rua de faculdades, comércio e serviços, propomos a abertura da praça com um programa que a transforma em espaço público – comércio, café-concerto, ateliês, residência e espaços de exposição para artistas; para a rua Álvares Cabral propomos acessos à zona de habitação – como tradicionalmente é utilizada essa rua representante, como referido anteriormente, das residências burguesas da cidade.
Como rótula destes dois programas encontrar-se-ia o que pelos dois deveria ser utilizado: spa, ginásio, hortas e jardins.

A área com frente para a rua Álvares Cabral e a paredes meias com o edifício particular arrendado pelo serviço público das Finanças encontra-se actualmente ocupada por uma pequena casa de habitação de uma família que um dia trabalhou para os proprietários da Companhia Aurifícia. Actualmente são os caseiros deste espaço, o qual os proprietários denominam Quinta, que têem como cargo manter o espaço plantado e justificando assim esse nome que vulgarmente lhe é atribuído. Na nova proposta este espaço seria ocupado de duas formas diferentes: por um lado, manter-se-ia aqui a função actual de plantação; por outro, a frente da rua Álvares Cabral ver-se-ia ocupada de igual forma por habitação, pelas razões acima referidas. Esta seria já um tipo de edificação construído de raiz e concordante com os parâmetros de conforto considerados comuns. Pretender-se-ia aqui uma construção demarcada por um tipo de luxo não presente na restante intervenção com frente para esta rua, ou seja, o restante edificado, aproveitando a estrutura existente, teria na sua construção características menos ambiciosas, pautando-se preferencialmente pela inovação e distinção do desenho mais que pela opulência de materiais ou dimensões espaciais.
Esta seria a única construção de grande envergadura totalmente de raiz, o que justifica o ressalvo. Na restante proposta, o que é construído novo funciona como acrescento do existente pelo que as diferenças de opções em espaços e materiais são por si só justificadas.

. descrição do novo programa

Comércio: *relação directa com a rua dos Bragas e com a Praça da Aurifícia; no interior, relação com ateliers e oficinas para venda dos seus produtos*

Ateliês: *relação com espaço de exposições do café-concerto, oficinas e comércio*

Oficinas:

Espaço interior: relação com ateliês e espaço de exposição no mezanino do café-concerto

Espaço exterior: oficina ao ar livre, relação com os restantes espaços da quinta

Café-concerto: *zona de "palco" e mezanino-galeria de arte; relação com ateliês, oficinas e comércio; relação de proximidade exterior com museu, zona de workshops, residência artística e restaurante*

Administração: *acesso directo pela Praça da Aurifícia, relação interior com sala de reuniões e imprensa e salão de chá*

Sala Reuniões e Imprensa: *sala para reuniões, pequenas conferências ou apresentações; catering do salão de chá*

Salão de Chá/Livraria: *aproveitamento da caldeira, máquina da laminação do chumbo e antiga cantina; relação directa com museu, laranjal e spa*

Laranjal: *esplanada exterior de apoio à casa de chá e à sala de espectáculos*

Sala Multiusos: *sala para espectáculos, exposições de grande porte, outros eventos*

Residência Artística: *casa do director: duas salas de co-working 1º piso, restantes espaços para residência. Cave para oficinas*

Museu: *Exposição permanente da maquinaria e história da Aurifícia; exposições temporárias/ instalações, workshops no museu: museu dinâmico; relação com salas de workshops, salão de chá/livraria e residência artística, spa*

Salas Workshop: *realização de cursos artísticos ou outros de interesse cultural; temporários e permanentes. Relação com museu (exposição dos resultados dos cursos), restaurante, spa*

Restaurante: *serve comida biológica, tem relação directa com jardim de inverno, mercearia, spa, lofts e lofts de luxo, museu, café-concerto. Esplanada exterior no piso superior, com relação visual com toda a quinta ecológica, relação de proximidade com oficinas, ateliês e mezanino de exposições do café-concerto*

Mercearia: *venda de produtos alimentícios e medicinais biológicos, ervas aromáticas, sabões artesanais,...*

Spa: *com salas de relaxamento, piscina, ginásio, salas para desportos interiores e aulas (yoga, dança). Oferece vários tipos de terapias: homeopatia, acupunctura, reflexologia, reiki, massagem-várias técnicas, relaxamento, fitoterapia, as que utilizam produtos, estes são biológicos (preferencialmente produzidos na quinta)*

Jardim Inverno: *relação com restaurante, jardins exteriores, quinta, lofts e lofts de luxo, spa, horta*

Lofts: *módulos de 30m² de planta: podem ser estúdios, duplex ou triplex. Entrada directa pela Álvares Cabral, estacionamento subterrâneo, serviços de entrega ao domicílio, limpeza, etc.*

Lofts de Charme: *duplex ou triplex com relação directa com jardins exteriores e jardins de inverno, restaurante e spa. Entrada directa pela Álvares Cabral, estacionamento subterrâneo,*

Quinta Ecológica:

Horta Comunitária - agricultura biológica, cultivo de plantas aromáticas e medicinais

Espaço para workshops - cursos de agricultura biológica, aromaterapia, permacultura, etc.

Salas para desportos interiores - aulas de dança, yoga - relação com exterior

Forno Comunitário - para utilização da comunidade e dos habitantes da quinta

Habitação temporária (ecoturismo) - relação com horta comunitária, espaço para workshops, jardins e restantes valências do complexo

Habitação permanente - relação com horta comunitária, espaço para workshops, jardins e restantes valências do complexo

. o porquê deste novo programa

Como anteriormente explicado, a identidade das duas ruas-limite do terreno a intervir definiu os programas propostos para ambas as frentes de rua da intervenção. Habitação temporária ou definitiva é o que caracteriza a rua Álvares Cabral; já serviços e comércio caracterizam a rua dos Bragas funcionando esta como espaço público e facilitado este objectivo nas próprias instalações que apresentam já um espaço de praça apenas carente de um programa de apoio que o ofereça à utilização pública. Assim, propomos neste ponto da intervenção a criação de programas de uso público com uma característica de associação e inter-relação entre eles de modo a que as suas utilizações sejam complementares ou simultâneas. Na relação entre o privado da habitação e o público destes espaços ver-se-iam acontecer os programas que por ambos serão utilizados apresentando, no entanto, uma utilização pontual por parte do público que não afectará sobremaneira o bem-estar do privado.

A identidade da rua de Cedofeita na conexão entre o já por alguns chamado "bairro das artes" e a zona boémia da cidade foi já anteriormente referida como apreciada pela autenticidade subjacente. Sendo esta, aparentemente, a característica que mais valoriza o Porto a nível turístico, propor-se-á aqui trazer para esta zona ainda desconhecida da cidade – o Quarteirão da Aurifícia – este turismo que se quer envolver pela cidade e fazer dela parte real sem a este estar associada alguma culpabilidade devida às alterações efectuadas na cidade. É esta uma das principais razões para a não inclusão de unidades hoteleiras de grande porte nesta proposta, limitando-se esta a espaços de alojamento capacitados para curto, médio e longo prazo. Assim, espera-se a ocupação turística da grande maioria das instalações da Companhia Aurifícia mas com um sentido participativo e de intercâmbio com o exterior do Quarteirão, já este dotado de espaços de alojamento (identificados na planta da página 186) para os utilizadores esporádicos desta parte da cidade.

"La auténtica conservación requiere mucho más que la mera declaración de "área a conservar" a que conduce la ley.

Desde finales de los años cuarenta, el proceso de cambio se há acelerado de tal modo que el abandono y demolición de edificios há sido un hecho habitual en los núcleos urbanos. Una aplicación equivocada de criterios urbanísticos he hecho salir del centro actividades industriales y comerciales para situarlas en zonas suburbanas o rurales en que se calificaba el suelo específicamente para tales usos. (...) Las entidades locales han permitido el crecimiento ininterrumpido de zonas residenciales en la periferia de las ciudades sin llevar a cabo una renovación de los inmuebles de vivienda de los centros históricos y, como consecuencia de esto, un buen número de iglesias y otros edifícios públicos han caído en desuso. Si queremos que nuestras ciudades vuelvan a ser organismos com vida, la planificación debe fijarse dos objectivos: combatir el incremento del precio del suelo y propiciar una mezcla equilibrada de usos y actividades en las áreas centrales. Esto significa, entre otras cosas, hallar nuevos usos adecuados a los inmuebles que antiguamente albergaban todo esse amplio espectro de actividades."[4]

. como este novo programa trará actividade diária à zona

Um ponto a salientar é a procura à fuga da solução típica de preservação do património, a sua exploração turística. Esta, sozinha, não resolve o abandono e tornar-se-á com o tempo num mero peso económico. Será esse o problema dos centros históricos onde o património é cingido a efeitos turísticos. Assim, apresenta-se necessário associar-lhe outras ofertas culturais e de lazer que funcionem como focos de atracção. Esta máxima está na origem do programa proposto, onde o que se poderá ver associado a turismo pretende ser de larga utilização e não apenas pontual, assim como utilizado por locais e visitantes.
Aparece comprovada em casos como o de estudo o benefício da sua reocupação por parte de diferentes tipos de indivíduos a diferentes horas e situações do dia e da semana. A necessidade de uma grande variedade de programas que sustentem o anteriormente referido é a primeira componente a preencher. Assim sendo, os programas apresentados no ponto anterior de explicação da intervenção grupal são totalmente dependentes da necessidade de tornar este espaço numa área ambivalente da cidade, atractiva e útil para o maior número de pessoas. Com isto pretender-se-ia garantir um efeito de contágio à vizinhança fazendo desta zona da cidade um novo e heterogéneo tipo de bairro com centro e origem neste núcleo de um dos seus quarteirões mais importantes.

"As quatro condições que Jacobs identifica como referentes da cidade tradicional e geradores de diversidade são a conjugação de funções num mesmo distrito, a concentração alta de pessoas, incluindo residentes, a existência de edifícios de diferentes épocas e estados de conservação, e possibilidade de variação de percursos."[5]

4 CANTACUZINO, Sherban, *Nuevos usos para edifícios antiguos*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S.A., 1979, Int.

5 RAMOS, Ricardo, *Reabilitação de Edifícios Industriais como Museu*, docente orientadora Doutora Maria Calado, Lisboa, FAUTL, Novembro 2011

Após a visita dos Eng.ºs Rui Póvoas (15/12/2011) e Jorge Silva (9/02/2012) às instalações, a seguinte lista de encargos urgentes foi enviada ao Sr. Julião Pinto Leite para que a dividisse com os restantes proprietários:

. Proteger TODAS as situações de entrada de água e plantas

. Trefilaria:
a asna por cima da porta de acesso ao exterior (horta da casa do director) necessita de uma prótese – o nó desceu, se cede vai criar imensa instabilidade na cobertura; o falso pilar que a sustenta está a dobrar e não está posto na vertical, pelo que precisa de uma rápida substituição
os maiores problemas são os apoios e o constante contacto com água – é urgente pôr novos reforços e impedir a entrada de água.
a parede norte do pavilhão tem que ser impermeabilizada, mas é uma intervenção pesada e por isso não tão urgente – é necessário remover as terras da horta para o fazer (o mesmo acontece ao longo de toda a parede / muro este do edificado).

. Pavilhão pregaria:
tapar os buracos que permitem a entrada de água
perceber de onde vêm as rachas na parede de entrada (a sul da sala)
no espaço entre o arco do arq. Marques da Silva e a parede sul da pregaria, os prumos que sustentam o tecto estão tortos, o que indica alguma cedência – correcção difícil.

. Sala polidores:
há um canto da cobertura que cedeu – aparentemente a viga partiu. É urgente colocar um pilar falso como existem na trefilaria ou tornar-se-á perigoso.

. Serralharia:
é necessário avaliar o interior da madeira
as tábuas do pavimento já sofreram demasiado com a água pelo que não terão muitas hipóteses de reabilitação; as vigas necessitam maior análise; as asnas parecem bem.

. Cobertura no exterior da sala de empacotamento:
necessita arranjo urgente: os suportes estão a ceder e já não se encontram na parte superior junto à parede.

. Armazém de retém:
estrutura mais antiga (paus rolados) mas em aparente bom estado.

Conclusão:
. prioridade URGENTE ao impedimento de entrada de águas
. análise dos pontos estruturais atrás referidos como meio de precaução contra um possível desabamento de tectos (a não muito longo prazo...)

. a participação das pessoas envolvidas – os donos, os arquitectos, os engenheiros, as associações culturais

"Todavia pouco ou muito que se vá fazendo, no presente, sirva o que fica dito de homenagem a quem com inteligência e boa vontade trabalha para os progressos morais e materiais da cidade do Porto – a laboriosa e legítima capital do Norte, que tão descurada tem andado dos seus vitais interesses, ou tão pouco eles têm sido considerados e atendidos por quem de direito e dever.
Mas, enfim, sempre será tempo."[6]

Inerente a este tipo de iniciativas ter-se-á, actualmente, um grave problema. Após análise e envolvimento, por parte deste grupo do projecto "Aurificiando", de vários planos de reabilitação urbanística e social da cidade, conclui-se existir um problema de base comum a todos e que os afecta à partida. Estes planos surgem quase sempre como desenvolvimento ou melhoramento de outros que por diversas e variadas questões não foram suficientes ou sequer se aproximaram do objectivo. Definir-se-ia como essencial a não dependência de programas de apoio existentes, ou projectos (supostamente) consolidados para criar qualquer tipo de acção. Como exemplo real, têm-se projectos de reabilitação associados a arrendamento jovem (Porta 65) com o sentido de facilitar às gerações mais novas a oportunidade tão desejada de viver no centro da cidade em casas com as condições de conforto reconhecidas como necessárias hoje em dia. O indubitável princípio positivo inerente a esta ideia encontrar-se-á sempre limitado pela volatilidade da associação à qual está associado. Os tempos e alterações nos parâmetros que a definem alterar-se-ão dando, por isso, prazo indefinido ao projecto que apresentará como iminente o seu fim ao longo de todo o seu desenvolvimento.

Por fim, e mais à frente referenciado, surge neste ponto o tema do envolvimento dos arquitectos num projecto deste género, após análise por parte de engenheiros das possibilidades apresentadas pelos edifícios constituintes das instalações. No caso, agradecer-se-á, especificamente, ao Eng.º Rui Póvoas, que aproveitou ter conhecido as instalações e o trabalho por nós efectuado para o aprofundar com alunos de pós-graduação, e ao Eng.º Jorge Silva, que amavelmente compareceu a analisar o edifício e as suas condições a convite do Arq. Camilo Rebelo.

6 MORAES, A. C. da Cunha, *Os melhoramentos da cidade do Porto*, Porto, Typographia Pereira, 1916, Pg. 5



Fig. 21 - O arco de autoria atribuída a Marques da Silva com busto de Teixeira Lopes (Dr.ª Mª da Luz Sampaio), representa o fundador/ director da Companhia Aurifícia



Fig. 22 - É graças ao empenho pessoal de Julião Pinto Leite que as instalações apresentam um aspecto tão cuidado no seu exterior



Fig. 23 - O perigo de incêndio no interior das instalações devido ao tipo de materiais que aí estão acumulados, ou pelos próprios materiais de construção, é actualmente um dos maiores receios



Fig. 24 - Próteses de madeira foram ao longo dos anos colocadas nas situações mais críticas da estrutura dos edifícios para que estes não ruíssem



Fig. 25 - Os muros de suporte de terras encontram-se em muito mau estado de preservação, sendo a sua impermeabilização de complicada execução e, por isso, adiada

Na proposta individual tentar-se-á descrever a liberdade inerente à reabilitação de um edifício originalmente construído para funções industriais, onde o seu esqueleto é o que o torna especial e facilmente reutilizável por isso mesmo.
"La adaptación de un "textile mill" georgiano o un almacén de la época victoriana ofrece, además, mucha mayor libertad que la conversión de un edificio de valor histórico o artístico importante, que exige una restauración respetuosa y erudita y limita la posibilidad de elección de nuevos usos.
(...) son pocos los arquitectos de fama internacional que han dedicado su talento a trabajos de conversión (mas) un trabajo así puede ser creativo, además de minucioso."[7]
Sherban Cantacuzino chamou a atenção deste tema já na década de 70, em Londres, salientando no comentário final que talvez os arquitectos não encontrassem neste trabalho o que imaginam dignificar a profissão. Aqui se começaram a mudar mentalidades, como vemos pela intervenção inaugurada no ano 2000 e projectada pelo escritório Herzog & de Meuron no Tate Modern, também em Londres. Em Portugal o tema ainda não surgiria.

Por fim, é de salientar o papel dos proprietários, especialmente do Sr. Julião, "guardião" do espaço e responsável pelos cuidados pontuais que não o deixam aparentar o abandono do seu interior, assim como pela manutenção de estruturas essenciais a fim de evitar a sua ruína.

7 CANTACUZINO, Sherban, *Nuevos usos para edifícios antiguos*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S.A., 1979, Int.

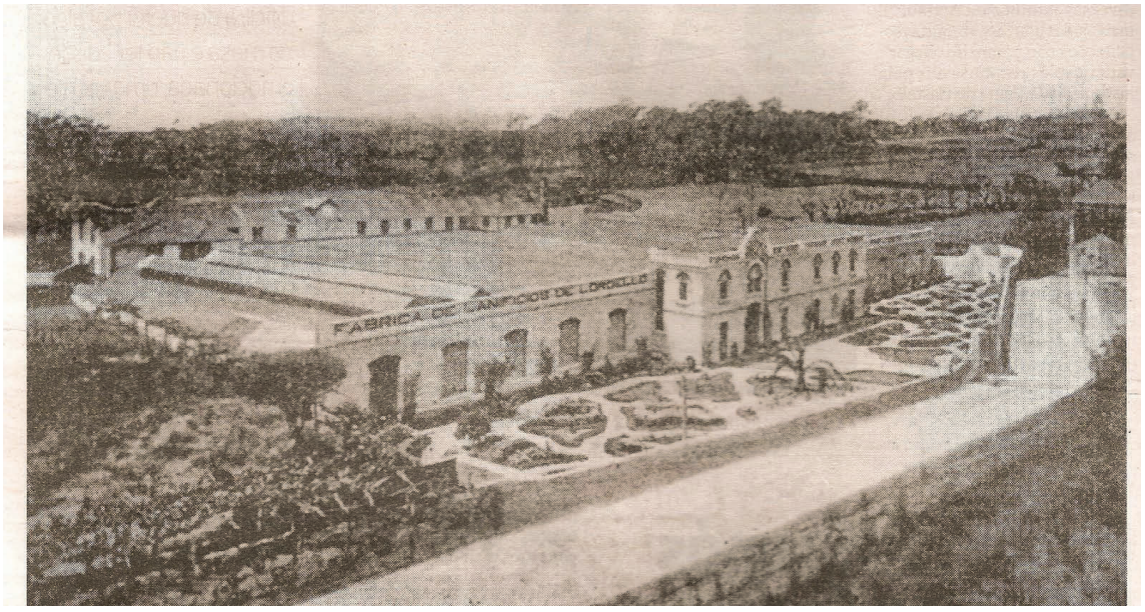


ANEXO II

UMA PROPOSTA INDIVIDUAL



Fig. 1 - Fábrica de lanificios de Lordelo



. a importância arquitectónica do edificado

Na seguinte caracterização dos edifícios industriais do séc. XIX portuense distinguir-se-ão as suas principais características arquitectónicas e a relevância da sua preservação por serem estas ainda adaptáveis às necessidades actuais. A escolha do texto deve-se ao paralelismo com as instalações da Aurifícia:

"Trata(ndo)-se de uma tipologia semelhante à dos edifícios conventuais, na cidade do Porto, são reutilizados alguns conventos, como é o caso de Monchique (fundição) e o de Santo António de Vale da Piedade (lanifícios). Este aproveitamento e reutilização de edifícios eclesiásticos tem a ver com a venda dos bens do clero e com a clara inexistência quer de um "estilo industrial" quer de um esquema de funcionamento fabril claro e lógico, sendo mais fácil aproveitar as grandes estruturas existentes para a instalação de máquinas e operários.
(...) Estamos no Porto, no início do séc. XIX, com a colónia britânica exercendo influência comercial e cultural, o neo-palladianismo é o estilo que se constrói. (...) um modelo (...) com um desenho rectangular sobre o comprido e estreito que era determinado tanto pelas dimensões das máquinas como pela necessidade de uma iluminação uniforme, daí também a grande quantidade de aberturas distribuídas ao longo dos lados maiores e pela técnica construtiva empregue - paredes em pedra, vigas de madeira, etc.
Esta especificidade tipológica em função da produção fazia com que o edifício industrial fosse considerado cada vez menos como um elemento simbólico e representativo do poder real ou aristocrático (manufacturas reais e tipologias derivadas) mas como uma nova situação que requer novos códigos para ser resolvida, mas que ainda não os adquiriu totalmente, já que o tratamento plástico dos elementos construtivos é o mesmo da arquitectura civil, denotando a falta de um "estilo industrial" - é a proporção das janelas, é o desenho das cornijas, a demarcação de pisos horizontal, etc...
(...) aparecimento de uma nova tipologia industrial - o hangar - com um novo tipo de cobertura vulgarmente chamado telhado em "shed" (A primeira construção de telhados em shed data de 1835-36 na fábrica de lanifícios construída por William Fairbain em Saltaire, Bradford Yorkshire, U.K.). Este tipo de cobertura fornece ao espaço de produção uma iluminação constante ao longo do dia já que um dos lados (o transparente) é orientado a Norte. Está também relacionado com um novo processo de construção - estruturas metálicas de suporte - permitindo que o edifício se estendesse pelo terreno cobrindo uma grande área, sem grande multiplicação de elementos portantes.
(...) Apenas um novo elemento adquire importância simbólica em relação ao total do conjunto arquitectónico - a chaminé - símbolo de prosperidade. (...)
Definidos os momentos chaves das etapas de construção do edifício, verifica-se que há sempre uma relação constante entre função e forma - a sistematização do circuito de produção é factor primordial no ordenamento espacial do edifício desde a sua instalação até ao momento actual."[1]

1 OLIVEIRA, Joaquim Morais (Arquitecto), *A Fábrica de Lanifícios de Lordelo,* Texto cedido pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Nota 1

"A clientela que arrematou os lotes era maioritariamente da alta e média burguesia, numa época em que o crescimento populacional e o adensamento habitacional do centro antigo da cidade fruto da industrialização e da renovação urbanística convidava este grupo social a procurar zonas mais arejadas, menos poluídas, criando um novo espaço de forte distinção social que ainda hoje se sente, numa das primeiras ruas com função preferencialmente residencial. (...) A construção da quase totalidade dos edifícios da rua realizou-se entre 1897/1912".[2]

Nota 2

Num anúncio publicado em jornal ("Comércio do Porto" – 23/6/1877) pode-se ainda extrair a proveniência das matérias-primas: "Na Companhia Aurifícia, rua dos Bragas, há um grande depósito de castanho para vender. Madeira de Flandres, Pinho da Suécia e da América, em pranchões e vigas de todos os comprimentos e grossuras. Vende-se na Companhia Aurifícia."[3]

. intervenção individual

Devido à quantidade, tamanho e diversidade de espaços existentes nas instalações da Aurificia, para este trabalho foi necessário escolher apenas um deles cujo desenho se tentou desenvolver. As razões para que o escolhido seja o pavilhão com entrada directa pela rua dos Bragas são várias e prendem-se com a capacidade que este apresenta de acolher maior diversidade de programas. Paralelamente, é o edifício com mais variadas possibilidades de intervenção pela diferença de áreas, alturas e materiais dos diferentes espaços, onde existem até dois tipos de estrutura de suporte do telhado. O objectivo desta intervenção não seria apenas o do restauro, proposta que geralmente se limita a reaver as capacidades originais do edifício, mas superá-las por questões de conforto e habitabilidade.
Os pontos mais relevantes justificados e consequentes da proposta de intervenção serão em seguida apresentados:

. movimento urbano

A rua dos Bragas contrasta com a rua Álvares Cabral pelo movimento que lhe é inerente. A segunda é tradicionalmente uma rua habitacional, sendo que os outros tipos de programa que a ocupam hoje em dia são pontuais e no geral não inter-relacionados, ou seja, as pessoas que dele usufruem não percorrem a rua mas vão directamente ao edifício/lote correspondente às suas necessidades, característica esta patente na rua desde as suas origens.[Nota 1]
Em contrapartida, a rua dos Bragas é já uma rua com uma diversidade programática que apela a ser percorrida. Uma faculdade em frente à entrada da Companhia Aurificia, serviços municipais (Finanças) na porta ao lado, cafés, restaurantes e lojas comerciais tornam esta rua numa situação heterogénea no que toca a pessoas, funções e movimentos; é, também, reconhecida como a entrada para as instalações da Companhia desde a sua origem. Este facto é notório no desenho do seu espaço, com a praça com frente de rua e o edifício com as letras que o identificam, assim como na documentação existente sobre o edifício referente, no caso específico, à proveniência das matérias-primas utilizadas nos seus produtos e que o localiza nesta rua.[Nota 2]

2 PIRES, Maria do Carmo Marques, (Com)passos num espaço de nós.* A Rua Álvares Cabral, Revista da Faculdade de Letras CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO, I Série vol. III, Pg. 217 - 235, Porto, 2004, Pg. 229

3 LOPES, David F. O., *Relações entre o Processo Urbano e o Processo de Industrialização no Porto - A rua dos Bragas e a Companhia Aurifícia*, Porto, FAUP, 1988, Pg. 18



Fig. 2 - O pátio das instalações com frente para a rua dos Bragas. O edifício da Faculdade de Direito da UP ao fundo



Fig. 3 - O pátio das instalações com frente para a rua dos Bragas. A Casa do Director das instalações aquando do seu funcionamento



Fig. 4 - O acesso aos restantes pavilhões do complexo industrial da Companhia



Fig. 5 - O acesso aos restantes pavilhões do complexo industrial da Companhia

. o programa atribuído

Ao dividir pelos vários espaços os diferentes programas que ocupariam as instalações, este edifício surgiu com maior viabilidade para uma maior diversidade programática, tanto pelas suas características arquitectónicas como pelas relações que mantém com exterior. Funciona como um momento de travessia entre o exterior público e o interior novo e com características de privação com o quarteirão.
A sua relação já referida com a rua e com o pátio de entrada que desta foi proposto ser continuação pressupõe uma função de apelo à visita do transeunte que, apercebendo-se da sua abertura, abandonará o seu estatuto actual de observador. Nesse sentido, pressupõe-se uma necessidade de definição de programas diversificados e complementares, a atrair uma ocupação sistemática e pontual em simultâneo. As diferenças físicas entre os espaços existentes neste edifício ajudaram, também, a esta variedade de programas sendo, no entanto, viável mantê-los relacionados entre si pelas reduzidas dimensões do mesmo relativamente aos restantes armazéns.
Assim, o programa para o interior do edifício pretende uma utilização constante em ateliês, oficinas e comércio simultânea com a pontual efectuada pelos utilizadores do último e do bar café-concerto.
De igual forma, pretende-se a definição de programa que se identifique com os hábitos e memória local como um atractivo à utilização deste espaço. Surgem ideias como a realização de feiras como as tipicamente realizadas na cidade e que por ainda fazerem parte da sua memória antiga recente seriam facilmente reavivadas. Disto são exemplo a do pão no Largo do Moinho de Vento, a dos moços na Praça da Corujeira, Campanhã, entre outras.

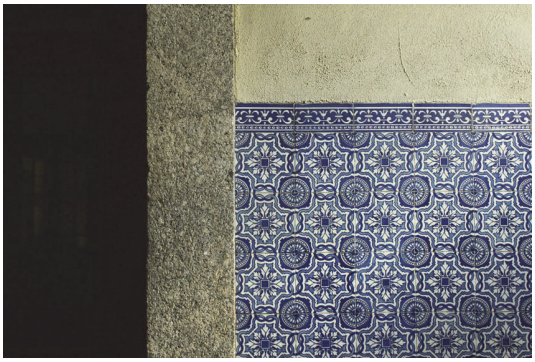


Fig. 6 - Os azulejos do corredor de entrada para o escritório e sala de reuniões



Fig. 7 - O corredor da sala de retém, acesso à sala de empacotamento



Fig. 8 - A sala de retém, futuro espaço de ateliês co-working



Fig. 9 - A sala de empacotamento, futuro bar café-concerto

. o percurso

A entrada actual no edifício é a eixo, através de um corredor ornamentado de forma rica com um lambril de azulejos desenhados com cor azul. Estes são representativos da história da cidade, à época utilizados com função decorativa no interior das casas burguesas. O azul é pela influência da porcelana chinesa que influenciou a arte árabe e esta, por sua vez, a portuguesa, pelo que a sua reutilização será certa.
Após a passagem deste, outro corredor limitado por arcadas de volta perfeita e pouco iluminado orienta o percurso no edifício. A fraca iluminação deste espaço confere-lhe uma aura de mistério que apela à definição de programas com forte vertente privada no seu interior. A relação com o piso superior aparece aqui necessária por ser mais iluminado devido às mansardas que possui.
O grande open-space que termina o percurso efectuado no pavilhão segue estas características de espaço misterioso. No entanto, funciona como momento glorioso, o final, a surpresa do espaço iluminado de grande escala após um percurso de espaços com meia luz e corredores ou pequenos átrios. Se até aí o programa é de trabalho e induz a paragens pontuais por razões específicas, aqui apresentar-se-ia o “estar”, pelas características do espaço, que já originalmente o sugerem.



Fig. 10 - Relação edifício - pátio na zona de escritório e sala de retém, futuros espaços comerciais



Fig. 11 - O balcão da sala de empacotamento e as aberturas oeste do edifício



Fig. 12 - A fachada norte do edifício

. a arquitectura do espaço existente

As suas características arquitectónicas são também para isto uma mais-valia. A diversidade de espaços existentes neste edifício ajudaram a que lhe tenham sido concedidos diferentes programas, relacionados entre si.
Alguns destes programas foram atribuídos assim que o grupo tomou conhecimento do espaço. Sem grandes intervenções podem-se imaginar as mansardas como espaços de trabalho individual ou isolado, pela proporção das suas medidas e pela luz aí conseguida. Do mesmo modo, a relação que o piso inferior, antiga sala de retém, mantém no lado oeste com o pátio adjacente sugere para este uma forte abertura e um estímulo ao entra-e-sai característicos dos espaços de comércio (pelo que se propõe o acesso sempre pelo exterior e não directamente entre vários os espaços). Por fim, o lado este do piso inferior, pelo seu isolamento relativamente ao exterior, fraca luz, silêncio e calma, apresenta-se como um espaço controlado de trabalho, em grupo ou individual, sem qualquer tipo de distracções exteriores. Esta percepção original do espaço continuaria sempre no desenvolver da atribuição do seu programa até à proposta final.
Já no espaço da antiga sala de empacotamento, actual café-concerto, o programa que lhe é atribuído é um acrescento ao originalmente imaginado. Pelas suas características de iluminação, tamanho e a própria decoração (com o elegante balcão), a este espaço foi-lhe sempre atribuída a função de bar. No entanto, o corte programático efectuado com o momento anterior transformaria este edifício em dois e cortaria a relação sequencial de programas que se pretenderia para a totalidade da intervenção. Assim, e porque o espaço existente é em demasia para um só programa, propor-se-ia uma continuação do programa em vigor no espaço anterior – espaços de trabalho. Estes, no entanto, teriam uma relação directa com o outro programa aí existente, imaginando-se espaços de trabalho como oficinas de artesãos onde o silêncio e o isolamento não se apresentam imprescindíveis e a relação de visibilidade entre estes e os utilizadores do espaço bar pode ser de elevado interesse.



Fig. 13 - O tecto do escritório (semelhante na sala de reuniões)



Fig. 14 - A sala de reuniões com os retratos dos vários directores da Companhia



Fig. 15 - As mansardas no piso superior



Fig. 16 - As mansardas no piso superior

Ainda no piso inferior, além das paredes parcialmente demolidas para a realização de acessos ao exterior e ampliação dos espaços interiores, a maior intervenção encontrar-se-á na alteração efectuada às salas e correspondente corredor com acesso pela rua dos Bragas. Este facto foi já justificado e prende-se com a questão do edifício industrial se apresentar como algo relevante pelo seu esqueleto em primazia e pouco pelos seus retoques finais, devido à liberdade de intervenção que este apresenta na sua amplitude e geral simplicidade. Estes escritórios não contêm no seu interior qualquer tipo de trabalho em estuque nem possuem um desenho especial extraordinário. São até pouco práticos actualmente, com um pé direito consideravelmente elevado e, no caso de um deles - antiga sala de reuniões - luz natural apenas numa das pontas que lhe concede um certo ambiente de túnel.
Assim, pretender-se-ia utilizar nestes espaços apenas o que é de inegável valor histórico e estético; os azulejos do corredor da entrada e a madeira de elevada qualidade do lambril da sala de reuniões. Os primeiros seriam recolocados no corredor agora de acesso aos ateliês, uma vez que estes possuem acesso directo pela entrada lateral este do edifício. Já a madeira manter-se-ia nas salas que se transformam numa apenas com entradas de luz a sul e a oeste e o lambril de madeira recolocado a todo o seu perímetro. As portas de entrada no edifício e de saída do corredor manter-se-iam como delimitadores da sala, com especial relevância dada à segunda onde consta na cantaria que a envolve o nome da Companhia e a data de fundação, assim como um C e um A esculpidos em ferro por sobre o vidro em ambas as folhas da porta.

. o existente – ecologia e sustentabilidade

"Pormenores arquitectónicos de interesse: arcarias, escadarias, instalações para máquinas, compartimentos dimensionados para determinadas tarefas, corredores, janelões permitindo grande luminosidade e arejamento das oficinas. (...) (demonstram a) preocupação existente de construir um local de trabalho com condições satisfatórias de higiene e salubridade (apesar das criticas no Inquérito Industrial de 1881), criando boas condições ao desempenho de um trabalho onde o calor é por vezes insuportável."[4]

Os seus espaços são de origem esteticamente atractiva para a maioria das pessoas, com a sua entrada controlada de luz e consequente aura de mistério. As mansardas potenciam espaços de trabalho com um aproveitamento ideal da luz natural pelo que induzem à sua repetição. A pedra e a madeira em conjunto fazem do espaço algo de pertencente ao local e assim abraçam o Homem que o visita. São, também, materiais resistentes e duradouros o que os faz de importante preservação e de forte apoio económico à reabilitação. Sendo estes materiais a manter, tornar-se-á relevante a definição e justificação dos novos materiais no sentido em que não se confundam com os antigos.

4 SAMPAIO, Maria da Luz, *Arqueologia Industrial,* IV Série, Vol. II, nºs 1-2, 2006



Fig. 17 - O armazém de retém (vista sul)



Fig. 18 - As asnas do piso superior em madeira Riga



Fig. 19 - Carris para o transporte de mercadoria percorrem quase todas as instalações



Fig. 20 - O lajeado em granito do pátio

. os novos materiais

Os materiais a incluir nesta nova intervenção devem seguir dois princípios: em primeiro lugar, a actualmente tão referida sustentabilidade, através da procura de materiais locais e ecológicos na sua durabilidade; por outro lado, devem servir como alusão à memória do local. Nesse sentido pressupõe-se, primeiro, um óbvio contraste com o existente realçando a relação de opostos novo vs velho e, simultaneamente, a escolha de materiais alusivos à memória do laboro do edifício. Sabendo-se que os ofícios aí praticados se relacionavam inicialmente com metais e, posteriormente, com madeira, estes deveriam ser a base de qualquer nova intervenção. No caso específico, e porque a madeira já tem uma forte presença no local, a escolha tenderá preferencialmente pelo uso de metais.
O ferro é um dos mais acessíveis e o de tratamento envelhecido de agradável estética. Assim, este ver-se-á incluído nas intervenções como sejam as caixas de escadas, os módulos de comércio com saída para o pátio e com visibilidade nessa mesma fachada, e as oficinas das torres do café-concerto onde a trilogia pedra/madeira/ferro estará mais intensamente presente.
No piso manter-se-á em todo o edifício o lajeado de granito sobreposto pontualmente, por razões de conforto, por soalho de pinho nórdico, o mesmo presente no piso superior.

A beleza intrínseca aos grandes armazéns nova-iorquinos e londrinos pela sua estética semelhante é irrefutável e já esse é um paralelo difícil de encontrar no Porto ou, mais especificamente, nas instalações da Companhia Aurifícia. As possibilidades arquitectónicas de restauro, reabilitação ou reconstrução apresentar-se-iam no Porto de maior interesse e variedade de possibilidades, pelos materiais aqui existentes. Os referidos espaços nas cidades anglo-americanas são reconhecidos mundialmente pela sua tipologia, é um facto, mas apresentam por fim soluções relativamente homogéneas de restauro; se não fosse o material das paredes seriam equiparáveis à ocupação de um armazém constituído por materiais pré-fabricados numa qualquer zona industrial portuguesa. O espaço amplo e vazio torna-se numa caixa a decorar e a solução tornar-se-á, por consequência, independente dessa caixa.

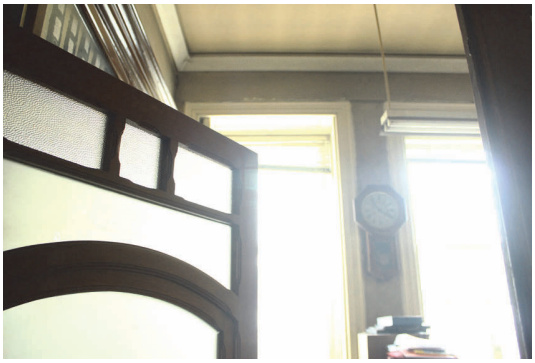


Fig. 21 - As janelas da parede sul do escritório



Fig. 22 - A porta de acesso à sala de empacotamento, local onde se propõe a única abertura do bar ao pátio principal



Fig. 23 - As mansardas do piso superior

É nisto encontrado o atractivo por excepção nos armazéns da Companhia Aurifícia pelas diferentes interpretações e reutilizações possíveis da sua construção em pedra de granito nas paredes, de madeira Riga na estrutura de suporte do telhado, de castanho nos caixilhos das janelas e de pinho nórdico no soalho. A beleza dos espaços como encontrados aquando do reconhecimento do edifício torna menos directa esta iniciativa de "decoração" de um espaço que se apresenta vazio em grandes dimensões, surgindo primordialmente uma dificuldade de opção pela intervenção que os alterará em prol do impulso de assim os manter. É, então, na análise das suas possibilidades, do contraste subsequente da inclusão de novos materiais e no consequente jogo cromático, luminoso e espacial que esta intervenção encontra o seu interesse, não respondendo como nos outros exemplos a estigmas ou reconhecimento imagético da estética dos espaços.

. a iluminação

No compartimento com frente para a rua dos Bragas, a iluminação far-se-á pelas janelas existentes. Já na área de comércio estas serão ampliadas e transformadas em portas, para além de acrescentadas em número.
Sendo a iluminação uma das razões primordiais para a definição do programa, idealmente conseguida através das mansardas e falta dela nos espaços mais recatados, esta apresenta-se como a mais relevante motivadora da intervenção. A opção por determinados espaços mais iluminados do que o original e os métodos utilizados para esse efeito, prendem-se com uma necessidade de poupança energética e consequente sustentabilidade do edifício, questões primordiais na arquitectura contemporânea.
Esta opção tenta, no entanto, não arruinar as características originais do espaço e o seu inerente mistério pela introdução de novos tipos de barreiras ou jogos de luz indirecta. No espaço de co-working, a utilização de luz zenital controlada e indirecta pela utilização de superfícies brancas para reflexo da luz natural que entra pelas mansardas, originalmente chamadas de "janelas de Ourives" pela utilidade disso para o ofício, torna o espaço mais iluminado mantendo a sua aura de isolamento. Da mesma forma, as aberturas pontuais ao exterior efectuadas na parede este do edifício são controladas no seu tamanho presumindo apenas o contacto directo do interior com zonas protegidas e de forte iluminação.
Já no espaço de café-concerto, o rasgamento total de uma das paredes vê o seu impacto reduzido pela introdução de um ritmo de vigas metálicas na cobertura do novo espaço conseguido, assim como pela introdução de painéis de chapa perfurada nas novas torres que filtram a luz e dela fazem um jogo fortalecedor do impacto causado pela dimensão do espaço no terminar do percurso pelo conjunto.



Fig. 24 - A vista das instalações desde o interior da Faculdade em frente



Fig. 25 - Edifício com frente de rua

. heterogeneidade na ocupação

Depreende-se do referido até ao momento que este edifício será ocupado e visitado pelo maior e mais variado número de pessoas; os distintos programas que o irão preencher atraem visitantes constantes e pontuais, pessoas de diferentes idades, interesses e necessidades. O comércio, os ateliês, as oficinas e o café como pausa de todos e para todos, ou como palco de diferentes e variados tipos de actividades, garantem uma vida heterogénea ao espaço onde a troca cultural e de informações se apresenta como uma constante.
De igual forma, o tempo de utilização deste pavilhão relativamente aos outros apresenta-se mais longo, por ocupação matinal pelas áreas de trabalho, pela tarde pelo comércio, metade e final do dia pelo lazer associado ao café-concerto e ao longo de tudo isto (ou talvez mesmo noite dentro assumindo o preconceito) as oficinas e os ateliês dos artistas concederão ao espaço a vitalidade e o ruído que o manterão sistematicamente activo.
Esta heterogeneidade na ocupação é, além de temporal, programática, especificamente no caso da ocupação simultânea em termos temporais e espaciais do espaço café-concerto na sua relação com as torres metálicas de oficinas.

. Imagem, identificação por parte da memória colectiva

"...tradição traz às crianças um sentido de enraizamento e de pertença a uma cultura, de que têm um passado que os impulsiona para o futuro".[5]

Uma das características que distinguem este pavilhão relativamente aos outros é este ser a cara do complexo. Todo e qualquer estudante de Direito já se questionou quanto ao que existiria por detrás da parede de azulejo bordô. As mansardas e o amarelo que se avistam ao subir a rua dos Bragas contrastam com a fachada sóbria e discreta e adivinham uma história. Esta memória colectiva é necessária ao lugar. Não como "fachadismo", ou imitação para segurança da intervenção, mas para a preservação da imagem reconhecida. São estes detalhes que tornam o edifício familiar, ainda que inconscientemente, a quem hoje em dia usufrui das valências desta rua. Poucos além dos mais velhos, ali nascidos e criados, sabem o que ali existiu um dia e o que representou para a comunidade quando empregava "muita gente para a época"[6]. Essa memória colectiva dever-se-á ver contada e não preservada uma vez que já não existe. Assim, a imagem actual é o representante dessa memória colectiva e o que aqui se propõe manter.

5 VASCONCELOS, Teresa, *Ao Redor da Mesa Grande*, Porto, Porto Editora, 2005

6 Comentário realizado por um habitante da rua dos Bragas



Fig. 26 - O contraste entre o existente e o que lhe é acrescentado

Edifício no bairro Navy Yard, em Brooklyn, Nova Iorque



Fig. 27 - Do lado direito do edifício pode ver-se o portão de acesso este, actualmente inutilizado



Fig. 28 - A porta e respectivo arco com referência ao ano de fundação da Companhia. Para os azulejos propõe-se uma alteração de lugar



Fig. 29 - O lambril em madeira de pau-Brasil

Para enfatizar este princípio surge a dúvida quanto à imagem "nova", ou seja, a cara da nova intervenção no edifício. Tendo como princípio um forte contraste entre o novo e o existente de forma a assumir e tornar reconhecíveis as fases do edifício, surge a necessidade de tornar essas fases possuidoras de uma forte identidade. Este contraste tem que vir acompanhado de uma assinatura, um laço comum entre todas as intervenções pelo que o método escolhido surgiria na forma enfatizada do contraste originalmente descrito – a reinterpretação patente na nova intervenção é o realçar das suas diferenças relativamente ao original. As formas rectilíneas, os materiais escolhidos e diferentes dos originais, a forma das novas mansardas, etc., são a imagem da nova intervenção que segue, no entanto, os delineamentos originais do edifício e que dele são imagem para que assim lhe pertençam, à semelhança do que aqui foi valorizado no trabalho da arquitecta Lina Bo Bardi no SESC Pompeia, em S. Paulo.

Um dos momentos mais marcantes da entrada actual no edifício em estudo é o pequeno corredor com o azulejo azul e branco nas paredes. Como momento final deste corredor encontra-se a grande porta de duas folhas. Sobre esta porta, o arco de volta perfeita em alvenaria de granito tem pintada a negro uma escritura que fornece a informação relativa ao edifício - "Companhia Aurifícia fundada em 1869".
Este arco e porta seriam, indubitavelmente, de manter pela responsabilidade que têm inerentes de identificação de tempo e memória.
Esta sofre uma alteração de localização, pelo facto do corredor que a precede não ser necessário com tão grande comprimento e apresentar-se necessária a redução de tamanho da actual sala de reuniões. Sendo este um ponto de viragem entre público e privado, esta porta manter-se-ia, no entanto, na separação entre este corredor e o espaço de ateliês co-working, pois aí continua, ainda que novo e de outro tipo, um espaço de produção.
Assim, este espaço com frente para a Rua dos Bragas será de alguma forma um espaço de uso público priveligiado como a face da intervenção, já que sua área ocuparia toda a largura de frente do edifício até ao novo limite de localização da porta.
O interior deste compartimento mantém o lambril de madeira pela elegância que atribui ao espaço, enfatizando-o, em conjunto com a referida porta, na sua função de face e apresentação do edifício intervencionado.



Fig. 30 - A autoria do arco é atribuída ao arquitecto Marques da Silva e do busto ao escultor Teixeira Lopes



Fig. 31 - As janelas nesta zona do edifício serão transformadas em portas para uma maior e directa relação entre o pátio e as áreas comerciais



Fig. 32 - A última porta será ampliada para acesso ao bar



Fig. 33 - A última porta será ampliada para acesso ao bar

Do mesmo modo, os azulejos anteriormente peças decorativas do corredor têm agora nova localização e função decorativa. A função de corredor é perdida pela falta de sentido que teria, já que o acesso aos ateliês é agora feito pelo acesso exterior este do edifício, acesso este que por fim lhe vê função atribuída. Uma vez entrando neste espaço de ateliês pelo seu acesso exterior, a parede sul, limite com o compartimento de comércio para a rua, terá um lambril efectuado com os azulejos retirados do antigo corredor.
Com isto pretende-se realçar o contraste entre o novo, representante da época de intervenção através da utilização de materiais como o ferro e o vidro na execução de elementos verticais – escadas – e espaços exteriores encerrados, em contraste com o antigo e existente, como sejam os azulejos, o soalho em pinho nórdico e a estrutura do edifício em madeira de Riga. Estes elementos manter-se-ão visíveis juntamente com a pedra estrutural das paredes, onde pontualmente se efectuarão aberturas a aceder aos já referidos novos espaços exteriores ao edifício existente mas encerrados.

. A relação interior/exterior ou privado/público

Este edifício surge como *passarela* para a travessia entre uma rua consideravelmente movimentada e o centro do complexo industrial, indubitavelmente considerado o seu melhor momento – o arco do Arq. Marques da Silva com o busto autoria do escultor Teixeira Lopes e o pavilhão central da serralharia. Os programas que ocupariam estes edifícios são menos variados pelo que o percurso até eles deveria ser de algum modo "guiado". É nesta situação que surge o tema da relação entre interior e exterior. Já foi anteriormente justificada a razão pela escolha de variados programas para o edi-fício e pela qual dentro do mesmo existe um percurso com um final amplo e agradável servindo como moldura do que vem a seguir. Este percurso em direcção ao arco que surge no final é algo a manter, servindo, assim, o espaço de café-concerto como ponto de descanso mas não como ponto final. Já relativamente ao pátio lateral ao edifício com abertura à rua dos Bragas foi também explicado como a sua relação entra-e-sai com os espaços de comércio tem o objectivo de promover o movimento de pessoas neste que seria um espaço público como alargamento da rua e não como apêndice a esta. O espaço de café-concerto não tem com este pátio uma relação tão directa pelo objectivo referido anteriormente – é intenção fortalecer a sua relação com os restantes espaços da macro-proposta e não prendê-lo ao edifício onde se inclui.



Fig. 34 - A parede norte do edifício



Fig. 35 - A parede este do edifício e de sustento de terras que se encontra, por isso, em condições deterioradas

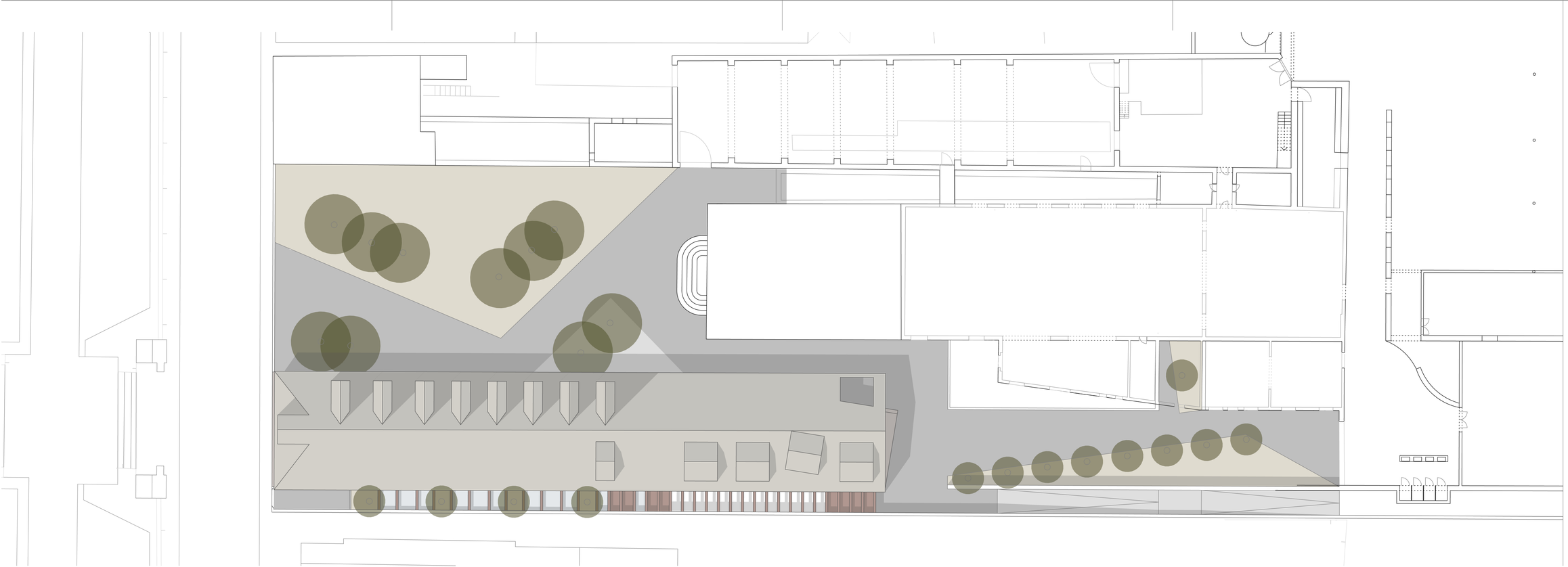
Fig. 36 - A mansarda da fachada principal do edifício



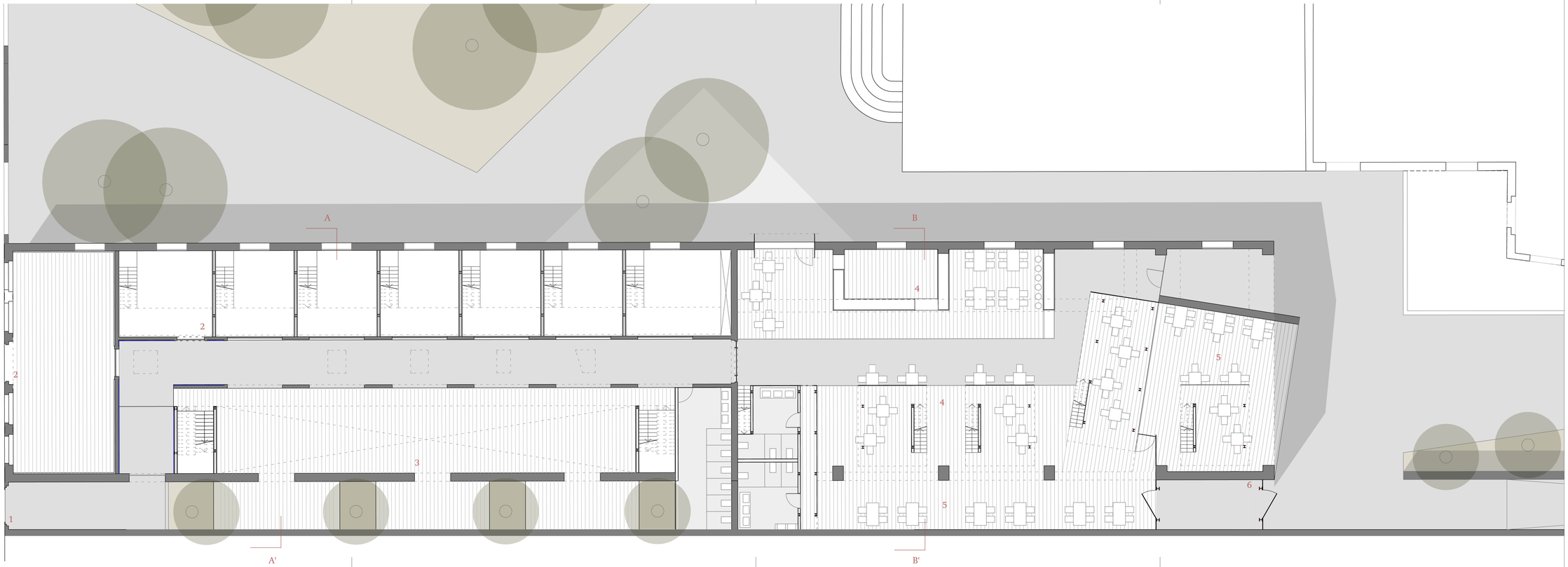
A nova entrada, ou final do percurso efectuado no interior do edifício intervencionado, corresponde a uma intervenção um pouco mais arrojada em termos visuais.
Dado que o alçado norte do edifício não parece ter alguma vez sido previamente desenhado, optar-se-ia pela sua não-preservação em prol do planeamento de um novo alçado correspondente às funções aí a desempenhar. Assim, há uma divisão deste espaço entre esplanada (interior e exterior) e percurso que é notoriamente demarcada pelo jogo de cheios e vazios no alçado correspondente. Uma parede é acrescentada neste momento de divisão indicando o sentido do percurso de entrada/saída da zona de bar. Esta será constituída pela pedra sobrante após a demolição de grande parte da parede este neste compartimento do edifício, encontrando-se assim a possibilidade de a colocar noutro sítio. Também nesta zona de percurso parte do telhado será removido com o objectivo de criar um poço de luz indicador do espaço como de movimento.
Não sendo a parede limite das esplanadas interior e exterior uma parede receptora de iluminação natural, os cheios e vazios desta terão uma razão primordialmente visual, ou seja, existirão de acordo com o que se pretende permitir visualizar desde o seu interior.

Assim, este edifício apresenta uma graduação na sua relação com a envolvente, mantendo a sua imagem na sua relação com a rua dos Bragas, pelo interesse no seu reconhecimento, aumentando o atravessamento interior/exterior no contacto com o pátio central das instalações e criando dois momentos – o de estar e o de indução ao percurso – na frente com o edificado restante.

Em seguida, os desenhos e imagens bi e tridimensionais da proposta individual para este pavilhão das instalações da Companhia Aurifícia.



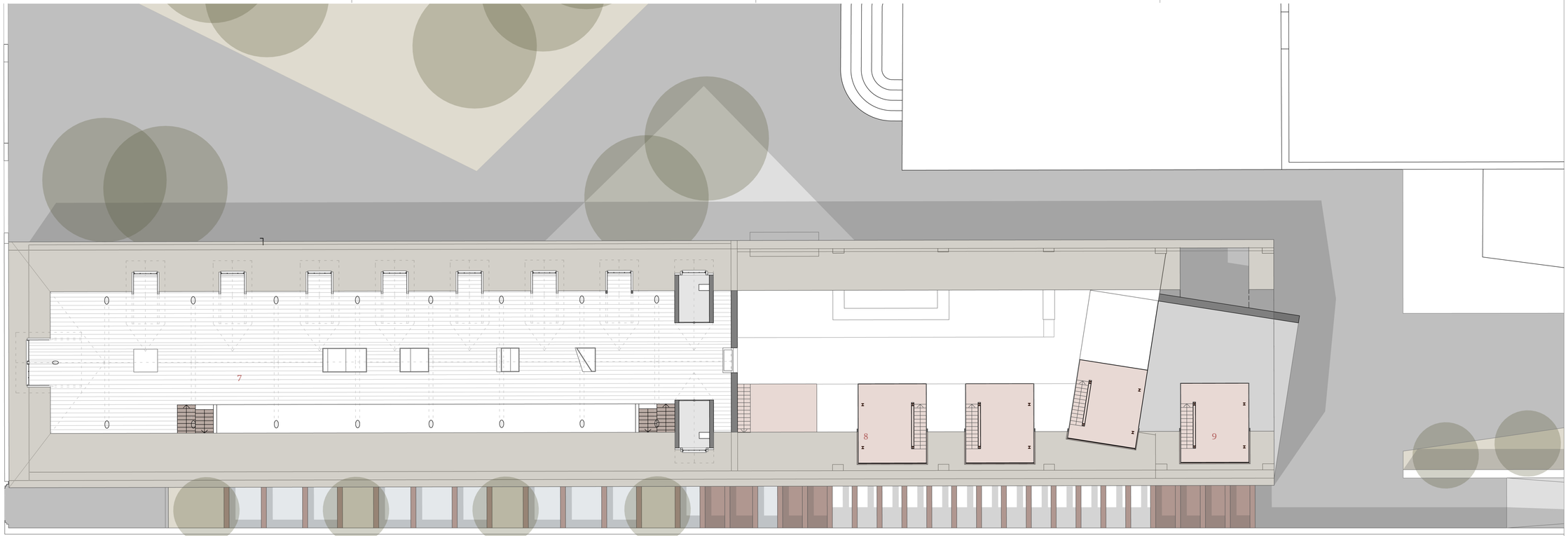
Planta Cobertura // Esc. 1/200



Legenda:

1 - Entrada lateral para Ateliês e espaços Co-working
2 - Áreas destinadas a espaços comerciais
3 - Ateliês / Co-working
4 - Bar
5 - Esplanada
6 - Arrumos mercadorias

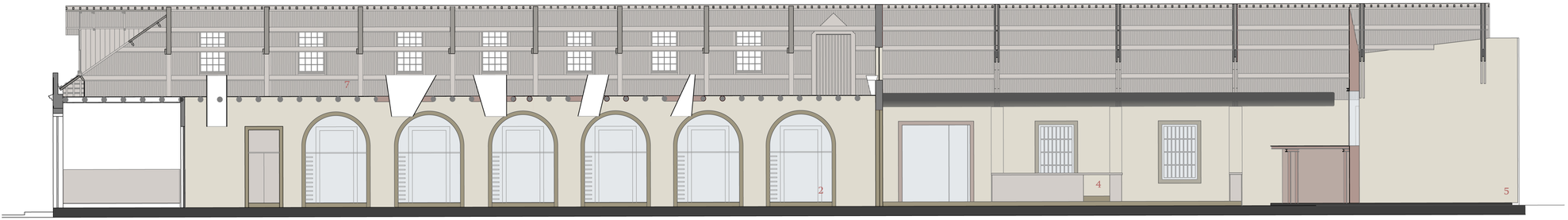
Planta piso entrada // Esc. 1/100



Legenda:

7 - Ateliês / Co-working
8 - Ateliês / Oficinas
9 - Esplanada / Terraço

Planta 2º piso // Esc. 1/100





Legenda:

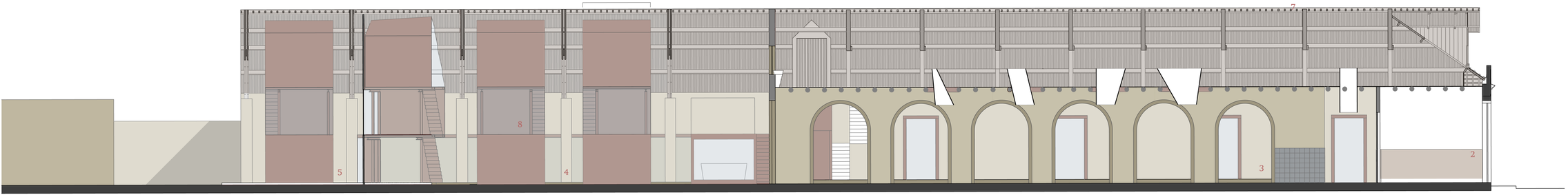
1 - Entrada lateral para Ateliês e espaços Co-working
2 - Áreas destinadas a espaços comerciais
3 - Ateliês / Co-working
4 - Bar
5 - Esplanada
6 - Arrumos mercadorias
7 - Ateliês / Co-working
8 - Ateliês / Oficinas
9 - Esplanada / Terraço

Corte Longitudinal Este/Oeste
Esc. 1/100

Asnas em madeira de pinho nórdico estão em toda a fábrica.
Por entre estas e o isolamento do telhado, de forma a escondê-lo, colocarse-ão estreitas ripas da mesma madeira (nobre) com a direcção oposta ao soalho. Isto induzirá menos movimento do que se colocadas na outra direcção.
Porque o pinho nórdico é uma madeira nobre e oportunamente clara para a disseminação da iluminação, nenhum destes elementos terá outra cor que a natural, sendo apenas aplicado um tratamento de protecção da madeira.

As novas mansardas funcionam como torres que espreitam através do telhado. No piso térreo estas são a transição entre o bar no interior do edifício e uma esplanada coberta por uma pérgola de estrutura metálica em ferro envelhecido, material igualmente utilizado na estrutura das torres.

Alçado Longitudinal Este/Oeste
Esc. 1/100





Legenda:

1 - Entrada lateral para Ateliês e espaços Co-working
2 - Áreas destinadas a espaços comerciais
3 - Ateliês / Co-working
4 - Bar
5 - Esplanada
6 - Arrumos mercadorias
7 - Ateliês / Co-working
8 - Ateliês / Oficinas
9 - Esplanada / Terraço

Corte Longitudinal Oeste/Este
Esc. 1/100

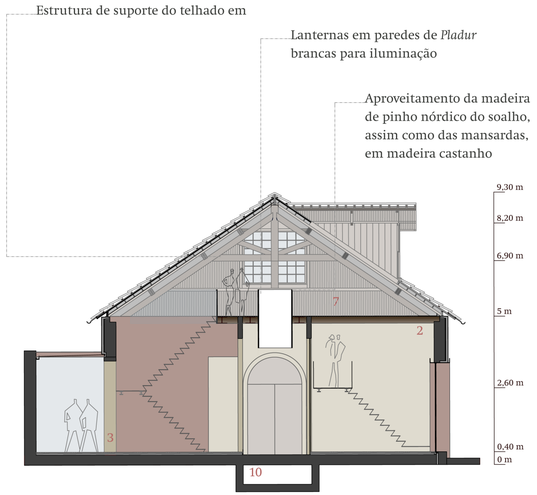
Os lanternins no corredor permitirão a entrada e distribuição de luz em locais mais obscuros; o soalho em pinho nórdico ajuda também no controlo da claridade do espaço.
As mansardas fazem parte da memória colectiva actual e representam o local onde os ourives (origem da nomenclatura "Aurificia") tinham luz natural mas os seus meticulosos trabalhos; já as cores da fachada oeste não se sabe quando foram assim definidas mas o amarelo e o negro são já imagem de marca.
Por questões térmicas/poupança de energia o isolamento exterior é de extrema utilidade neste edifício e o não alargamento da parede para o interior também ajudará no aproveitamento do espaço. Assim, por fora a pintura esconderá um isolamento térmico ficando a parede em alvenaria de granito à vista no interior;

Alçado Longitudinal Oeste/Este
Esc. 1/100

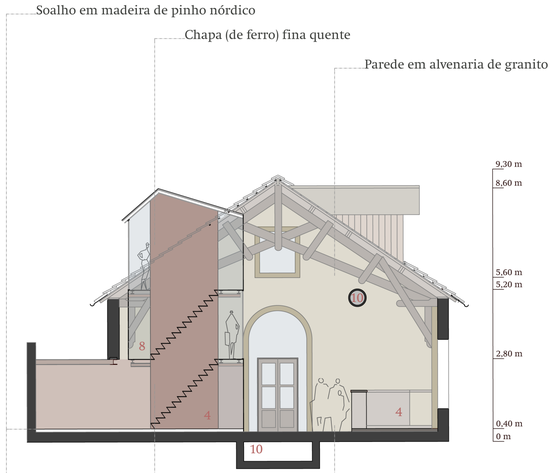
Alçado Sul // Esc. 1/100



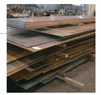
Corte AA' // Esc. 1/100



Corte BB' // Esc. 1/100

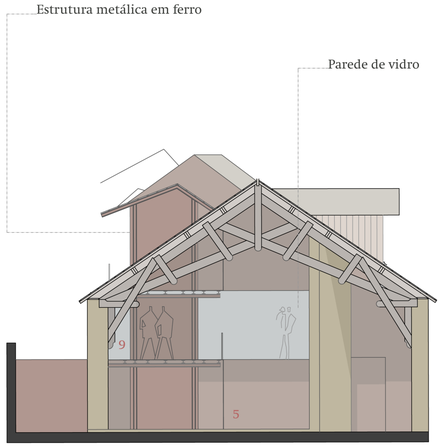








Alçado Norte // Esc. 1/100



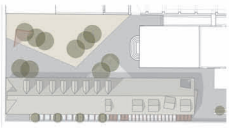
Legenda:

1 - Entrada lateral para Ateliês e espaços Co-working
2 - Áreas destinadas a espaços comerciais
3 - Ateliês / Co-working
4 - Bar
5 - Esplanada
6 - Arrumos mercadorias
7 - Ateliês / Co-working
8 - Ateliês / Oficinas
9 - Esplanada / Terraço
10 - Galeria Técnica

Módulo mínimo de comércio: uma alteração da lógica de espaço mínimo necessário. O elevado pé-direito pode agora ser dividido em dois pisos.

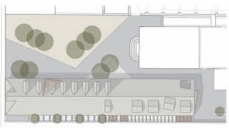
Existe a possibilidade de alargamento do espaço loja para o equivalente a dois ou mais módulos, através da simples remoção das paredes divisórias.

Cortes Tranversais // Esc. 1/100



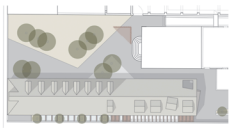
. Comércio;
acesso desde o
Pátio de entrada



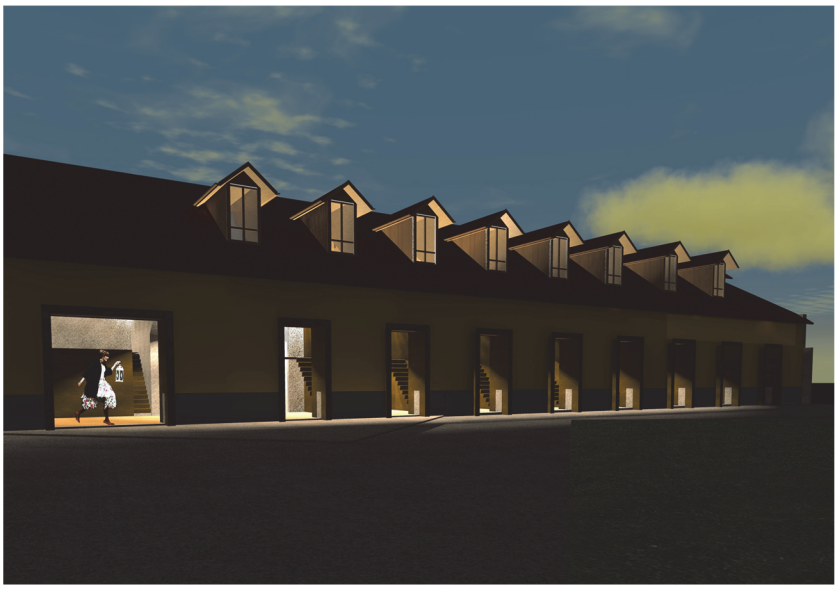


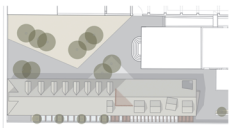
. Comércio;
espaço do
mezanino





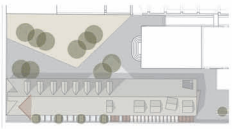
. Comércio e entrada para o espaço de café-concerto; acesso desde o Pátio de entrada



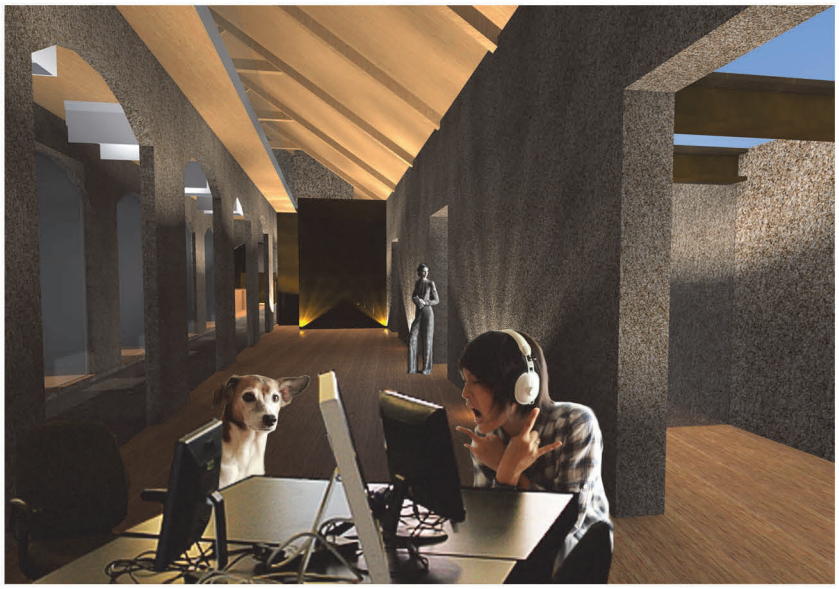


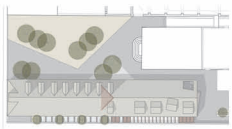
. Interior do espaço café--concerto e torres das oficinas





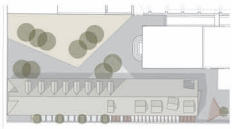
. Ateliês e co-working; vista sul/norte no piso inferior





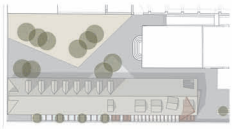
. Ateliês e co-working; vista norte/sul no piso superior



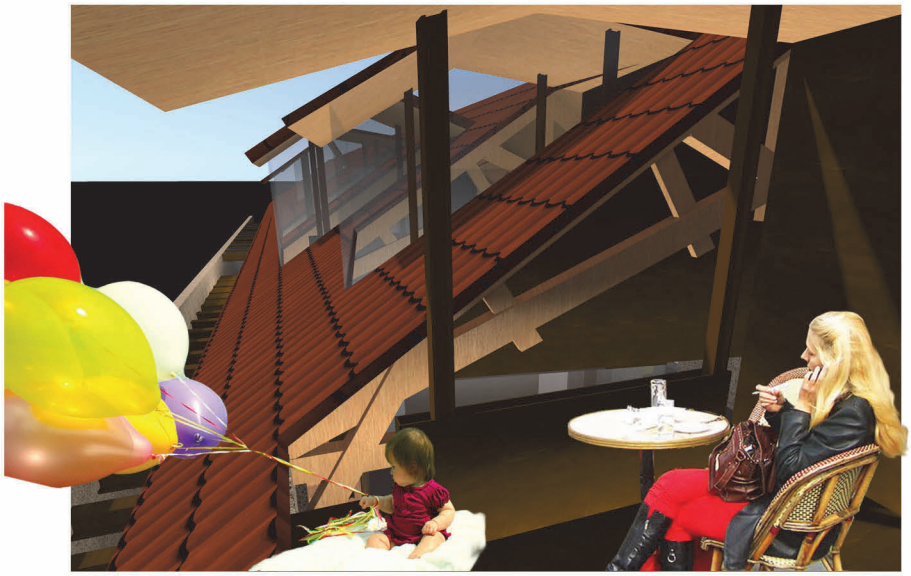


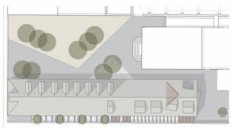
. Espalanada do café-concerto no topo norte do edifício e torres das oficinas



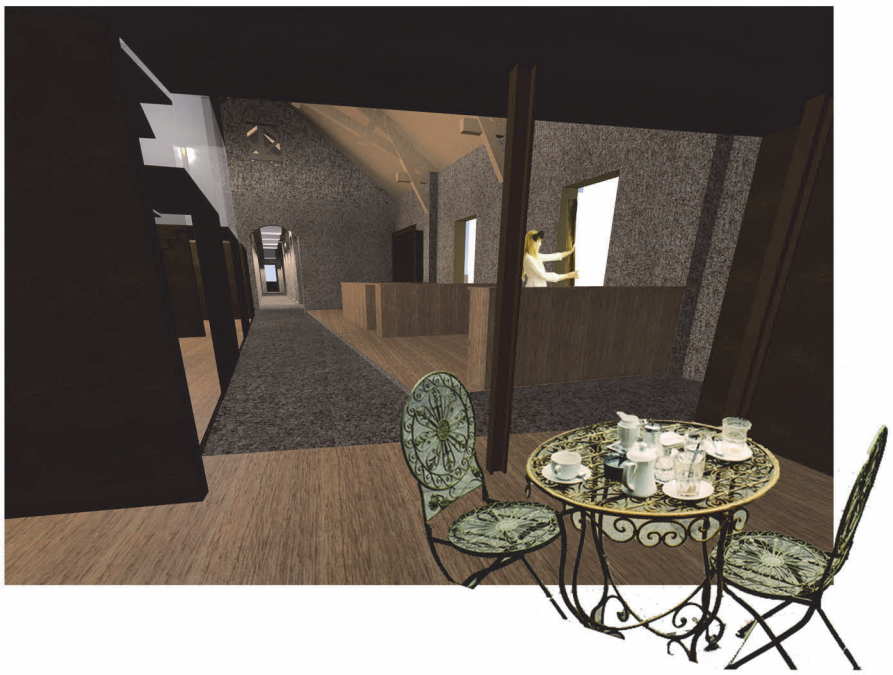


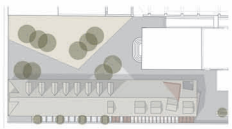
. Mansardas relativas às torres das oficinas





. Café-concerto;
vista norte/sul





. Café-concerto e
torres de oficinas



. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram razões tipológicas as que inicialmente me levaram a uma investigação pormenorizada da reabilitação de edifícios construídos por motivos industriais. Os *lofts* de Nova Iorque assim como o Tate Modern Museum, em Londres, são ainda os exemplares máximos dessa tipologia. O tipo de intervenção com base no contraste **construção existente / nova execução** é, também, a maior influência para a proposta individual apresentada.

Foi, no entanto, o facto de ter passado por um reconhecimento profundo da história da cidade do Porto e da sua formação aquilo que de maior relevância se apresentou para o entendimento dos entraves a iniciativas que numa primeira análise se apresentam tão óbvias porque tão necessárias.
Durante a execução desta dissertação foi efectuada uma pesquisa teórica sobre o crescimento da cidade do Porto com enfoque no bairro onde se insere o caso de estudo. Em paralelo, houve um contacto quase diário com habitantes da cidade interessados no tema da sua reabilitação e com turistas ou visitantes pontuais que acompanhei em passeios pela cidade, apresentando-a como a interpreto pessoalmente. Estes últimos interrogam-se constantemente sobre o que se passará nesta cidade quase fantasma, pelo que o tema foi de grande envolvimento pessoal ao longo do ano com o objectivo de lhes apresentar uma explicação concisa e coerente.
Não há justificação possível, mas várias interpretações: as rendas congeladas do tempo da ditadura; a Câmara Municipal do Porto com as suas regras permissivas e protectoras de proprietários, por quanto considera abandonado um edifício apenas passados dois anos da falta de pagamento das respectivas contas ou no caso de apresentar perigo para a segurança pública[1]; a ocupação do centro histórico da cidade efectuada tradicionalmente por uma classe social de baixos recursos económicos que, não podendo cuidar dos edifícios, os deixa cair em ruínas; a influência dos costumes burgueses numa cidade onde esta classe tem tanta influência – o aspecto exterior da casa é pouco relevante se a única demonstração de riqueza está nos acabamentos presentes no seu interior; uma sociedade, a portuguesa, onde a relação com o passado subsiste em sentimentos de nostalgia, apresentando-se a habituação à cidade triste e abandonada como identidade e personalidade de um povo; entre outras.

Toda esta procura de razões para o estado actual que a cidade apresenta foi posta em causa em conversas desprendidas de qualquer tipo de interesse pessoal, económico ou político.

1 Informação recolhida pessoalmente em Maio de 2012 na Câmara Municipal do Porto; O primeiro item é fácil de debater com um simples contrato com os Serviços Municipais de Águas e o segundo difícil de comprovar já que está quase sempre escondido pela fachada destes edifícios, frequentemente uma das suas paredes estruturais.

Das várias sugestões e novas teorias consequentes foi executado esse paralelismo com a história documentada nos livros ou romantizada pelos locais, de extrema relevância para a compreensão do tipo de intervenção desejado, necessário e exequível nas instalações da Companhia Aurifícia.

Mostrou-se imprescindível o envolvimento por parte de um elevado e variado número de entidades, de diversos princípios políticos e económicos, assim como de diferentes classes sociais, para a execução de um projecto de manutenção imparcial da memória, sem recorrer a influências pontuais que o facilitariam. No entanto, não pareceu este envolvimento ser viável na sociedade portuense actual, não disposta a agir sem garantias de retorno.

Perceber e estudar a cidade do Porto para com isso aumentar as possibilidades de algum tipo de participação activa na sua melhoria, foi-se apresentando ao longo do primeiro capítulo de primordial necessidade. Além do já referido leque de possíveis razões para o abandono da cidade do Porto – mais ou menos adaptáveis ao estado de iminente ruína das instalações da Companhia Aurifícia – outro ponto sobressaiu neste estudo: a demora na resposta às necessidades da cidade é algo cultural e enraizado na sociedade portuense. A importância atribuída ao abandono da cidade[2] é algo recente e com influências externas (como seja o turismo) apesar de este estado ser já antigo e por muito tempo considerado "natural". De igual forma, a cidade cresceu e desenvolveu-se sempre como industrial e burguesa um pouco mais tarde que os seus vizinhos europeus, sendo o caso inglês o mais flagrante. Tal afirmação foi confirmada quando se procedia à pesquisa de informação sobre o Porto como cidade industrial. A falta de investimento na manutenção e recuperação da cidade contemporânea apresenta um paralelo com a da sua criação: lenta, desregrada, inconsequente e individualista.

Mais do que acelerar processos para os quais a sociedade portuguesa e portuense não esteja talvez preparada, entender o seu ritmo de acção poderá ser o mais relevante. A destruição geral já efectuada no interior dos quarteirões do centro histórico da cidade é provavelmente a melhor representante de uma intervenção por interesses económicos de uma minoria em detrimento da qualificação espacial, social e cultural da cidade. – "*The world becomes a hedonistic but meaningless visual journey.*"[3]

É neste campo comprovada uma vertente social da arquitectura, tantas vezes salientada ao longo da história, que leva esta disciplina a algo mais e complementar ao desenho do espaço a habitar.

Desta igualdade surge na análise de referências internacionais uma nova procura: além da aprendizagem de técnicas de desenho e intervenção, aproveitou-se também para detectar e avaliar padrões de comportamento nos intervenientes.

2 São disto exemplo situações como o projecto *Arrebita Porto*, denominado "projecto de reabilitação a custo zero" e proposto por um português a habitar em Viena; assim como o elevado número de hotéis e *hostels* instalados em edifícios muitas vezes antes desocupados, abandonados ou até mesmo em ruínas.

3 PALLASMA, Juhani, *The eyes of the skin – Architecture and the senses*, Grã-Bretanha, Wiley-Academy, 2005, Pg. 22

Um elemento sobressai de forma curiosa: o da barreira cultural e de mentalidade relativa à antiguidade da industrialização portuguesa, uma vez que a questão industrial foi um tema relativamente curto no meio dos acontecimentos criadores da nossa nacionalidade. Como exemplo, em Inglaterra apresenta uma grande característica da identidade nacional, sendo que nos Estados Unidos a força económica que a industrialização ajudou a atingir é o ponto mais relevante da sua curta história. A mentalidade portuguesa parece estar vocacionada para preservar outro tipo de memória quiçá mais representativa para a sua história do que a curta influência da industrialização. A glória do passado está, então, noutras situações urbanas, que não as pequenas ilhas perdidas pela cidade e menos ainda os edifícios industriais a elas um dia associados.
Sem a percepção da cidade como um todo construído ao longo dos tempos, não se apresentará viável a participação por parte de toda a comunidade no processo da preservação de parte da sua identidade, no caso, a industrial.

Como descoberta do estudo efectuado ao longo desta dissertação, outro factor se apresenta como complementar e indispensável a esta necessidade de alteração da mentalidade – a especificidade e interesse arquitectónico do edifício-fábrica portuense (ou talvez até português ou ibérico). A chave para o aproveitamento de instalações um dia industriais apresenta-se, nos exemplos recolhidos, na interpretação destes edifícios como caixas ocas onde todo o imaginário se converte em possível. É, no entanto, na sua especificidade arquitectónica em relação aos edifícios-tipo impulsionadores do interesse pessoal no tema, os anglo-americanos, que os exemplares portuenses ganham o que talvez não lhes seja atribuído no interesse histórico.
Os métodos construtivos destes edifícios e a sua estética apresentam-nos como autênticas obras de arte, devido ao recurso a materiais de qualidade, com forte identidade do local. O neoclassicismo decorrente da influência inglesa a partir do séc. XIX e o forte enriquecimento até ao início do séc. XX, como comprovado pelos edifícios construídos nos anos 20 na Avenida dos Aliados, farão parte das razões para a execução destas instalações industriais como aqui aconteceu. A pedra local e a importação de madeira de qualidade do Brasil ou do Norte da Europa completam este quadro da elevada qualidade da construção.

A já referida necessidade de envolver no processo várias entidades é, em conjunto com o atrás referido, a causa do programa proposto. Um programa variado e complementar que é, como analisado, essencial tanto no sentido de atrair investidores como de garantir a sobrevivência e manutenção do espaço. Esta heterogeneidade refere-se à proposta apresentada para as instalações devido ao seu tamanho, mas reflecte-se numa escala de cidade onde cada programa deve ser aplicado de acordo com as necessidades da sua envolvente,

tentando–se ao máximo escapar à solução mono-programática ainda que esta, porque já testada, se apresente de baixo risco – metodologia aplicada sobremaneira na cidade do Porto, tendo como exemplo contemporâneo o caso das unidades hoteleiras.

A ideia funcionalista de Le Corbusier da casa como "máquina de habitar" tem aqui o seu desafio, na reinterpretação do invólucro dessa máquina.
Apresentar-se-ia, então, de enorme realização pessoal a possibilidade de execução de um projecto como este na cidade do Porto, na sua metodologia (e não no seu desenho) comprovativo da alteração de uma sociedade que tanto se queixa de nunca mudar. Esta proposta individual é como consequência de toda uma tentativa de entendimento cultural procurando o reconhecimento nos materiais e na imagética do espaço como atractivo para a participação e aceitação da comunidade local. As portas que se foram fechando ao longo do processo comprovam a falta de abertura da sociedade a quem o projecto se destinava para o acolher, embora algum despertar de consciências tenha parecido acontecer no caminho, o que ficará como motivação ou esperança de ver um dia nascer uma nova cidade, nostálgica mas, ainda assim, cuidada (ou cuidadosamente planeada).

. BIBLIOGRAFIA

Nota Final: O texto do corpo principal da dissertação é apresentado todo em português (não se aplicando ainda as normas do novo Acordo Ortográfico). Foram traduzidas, pela autora, as citações originalmente em outras línguas quando necessárias para melhor compreensão dos textos.

BEAUVOIR, Simone de, *El segundo sexo, Madrid, Aguilar S.A. de ediciones, 1981*

BLANCO, Manuel Jesús Ramírez, *Técnicas de intervención en el patrimonio arquitectónico*, Valência, Editorial UPValência, Novembro 2006

BESS, Philip, *Toward a Renewed Culture of Building*, Witherspoon Institute, June 2010

CORBUSIER, Le, *Vers une architecture*, Paris, G. Crès et Cie, 1924

COOKE, Lynne; Govan, Michael, *Dia : Beacon*, Nova Iorque, Dia Art Foundation, 2003

CANTACUZINO, Sherban, *Nuevos usos para edifícios antiguos*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S.A., 1979

CORDEIRO, José Manuel Lopes, *Empresas e empresários portuenses na segunda metade do século XIX, Análise Social, vol. XXXI* (136-137), Porto, 1996

CUSTÓDIO, Jorge, *A Máquina a Vapor de Soure; um património industrial da Fundação Belmiro de Azevedo*, Porto, Edição Fundação Belmiro de Azevedo, 1998

DEMCHAK, Gregory L., *Towards a post-industrial architecture: Design and Construction of Houses for the Information Age*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura apresentada ao Massachusetts Institute of Technology, Junho 2000

FARO, Rute Santos de Castro Lopo e, *O Porto na berlinda, Memórias de Alberto Pimentel*, Dissertação de Mestrado em Literaturas Românicas apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Fevereiro 2005

FERRÃO, Bernardo José, *Projecto e Transformação urbana do Porto na Época dos Almadas, 1758/1813, Uma contribuição para o estudo da cidade pombalina*, Porto, FAUPpublicações, 1997

GALEANO, Eduardo, *Las venas abiertas de America Latina*, Montevideo, Catálogos, 1971

LEVENE, Richard; Cecilia, Fernando Márques, *Herzog & de Meuron : 1981-2000*, Madrid, El Croquis, 2005

LOPES, David F. O., *Relações entre o Processo Urbano e o Processo de Industrialização no Porto - A rua dos Bragas e a Companhia Aurifícia*, Porto, FAUP, 1988

MAGALHÃES, Maria Madalena Allegro, *A indústria do Porto na primeira metade do séc. XIX,) Revista da Faculdade de Letras GEOGRAFIA*, I Série, Vol. IV, Pg. 111 - 154, Porto, 1988

MARINHO, António Luís, *1961, O ano horrível de Salazar*, Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2011

MATOS, Fátima Loureiro de; Rodrigues, Rosa Maria Veloso Vieira, *As ilhas do Porto: Lugares de Resistência*, FLUP, in *OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia*, Vol. I, nº1, Janeiro 2009, Pg. 33-57

MATOS, Fátima Loureiro de, *Os bairros sociais no espaço urbano do Porto: 1901-1956, Análise Social, vol. XXIX (127)*, Porto, 1994

MEYER, Han, *City and Port – tranformation of Port Cities: London, Barcelona, New York, Rotterdam*, Roterdam, International Books, 1999

MÓNICA, Maria Filomena, *Indústria e democracia: os operários metalúrgicos de Lisboa (1880-1934), AnáliseSocial, vol. XVIII (72-73-74)*, Porto, 1982 - 3

MOORE, Rowan; Ryan, Raymund, *Building Tate Modern: Herzog & De Meuron transforming Giles Gilbert Scott*, Tate Gallery, 2000

MORAES, A. C. da Cunha, *Os melhoramentos da cidade do Porto*, Porto, Typographia Pereira, 1916

NEVES, Pedro José Marto, *Grandes Empresas industriais de um país pequeno: Portugal. Da década de 1880 à 1ª Guerra Mundial*, Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Doutor em História Económica e Social, sob a orientação científica do Professor Doutor Carlos Bastien, Lisboa, UTL e ISEG, Janeiro 2007

OLIVEIRA, Joaquim Morais (Arquitecto), *A Fábrica de Lanifícios de Lordelo,* Texto cedido pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

PALLASMA, Juhani, *The eyes of the skin – Architecture and the senses*, Grã-Bretanha, Wiley-Academy, 2005

PIRES, Maria do Carmo Marques, *A Rua Álvares Cabral (1895-1940), Formas de Habitar*, Porto, FAUP, 2000

PIRES, Maria do Carmo Marques, *(Com)passos num espaço de nós.* A Rua Álvares Cabral, Revista da Faculdade de Letras CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO,* I Série vol. III, Porto, 2004, Pg. 217 - 235

RAMOS, Luís A. de Oliveira, *História do Porto*, 3ª Edição, Porto, Porto Editora, 2000

RAMOS, Ricardo, *Reabilitação de Edifícios Industriais como Museu*, sob orientação da docente Doutora Maria Calado, Lisboa, FAUTL, Novembro 2011

RICARDO, Francisco J., *Framing Locative Consciousness*, disponível em http://dichtung-digital.mewi.unibas.ch/2009/Ricardo/index.htm [Consultado em Maio 2012]

SAMPAIO, Maria da Luz, *Arqueologia Industrial,* IV Série, Vol. II, nºs 1-2, 2006

SAMPAIO, Maria da Luz; Monteiro, Cláudia, *O Acervo de Manuel Pinto de Azevedo no Museu de Indústria contornos e possíveis usos de um Sistema de Informação Familiar/Empresarial*, Porto, Museu da Indústria do Porto, Maio 2011

SILVA, César Santos, *A tradição industrial do Porto,* Texto cedido pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

SILVA, César Santos, *As tradições operárias do Bairro da Fontinha,* Texto cedido pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

VALE, Clara Pimenta do, *Reabilitação de edifícios - textos de apoio à disciplina homónima leccionada na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto no ano lectivo 2011/2012*, Porto, Faup, 2011

VASCONCELOS, Teresa, *Ao Redor da Mesa Grande*, Porto, Porto Editora, 2005

VELASCO, Fernando Castillo, *Un ejemplo de labor municipal: La Reina. Gobierno, municipio y pueblo: Integrados en la acción*, Santiago do Chile, MINVU, 196-?

ZEIN, R. V., *Fábrica da Pompéia para ver e aprender*, in *Revista Projeto*, 1986, Pg. 56

. publicações periódicas

MODA&LIFESTYLE, Edição Nº50, Novembro, 2009

KIT03 – Património Industrial, Guia prático para a inventariação de património arquitectónico, Direitos por: IHRU, IP e IGESPAR, IP, Novembro 2010 (NOTA 1, +/- PÁGINA 50!)

Companhia Aurificia, Livros de plantas de casas, A.H.C.M.P., Agosto 1907

. referências electrónicas

http://www.ny1.com/content/top_stories/122412/once-upon-a-time-in-brooklyn–old-navy-yard-gets-restored-to-serve-the-future
http://bldg92.org/
http://saveindustrialbrooklyn.org/
http://www.meatpacking-district.com/
http://www.ruadebaixo.com/lxfactory.html
http://www.museudaindustria.org/
http://www.erih.net/industrial-history/europe.html
http://barrioycandela.blogspot.pt/2011/10/caracas-es-caracas-y-lo-demas-monte-y.html
http://isape.wordpress.com/
http://www.youtube.com/watch ?v=vnaDd_4Z86I&list=UU0uQkEAqx1uWEaJhHFnnHlw&index=106&feature=plcp
http://www.residenciasmontepio.pt/a-sua-residência- assistida/residência-monte- pio-breiner-(porto)/o-projeto. aspx
http://www.buildington.co.uk/new_developments/london_sw8/188_kirtling_street/battersea_power_station/id/497
http://www.220water.com/amenities.html
http://www.monarchlofts.com/?page_id=28
http://inhabitat.com/campstreet-lofts-is-an-artsy-adaptive-reuse-of-a-1920s-factory-in-san-antonio/
http://www.convertiblecity.de/konzept_en.html
http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2012/03/23/emigracao-em-portugal-em-2011-aproximou-se-da-registada-nos-anos-60-e-70
http://www.egodesign.ca/en/article.php?article_id=512&page=2
http://en.wikipedia.org/wiki/Animals_(Pink_Floyd_album)
http://www.nyc-architecture.com/MID/MID025.html
http://www.soho-lofts.com/

http://www.nyc.gov/html/loft/html/home/home.shtml
http://newyork.untappedcities.com/2011/07/13/the-new-york-city-that-never-was-part-iii-roadways-and-railways/
http://www.rvapc.com/works/785-the-new-domino
http://www.buildington.co.uk/new_developments/london_sw8/188_kirtling_street/battersea_power_station/id/497
http://www.urban75.net/forums/threads/london's-shoreditch-turns-into-williamsburg-circa-2005.265612/
http://www.meatpacking-district.com/
http://saveindustrialbrooklyn.org/index.html
http://www.urban75.net/forums/threads/london's-shoreditch-turns-into-williamsburg-circa-2005.265612/
http://www.villageunderground.co.uk/about
http://www.thefreedictionary.com/hype
http://www.104.fr/centquatre/qui-sommes-nous/centquatre.html
http://www.lafermedubuisson.com/L-histoire-de-la-ferme.html
http://dumbonyc.com/category/brooklyn-navy-yard/
http://bldg92.org/about/
http://www.brooklynnavyyard.org/about.html
http://www.guinness-storehouse.com/en/MemoirsOfGuinness.aspx
http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/ocupa
http://www.lxfactory.com/PT/lxfactory/
http://www.institut-lumiere.org/francais/films/1seance/accueil.htm
http://www.residentadvisor.net/promoter.aspx?id=1719
http://www.rue89lyon.fr/2012/02/29/nouveau-lieu-pour-nuits-sonores-les-anciennes-usines-brossette/
http://celladdition.wordpress.com/2011/02/14/798-art-district/
http://english.people.com.cn/90001/90782/90873/6646558.html
http://revistaorigama.com.mx/web/noticias/item/made-in-china
http://www.pegasusnews.com/news/2010/nov/04/contemporary-dance-fort-worth-barking-moon-barn/
http://www.mataderomadrid.org/entidades-asociadas.html
http://www.mataderomadrid.org/una-nueva-arquitectura-para-los-nuevos-tiempos.html (http://www.mataderomadrid.org/red-internacional.html)
http://www.mataderomadrid.org/una-nueva-arquitectura-para-los-nuevos-tiempos.html
http://www.mataderomadrid.org/alquiler-de-espacios.html
http://www.arcspace.com/architects/sejima_nishizawa/zollverein_school/zollverein_school.html
http://www.plataformaarquitectura.cl/2011/05/24/clasicos-de-arquitectura-sesc-pompeia-lina-bo-bardi/

http://ensaiosfragmentados.blogspot.pt/2011/11/grandes-obras-sesc-pompeia-lina-bo.html
http://teoriacritica13ufu.wordpress.com/
http://www.plataformaarquitectura.cl/2011/05/24/clasicos-de-arquitectura-sesc-pompeia-lina-bo-bardi/
http://www.rbpropertiesinc.com/Office-and-Retail/Canal-Square

. CRÉDITOS DE IMAGENS

CAPA
Cartaz provisório para executado por Mariana Figueiredo para o "Taina d'Ouro", festival nunca realizado, Porto, 2012

PARTE I

Fig. 1 - *Mapa do Porto antigo - Pólo tentacular maior da Região Norte, sua barra e estradas. (Câmara Municipal do Porto)*, in RAMOS, Luís A. de Oliveira, *História do Porto*, 3ª Edição, Porto, Porto Editora, 2000, Pg. 10

Fig. 2 - *Planta do Porto de George Balck, 1813 (Arquivo Histórico Municipal do Porto)*, in RAMOS, Luís A. de Oliveira, *História do Porto*, 3ª Edição, Porto, Porto Editora, 2000, Pg. 383

Fig. 3 - *Gravura do Porto. Muralha do séc. XIV (Fernandina)*, Imagem cedidas pelo Historiador César Santos Silva aquando da sua palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fig. 4 - *Identificação das muralhas no Porto*, Luís de Pina, disponível em http://www.markscholey.co.uk/lingua/porto_website/images/medieval/muralhas-sm.jpg [Consultado em Julho 2012]

Fig. 5, 6, 7, 8 - *Cordoaria, 1866/67*, Imagens cedidas pelo Historiador César Santos Silva aquando da sua palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fig. 9 - *Planta do Porto e suas vizinhanças, mostrando as Linhas do Cerco (Arquivo Histórico Municipal do Porto)*, in RAMOS, Luís A. de Oliveira, *História do Porto*, 3ª Edição, Porto, Porto Editora, 2000, Pg. 471

Fig. 10 - *Boavista, Campo de Santo Ovídio, Séc. XIX*, Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da sua palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fig. 11 - *Campo de Santo Ovídio (actual Praça da República) no séc. XIX*, Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da sua palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Figs. 12, 13, 14 - *A Quinta de Santo Ovídio no séc. XIX, antes da demolição da casa*, Imagens cedidas pelo Historiador César Santos Silva aquando da sua palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fig. 15 - *Gravura da Ponte das Barcas pelo Barão de Forester*, Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da sua palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Figs. 16, 17 - *A ponte pênsil existiu de 1842 a 1896*, Imagens cedidas pelo Historiador César Santos Silva aquando da sua palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fig. 18 - *A ponte Luiz I, construída em 1881*, Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da sua palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fig. 19 - *Miragaia*, Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da sua palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fig. 20 - *Rua Nova da Alfândega*, Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da sua palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fig. 21 - *O desaparecido Palácio de Cristal*, Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da sua palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Figs. 22, 23 - *A marginal da Foz*, Imagens cedidas pelo Historiador César Santos Silva aquando da sua palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fig. 24 - *Distribuição das novas fábricas pelas diferentes frequesias da cidade (1857 - 1899)* in CORDEIRO, José Manuel Lopes, *Empresas e empresários portuenses na segunda metade do século XIX, Análise Social, vol. XXXI* (136-137), Porto, 1996, Pg. 313-342

Fig. 25 - *Distribuição geográfica dos estabelecimentos industriais do Porto que requerem alvará no período de 1870 - 1879* in CORDEIRO, José Manuel Lopes, *Empresas e empresários portuenses na segunda metade do século XIX, Análise Social, vol. XXXI* (136-137), Porto, 1996, Pg. 313-342

Fig. 26 - *Armazém da Trefilaria, ao centro do quarteirão, com a maquinaria obsoleta disposta como se em exposição*, imagem de arquivo pessoal, Outobro 2011

Fig. 27 - *Soc. Nacional dos Fosforos II,* Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fig. 28 - *Soc. Aliança (antiga Villares),* Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fig. 29 - *Indústria no vão das escadas*, Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fig. 30 - *Bairro de Vilar,* Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fig. 31 - *Campo 24 de Agosto*, Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fig. 32 - *EFANOR*, Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Figs. 33, 34 - *Companhia Fabril de Salgueiros*, Imagens cedidas pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial*

Fig. 35 - *Antigo Gasómetro*, Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial*

Fig. 36 - *Fábrica de Louças de MIragaia (Estampas Tempos Idos. Porto e Rio)*, in RAMOS, Luís A. de Oliveira, *História do Porto*, 3ª Edição, Porto, Porto Editora, 2000, Pg. 435

Fig. 37 - *Entrada do Bairro Ignez,* Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fig. 38 - *Vista aérea da zona este dos jardins do Palácio de Cristal*, Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fig. 39 - *Ilha ao Jardim do Carregal, Porto*, Imagem de Arquivo Pessoal, Outubro 2011

Fig. 40 - *As Ilhas*, Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fig. 41 - *Favela da Rocinha, Rio de Janeiro,* Imagem disponível no sítio do Instituto Sul-Americano de Política e Estratégia (http://isape.wordpress.com/) [Consultado em Julho 2012]

Fig. 42 - *Barrio em Caracas, Venezuela*, Imagem disponível em http://barrioycandela.blogspot.pt/2011/10/caracas-es-caracas-y-lo-demas-monte-y.html [Consultado em Julho 2012]

Fig. 43 - *Barriadas em Lima, Perú*, Imagem de Arquivo Pessoal, Fevereiro 2011

Fig. 44 - *Bairro de S. Vitor, Porto*, Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fig. 45 - *Colónia Viterbo de Campos, Massarelos (ao Campo Alegre), Porto*, Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fig. 46 - *Bairro do Cruzinho, Massarelos (ao Campo Alegre), Porto*, Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fig. 47 - *Bairro Alexandre Herculano, Porto*, Imagem de Arquivo Pessoal, Dezembro de 2011

Figs. 48, 49 - *Ilha no Bairro de Vilar, Porto,* Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fig. 50 - *Imagem do Porto com o Palácio de Cristal de J. Laurent. Santos Silva, 1867*, disponível em http://1.bp.blogspot.com/-rULIAUPJCUA/Tsf8L- t1yFUI/AAAAAAAAELo/GKIe6_7dF7o/s1600/ [Consultado em Novembro 2011]

Fig. 51 - *Traseiras do Palácio de Cristal,* Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fig. 52 - *Instalações SECIL,* Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fig. 53 - *B & A - Campanhã,* Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fig. 54 - *B & A - Campanhã na actualidade*, Imagem de Arquivo Pessoal de Pascale Wright, Julho 2012

Fig. 55 - *Instalações da CUF projectadas pelo arquitecto Arménio Losa em 1934*, Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fig. 56 - *Armazéns frigoríficos de 1936 com projecto do arquitecto Januário Godinho*, Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fig. 57, 58 - *A ruína industrial nas traseiras da Residência Montepio Breiner, na rua do Breiner, Cedofeita*, Imagens de Arquivo Pessoal, Julho 2012

Fig. 59 - *Revolta dos fabricantes de seda de Lyon em 22 Novembro de 1831*, Imagem no espólio da Bibliotheque Nationale, Paris, França, disponível em http://www.lookandlearn.com/history-images/XB192374/Revolt-of-the-silk-workers-of-Lyon?img=228148&cat= [Consultado em Julho 2012]

Fig 60 - *Primeiros movimentos associativistas no Porto*, Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fig. 61 - *Ruína na rua Miguel Bombarda, Porto*, Imagem de Arquivi Pessoal, Novembro 2011

Fig. 62 - *Cerro Concepción, Valparaíso, Chile*, Imagem de Arquivo Pessoal Abril 2011

Figs. 63, 64 - *Valparaíso, Chile,* Imagem de Arquivo Pessoal, Abril 2011

Fig. 65 - *Glasgow, Escócia,* Imagem de Arquivo Pessoal, Dezembro 2008

Fig. 66 - *Travessa de Cedofeita, Porto,* Fevereiro 2012

Fig. 67 - *Fontainhas, Porto*, Imagem de Arquivo Pessoal, Dezembro 2011

Fig. 68 - *Bairro Alexandre Herculano, Porto*, Imagem de Arquivo Pessoal, Dezembro 2011

Fig. 69 - *Uma tarde de 4ª-feira no bairro Monte dos Judeus, Porto*, Imagem de Arquivo Pessoal, Junho 2012

Fig. 70 - *Vivenda em vias de alienação, Monte dos Judeus, Porto*, Imagem de Arquivo Pessoal, Junho 2012

Fig. 71 - 220 Water, Dumbo, NYC, disponível em http://ny.curbed.com/archives/2012/03/06/inside_dumbos_latest_adaptive_reuse_rental_at_220_water.php [Consultado em Março 2012]

Figs. 72, 73 - *Monarch Lofts, Lawrence, Massachusett's*, disponível em http://www.monarchlofts.com/?page_id=28 [Consultado em Março 2012]

Figs. 74, 75 - *The Lofts of Greenville, South Carolina*, disponível em http://www.theloftsofgreenville.com/ [Consultado em Março 2012]

Figs. 76, 77 - *High Line, NYC*, Imagens de Arquivo Pessoal, Janeiro 2012

Fig. 78 - *Promenade Planté, Paris*, Imagem de Arquivo Pessoal, Março 2012

Fig. 79 - *Projecto Horta Comunitária de Chiara Sonzogni, Vitória, Porto*, Imagem de Arquivo Pessoal, Novembro 2011

Fig. 80 - *Exposição de Ricardo Gritto, Convento de Monchique, Massarelos, Porto*, Imagem de Arquivo Pessoal, Março 2012

Figs. 81, 82 - *Mercado de Sábado à tarde na Praça Carlos Alberto*, Imagem de Arquivo Pessoal, Julho 2012

Fig. 83 - *Rua de Cedofeita*, Imagem de Arquivo Pessoal, Julho 2012

Fig. 84 - *Real capella de Nossa Senhora da Lapa (Porto), Litografia, S., 1868*, in *Ilustração Popular*, v. II, Lisboa, 1868, p.4

Fig. 85 - *A Rua Álvares Cabral*, Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fig. 86 - *A rua Álvares Cabral*, Imagem de Arquivo Pessoal, Julho 2012

Fig. 87 - *A rua Álvares Cabral - Clínicas privadas ocupam os edifícios*, Imagem de Arquivo Pessoal, Julho 2012

Fig. 88 - *A rua Álvares Cabral - O interior de uma casa do séc. XIX (Contagiarte)*, disponível em http://myguide.iol.pt/profiles/blogs/noite-roteiro-da-noite-do-porto [Consultado em Julho 2012]

Fig. 89 - *A rua Álvares Cabral - Azulejos nas fachadas da rua*, Imagem de Arquivo Pessoal, Fevereiro 2012

Fig. 90 - *A rua Álvares Cabral - A clarabóia de uma das casas abandonadas da rua*, Imagem de Arquivo Pessoal, Fevereiro 2012

Fig. 91 - *A rua Álvares Cabral - O jardim das traseiras de uma das casas abandonadas da rua*, Imagem de Arquivo Pessoal, Fevereiro 2012

Fig. 92 - *As instalações e o quarteirão*, disponível em http://www.googlemaps.com/ [Consultado em Julho 2012], editada para Arquivo Pessoal

Fig. 93 - *Planta emoldurada e pendurada no escritório das instalações*, Imagem de Arquivo Pessoal, Outubro 2011

Fig. 94 - *Imagem emoldurada e pendurada no escritório das instalações* Imagem de Arquivo Pessoal, Outubro 2011

Fig. 95 - *O orgulho na história da Companhia*, Imagem de Arquivo Pessoal, Junho 2012

Fig. 96 - *Exposição do Palácio de Cristal, em 1876*, Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fig. 97 - *Mostruário do tipo de produção me-talúrgica presente nas paredes do escritório*, Imagem de Arquivo Pessoal, Dezembro 2011

Fig. 98 - *Mostruário de pregos nas instalações*, Imagem de Arquivo Pessoal, Outubro 2011

Fig. 99 - *Material presente no Armazém de "retém"*, Imagem de Arquivo Pessoal, Outubro 2011

Fig. 100 - *Reabilitação do edifício da Alfândega, no Porto, pelo arquitecto Eduardo Souto Moura*, disponível em http://www.amtc.pt/_AMTC/images/default/ [Consultado em Maio 2012]

Fig. 101 - *Temporary Bar de Diogo Aguiar e Teresa Otto, Parque da Cidade, Porto, Portugal, 2007 (construído e demolido)*, disponível em http://3.bp.blogspot.com/_DMJGyD3uIJY/S4uvb0ImK-I/AAAAAAAAA5w/G9cYR5h2SDI/s1600/dzn_Temporary-Bar-Diogo-Aguiar-and-Teresa-Otto-12.gif [Consultado em Julho 2012]

PARTE II

Fig. 1 - *Pink Floyd, Animals Album Cover*, disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Animals_(Pink_Floyd_album [Consultado em Junho 2012]

Fig. 2 - *Diego Rivera, Frozen Assets, 31-32*, disponível em http://www.american-buddha.com/diego.gall.frozenassets.jpg [Consultado em Junho 2012]

Fig. 3 - *Diego Rivera, Frozen Assets, 31-32*, disponível em http://www.american-buddha.com/diego.gall.frozenassets.jpg [Consultado em Junho 2012]

Fig. 4 - *Two Hardwood floors - Light or Dark, Ana Antunes (decoradora)*, disponível em http://1.bp.blogspot.com/-7n_jWfojbtY/T49XSKsoxFI/AAAAAAAAISY/bVxblJ50_oo/s640/soalho+4.png [Consultado em Maio 2012]

Fig. 5 - *Cd8OQ*, disponível em http://i.imgur.com/Cd8OQ.jpg [Consultado em Novembro 2011]

Fig. 6 - *Gordon Matta-Clark, Day's End (Pier 52), 1975*, disponível em http://dichtung-digital.mewi.unibas.ch/2009/Ricardo/index.htm [Consultado em Maio 2012]

Fig. 7 - *A Imagem: Town Hall Hotel rare Arquitects, Antigo Bethnal Green Town Hall, Londres*, disponível em http://ad009cdnb.archdaily.net/wp-content/ [Consultado em Abril 2012]

Fig. 8 - *A Habitabilidade: Tribeca warehouse loft, Nova Iorque*, disponível em http://www.thecoolhunter.net/images/ny4 [Consultado em Abril 2012]

Fig. 9 - *A escala do espaço: Horizon Media Office, a+i Architecture, Nova Iorque*, disponível em http://www.thecoolhunter.net/article/detail/2022jpguploads/2011/05/1304621195-rare-bethnal-green-town-hall–c-sue-barr-6140-1000x750.jpg [Consultado em Novembro 2011]

Fig. 10 - *O efémero do novo: "Kunsthülle LPL", Instalação temporária numa antiga fábrica de Liverpool, OSA (Office of Suversive Architecture)*, disponível em http://www.plataformaarquitectura.cl/wp-content/uploads/2008/10/569909474_kunsthulle-18.jpg [Consultado em Março 2012]

Fig. 11 - *Andy Warhol's Silver Factory*, disponível em http://1.bp.blogspot.com/_NjUov1-0KnU/SSyD6pbsokI/AAAAAAAAF1E/4HiWZ0c8-EU/s1600/andy+warhol [Consultado em Julho 2012]

Fig. 12 - *The Gunther Building (1871), built by Griffith Thomas*, disponível em http://www.soho-lofts.com/gunther-building.html [Consultado em Julho 2012]

Fig. 13 - *Lofts coloridos na zona de Soho, NYC*, disponível em http://www.caseable.com/blog/new-york-street-style-contest/soho-nyc [Consultado em Julho 2012]

Fig. 14 - *Bairro de Bushwick, Brooklyn, Nova Iorque*, Imagem de Arquivo Pessoal, Janeiro 2012

Fig. 15 - *Bairro de Manhattan, Nova Iorque*, disponível em http://bluclover.com [Consultado em Julho 2012]

Fig. 16 - *Bairro de Brooklyn, Nova Iorque*, disponível em http://bluclover.com [Consultado em Julho 2012]

Fig. 17 - *"Renderings of the proposed Lower Manhattan Expressway"*, disponível em http://newyork.untappedcities.com/2011/07/13/the-new-york-city-that-never-was-part-iii-road-ways-and-railways/ [Consultado em Julho 2012]

Fig. 18 - *Wythe Hotel*, disponível em http://wythehotel.com/ [Consultado em Julho 2012]

Fig. 19 - *Domino Sugar Factory desde Dumbo, Brooklyn, Nova Iorque*, Imagem de Arquivo Pessoal, Janeiro 2012

Fig. 20 - *Domino Sugar Factory desde Williamsburg Bridge, Nova Iorque*, Imagem de Arquivo Pessoal, Janeiro 2012

Fig. 21 - *Navy-Yard, Brooklyn, Nova Iorque*, Imagem de Arquivo Pessoal, Janeiro 2012

Figs. 22, 23, 24, 25 - *Imagens da proposta de Elise de Chard para o grau Bacharel em Arquitectura, Rensselaer Polytechnic Institute School of Architecture,Troy, NY, 2004 - 2009*, http://www.elisedechard. com/intervention.html [Consultado em Fevereiro 2012]

Figs. 26 - 37 - *Imagens da proposta de Elise de Chard para o grau Bacharel em Arquitectura, Rensselaer Polytechnic Institute School of Architecture,Troy, NY, 2004 - 2009*, disponível em http://www.elisedechard. com/intervention.html [Consultado em Fevereiro 2012]

Fig. 38 - *Manhattan Bridge e o edifício da Domino Sugar Factory, Nova Iorque*, Imagem de Arquivo Pessoal, Janeiro 2012

Figs. 39, 40, 41, 42 - *A proposta do gabinete de arquitectura Rafael Viñoly Architects*, disponível em http://www.rvapc.com/works/785-the-new-domino [Consultado em Fevereiro 2012]

Fig. 43 - *Battersea Power Station (Sul)*, Imagem de Arquivo Pessoal, Junho 2012

Fig. 44 - *Battersea Power Station (Norte) - A relação com o rio Tamisa*, Imagem cedida por Sabrina Rossi, Junho 2012

Figs. 45, 46, 47 - *A proposta do gabinete de arquitectura Rafael Viñoly Architects*, disponível em http://www.buildington.co.uk/new_developments/london_sw8/188_kirtling_street/battersea_power_station/id/497 [Consultado em Fevereiro 2012]

Fig. 48 - *Aspecto da página "Save Brooklyn's Industrial Heritage"*, disponível em http://saveindustrialbrooklyn.org/ [Consultado em Julho 2012]

Fig. 49 - *Edifício vizinho ao BLDG 92, Navy Yard, Brooklyn, Nova Iorque*, Imagem de Arquivo Pessoal, Janeiro 2012

Fig. 50 - *Restaurante Al-Mar, Dumbo, Brooklyn, Nova Iorque*, Imagem de Arquivo Pessoal, Janeiro 2012

Fig. 51 - *Aspecto da página "Meatpacking District Improvement Association"*, disponível em http://www.meatpacking-district.com/ [Consultado em Julho 2012]

Figs. 52 e 53 - *Áreas comerciais do Meatpacking District, Manhattan, Nova Iorque*, Imagem de Arquivo Pessoal, Janeiro 2012

Fig. 54 - *Londres desde a margem do Tamisa do lado do Tate Modern*, Imagem de Arquivo Pessoal, Junho 2012

Fig. 55, 56 - *Londres na vizinhança do Tate Modern e a promessa de vistas desde os novos edifícios*, Imagem de Arquivo Pessoal, Junho 2012

Fig. 57 - *Puerto Madero, Buenos Aires, Argentina*, Imagem de Arquivo Pessoal, Fevereiro 2011

Fig. 58 - *Brick Lane, Londres*, Imagem de Arquivo Pessoal, Junho 2012

Fig. 59 - *"Union pool",um bar em Williamsburg, Brooklyn, Nova Iorque*, Imagem de Arquivo Pessoal, Janeiro 2012

Fig. 60 - *Brick Lane, Londres*, Imagem de Arquivo Pessoal, Junho 2012

Fig. 61 - *"Village Underground", Londres*, disponível em http://www.villageunderground.co.uk/about [Consultado em Julho 2012]

Fig. 62 - *A marginal do Regent's Canal em Shoreditch, Londres*, Imagem cedida por Sabrina Rossi, Junho 2012

Fig. 63 - *Le Centquatre, Paris*, Imagem de Arquivo Pessoal, Março 2012

Fig. 64 - *Dia Beacon Foundation, Beacon, Nova Iorque*, Imagem de Arquivo Pessoal, Janeiro 2012

Fig. 65 - *Tate Modern, Londres*, Imagem de Arquivo Pessoal, Junho 2012

Figs. 66 a 70 - *Le Centquatre, Paris*, Imagens de Arquivo Pessoal, Março 2012

Figs. 71, 72 - *La Ferme du Boisson, Paris*, Imagens de Arquivo Pessoal, Março 2012

Figs. 73, 74, 75 - *Dia Beacon Foundation, Beacon, Nova Iorque*, Imagens de Arquivo Pessoal, Janeiro 2012

Fig. 76 - *Battersea Power Station, Londres*, Imagem de Arquivo Pessoal, Junho 2012

Fig. 77 - Tate Modern, Londres - A torre, Imagem de Arquivo Pessoal, Junho 2012

Fig. 78 - Tate Modern, Londres - A proposta, Imagem de Arquivo Pessoal, Junho 2012

Fig. 79 - *Tate Modern, Londres - Espaço público a Oeste do edifício do Museu*, Imagem de Arquivo Pessoal, Junho 2012

Fig. 80 - *Tate Modern, Londres - Espaço público a Norte do edifício do Museu*, Imagem de Arquivo Pessoal, Junho 2012

Fig. 81 - *Tate Modern, Londres - A varanda da zona de bar*, Imagem de Arquivo Pessoal, Junho 2012

Fig. 82 - *Tate Modern, Londres - O grande Hall do edifício*, Imagem de Arquivo Pessoal, Junho 2012

Fig. 83 - *Tate Modern, Londres - Zona da bilheteira*, Imagem de Arquivo Pessoal, Junho 2012

Fig. 84 - *Tate Modern, Londres - Zonas de estar nas caixas que surgem para o alto Hall principal*, Imagem de Arquivo Pessoal, Junho 2012

Fig. 85 - *Tate Modern, Londres - A parede norte do restaurante é envidraçada*, Imagem de Arquivo Pessoal, Junho 2012

Figs. 86, 87 - *Tate Modern, Londres - O novo na intervenção*, Imagens de Arquivo Pessoal, Junho 2012

Fig. 88 - *Dia Beacon Foundation, Beacon, Nova Iorque - A simplicidade do restauro*, Imagens de Arquivo Pessoal, Janeiro 2012

Fáb. 89 - *Fábrica da Harmonia e Palácio do Freixo*, Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fáb. 90 - *Fábrica da Harmonia*, Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fáb. 91 - *Fábrica da Harmonia como Pousada*, disponível em http://www.pousadas.pt/historic-hotels-portugal/pt/pousadas/north-hotels/pousada-do-porto/palacio-do-freixo/pages/home.aspx [Consultado em Julho 2012]

Fig. 92 - *Instalações provisórias do Museu da Indústria*, disponível em http://www.google-maps.com [Consultado em Julho 2012]

Fig. 93 - *Exposição Universal 1865 no Palácio de Cristal*, Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fig. 94 - *Castelvechio, Verona, Itália, Carlo Scarpa, 1958*, disponível em http://modernpreservation.blogspot.pt/2009/08/authenticity-scarpas-castelvecchio.html [Consultado em Julho 2012]

Fig. 95 - *Dia Beacon Foundation, Beacon, Nova Iorque - Instalação de Richard Serra*, Imagem de Arquivo Pessoal, Janeiro 2012

Fig. 96 - *Capa do livro "The Brooklyn Navy Yard" de John Bartelstone, publicado no início de 2010*, disponível em http://dumbonyc.com/category/brooklyn-navy-yard/ [Consultado em Julho 2012]

Figs. 97, 98, 99 - *"BLDG 92", a casa-museu do Navy Yard em Brooklyn, Nova Iorque*, Imagem de Arquivo Pessoal, Janeiro 2012

Fig. 100 - *O reconhecido logotipo da marca Guinness na parede do edifício*, disponível em http://avondhublackwaterpartnership.files.wordpress.com/2011/08/2174020473_24ce269a0b.jpg [Consultado em Julho 2012]

Fig. 101 - *O sítio oficial da Guiness é interactivo e possibilita a visão dos vários compartimentos online*, disponível em http://www.guinness.com/en-row/home.html [Consultado em Junho 2012]

Fig. 102 - *DUB Dublin - Guinness Storehouse and Brewery museum; cubas de fermentação*, disponível em www.tropicalisland.de/ireland/dublin/guinness_storehouse/images/DUB [Consultado em Março 2012]

Fig. 103 - *O exterior do edifício*, disponível em http://www.accessibleireland.com/advertisement.php?id_advt=250&id=3 [Consultado em Julho 2012]

Fig. 104 - *O último piso*, disponível em http://www.accessibleireland.com/advertisement.php?id_advt=250&id=3 [Consultado em Julho 2012]

Fig. 105 - *As características*, disponível em http://powerfullbrands.blogspot.pt/2007/07/guinness.html [Consultado em Julho 2012]

Figs. 106, 107, 108, 109 - *LX Factory, Lisboa*, Imagens de Arquivo Pessoal, Dezembro 2011

Fig. 110 - *LX Factory - A planta*, disponível em http://www.lxfactory.com/PT/mapa/ [Consultado em Julho 2012]

Figs. 111, 112 - *LX Factory, Lisboa*, Imagens de Arquivo Pessoal, Dezembro 2011

Fig. 113 - *Peter Zumthor na Experimentadesign Lisboa 2009*, disponível em http://www.miss-dove.org/2008/09/peter-zumthor-at-lx-factory-press-conf.html [Consultado em Julho 2012]

Fig. 114 - *Capa do Panfleto de propaganda do Open Day de Maio de 2012, no LX Factory*, disponível em http://www.lxfactory.com/PT/openday/openday-8/ [Consultado em Julho 2012]

Fig. 115 - *Imagem extraída de "La Sortie de l'Usine Lumière à Lyon (1895)." Conversão por Garnet Hertz em 2008*, disponível em http://www.conceptlab.com/photostereosynthesis/sketches/extrusion_sortie_usine_1/applet/index.html [Consultado em Julho 2012]

Fig. 116 - *Festival Nuits Sonores*, disponível em http://media.paperblog.fr/i/333/3338082/nuit-bleue-2010-arc-senans-L-3.jpeg [Consultado em Março 2012]

Fig. 117 - *"Nuit 4 - Marché Gare", Festival Nuits Sonores*, disponível em http://www.residentadvisor.net/images/events/flyer/2012/fr-0519-334895-back.jpg [Consultado em Março 2012]

Fig. 118 - *Le Transbordeur, Lyon - Já foi palco do Festival*, disponível em **http://www.transbordeur.fr/_** [Consultado em Julho 2012]

Fig. 119 - *"Biennale d'art contemporain" no pavilhão denominado "la Sucrière", parte do conjunto de pavilhões "Port Rambaud" - Já foi palco do Festivall*, disponível em http://www.linternaute.com/savoir/grands-chantiers/06/dossier/lyon-confluence/10.shtmlmedia/:transbo:club:nouveau_club_05_10_2011_bd_www.b-rob.com_04.jpg [Consultado em Julho 2012]

Fig. 120 - *Mapa do bairro "798 art district" incluído num sítio de nome"Warehouse District"*, disponível em http://celladdition.wordpress.com/2011/02/14/798-art-district/ [Consultado em Julho 2012]

Fig. 121 - *"798 art district"*, disponível em http://english.people.com [Consultado em Fevereiro 2012]

Fig. 122 - *"798 art district"*, disponível em http://798-art-district.com/wp-content/uploads/2012/05/798.jpg [Consultado em Julho 2012]

Figs. 123, 124 - *Panfleto de propaganda para o empreendimento "Monarch Lofts" em Lawrence, MA, EUA*, disponível em http://monarchlofts.com/wp-content/ [Consultado em Março 2012]

Figs. 125 a 131 - Todas as imagens e legendas disponíveis na pasta "MATADERO MADRID, PREMIO FAD DE ARQUITECTURA2012" na página oficial do Facebook do *Matadero de Madrid*: http://www.facebook.com/Mataderomadrid [Consultado em Julho 2012]

Figs. 132, 133 - *"A Miniature models in scale 1:715 makes it easy for the visitors to locate and to estimate the distances"*, disponível em http://www.firstdesign.com/en/content/zeche-zollverein-unesco-world-heritage [Consultado em Julho 2012]

Figs. 134, 135, 136, 137 - *Zollverein Masterplan, Oma, Alemanha, Essen, 2002*, disponível em http://oma.eu/projects/2002/zollverein-masterplan [Consultado em Julho 2012]

Fig. 138 - *The Zollverein School of Management & Design (SANAA)*, disponível em http://www.arcspace.com/architects/sejima_nishizawa/zollverein_school/zollverein_school.html [Consultado em Julho 2012]

Fig. 139 - *SESC Pompeia; A esplanada da cafetaria na entrada do antigo complexo industrial*, Imagem de Arquivo Pessoal, Fevereiro 2011

Fig. 140 - *SESC Pompeia; Os espaços de convívio*, Imagem de Arquivo Pessoal, Fevereiro 2011

Fig. 141 - *SESC Pompeia; Vista aérea da fábrica Pompeia antes do restauro; Foto de Peter Sheier*, disponível em http://teoriacritica13ufu.files.wordpress.com/2011/02/8efc_mc212-01.jpg [Consultado em Junho 2012]

Figs. 142, 143 - *SESC Pompeia; A relação das novas torres com o existente*, Imagens de Arquivo Pessoal, Fevereiro 2011

Fig. 144 - *SESC Pompeia; Planta de Lina Bo Bardi para o complexo do SESC Pompeia em S. Paulo*, disponível em http://www.plataformaarquitectura.cl/wp-content/ [Consultado em Junho 2012]

Fig. 145 - *SESC Pompeia; As pontes entre as duas torres novas*, Imagem de Arquivo Pessoal, Fevereiro 2011

Fig. 146 - *SESC Pompeia; Área de descanso*, Imagem de Arquivo Pessoal, Fevereiro 2011

Fig. 147 - *SESC Pompeia; A sala de exposição temporária*, Imagem de Arquivo Pessoal, Fevereiro 2011

Fig. 148 - *SESC Pompeia; Módulos de estudo e lazer*, Imagem de Arquivo Pessoal, Fevereiro 2011

Fig. 149 - *SESC Pompeia; O espelho de água*, Imagem de Arquivo Pessoal, Fevereiro 2011

Figs. 150, 151 - *Canal Square, Washington, D.C., por Arthur Cotton Moore Associates*, in CANTACUZINO, Sherban, *Nuevos usos para edifícios antiguos*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S.A., 1979, Pg. 205, 207

Fig. 152 - *Armazém em São Francisco, Califórnia, por Bull, Fiel, Volkmann & Stockwell*, in CANTACUZINO, Sherban, *Nuevos usos para edifícios antiguos*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S.A., 1979, Pg. 227

Fig. 153 - *Imprenta, Hannover, Alemanha, por Friedrich Spengelin and Horst Wunderlich*, in CANTACUZINO, Sherban, *Nuevos usos para edifícios antiguos*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S.A., 1979, Pg. 237

Fig. 154 - *Estação ferroviária, Brunwick, Alemanha, por Hannes Westermann*, in CANTACUZINO, Sherban, *Nuevos usos para edifícios antiguos*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S.A., 1979, Pg. 256

Fig. 155 - *Armazém do grão, Norwich, por Michael and Sheila Gooch*, in CANTACUZINO, Sherban, *Nuevos usos para edifícios antiguos*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, S.A., 1979, Pg. 250

ANEXO I

Fig. 1 - *Localização na cidade do Porto (grande escala),* Imagem do trabalho de grupo realizado com Andrea Gomez, José Mendanha, Joana Trindade, Marta Gullen e Teresa Catarina Pires para a disciplina *Reabilitação de Edifícios,* leccionada pela arquitecta Clara Vale no 1º semestre do ano lectivo 2011/2012

Fig. 2 - *Localização na cidade do Porto (escala de quarteirão),* Imagem do trabalho de grupo realizado com Andrea Gomez, José Mendanha, Joana Trindade, Marta Gullen e Teresa Catarina Pires para a disciplina *Reabilitação de Edifícios,* leccionada pela arquitecta Clara Vale no 1º semestre do ano lectivo 2011/2012

Fig. 3 - *Carta Militar da Cidade do Porto 1813,* Imagem do trabalho de grupo realizado com Andrea Gomez, José Mendanha, Joana Trindade, Marta Gullen e Teresa Catarina Pires para a disciplina *Reabilitação de Edifícios,* leccionada pela arquitecta Clara Vale no 1º semestre do ano lectivo 2011/2012

Fig. 4 - *Carta Topográfica Militar da Cidade do Porto 1833,* Imagem do trabalho de grupo realizado com Andrea Gomez, José Mendanha, Joana Trindade, Marta Gullen e Teresa Catarina Pires para a disciplina *Reabilitação de Edifícios,* leccionada pela arquitecta Clara Vale no 1º semestre do ano lectivo 2011/2012

Fig. 5 - *Carta Topográfica Militar da Cidade do Porto 1839,* Imagem do trabalho de grupo realizado com Andrea Gomez, José Mendanha, Joana Trindade, Marta Gullen e Teresa Catarina Pires para a disciplina *Reabilitação de Edifícios,* leccionada pela arquitecta Clara Vale no 1º semestre do ano lectivo 2011/2012

Figs. 6, 7 - *História*, Imagens do trabalho de grupo realizado com Andrea Gomez, José Mendanha, Joana Trindade, Marta Gullen e Teresa Catarina Pires para a disciplina *Reabilitação de Edifícios,* leccionada pela arquitecta Clara Vale no 1º semestre do ano lectivo 2011/2012

Figs. 8, 9 - *Identificação de Usos*, Imagens do trabalho de grupo realizado com Andrea Gomez, José Mendanha, Joana Trindade, Marta Gullen e Teresa Catarina Pires para a disciplina *Reabilitação de Edifícios,* leccionada pela arquitecta Clara Vale no 1º semestre do ano lectivo 2011/2012

Fig. 10 - *Antiga laminagem de chumbo*, Imagem de Arquivo Pessoal, Outubro 2011

Fig. 11 - *Antigo armazém de "retém"*, Imagem de Arquivo Pessoal, Outubro 2011

Fig. 12 - *Antiga Serralharia*, Imagem de Arquivo Pessoal, Outubro 2011

Fig. 13 - *Pátio exterior (frente Bragas)*, Imagem de Arquivo Pessoal, Outubro 2011

Fig. 14 - *Don de photos d'Alexis Peskine à l'association Giving Back*, disponível em http://a2.sphotos.ak.fbcdn.net/hphotos-ak-snc7/s720x720/398554_10150563597460645_150867_n.jpg [Consultado em Junho 2012]

Fig. 15 - *Acesso à antiga Trefilaria (Arco de autoria atribuída ao arquitecto Marques da Silva)*, Imagem de Arquivo Pessoal, Outubro 2011

Fig. 16 - *Museu de Portimão*, disponível em http://4.bp.blogspot.com/-jFMEJkJ7E-c/Tm-Ny2KGCIrI/AAAAAAAAGR8/m7qKBViOQLM/s400/DSC_6215.jpg [Consultado em Março 2012]

Fig. 17 - *Obra de Günther UeckerGünther Uecker (b. 1930), Untitled, signed, dedicated and dated Uecker 62 Freundlichst für Arman (on the reverse), kaolin and painted nails on canvas laid down on board, 23 x 23 x 3in. (60 x 60 x 10 cm.), Executed in 1962*, disponível em http://www.christies.com/LotFinder/lot_details.aspx?intObjectID=5533747 [Consultado em Julho 2012]

Fig. 18 - *Planta da disposição do Festival*, executada por Inês Soares, Joana Trindade e Teresa Catarina Pires em 14 de Fevereiro de 2012

Fig. 19 - *Proposta de um novo programa - R/C*, executada por Inês Soares, Joana Trindade e Teresa Catarina Pires em Março de 2012

Fig. 20 - *Proposta de um novo programa - 1º Piso*, executada por Inês Soares, Joana Trindade e Teresa Catarina Pires em Março de 2012

Fig. 21 - *O arco de autoria atribuída ao arquitecto Marques da Silva com busto pelo escultor Teixeira Lopes,* Imagem de Arquivo Pessoal, Outubro 2011

Fig. 22 - *O pátio principal das instalações,* Imagem de Arquivo Pessoal, Outubro 2011

Fig. 23 - *A sala de empacotamento,* Imagem de Arquivo Pessoal, Outubro 2011

Fig. 24 - *A Trefilaria,* Imagem de Arquivo Pessoal, Outubro 2011

Fig. 25 - *Muro norte da Trefilaria,* Imagem de Arquivo Pessoal, Outubro 2011

ANEXO II

Fig. 1 - *Fábrica de lanificios de Lordelo*, Imagem cedida pelo Historiador César Santos Silva aquando da palestra *Património Industrial no Porto*, Novembro 2011

Fig. 2 - *O pátio das instalações com frente para a rua dos Bragas. O edifício da Faculdade de Direito da UP ao fundo*, Imagem de Arquivo Pessoal, Novembro 2011

Fig. 3 - *O pátio das instalações com frente para a rua dos Bragas. A Casa do Director das instalações aquando do seu funcionamento*, Imagem de Arquivo Pessoal, Novembro 2011

Fig. 4 - *O acesso aos restantes pavilhões do complexo industrial da Companhia*, Imagem de Arquivo Pessoal, Novembro 2011

Fig. 5 - *O acesso aos restantes pavilhões do complexo industrial da Companhia*, Imagem de Arquivo Pessoal, Novembro 2011

Fig. 6 - *Os azulejos do corredor de entrada para o escritório e sala de reuniões*, Imagem de Arquivo Pessoal, Maio 2012

Fig. 7 - *O corredor da sala de retém, acesso à sala de empacotamento*, Imagem de Arquivo Pessoal, Novembro 2011

Fig. 8 - *A sala de retém, futuro espaço de ateliês co-working*, Imagem de Arquivo Pessoal, Outubro 2011

Fig. 9 - *A sala de empacotamento, futuro bar café-concerto*, Imagem de Arquivo Pessoal, Novembro 2011

Fig. 10 - *Relação edifício - pátio na zona de escritório e sala de retém, futuro espaços comerciais*, Imagem de Arquivo Pessoal, Novembro 2011

Fig. 11 - *O balcão da sala de empacotamento e as aberturas oeste do edifício*, Imagem de Arquivo Pessoal, Novembro 2011

Fig. 12 - *A fachada norte do edifício*, Imagem de Arquivo Pessoal, Novembro 2011

Fig. 13 - *O tecto do escritório (semelhante na sala de reuniões)*, Imagem de Arquivo Pessoal, Maio 2012

Fig. 14 - *A sala de reuniões com os retratos dos vários directores da Companhia*, Imagem cedida por Andrea Gómez, Fevereiro 2012

Fig. 15 - *As mansardas no piso superior*, Imagem de Arquivo Pessoal, Dezembro 2011

Fig. 16 - *As mansardas no piso superior*, Imagem de Arquivo Pessoal, Outubro 2011

Fig. 17 - *O armazém de retém (vista sul)*, Imagem de Arquivo Pessoal, Outubro 2011

Fig. 18 - *As asnas do piso superior em madeira Riga*, Imagem de Arquivo Pessoal, Dezembro 2011

Fig. 19 - *Carris para o transporte de mercadoria percorrem quase todas as instalações*, Imagem de Arquivo Pessoal, Outubro 2011

Fig. 20 - *O lajeado em granito do pátio*, Imagem de Arquivo Pessoal, Novembro 2011

Fig. 21 - *As janelas da parede sul do escritório*, Imagem de Arquivo Pessoal, Maio 2012

Fig. 22 - *A porta de acesso à sala de empacotamento, local onde se propõe a única abertura do bar ao pátio principal*, Imagem de Arquivo Pessoal, Dezembro 2011

Fig. 23 - *As mansardas do piso superior*, Imagem de Arquivo Pessoal, Dezembro 2011

Fig. 24 - *A vista das instalações desde o interior da Faculdade em frente*, Imagem de Arquivo Pessoal, Dezembro 2011

Fig. 25 - *Edifício com frente de rua*, Imagem de Arquivo Pessoal, Dezembro 2011

Fig. 26 - *O contraste entre o existente e o que lhe é acrescentado - Edifício no bairro Navy Yard, em Brooklyn, Nova Iorque*, Imagem de Arquivo Pessoal, Janeiro 2011

Fig. 27 - *Do lado direito do edifício pode ver-se o portão de acesso este, actualmente inutilizado*, Imagem de Arquivo Pessoal, Novembro 2011

Fig. 28 - *A porta e respectivo arco com referência ao ano de fundação da Companhia*, Imagem de Arquivo Pessoal, Maio 2012

Fig. 29 - *O lambril em madeira de pau-Brasil*, Imagem de Arquivo Pessoal, Maio 2012

Fig. 30 - *A autoria do arco é atribuída ao arquitecto Marques da Silva e do busto ao escultor Teixeira Lopes*, Imagem de Arquivo Pessoal, Outubro 2011

Fig. 31 - *As janelas nesta zona do edifício serão transformadas em portas para uma maior e directa relação entre o pátio e as áreas comerciais*, Imagem de Arquivo Pessoal, Outubro 2011

Fig. 32 - *A última porta será ampliada para acesso ao bar*, Imagem de Arquivo Pessoal, Outubro 2011

Fig. 33 - *A última porta será ampliada para acesso ao bar*, Imagem de Arquivo Pessoal, Outubro 2011

Fig. 34 - *A parede norte do edifício*, Imagem de Arquivo Pessoal, Dezembro 2011

Fig. 35 - *A parede este do edifício e de sustento de terras que se encontra, por isso, em condições deterioradas*, Imagem de Arquivo Pessoal, Novembro 2011

Fig. 36 - *A mansarda da fachada principal do edifício*, Imagem de Arquivo Pessoal, Fevereiro 2012